

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
JULIANA DE PINA MENDONÇA

**TURISMO E PATRIMÔNIO CULTURAL EM
PIRENÓPOLIS: UMA ANÁLISE DOS
EFEITOS SOBRE A VIDA SOCIAL**

Goiânia
2008

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS
DE TESES E
DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Nome completo do autor: Juliana de Pina Mendonça.

Título do trabalho: "Turismo e patrimônio cultural em Pirenópolis: uma análise dos efeitos sobre a vida social".

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

Juliana de Pina Mendonça
Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:

Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 06/12/2019

¹Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente
- Submissão de artigo em revista científica
- Publicação como capítulo de livro
- Publicação da dissertação/tese em livro

²A assinatura deve ser escaneada.

JULIANA DE PINA MENDONÇA

**TURISMO E PATRIMÔNIO CULTURAL EM
PIRENÓPOLIS: UMA ANÁLISE DOS
EFEITOS SOBRE A VIDA SOCIAL**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação Mestrado em Sociologia para obtenção de título de Mestre em Sociologia.

Linha de pesquisa: Teoria Social e Modernidade na Sociedade Brasileira

Orientador: Francisco Chagas E. Rabelo

Goiânia
2008

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Mendonça, Juliana de Pina

Turismo e patrimônio cultural em Pirenópolis: [manuscrito] : uma
análise dos efeitos sobre a vida social. / Juliana de Pina Mendonça. -
2008.

cc, 200 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Chagas Evangelista Rabêlo .
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em
Sociologia, Goiânia, 2008.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.

Inclui siglas, mapas, fotografias, abreviaturas, símbolos, gráfico,
tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Pirenópolis. 2. Turismo. 3. Patrimônio Cultural. 4. Vida Social. 5.
Mudança e Conflito. I. , Francisco Chagas Evangelista Rabêlo, orient.
II. Título.

CDU 316



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

ATA DA SESSÃO DE JULGAMENTO DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE
JULIANA DE PINA MENDONÇA

Aos trinta dias do mês de setembro de 2008, às quinze horas, no mini-auditório da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás, realizou-se a sessão de julgamento da Dissertação de Mestrado de **JULIANA DE PINA MENDONÇA**, intitulada *Turismo e patrimônio cultural em Pirenópolis: uma análise dos efeitos sobre a vida social*. A Banca Examinadora foi composta, conforme Portaria n.º 045/2008-FCHF, de 26 de setembro de 2008, pelos seguintes Professores Doutores: Francisco Chagas Evangelista Rabelo (Presidente/UFG), Edson Silva Farias (UnB) e Pedro Célio Alves Borges (UFG) – Suplente: Jordão Horta Nunes (UFG). A candidata apresentou o trabalho, os examinadores a argüiram e ela respondeu as argüições. Às 17:30 horas, a Banca Examinadora passou a julgamento em sessão secreta, pela qual foram atribuídos à mestranda os seguintes resultados:

Aprovado(a) Reprovado(a)

Dr. Francisco Chagas Evangelista Rabelo

Francisco Chagas Evangelista Rabelo

Aprovado(a) Reprovado(a)

Dr.ª Edson Silva Farias

Edson Silva Farias

Aprovado(a) Reprovado(a)

Dr.ª Pedro Célio Alves Borges

Pedro Célio Alves Borges

Resultado Final

Aprovada

Reaberta a sessão pública, o Presidente da Banca Examinadora proclamou os resultados e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata que vai assinada por mim, Jordão Horta Nunes, subcoordenador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, e pelos membros da Banca Examinadora.

Jordão Horta Nunes

Jordão Horta Nunes

JULIANA DE PINA MENDONÇA

**TURISMO E PATRIMÔNIO CULTURAL EM
PIRENÓPOLIS: UMA ANÁLISE DOS
EFEITOS SOBRE A VIDA SOCIAL**

Dissertação defendida no Curso de Mestrado em Sociologia da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do grau de Mestre, aprovada em _____ de _____ de 2008, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores.

Prof. Dr. - UFG
Presidente da Banca

Prof. Dr. - UFG

Prof. Dr. - UFG

AGRADECIMENTOS

Dedico meus sinceros agradecimentos...

Ao professor Francisco Chagas E. Rabelo, pessoa nobre que muito admiro e estimo, por me orientar desde a graduação até o Mestrado em Sociologia, cuja parceria, influência e cumplicidade resultou na construção do meu objeto e no desenvolvimento e conclusão dessa pesquisa na área da Sociologia, campo de estudo o qual me identifiquei. Sou grata por todo estímulo, dedicação, carinho, atenção, paciência e generosidade que teve comigo em todas as etapas em que trabalhamos juntos.

Ao professor Pedro Célio Alves Borges por sua gentileza em todas as ocasiões em que me avaliou e pelas valiosas trocas de idéias e sugestões bibliográficas.

Aos professores e colegas do Mestrado em Sociologia.

Aos funcionários do Departamento de Ciências Sociais.

Ao Núcleo de Estudos e Pesquisa em Turismo IESA/UFG (Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás), onde obtive meus primeiros conhecimentos sobre turismo.

Aos funcionários: da Delegacia de Polícia Civil de Pirenópolis, do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico nacional), da Secretaria de Cultura e Turismo de Pirenópolis e do Museu das Cavalhadas, que me permitiram pesquisar os dados utilizados nessa pesquisa e por terem sido tão atenciosos comigo.

Aos moradores de Pirenópolis pela receptividade, disponibilidade e atenção.

Aos turistas de Pirenópolis pela simpatia.

À minha irmã Yara, pela gentileza em normalizar esse trabalho.

À minha família, aos parentes e amigos pela força, carinho, paciência e compreensão durante essa trajetória de estudos, a qual dediquei intensamente e que, por muitas vezes, me afastou dessas pessoas tão queridas.

RESUMO

O presente trabalho pretende contribuir sociologicamente para o estudo do turismo e para a análise dos seus efeitos sobre a vida social. O ponto de partida é analisar o turismo como um fenômeno cultural que ocorre em Pirenópolis-Goiás-Brasil e gera mudanças em sua vida cotidiana. Assim, o patrimônio cultural e o meio ambiente tornam-se alvos de discursos políticos que propõe um turismo fundamentado na sustentabilidade, conceito esse que é vago, não neutro e manipulável. Nesse sentido novos agentes se configuram e, através de suas ações, estruturam novas práticas e geram a mudança tanto no aspecto material como no simbólico, ou, ao contrário, reforçam as tradições, já que o pirenopolino tende a reagir com resistência, criatividade ou hostilidade. Desse modo, conflitos tendem a surgir das relações interpessoais entre os moradores, nativos e não-nativos, e os turistas, uma vez que intenções, interesses, comportamentos, práticas sociais, estilos de vida e valores divergentes convivem num mesmo ambiente servindo para demarcar relações de proximidade e distância entre os grupos. Assim, será possível compreender tanto o significado do turismo para a localidade em seu mundo interior, já que a presente pesquisa busca dar ênfase à dimensão social e cultural do fenômeno, analisando as relações sociais entre nativo/não-nativo e visitante/visitado num mesmo espaço e contexto.

ABSTRACT

The present work intends to contribute sociologically to the study of the tourism and to the analysis of its effects on the social life. The starting point is to analyse the tourism like a cultural phenomenon that takes place in Pirenópolis-Goiás-Brazil and produces changes in his daily life. So, the cultural inheritance and the environment become targets of political speeches what there proposes a tourism based on the sustainability, this concept that it is vague, not neuter and maneuverable. In this sense new agents are shaped and, through his actions, structure new practices and produce the change both in the material aspect and in the symbolic one, or, on the contrary, they reinforce the traditions, since the pirenopolino has a tendency to react with resistance, creativity or hostility. In this way, conflicts have a tendency to appear of the interpersonal relations between the residents, natives and non-natives, and the tourists, once what intentions, interests, behaviours, social practices, ways of life and divergent values coexist in the same environment serving to demarcate relations of proximity and distance between the groups. So, it will be possible to understand so much the meaning of the tourism for the town in his inner world, since the present inquiry looks to give emphasis to the social and cultural dimension of the phenomenon, analysing the social relations between native/non-native and visiting/visited in the same space and context.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Mapa dos povoados e distrito de Pirenópolis _____	49
Ilustrações 3 e 4 – Pichação em casarões de Pirenópolis _____	111
Mapa 1 - Vias de acesso a Pirenópolis _____	121
Foto 1 – Visão panorâmica de Pirenópolis em 1976 _____	122
Foto 2 – Visão panorâmica atual de Pirenópolis _____	122
Mapa 2 – Localização de Pirenópolis na RIDE _____	123
Mapa 3 – Destaque para os bairros novos em Pirenópolis _____	125
Mapa 4 – Bairro Alto do Bonfim _____	127
Gráfico 1 – Distribuição mensal das ocorrências policiais _____	132
Gráfico 2 – Distribuição mensal das ocorrências policiais _____	133
Gráfico 3 – Distribuição mensal das ocorrências policiais _____	133
Gráfico 4 – Distribuição anual das ocorrências policiais pelo tipo de crime _____	134
BO 2007 _____	134
Gráfico 5 - Distribuição mensal das ocorrências policiais pelo tipo de crime _____	134
Foto 3 – “Namoradeiras” na janela em Pirenópolis _____	142

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Categorias de imóveis rurais, por número de módulos* e área (ha) – Município de Pirenópolis (2003)	20
Tabela 2 – Número e área dos imóveis rurais, por categoria e município (2003)	20
Tabela 3 – Efetivo da pecuária: Pirenópolis (1998-2002)	20
Tabela 4 – Produção agrícola: Pirenópolis (2001-2007)	21
Tabela 5 – População dos povoados e Distrito de Pirenópolis 2000/2005	22
Tabela 6 – Evolução da população de Pirenópolis — 1980 a 2008	23
Tabela 7 – Estabelecimentos comerciais cadastrados na SEFAZ-GO (2000-2002)	24
Tabela 8 – Unidades locais de comércio e serviço	24
Tabela 9 – Estabelecimentos industriais cadastrados na SEFAZ -GO (2003)	24
Tabela 10 – Estabelecimentos industriais cadastrados na Secretaria da Fazenda, por gênero e porte (2003)	25
Tabela 11 – Número total de empregados no Município de Pirenópolis	26
Tabela 12 - Atividades realizadas pelo turista durante a visita em - Pirenópolis/2003	43
Tabela 13 - Estrutura do turismo	45
Tabela 14 – Instalações e serviços turísticos no território de Pirenópolis	46
Tabela 15 – Atividades desenvolvidas pelas empresas do turismo	50
Tabela 16 – Números de pessoas ocupadas nos estabelecimentos	50
Tabela 17 – Faturamento bruto das empresas em 2004	50
Tabela 18 - Rendimento dos estabelecimentos por temporada 2005	51
Tabela 19 – Capacidade de atendimento dos estabelecimentos do turismo	51
Tabela 20 – Tempo de permanência do turista	51
Tabela 21 – Regionalização das áreas turísticas de Goiás	56
Tabela 22 - Perfil do turista de Pirenópolis AGETUR/2003 e 2005	88
Tabela 23 – Ocorrências policiais em Pirenópolis (1994-2007)	112
Tabela 24 – Ocorrências policiais em Pirenópolis mês a mês a partir dos BOs (1994-2007)	113
Tabela 25 – Ocorrências policiais em Pirenópolis mês a mês a partir dos TCOs (2000-2007)	114
Tabela 26 – Ocorrências policiais em Pirenópolis mês a mês a partir dos BOC (1998-2007)	115
Tabela 27 – Relação dos crimes com os meses em Pirenópolis a partir dos BOs de 2007	130

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

ABEP	Associação Brasileira de Estudos Populacionais
AC	Associação das Cavalhadas
ACISAP	Associação Comercial, Industrial, Serviços e Agropecuária de Pirenópolis
ACVP	Associação dos Condutores de Visitantes de Pirenópolis
ADPF	Associação Nacional dos Delegados de Polícia Federal
AGEPEL	Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira
AGERP	Associação de Geração de Emprego e Renda de Pirenópolis
AGETOP	Agência Goiana de Transportes e Obra
AGETUR	Agência Goiana de Turismo
AGSP	Agência Goiana do Sistema Prisional
AJAP	Associação dos Joalheiros Artesãos de Pirenópolis
AMA/GO	Agência Ambiental de Goiás
AMIP	Associação dos Mineradores de Pirenópolis
ANPPAS	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
BO	Boletim de Ocorrência
BOC	Boletim de Ocorrência Circunstanciado
CAT	Centro de Apoio ao Turista
CBTS	Conselho Brasileiro de Turismo Sustentável
CD-ROM	Compact Disc- Read Only Memory
CEF	Caixa Econômica Federal
CELG	Centrais Elétricas de Goiás S.A.
CNUMAD	Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento
COEPI	Comunidade Educacional de Pirenópolis
COMTUR	Conselho Municipal de Turismo
CNTur	Confederação Nacional de Turismo
DTMP	Desenvolvimento do Turismo no Município de Pirenópolis
EMBRATUR	Empresa Brasileira de Turismo

EUA	Estados Unidos da América
FUNASA/MS	Fundação Nacional de Saúde/Ministério da Saúde
GEOR	Gestão Estratégica Orientada para Resultados
GOIASTUR	Superintendência de Turismo de Goiás
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICAC	International Cotton Advisory Committee
IESA	Instituto de Estudos Sócio-Ambientais
IPEC	Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MinC	Ministério da Cultura
MMA	Ministério do Meio Ambiente
MP	Ministério Público
MTur	Ministério do Turismo
OMT	Organização Mundial do Turismo
ONG	Organização Não-Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PCVP	Pirenópolis Convention Visitors Bureau
PEP	Parque Estadual dos Pireneus
PETeR	Parque Estadual de Terra Ronca
PETROBRÁS	Petróleo Brasileiro S.A.
PIB	Produto Interno Bruto
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
RESTARQ	Arquitetura Restaurações e Arte LTDA.
RIDE	Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno
RPPN	Reserva Particular do Patrimônio Natural
SANEAGO	Saneamento de Goiás S.A.
SEBRAE-GO	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Goiás
SEMARH/GO	Secretaria do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos/Goiás
SENAC	Serviço Nacional do Comércio
SEPIN/GO	Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informação/Goiás
SEPLAN/GO	Secretaria do Planejamento e Desenvolvimento/Goiás
SIEG	Sistema Estadual de Estatística e de Informações Geográficas de

	Goiás
SINPOL-GO	Sindicato dos Policiais Civis de Goiás
SPHAM	Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
SOAP	Sociedade dos Amigos de Pirenópolis
TCO	Termo Circunstanciado de Ocorrência
TELEBRÁS	Empresa Brasileira de Telecomunicações
UC	Unidade de Conservação
UCG	Universidade Católica de Goiás
UDEP	Unidade Descentralizada de Ensino Profissionalizante
UEG	Universidade Estadual de Goiás
UFG	Universidade Federal de Goiás
UnB	Universidade de Brasília
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
1. PIRENÓPOLIS: TRADIÇÃO E MUDANÇA	15
1.1 DESCRIÇÃO DE PIRENÓPOLIS	15
1.1.1 Uma breve reconstrução histórica	16
2. O TURISMO E A MUDANÇA NA VIDA SOCIAL DE PIRENÓPOLIS	27
2.1 EM BUSCA DA TRADIÇÃO: O PROFANO E O RELIGIOSO	27
2.1.1 As cavalhadas em interação com a Festa do Divino	27
2.1.2 Descrição das Cavalhadas como ritual folclórico-religioso e como espaço de sociabilidade	29
2.1.3 As roupas e a revitalização das cavalhadas	32
2.1.4 Números das cavalhadas	34
2.1.5 Público das cavalhadas e turismo	35
2.2 PARA ALÉM DA TRADIÇÃO	37
2.2.1 A transformação das cavalhadas em espetáculo (“cavahódromo”)	37
2.3 ATRATIVOS NATURAIS	42
2.4 ATRATIVOS CULTURAIS	43
2.5 EQUIPAMENTOS DO TURISMO: “TRIPÉ” AGÊNCIA/ TRANSPORTE//HOSPEDAGEM	44
2.6 A REGULARIDADE DA ATIVIDADE TURÍSTICA: O CARNAVAL E O CANTO DA PRIMAVERA	47
3. O TURISMO EM PIRENOPOLIS: A ESTRUTURAÇÃO DO CAMPO	52
3.1 POLÍTICAS DE TURISMO: TRADE, MEIO AMBIENTE, SOCIEDADE E CULTURA	52
3.2 PATRIMÔNIO HISTÓRICO	59
3.3 TURISMO	65
3.3.1 Turismo cultural e ecoturismo	67
3.4 OS AGENTES DO CAMPO	71
3.4.1 Pirenopolinos	76
3.4.2 Os grupos alternativos e moradores recentes	77
3.4.3 O segmento dos turistas	79
3.5 PIRENÓPOLIS E AS MUDANÇAS NA VIDA SOCIAL	89
3.5.1 Tradição, modernidade e pós-modernidade	89
3.6 RELAÇÃO DE PROXIMIDADE E DISTÂNCIA ENTRE OS GRUPOS	91
3.6.1 Nativos e Não-Nativos	91
3.6.2 Moradores e turistas	98
3.6.3 Depoimentos	102
4. TURISMO, CRIMINALIDADE E VIOLÊNCIA EM PIRENÓPOLIS	109
4.1 CAMPO DAS TRADIÇÕES E CAMPO DO TURISMO	139
CONCLUSÃO	149
REFERÊNCIAS	155
APÊNDICES	167
ANEXOS	174

APRESENTAÇÃO

Esse trabalho se propõe a analisar as mudanças causadas pelo turismo sobre a vida social em Pirenópolis, uma vez que essas transformações vêm atingindo os aspectos material e simbólico da vida cotidiana. Isso ocorre porque o turismo proporciona novas práticas, que surgiram a partir de uma estrutura pré-existente, isto é, das tradições locais mantidas pelos moradores nativos.

Isso fica claro de acordo com os estudos de Barbosa (1992), pois revelam que essas novas ações foram praticadas inicialmente pelos pirenopolinos, sendo eles, portanto, os primeiros e únicos empresários do turismo até o início da década de 80¹. A Pensão Central, do século XVIII; Pensão Padre Rosa, de 1960 a 1975; Hotel Rex, em 1961; Dormitório da Geni, em 1975, a Pousada das Cavalhadas, em 1985, dentre outras, são exemplos disso. Esse período coincide com a chegada de grupos alternativos e hippies em Pirenópolis, pessoas oriundas de grandes cidades do país, inclusive estrangeiros, que chegaram à cidade no fim da década de 1970 para morar. Daí, começaram a abrir na Rua do Rosário, hoje conhecida também como Rua do Lazer, ateliês de jóias em prata (a partir de 1981) e seus restaurantes de comida natural (Aravinda – bar e restaurante de comida natural, em 1983). Já em 1987, ocorre o início do processo de implantação do PEP (Parque Estadual dos Pireneus) e a conclusão da pavimentação da estrada que liga Pirenópolis a Brasília e, um ano depois, a cidade foi tombada (1988) pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Até essa data predominava o turismo cultural na cidade que é mais sazonal ou de época, sendo que a atividade turística se estruturou ou organizou de fato com o ecoturismo, cuja primeira agência surgiu em 1989, com a Eco-Turismo (SIQUEIRA, 1997). Assim, o turismo, ao independe de datas, se torna regular o ano inteiro.

O turismo em Pirenópolis passou a ser uma atividade economicamente regular, porque muitos empresários originários de Goiânia, do Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Rio Grande do Sul, dentre outros locais, mas com residência em Brasília, começaram a investir em estabelecimentos comerciais de alto nível a partir do final dos anos 1980, tais como: o Hotel Quinta Santa Bárbara, em 1987, de proprietário

¹ Havia ainda a extinta “Estalagem” (existiu até o início do século XX, local onde os tropeiros e muitos viajantes europeus se hospedaram) (JAYME, 2002), os dormitórios da rodoviária (anos 70) que eram precários e o Solar Pireneus (anos 70). Muitas pessoas costumavam ainda acampar no centro histórico da cidade (beira do Rio das Almas, praças, igrejas, etc) (CURADO, 1978).

goiano; Pousada dos Pireneus *Resort*, em 1990, de proprietário goiano; Pousada do Abacateiro, em 1990, de proprietário mineiro; Pousa do Sô Vigário, em 1991, de proprietários gaúcho e carioca, etc (BARBOSA, 1992). Pretendiam com isso combinar os atrativos locais com o conforto da cidade grande para atender a demanda turística de alto poder aquisitivo que era cada vez maior e que exigia produtos e serviços diferenciados. Alguns desses empresários moram em Brasília e Goiânia e não possuem vínculo com Pirenópolis. No entanto, muitos deles compraram vários lotes na cidade e também casarões antigos do centro histórico para transformá-los em residência (fixa ou temporárias, isto é, de fim de semana, feriados e férias), para alugá-los para terceiros, ou então, para servirem de estabelecimentos comerciais para o turismo. Assim, essas pessoas passaram a dividir o centro histórico com os pirenopolinos. Como muitos desses últimos não possuem condições financeiras para reformar suas casas antigas acabaram vendendo-as, e a consequência disso foi a especulação imobiliária e o encarecimento do valor dos imóveis.

Esses acontecimentos distintos que surgiram no final da década de 1980 se desenvolveram mais ou menos de forma simultânea e paralela durante os anos 1990, gerando mudanças sobre a vida social em Pirenópolis, fato que se estende até os dias atuais. Em primeiro lugar, houve a expansão e aperfeiçoamento do “tripé do turismo”, que diz respeito à agência, transporte e hospedagem (BARRETTO, 2003). Em segundo, veio a preocupação em preservar e conservar os atrativos naturais que se deu com a criação de parques (a partir de 1987) e de RPPN (Reserva Particular do Patrimônio Natural), a partir de 1991. Em terceiro, houve a revitalização do centro histórico já tombado. Em quarto, surgem organizações da sociedade civil, ou seja, associações relacionadas com o *trade* do turismo, com o patrimônio, o artesanato, e empresários de outros setores da economia da cidade. Em quinto, novos eventos culturais são criados a partir de 2000. Em sexto, verificou-se o surgimento de órgãos e políticas públicas tanto municipais como estaduais e federais. Houve, então, a formação de parcerias entre os diversos segmentos do turismo, entre o *trade* turístico de Pirenópolis e outros setores econômicos e, ainda, parcerias entre o setor do turismo e o poder público.

Uma pesquisa² do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Goiás) de 2005 revela que 51% dos empreendimentos do setor turístico de Pirenópolis estão atuando há menos de cinco anos no mercado. Desse modo, o turismo tende a se tornar uma atividade economicamente organizada na cidade, já que esta vem sendo planejada através das políticas públicas tanto federais e estaduais como municipais. No entanto, a indefinição, ou ao contrário, a diversidade de conceitos, a falta de consenso e equívocos a respeito do que venham a ser certos termos como desenvolvimento sustentável, preservação e conservação prejudicam uma formulação mais consistente do conceito do turismo sustentável gerando ambigüidades, contradições e confusões de significados, já que tal conceito deveria incluir, além do aspecto econômico, não só o meio ambiente e a sociedade, mas também a cultura das localidades turísticas receptoras.

A Sociologia vem tentando analisar o turismo desde os clássicos, sendo que, nos anos 1960, surge uma Sociologia do Turismo como campo específico. Porém, alguns sociólogos que estudam o turismo, como Hans Joachim Knebel (1974, p. VI), Erik Cohen (2004 p. 37) e John Urry (1996, p. 23) admitem que há um desinteresse da Sociologia por esse assunto e poucos estudos nessa área por causa do enfoque econômico dado à atividade turística e da dificuldade em dar um tratamento teórico a diversão, ao prazer e ao entretenimento. Mesmo reafirmando tal desinteresse, Anthony Giddens (2004, p. 80), sociólogo contemporâneo, reconhece que o turismo pode revelar muito acerca da vida social, pois “com o aumento do turismo que a globalização trouxe, os sociólogos terão que observar detalhadamente os padrões de interação que emergem entre turistas e habitantes locais, para determinar, entre outras coisas, se as interações são tendencialmente amistosas ou hostis”. Nesse sentido, estudiosos do turismo como John Urry e Chris Rojek (1997) percebem ser desnecessária a existência de uma Ciência Social específica do Turismo e consideram o turismo uma prática cultural, pois é socialmente constituída e, por isso, o fenômeno pode ser analisado pela Ciências Sociais.

Desse modo, torna-se necessário compreender como o fenômeno do turismo, uma vez instituído em Pirenópolis, configura novos agentes, inclusive

² A pesquisa, intitulada Marco Zero do GEOR (Gestão Estratégica Orientada para Resultados), é parte integrante do projeto Desenvolvimento do Turismo no Município de Pirenópolis que pretende expandir ainda em 15% a capacidade de ocupação hospedagem dos hotéis e pousadas da cidade para diminuir as vagas ociosas durante a baixa temporada (meio da semana nos meses de junho, agosto e novembro) (SEBRAE, 2005).

heterônomos, que, através de sua ação, estruturam novas práticas e geram a mudança tanto no aspecto material como no simbólico, ou, ao contrário, reforçam suas tradições, já que o pirenopolino tende a reagir com resistência, criatividade ou hostilidade. E, a partir disso, revelar os conflitos que tendem a surgir das relações interpessoais entre os moradores, nativos e não-nativos, e os turistas, uma vez que intenções, interesses, comportamentos, práticas sociais, estilos de vida e valores divergentes convivem num mesmo ambiente servindo para demarcar relações de proximidade e distância entre os grupos. Assim, será possível compreender tanto o significado do turismo para a localidade em seu mundo interior, já que a presente pesquisa busca dar ênfase à dimensão social e cultural do fenômeno, analisando as relações sociais entre nativo/não-nativo e visitante/visitado num mesmo espaço e contexto.

Portanto, o presente trabalho pretende contribuir sociologicamente para o estudo do turismo e para a análise dos efeitos sociais dessa atividade sobre as localidades receptoras, uma vez que esse assunto é ainda pouco abordado pela Ciências Sociais (BARRETTO, 1997; ROCHA NETO, 1998, p. 140-142). Desse modo, torna-se importante fazer uma reflexão sobre a cidade de Pirenópolis com o intuito de devolver o conhecimento obtido para os moradores para que possam usá-lo a seu favor, tanto na conservação/preservação da cidade, como também, para sua emancipação e desenvolvimento social.

1. PIRENÓPOLIS: TRADIÇÃO E MUDANÇA

1.1 DESCRIÇÃO DE PIRENÓPOLIS

Pirenópolis é uma cidade histórica que surgiu no início do século XVIII, por conta da mineração em Goiás. Sua área territorial é de 2.227,793 km² (SEPIN/GO³, [2007]). Atualmente, o município é formado pela sede urbana e também pela zona rural que, por sua vez, é composta pelo distrito de Lagolândia (1920), pelos povoados de Caxambú (1948) e Jaranópolis (1965) e pelos aglomerados de Santo Antônio (1734), Capela de Sant’Ana do Rio do Peixe (século XVIII), Índio (1935), Placa (1951), Radiolândia (1952), Bom Jesus (anos 60) e Goianópolis (antiga Malhador, em 1963) (CURADO, 1978; SEPIN/GO, [2007]). Pirenópolis possui cerca de 21.245 habitantes⁴, sendo 12.475 morando na zona urbana e 8.770 na zona rural, com 11.049 o número de homens e 10.196 o número de mulheres (Censo IBGE, 2000 apud SEPIN/GO, [2007]). Sua principal atividade econômica é a indústria do tipo extrativista-mineral (“Pedras de Pirenópolis”), seguida pela pecuária – criação de gado para corte, eqüino e suinocultura; produção leiteira – e o cultivo na agricultura – milho, banana, mandioca, tomate e abacaxi, maracujá, limão, arroz, cana de açúcar. Já o extrativismo da borracha é uma atividade recente na cidade (SIQUEIRA, 2004; PIRENÓPOLIS, [2007]).

Pirenópolis é, hoje, também um município turístico, devido à beleza da cidade, rica em prédios históricos, tradições, paisagem natural, manifestações culturais, destacando-se as festas religiosas (Festa do Divino e as Cavalhadas, dentre outras), a gastronomia, as comunidades alternativas, as jóias em prata, etc. Com tudo isso, o turismo – dos tipos: ecológico, histórico, esportivo, de eventos, cultural, pedagógico – já representa a terceira atividade econômica de maior importância para a cidade, que possui boa infra-estrutura (hotéis, restaurantes, serviços) para atender à demanda turística. Além disso, Pirenópolis conta com a indústria alimentícia (queijo, cachaça, frigorífico, panificadoras, produtos caseiros: doces, licores, biscoitos e vinhos com frutos do cerrado), fábrica de móveis, vestuário, tecelagem, confecção, olarias e construção civil. Outra atividade forte diz

³ Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informação de Goiás.

⁴ Dados atualizados do último censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) revelam que a população de Pirenópolis diminuiu, isto é, de 21.245 (2000), passou para 20.460 (2007) (IBGE, 2008).

respeito ao rico artesanato pirenopolino e também ao seu comércio interno de bens e serviços. (CURADO, 1978; PIRENÓPOLIS, [2007]).

1.1.1 Uma breve reconstrução histórica

Os bandeirantes estiveram em Goiás desde o início da colonização à procura de metais preciosos (PALACÍN, 1986). Mas é no início do século XVIII que os portugueses penetraram a região para se fixarem, chegando a uma planície rodeada de morros (Serra da Matutina, Morro do Frota, Morro de Santa Bárbara, Serra Quebra-Rabicho) e coberta de bosques, local que mais tarde seria o atual município de Pirenópolis (MENDONÇA, 1981, p. 97). No dia 7 de outubro de 1727, Manuel Rodrigues Tomar e seus companheiros lusitanos (originários do Médio-Norte de Portugal – Minho e Douro – e de Trás os Montes) (JAYME, J.; JAYME, J. S., 2002) fundam e iniciam o povoamento do lugar em torno das margens do Rio das Almas (MENDONÇA, 1981, p. 95). Para J. Jayme e J. S. Jayme (2002, p. 26), esse local de exploração do ouro recebeu o nome de Minas de Nossa Senhora do Rosário de Meia-Ponte por causa da santa do dia. Os primeiros habitantes do local eram os Caiapós, índios seminômades (SIQUEIRA, 2004, p. 14). Porém, com a descoberta do ouro, portugueses e paulistas foram invadindo, ocupando e modificando o espaço, trazendo junto consigo os negros escravos (Angola e Costa da Guiné). A população foi constituída inicialmente, em sua maioria, por brancos lusitanos, pessoas essas que deram origem a muitas famílias tradicionais de Goiás. Já os índios e os negros africanos foram escravizados para trabalhar nas minas (JAYME, J.; JAYME, J. S., 2002, p. 26).

Segundo J. Jayme e J. S. Jayme (2002), a religião católica muito serviu para a ocupação e definição do espaço, pois em torno da primeira igreja construída, a Matriz de Nossa Senhora do Rosário (1728) surgiram as primeiras ruas e becos, tais como a Rua Direita e Rua do Rosário e seu Largo, depois vieram as ruas: Cisplatina, das Dores, Rua Pireneus, Rua Aurora, Rua do Bonfim, Rua da Prata, Rua Nova, Rua Santa Cruz e seu Largo, a Rua do Lavapés, Rua da Piteira e o Alto da Lapa (JAYME, J.; JAYME J. S., 2002; CURADO, 1978). E os becos: do Tatú, das Antas, do Vítor, do Urubú, da Glória, da Biquinha, etc (JAYME, J.; JAYME, J. S., 2002). As primeiras casas eram rústicas, de pau-a-pique ou de taipa e ranchos de sapé, de palma e de capim. Depois, outros templos católicos foram surgindo, como as seguintes igrejas: a da Ermida de São Francisco das Chagas (concluída em 1731

e demolida em 1836), a Capela de Santo Antônio (concluída em 1736 próxima ao ribeirão de mesmo nome e destruída entre os anos 1860-1870), a igreja de Nossa Senhora do Carmo (1750) e a igreja de Nosso Senhor do Bonfim (1754) – ambas ainda existentes na cidade –, a de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (construídos pelos negros escravos, foi concluída em 1757 e demolida em 1940), a de Nossa Senhora da Boa Morte da Lapa (construída pelos negros livres, ficou pronta em 1760, mas foi demolida em 1869), a Capela de Sant’Ana do Rio do Peixe (segunda metade do século XVIII, mas não se sabe a data de sua demolição) e Capela de Santa Bárbara (construída no final do século XIX no morro de Santa Bárbara, mas não foi concluída; hoje só se tem as ruínas). E em 1869 foi construído o Cemitério de São Miguel. Ainda no século XX, foram construídas mais três igrejas: a Capela de Santíssima Trindade dos Pireneus (fica na Serra dos Pireneus, desde 1936, mas a festa ou romaria de mesmo nome existe desde 1927), a capela de São Judas Tadeu (1953) e a Capela de Nossa Senhora de Fátima (1993) (JAYME, J; JAYME, J. S. 2002; SIQUEIRA, 1997).

Nas primeiras ruas existentes – Direita e Rosário – começaram a ser construídas casas em estilo colonial para as famílias tradicionais que lembravam as moradias de Portugal, porém com os materiais e técnicas disponíveis na região (OLIVEIRA, 1999). Na cidade ao todo foram construídas 346 casas coloniais com enormes quintais bem plantados, com árvores frutíferas e plantas medicinais, sendo que boa parte dessas moradias ainda existem. Porém, muitas foram descaracterizadas em sua fisionomia por causa de novas necessidades de consumo (banheiro, garagem, rede de esgoto e de energia elétrica, fachadas em *art-déco*) surgidas com a modernidade, e outras dezenas foram destruídas (de 1930 a 1980) (JAYME, J; JAYME, J. S. 2002).

Durante a abundância do ouro até o seu esgotamento, Meia-Ponte prosperou bastante. Assim, em 1732, foi elevada a distrito; em 1736, foi promovida a arraial com o nome de Arraial de Nossa Senhora do Rosário de Meia-Ponte, sendo que, nesse mesmo ano, foi elevada a Freguesia e Sede do Julgado, do qual dependiam certos arraiais que, com os desmembramentos viraram as atuais cidades de Jaraguá (1833), Corumbá (1875), Anápolis (1887); em 1832, foi promovida à vila, cujo nome era Vila Meia-Ponte (CURADO, 1978, p. 30).

Foi no início do século XIX que surgiram os festejos do Divino Espírito Santo (1819) e das cavalhadas (1826) iniciados pelos padres, e a primeira biblioteca

pública e o primeiro jornal de Goiás (ambos em 1830). Esses últimos por iniciativa do Comendador Joaquim Alves de Oliveira (CURADO, 1978, p. 45).

Após a mineração (início do século XIX), Meia-Ponte tem como atividade econômica a agricultura de subsistência, que se manteve expressiva até 1930 com a comercialização de alguns excedentes de cereais entre as regiões vizinhas. A partir daí, a vila passa a ocupar posição secundária no cenário político-econômico estadual. Porém, o surgimento de grandes engenhos como o da Fazenda Babilônia do Comendador Joaquim Alves de Oliveira, ainda na época do ouro, fez de Meia-Ponte a maior produtora de açúcar de Goiás. Outra produção forte era o algodão que, por sua vez, era exportado para outros estados do Brasil. Além disso, contava com o comércio dos tropeiros – elo de ligação entre o litoral (Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo) e o sertão (Mato Grosso, Goiás) – que ali no local se abasteciam. Os tropeiros eram praticamente obrigados a passar por Pirenópolis, devido à posição privilegiada da cidade que ficava, na época, próxima às poucas estradas existentes de acesso a Goiás (VASCONCELLOS, 1991, p. 73). Já em 1853, foi elevada a categoria de cidade, cujo nome era Cidade Meia-Ponte. Mas, foi somente em 1890, que a vila passou a se chamar Pirenópolis, por causa da Serra dos Pireneus, que foi assim nomeado por um espanhol em homenagem aos Pireneus da Europa (CURADO, 1978, p. 30-67). Esse período coincide com a passagem da “Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil” ou “Comissão Cruls” por Pirenópolis, em 1892 (JAYME, J; JAYME, J. S. 2002).

No início do século XX, Pirenópolis já não exerce mais influência na política pelos seguintes motivos: escassez da população, pequeno orçamento e economia de subsistência. Além disso, perde o comércio de tropeiros por causa das péssimas condições em que se encontravam as estradas e pontes que por ali passavam e, também, por causa da construção da estrada de ferro, ao sul (1913), e de outras vias de acesso a Goiás pelo sudoeste, pois a pecuária se tornara a principal fonte econômica do estado e Pirenópolis não se destacava nessa atividade. Além disso, estava a 60 km de distância da ferrovia. Com isso, o eixo econômico de Goiás foi deslocado da região do planalto para a região sudeste-sul (VASCONCELLOS, 1991). Outro fator é o crescimento de cidades de seu entorno como Goiânia, a nova capital (1933), e o município de Anápolis, que passaram a ofuscar o comércio de Pirenópolis, afetando seu desenvolvimento a partir da década de 40 (CURADO, 1978, p. 90).

Até a década de 1920, a maioria da população não tinha profissão definida e o restante dela estava distribuído em grande parte na agricultura, seguido do comércio e da indústria (familiar de transformação) (VASCONCELLOS, 1991). De acordo com o censo do IBGE (apud CURADO, 1978), essa situação permaneceu inalterada com relação às atividades ligadas aos setores da economia até 1976. Na década de 1940, as atividades sócio-culturais entraram em decadência, pois muitas famílias tradicionais mudaram-se para a nova capital em busca de trabalho e estudo. Assim, além da política e da economia, os setores da educação (fechamento de escolas e precarização do ensino público) e da cultura e lazer (teatro e cinema desativados) entraram em crise. Houve também a diminuição do número de padres permanentes na cidade, o avanço da indústria do consumo, e o início, por parte do poder local, dos atentados contra o patrimônio da cidade que resultaram na destruição de várias construções históricas, a partir de 1930. Somados a isso se têm ainda à interferência dos poderes públicos (municipal e estadual) nas festas religiosas da cidade, na década de 1970 (CURADO, 1978).

Nos anos 1930 é iniciada a exploração na pedreira do quartizito-micáceo (“Pedras de Pirenópolis”) pela prefeitura e famílias locais que, por sua vez, foi intensificada nos anos 1960 devido ao início da exportação das pedras (SIQUEIRA, 1997), época também em que foi feito o calçamento urbano em “pé-de-moleque” com os retalhos ou sobras das pedras (PIRENÓPOLIS TUR, [2007]). A partir daí essa atividade se tornou a principal fonte de emprego e renda da cidade.

Em seguida, vêm os empregos ligados à atividade agropecuária próxima aos povoados, onde se encontram formas de cultivo dos tipos tradicional (subsistência), especializadas (soja, cana-de-açúcar), ecológicas (plantas medicinais e frutos do cerrado pelos alternativos) (SIQUEIRA, 2004) e até uma agricultura modernizada (abacaxi, banana, figo, hortaliças, café) (MMA⁵ [2005]).

Na década de 1960, o cenário muda novamente, uma vez que sua posição geográfica volta a favorecer o município, pois o coloca agora na proximidade de novas vias de acesso e também das mais importantes cidades de Goiás (Goiânia e Anápolis) e de Brasília-DF, capital federal. Com a construção desta última na segunda metade dos anos 1950, Pirenópolis passou a receber viajantes de várias partes do Brasil, o que fez surgir o turismo de forma espontânea e aleatória. Com

⁵ Ministério do Meio Ambiente.

isso, várias pessoas acabaram se mudando para a cidade formando comunidades alternativas em reservas naturais na zona rural. Trata-se de pessoas ligadas ao espiritualismo e a um novo estilo de vida, baseado numa relação holista com a natureza (MMA, [2005]; SIQUEIRA, 2004). A partir daí, instala-se a atividade do turismo na cidade, que resultou mais tarde, na preocupação em preservar o patrimônio cultural e natural de Pirenópolis (SIQUEIRA, 2004, p. 16). Ocorreram, por um lado, o tombamento (1988) e a revitalização do centro histórico (anos 1990) e, por outro, a criação de várias RPPNs – Reserva Particular de Patrimônio Natural, a partir de 1992 (BATISTA, 2002).

Tabela 1– Categorias de imóveis rurais, por número de módulos* e área (ha) – Município de Pirenópolis (2003)

Categorias	Pequenos	Médios	Grandes
Nº de módulos	0 a 4	>4 a 15	>15
Área (ha)	0 a 140	>140 a 525	>525

Fonte: Anuário Estatístico do Estado de Goiás 2003 (apud AGETOP⁶, 2005)

* 1 módulo = 35 há

Tabela 2 – Número e área dos imóveis rurais, por categoria e município (2003)

	PIRENÓPOLIS	
	Número	Área (ha)
Pequenos	1.560	64.751,00
Médios	270	67.491,40
Grandes	57	55.929,50
Todos	1.887	188.171,90

Fonte: Anuário Estatístico do Estado de Goiás 2003 (ibid.)

Tabela 3 – Efetivo da pecuária: Pirenópolis (1998-2002)

	1998	1999	2000	2001	2002
Aves (cabeças)	76 000	71 000	74 000	79 500	85 000
Bovinos (cabeças)	112 000	100 000	111 500	121 500	133 000
Suínos (cabeças)	5 600	4 700	4 920	5 250	5 600
Vacas leiteiras (cabeças)	24 000	21 400	23 800	24 000	26 000
Leite (1.000 litros)	14 400	12 840	25 700	25 920	30 420
Ovos (1.000 dúzias)	140	130	162	470	180

Fonte: Anuário Estatístico do Estado de Goiás 2003 (ibid.)

⁶ Agência Goiana de Transportes e Obra.

Tabela 4 – Produção agrícola: Pirenópolis (2001-2007)

Produtos	2000		2001		2002		2003		2004		2005		2006		2007	
	Área(ha)	Prod. (t)	Área(ha)	Prod. (t)	Área(ha)	Prod. (t)	Área(ha)	Prod. (t)	Área(ha)	Prod. (t)	Área(ha)	Prod. (t)	Área(ha)	Prod. (t)	Área(ha)	Prod. (t)
Abacaxi (mil frutos)	30	630	30	625	40	1.000	45	1.125	45	1.130	45	1.125	45	1.125	45	1.125
Alho (t)	5	20	5	20	5	20	5	20	5	20	4	18	-	-	-	-
Arroz - TOTAL (t)	300	540	290	522	240	360	140	210	250	450	100	160	300	600	350	630
Arroz (sequeiro) (t)	300	540	290	522	240	360	140	210	250	450	100	160	300	600	350	630
Banana (t)	450	360	600	6.000	580	5.800	600	6.000	600	5.880	600	5.880	500	5.000	500	5.000
Borracha (coagulada) (t)	40	140	144	518	56	168	104	312	104	312	104	312	200	600	200	600
Café (t)	20	14	20	14	10	7	10	7	10	8	10	8	10	7	10	7
Laranja (t)	40	1.665	40	720	40	720	40	720	10	150	10	150	10	150	10	150
Mamão (t)	10	240	10	240	8	192	10	250	10	220	10	220	10	200	10	200
Mandioca (t)	110	1.100	110	1.320	110	1.320	100	1.200	100	1.400	80	1.120	100	1.400	100	1.400
Manga (t)	-	-	7	10	7	10	7	10	7	10	7	10	7	10	7	10
Milho - TOTAL (t)	3.900	7.800	4.290	9.266	3.900	12.714	3.000	9.780	3.000	9.600	3.000	9.600	3.200	11.200	3.500	12.250
Milho 1ª safra (t)	3.900	7.800	4.290	9.266	3.900	12.714	3.000	9.780	3.000	9.600	3.000	9.600	3.200	11.200	3.500	12.250
Soja (t)	100	270	290	870	258	738	258	738	1.100	2.860	350	910	1.000	2.800	900	2.475
Tangerina (t)	6	600	46	690	46	690	46	690	40	520	40	520	40	480	40	480
Tomate - TOTAL (t)	27	1.688	107	6.687	108	7.560	110	7.700	100	6.000	100	6.000	200	10.000	180	9.000
Tomate de mesa (t)	27	1.688	107	6.687	108	7.560	110	7.700	100	6.000	100	6.000	200	10.000	180	9.000

Fonte: SEPIN/SEPLAN-GO (2007)

A mudança na agricultura (do cultivo de cereais para fruticultura) foi a responsável pelo êxodo rural que resultou no aumento da população urbana ao ponto desta superar a rural pela primeira vez no final da década de 1990, processo esse que se intensificou nos anos seguintes (SIQUEIRA, 2004, p.16). Com isso a população do campo se tornou escassa e dispersa, devido a distância entre os povoados e a sede e pela ausência de um sistema viário de circulação interna integrador (MMA, [2005]).

Tabela 5 – População dos povoados e Distrito de Pirenópolis 2000/2005

POVOADOS E DISTRITO*	2000	2005
Jaranópolis	1071	730
Radiolândia	819	642
Índio	411	292
Capela do Rio do Peixe	242	213
Caxambu	495	306
Santo Antônio	182	216
Placa	150	72
Goianópolis	369	222
Bom Jesus	72	54
Lagolândia*	483	249
TOTAL	4294	2996

Fonte: FUNASA/MS (Fundação Nacional de Saúde/ Ministério da Saúde), 2005 (apud Carvalho, 2000, p. 114-137 apud CURADO, 2006).

O êxodo rural dos povoados somado ao movimento migratório proveniente de Brasília e regiões circunvizinhas em direção a Pirenópolis a partir da década de 1960, e ao turismo, que surgira de maneira espontânea, acabou por redefinir o espaço urbano com o surgimento de novos bairros: Vila Matutina (1965), Setor Anduzeiro e Vila Péia (1976), Vila Teodoro (1978), Vila Pompeu (1983), Vila Zizito (1986), Setor Aeroporto e Setor Santa Bárbara (1990), Bairro Alto do Carmo (1992), Vila Marília e Vila Cintra (1994), Vila Jardim e Vila Santa Bárbara II (1995), Vilas Estrela Dalva I e II (1996), Vila Esmeralda e Vila Vulpina Godinho (1997) (SIQUEIRA, 1997).

Tabela 6 – Evolução da população de Pirenópolis — 1980 a 2008

POPULAÇÃO			
Ano Referência	População	Urbana	Rural
1980	29.329 hab	6.652 hab	22.677 hab
1991	25.056 hab	9.277 hab	15.779 hab
1996	24.717 hab	11.154 hab	13.563 hab
2000	21.245 hab	12.475 hab	8.770 hab
2001	21.216 hab	-	-
2002	21.244 hab	-	-
2003	21.243 hab	-	-
2004	21.241 hab	-	-
2005	21.241 hab	-	-
2006	21.240 hab	-	-
2007	20.460 hab	12.675 hab	7.785 hab
2008	20.990 hab	-	-

Fonte: SEPIN/SEPLAN-GO (2007)

NOTA: 1980, 1991 e 2000 - Censo Demográfico.

1996 - Contagem.

2001 a 2006 - Estimativa 01/07.

2007 - Contagem.

2008 - Estimativa 01/07.

Os dados acima demonstram que a população de Pirenópolis diminuiu entre os anos 1980 e 2001 e, nos períodos seguintes, o número de habitantes se manteve estável de 2002 a 2006, mas voltando a declinar a partir de 2007. Observando a população urbana e a rural, nota-se a partir de 1980 o número de habitantes da zona urbana manteve uma tendência ascendente até 2008 ao passo que a população do campo obteve um declínio contínuo no mesmo período, acompanhada de uma queda brusca entre 1980-1990. Outro aspecto verificado é que a população do município, cuja maioria residia no campo, tornou-se predominantemente urbana a partir de 2000, mantendo essa tendência até 2008.

Tabela 7 – Índice de desenvolvimento humano em Pirenópolis

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal		
	1991	2000
IDH-M	0,638	0,713
IDH-M - Renda	0,579	0,640
IDH-M - Educação	0,673	0,789
IDH-M - Longevidade	0,663	0,711

Fonte: SEPIN/SEPLAN-GO

Classificação segundo IDH:

Elevado (0,800 e superior)

Médio (0,500 - 0,799)

Baixo (abaixo de 0,500)

Tabela 7– Estabelecimentos comerciais cadastrados na SEFAZ-GO (2000-2002)

	2000	2001	2002
Pirenópolis	110	125	122

Fonte: Anuário Estatístico do Estado de Goiás 2003 (apud AGETOP, 2005)

Tabela 8 – Unidades locais de comércio e serviço

Discriminação das atividades	Pirenópolis
Comércio; reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos	141
Alojamento e alimentação	42
Transporte, armazenagem e comunicações	11
Intermediação financeira	10
Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	11
Administração pública, defesa e seguridade social	4
Educação	6
Saúde e serviços sociais	7
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	30
Total	262

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2001 (ibid.)

Outro ramo significativo é a indústria alimentícia (queijo, cachaça, frigorífico, panificadoras, produtos caseiros: doces, licores, biscoitos, vinhos etc, com frutos do cerrado), fábrica de móveis, vestuário, tecelagem, confecção, olarias e construção civil e, também, a prestação de serviços na cidade e o comércio interno de bens e serviços e o artesanato e industrianato produzidos pelos moradores e alternativos e vendidos em lojas ou feira livre (CURADO, 1978; PIRENÓPOLIS, [2005, 2007]).

Tabela 9 – Estabelecimentos industriais cadastrados na SEFAZ -GO (2003)

	1999	2000	2001	2002
Pirenópolis	32	34	38	39

Fonte: Anuário Estatístico do Estado de Goiás 2003 (AGETOP, 2005)

Tabela 10 – Estabelecimentos industriais cadastrados na Secretaria da Fazenda, por gênero e porte (2003)

Estabelecimentos industriais	PIRENÓPOLIS				
	T	M	P	M	G
TOTAL	35	26	9	-	-
Minerais não metálicos	13	9	4	-	-
Madeira	1	1	-	-	-
Mobiliário	3	2	1	-	-
Têxteis	1	1	-	-	-
Vest., calçados e artef. de tecido	2	2	-	-	-
Produtos alimentícios	11	7	4	-	-
Bebidas, álcool etílico e vinagre	1	1	-	-	-
Editorial e gráfica	1	1	-	-	-
Diversas	2	2	-	-	-

T- Total M- Micro P- Pequeno M- Médio G- Grande

Fonte: Anuário Estatístico do Estado de Goiás 2003 (ibid.)

A indústria extrativista-mineral de “Pedras de Pirenópolis”, pertencente às famílias tradicionais, ainda representa a principal atividade econômica da cidade e também fonte de renda e emprego com vínculo empregatício. Dados de Pirenópolis de 1998 (PIRENÓPOLIS [1999]) revelam que até essa época havia cerca de 42 pedreiras particulares (15 de grande porte e 27 menores), que produziam 15.000 m (metros) de lajes e 25.000 m² (metros quadrados) de retalhos e empregava 70 trabalhadores em média por pedreira que, por sua vez, eram registrados ganhando por produtividade, ou seja, por m² retirado. Havia ainda uma Pedreira Municipal que era explorada por várias pessoas (cerca de 200, segundo a Secretaria de Planejamento do Município) no sistema de arrendamento (PIRENÓPOLIS, [2007]). Tal pesquisa afirma ainda que havia postos de primeiros socorros e sanitários disponíveis para os trabalhadores, porém, esses não utilizavam equipamentos de segurança.

Atualmente, a maioria da mão-de-obra urbana de Pirenópolis está empregada nas 67 indústrias de extração de pedras (“Pedras de Pirenópolis”) que constitui a principal fonte de renda (70% do PIB⁷) e de empregos permanentes da cidade (2 mil) (PIRENÓPOLIS, [2007]). Existem cerca de 100 pedreiras pertencentes às famílias tradicionais da cidade (MMA, [2005]). A extração de quartzito em Pirenópolis chega a 300 mil metros quadrados por ano (pedra serrada) além de 1 milhão de metros quadrados anuais de outros produtos, cuja produção é

⁷ Produto Interno Bruto.

comercializada dentro de Goiás e também vendida para outros estados brasileiros, sendo que a AMIP (Associação dos Mineradores de Pirenópolis) pretende ainda exportar o produto (PIRENÓPOLIS, [2007]).

Tabela 11 – Número total de empregados no Município de Pirenópolis

Emprego										
	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Admitidos (CAGED)	93	232	283	314	907	479	671	561	415	626
Desligados (CAGED)	115	205	442	370	680	690	485	654	445	466
Saldo (CAGED)	-22	27	-159	-56	227	-211	186	-93	-30	160

Fonte: SEPIN/SEPLAN-GO (2007)

Muitos trabalhadores de baixa renda têm procurado os empregos temporários proporcionados pela atividade do turismo (BATISTA, 2002). Trata-se de mão-de-obra barata e pouco qualificada (garçom, copeira, cozinheira, etc) que trabalha em estabelecimentos comerciais e de serviços (restaurantes, pousadas, etc). A importância do turismo será abordada no tópico a seguir.

Logo, observa-se que as atividades econômicas da indústria extrativista e da agricultura ainda representam importância significativa e, além disso, superior a da atividade do turismo para a economia do município. Assim, as atividades econômicas pré-existentes coexistem com o turismo superando-o economicamente apesar da importância que este último tem assumido na economia urbana, assunto esse que será trabalhado no tópico seguinte. É inegável que o turismo vem causando mudanças e efeitos na vida social de Pirenópolis. Mas, como foi observado, a decadência econômica também prejudicou a cultura.

2. O TURISMO E A MUDANÇA NA VIDA SOCIAL DE PIRENÓPOLIS

2.1 EM BUSCA DA TRADIÇÃO: O PROFANO E O RELIGIOSO

2.1.1 As cavalhadas em interação com a Festa do Divino

A Festa do Divino Espírito Santo possui sua programação própria, ou seja, eventos de caráter religioso definidos pela Igreja Católica. Desse modo, de acordo com Brandão (1974, p. 79), fazem parte da festa religiosa apenas as missas, procissões e novenas, como a Missa do Divino (ocasião em que se dá o sorteio do imperador), Missa da Coroação, Procissão da Bandeira, Procissão da Coroa, Procissão do Divino e, ainda, os dias de Novena na igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário. Já as alvoradas, tocatas com banda de música e roqueiras (fogos), reinados (de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e Juizado de São Benedito), cavalhadas, folias (na zona rural), contradança, peças de teatro e as Pastorinhas não fazem parte da festa em si, apenas foram introduzidos pelos padres, famílias tradicionais e o povo de Pirenópolis ao longo dos tempos e acabaram fazendo parte dela. Espontaneamente e como consequência disso, surgiram ainda eventos de caráter marginal que, por sua vez, aparecem e desaparecem junto com os festejos, como as barraquinhas, os vendedores ambulantes e a proliferação de locais de dança, os “ranchos”, pela cidade.

Durante a Festa do Divino, ou seja, quinze dias antes da apresentação da cavalhada no domingo, acontecem os ensaios (PEREIRA, 1983, p. 140). São dois ensaios por dia, sendo que um acontece às quatro horas da madrugada e o outro às 14 horas e duram cerca de uma hora cada um. Há um ritual para os ensaios da madrugada, ou seja, a partir das duas horas o imperador manda alguém de sua confiança soltar fogos pela cidade para acordar os cavaleiros que devem estar prontos e com seus cavalos arreados às quatro horas em ponto em sua casa.

Lá o festeiro oferece um café com quitandas aos cavaleiros e “uma pinguinha para quebrar a friagem”, antes de eles irem para o campo ensaiar. Pouco antes de saírem da casa do imperador, os cavaleiros vão a uma das salas principais da casa dele para beijar a coroa do Divino que está ali exposta. Depois, já nas ruas, passam primeiro na igreja do Bonfim, onde se ajoelham para rezar e pedir proteção. E, uma vez no campo para o ensaio, os cavaleiros seguem o toque da caixa, isto é, do tambor, que é executado pelo caixeiro e que serve para marcar o ritmo para o

trote e o galope dos cavalos. Depois do ensaio, os cavaleiros saem do campo cantando e formam uma fila de cada lado (ibid.).

Esse ritual muda apenas no ensaio da tarde do último dia que é na quarta-feira anterior ao domingo do Divino. Nesse dia, além do que já foi descrito anteriormente, os cavaleiros, após irem à igreja do Bonfim, retornam ao campo das cavalhadas à tarde, onde ensaiaram de madrugada, para pegar as lanças com seus serventes e levá-las à casa do imperador, mas antes fazem um giro pela cidade em seus cavalos em clima festivo. Chegando à porta da casa do imperador, já cheia de pessoas da cidade à espera no local, os cavaleiros enfileirados descem todos do cavalo simultaneamente e de um a um, começando pelos reis, depois embaixadores e assim por diante, beijam a lança e entregam ao festeiro que também a beija e entrega a uma pessoa do lado encarregada de segurar todas elas. Depois de abraçarem o imperador, os cavaleiros o saúdam com “vivas” (ibid.).

A partir daí, vão para o quintal da casa do festeiro, onde há bastante bebidas, como cervejas e refrigerantes, em cima de uma grande mesa (ibid.). Há também um jantar preparado por cozinheiras que ficam a disposição do imperador trabalhando dia e noite fazendo quitandas, doces e “farofadas”, tudo com muita fartura para serem servidos aos cavaleiros e ao povo. O imperador convida os cavaleiros para se servirem e esse convite é também estendido a todos os presentes, ou seja, o povo da cidade. Logo, os cavaleiros comem, bebem, cantam e dançam catira acompanhado de dois violeiros que tocam moda de viola e, no fim, cantam novamente em volta da mesa em agradecimento ao festeiro (esse ritual veio da Folia do Divino) (SILVA, 2001). Quando o imperador não tem boas condições financeiras, a recepção se torna mais reduzida. No entanto, nos dias de hoje o público da festa aumentou muito, por causa do turismo e dos novos moradores. Assim, o imperador, além do seu próprio dinheiro e dos recursos arrecadados pela Folia do Divino, via doações do povo, tem recebido ajuda da prefeitura e do governo do estado para custear os gastos com a festa.

Depois, à noite, os cavaleiros vão à casa de uma família que tem sempre o costume de oferecer a eles o último jantar com comidas caseiras que ela mesma preparou no dia em que se encerram os ensaios das cavalhadas. No dia seguinte o imperador oferece o seu jantar de despedida e, de madrugada, vão ainda para a casa de outra família que também oferece a eles “cervejadas” e salgadinhos. Em todos esses lugares, os cavaleiros também cantam e dançam catira, contam com a

presença dos moradores da cidade e são recebidos com muitos fogos (PEREIRA, 1983).

Como se observa, além do imperador, outras famílias da cidade também têm o costume de convidar os cavaleiros para irem as suas casas, onde oferecem café com quitandas, jantares e “cervejadas”. Isso ocorre durante praticamente toda a festa, o que revela o grande prestígio que os cavaleiros possuem na cidade. Esses jantares que são realizados de madrugada são chamados de “farofadas” e o ritual é o mesmo, ou seja, os cavaleiros chegam a uma casa e são recebidos com muitos fogos. Daí, a família anfitriã serve o jantar com muita fartura, contando com a presença também do povo da cidade. Por último, os cavaleiros, acompanhados de dois violeiros, cantam suas músicas e dançam catira.

2.1.2 Descrição das Cavalhadas como ritual folclórico-religioso e como espaço de sociabilidade

As cavalhadas são um evento eqüestre que envolve tanto a cidade como a zona rural, já que muitos cavaleiros moram em fazendas. Trata-se de um ritual folclórico profano, por ser um folguedo (PEREIRA, 1983), e religioso, pois possui aspectos religiosos do catolicismo como o batismo e a presença do padre (BRANDÃO, 1974). Tal evento acontece durante a Festa do Divino Espírito Santo, em Pirenópolis, isto é, um dia após o último dia de novena que encerra a parte religiosa da festa. São três dias de duração, ou seja, domingo, segunda e terça das 13 as 18 horas, após a cerimônia de abertura dentro do campo. No entanto, nos anos 40, a encenação ocorria segunda, terça e quarta e começava no mesmo horário que acontece hoje, porém não existia a abertura. A mudança dos dias ocorreu com o retorno das cavalhadas, em 1966, quando a apresentação desta foi transferida para o campo novo, após quase uma década sem se apresentar, período esse que coincidia com o surgimento do turismo em Pirenópolis por ocasião do evento folclórico (SILVA, 2001).

No domingo do Divino (PEREIRA, 1983), antes da apresentação, acontece um ritual. Assim, o último soldado de cada grupo, vestido a caráter e montado num cavalo, vai à casa do penúltimo cavaleiro que lhe sucede na fila para buscá-lo. Depois, ambos, ainda liderado pelo derradeiro da fila, vão buscar o antepenúltimo cavaleiro. Cumprem, assim, esse ritual até chegar a vez do seu rei. Com o grupo já formado, tendo a fila agora invertida e liderada pelo rei, todos eles

circulam pela cidade em direção a igreja do Bonfim onde rezam ajoelhados. Em seguida, vão à casa do imperador beijar a coroa do Divino e só daí saem com destino ao campo para a apresentação das cavalhadas, que ocorre após a cerimônia de abertura que tem banda de música, mascarados, grupos folclóricos e porta-bandeiras – aqui há a participação de homens, mulheres, jovens e crianças. Depois disso, o diretor apita autorizando a entrada de cada grupo por seus respectivos lados, isto é, os mouros pelo lado esquerdo e os cristãos pelo lado direito do campo, e se posicionando em frente à torre de seus castelos. Logo, é dado o início à apresentação das cavalhadas. No segundo e terceiro dias esse ritual que antecede a apresentação se repete.

No primeiro dia da apresentação (BRANDÃO, 1974), mouros e cristãos se desafiam verbalmente, se enfrentam e executam as seguintes carreiras: defesa de praça, escaramuça grande, batalhinha, união, torno de parelha, torno de quatro, torno de quatro fios fechados, dez de maio e a embaixada de trégua. Há também a morte do espião mouro disfarçado de onça. No segundo, os dois grupos correm cerca de dez carreiras (guerrilha, castelinho, napoleão, fogo negado, batalhão, castelinho de quatro fios, novata, arcancilha de fogo, arcancilha de lança e prisão). Nesse dia acontece também a rendição dos mouros e a conversão deles à religião dos cristãos através do batismo feito pelo padre. Nesse momento muitas pessoas da assistência se emocionam, pois a religião vitoriosa é a mesma que predomina na cidade. No terceiro e último dia, realizam as carreiras florão, quatro fios de lança, tira cabeça, argolinhas, quatro fios de lenço e despedida. Já em clima de paz e pertencendo à mesma religião, ambos confraternizam com jogos, tais como o tira cabeça e argolinhas. No jogo das argolinhas no terceiro dia, o resultado é inesperado ao contrário dos dois primeiros dias, quando mouros e cristão se enfrentam, no primeiro, e a disputa sempre termina com a vitória dos cristãos sobre os mouros, no segundo.

No jogo das argolinhas os cavaleiros mouros e cristãos, montados em seus cavalos e posicionados lado a lado, formam uma fila que intercala um mouro e um cristão e assim por diante. Começando pelos reis, depois os embaixadores e demais cavaleiros de ambos os grupos, todos eles podem ser visualizados ao lado direito do campo (lado do castelo cristão). Assim, de cada vez, um cavaleiro se posiciona e sai a galope em direção a um arco montado por homens comuns que trabalham no campo, onde está pendurada uma argolinha, de 8 cm de diâmetro e

feita de metal (PEREIRA, 1983, p. 186), e que deve ser retirada com a lança, com o cavalo galopando. Caso o cavaleiro consiga retirar, o diretor apita autorizando a banda de música a tocar uma quadrilha para comemorar. Em seguida essa argolinha é oferecida a alguém da platéia (assistência). A primeira argolinha é oferecida ao imperador, a segunda ao prefeito e a terceira à banda de música Phoenix. A argola seguinte é oferecida a quem o cavaleiro escolher, geralmente alguém da platéia que possui boa condição financeira e que foi avisado com antecedência. Assim, o cavaleiro recebe um prêmio⁸ em troca de sua argolinha. Vence o grupo de cavaleiros que conseguir retirar mais argolinhas – nesse dia o aspecto religioso desaparece (BRANDÃO, 1974). Após a apresentação das cavalhadas (PEREIRA, 1983), os cavaleiros saem do campo pelos respectivos lados de suas torres e percorrem as ruas da cidade em seus cavalos. Assim, cada grupo acompanha seu rei até residência dele, em seguida faz isso com seu embaixador e com demais cavaleiros. Esse ritual que sucede a apresentação é repetido ainda no segundo e terceiro dias. No último dia, porém, após a apresentação, os cavaleiros vão primeiro a igreja do Bonfim para rezar, agradecer com tiros de revólveres. Depois, em fila, vão a casa do imperador para beijar a coroa do Divino pela última vez e só daí cada grupo segue para deixar seus respectivos reis e demais cavaleiros em suas residências, encerrando assim as cavalhadas e, portanto, a Festa do Divino Espírito Santo (ibid.).

Os organizadores diretos e indiretos são: o Imperador ou festeiro, o Prefeito, o Governo Estadual, a Igreja Católica, as empresas, homens (fazem doações, oferecem “farofadas”, montam camarotes, fazem máscaras para os mascarados, etc) e mulheres (fazem doações, costuram, fazem doces, quitandas, preparam os jantares das farofadas, fazem flor de papel crepom, bordam as roupas dos cavaleiros, etc). Já os participantes diretos e indiretos são representados pelos 24 cavaleiros, sendo doze representantes dos mouros, em vermelho, e doze representantes dos cristãos, em azul. Cada grupo possui um rei, um embaixador e dez cavaleiros. Há também o espião mouro, o padre, os mascarados, o caixeiro, o agueiro e os 24 serventes. Esses são homens comuns (trabalham dentro do campo). Tem ainda a banda de música Phoenix, os grupos da abertura (contradança, banda de Couro, banda de música Phoenix, as Pastorinhas, o grupo de Catira, etc) e o diretor das cavalhadas.

⁸Geralmente pregam notas de dinheiro de alto valor nas fitas da lança do cavaleiro em troca da argolinha retirada.

Com relação à assistência, estão presentes o Imperador do Divino, a Banda de música Phoenix, as autoridades (prefeito, governador, diplomatas, deputados, vereadores, etc), os familiares dos cavaleiros, as famílias tradicionais (BRANDÃO, 1974). A assistência que ocupa os camarotes costuma pendurar faixas em suas cabanas com vários dizeres e intenções. Uns saúdam o Divino espírito Santo, os cavaleiros, o imperador, os mascarados, as autoridades e demais pessoas ilustres presentes. Outros fazem propagandas de teor comercial ou político. Há também agradecimentos às autoridades que contribuíram financeiramente para a realização da festa (governador, prefeito, deputados, vereadores, etc), aos órgãos do governo (AGETUR, CELG, SEBRAE/GO, Governo do Estado de Goiás, Prefeitura de Pirenópolis)⁹, instituições financeiras (Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal) estabelecimentos comerciais (Só Pedras, Supermercado São Judas Tadeu). Há também a população local tanto da área urbana como da zona rural (esses assistem as cavalhadas nos camarote, nas arquibancadas ou em pé), os turistas e os vendedores ambulantes, barraquinhas e rancho (surgem e desaparecem junto com as cavalhadas).

2.1.3 As roupas e a revitalização das cavalhadas

As roupas dos cavaleiros eram (SILVA, 2001), a princípio, custeadas por eles próprios e, às vezes, havia ajuda financeira do imperador que ainda custeava também as despesas com o lanche fornecido durante os ensaios e apresentação das cavalhadas. Logo, eram as esposas, filhas e irmãs, ou seja, mulheres da família, ou então, as costureiras da cidade que confeccionavam tais roupas. E assim foi até os anos 1970, quando um cavaleiro que era rei mouro em 1974 resolveu fazer uma mudança. Isso se deve já a influência do turismo sobre as tradições da cidade, pois havia a preocupação com a imagem de Pirenópolis que, por sua vez, estava cada vez mais vinculada às cavalhadas, que vinha se destacando como evento folclórico, atraindo turistas oriundos principalmente de Brasília – a nova Capital Federal – desde os anos 1960. Foi, portanto, nos anos 1970, que ocorreram mudanças nas roupas dos cavaleiros. Antes apenas os reis e os embaixadores de cada grupo é que usavam capa e, além disso, os cristãos vestiam uniformes de soldado e usavam quepe. Assim, os cristãos se destacavam bem menos que os mouros e fugiam do

⁹ Siglas: Agência Goiana de Turismo; Centrais Elétricas de Goiás S.A.; Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Goiás.

estilo medieval. Em 1973, por iniciativa de um cavaleiro que era rei mouro, as roupas dos cristãos e dos mouros foram modificadas, a partir de uma pesquisa feita por ele mesmo, para se tornarem mais luxuosas e mais parecidas com as dos cavaleiros medievais da Europa. Foi também junto ao surgimento espontâneo do turismo na cidade por conta das cavalhadas, que esta passou a ter e a contar com um grupo fixo de cavaleiros, mais seus suplentes, o que gerou um termo de compromisso assinado por eles, sempre no domingo da Ressurreição, último dia da Páscoa, para participarem da festa como cavaleiros (PEREIRA, 1983, p. 161).

Os motivos que levam os homens da cidade a querer participar do ritual são, além da projeção social e do *status* que são inegavelmente proporcionados pelas cavalhadas, a fé, a herança cultural, a oportunidade de estarem com os amigos e o amor pela cidade (BRANDÃO, 1974; PEREIRA, 1983, p. 158; SILVA, 2001). Assim, não há interesse financeiro, já que não ganham nada nesse sentido a não ser o dinheiro dado pelo governo para as roupas. Desse modo, começou a ter concorrência para ser cavaleiro, aspecto esse que gerou normas dentro do grupo de cavaleiros e estabelecidas por eles mesmo. Trata-se de critérios que eles criaram para designar o perfil que um candidato deve ter para se tornar cavaleiro e correr cavalhada. Além de ter um bom cavalo e saber montá-lo, o cavaleiro deveria ainda gostar de correr cavalhada, ter boa vontade para ensaiar, disponibilidade e tempo livre para tal. E, também, saber as carreiras, ter dinheiro para confeccionar as roupas, o chapéu, a lança, comprar o arreio, as armas (espada e duas garruchas com balas de festim), etc. Apesar de tudo isso, são os laços de amizade entre os cavaleiros e os homens da cidade que determinam a escolha final de um candidato para se integrar ao grupo e se tornar cavaleiro. E se caso o cavaleiro escolhido não tiver cavalo e dinheiro para fazer as roupas e afins, muitos fazendeiros costumam emprestar seus cavalos e adereços durante as cavalhadas.

Além disso, o governo estadual vem contribuindo financeiramente desde os anos 1970¹⁰ custeando os gastos com costureiras da cidade para confecção das roupas e acessórios dos cavaleiros democratizando ainda mais a participação nas cavalhadas e mantendo sua realização durante a festa. Em 2005, foi feita uma doação no valor de 100 mil reais aos cavaleiros por parte do governo estadual

¹⁰ Nessa época as políticas culturais do governo federal visavam promover o turismo cultural no país, pois viam no turismo um meio de promover o desenvolvimento social. Daí a GOIASTUR (Superintendência de Turismo de Goiás) começou a patrocinar as roupas dos cavaleiros em Pirenópolis (SILVA, 2001).

(REVISTA *PEOPLE*, [2007]). Essa ajuda financeira ou patrocínio feito, através da AGEPEL (Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira) e AGETUR, às cavalhadas esteve ameaçada em 2007, pois o governador de Goiás, por medidas de contenção de gastos, havia cortado verbas destinadas às atividades culturais no estado (GOIASNET, [2007]). Assim, vários eventos foram afetados, dentre eles as cavalhadas de Pirenópolis, que deixariam de contar com os 100 mil reais, verba essa que foi garantida por um senador goiano (REVISTA *PEOPLE*, [2007]).

Acontecia também de muitas roupas usadas pelos cavaleiros, que desistiam de correr cavalhada, serem jogadas fora. Assim, uma pirenopolina¹¹, que, desde os anos 1970, vinha colecionando essas roupas, criou em sua própria casa o Museu das Cavalhadas onde estão expostas até hoje (SILVA, 2001). Outro aspecto que chama atenção é a criação da “zebra”, em 1976, isto é, uma casa financiada pelos próprios cavaleiros, independente do governo e da Igreja, para abrigar aqueles que moravam fora de Pirenópolis ou em fazendas da região e não tinham local próprio para ficar durante a Festa do Divino, se hospedando em casa de amigos e parentes. Esse local era também espaço de reunião e de confraternização dos cavaleiros. Essa casa que funcionou como sede dos cavaleiros durou apenas 4 anos (PEREIRA, 1983). É costume ainda do imperador fazer o pedido aos cavaleiros para que realizem as cavalhadas. Porém, independentemente do festeiro querer ou não o evento acontece durante a festa porque essa decisão cabe agora aos integrantes do grupo (SILVA, 2001), uma vez que os cavaleiros criaram sua própria associação, se constituindo assim como um grupo autônomo que, além de tratar de assuntos referentes às cavalhadas, pretende estruturar a entidade para prestar assistência filantrópica à comunidade pirenopolina (REVISTA *PEOPLE*, [2007]).

2.1.4 Números das cavalhadas

A realização das cavalhadas durante a festa do Divino, em Pirenópolis, dependia muito da vontade e condição financeira do imperador, sendo que muitos deles optaram em fazer a festa sem o evento, ou então substituindo-o pela apresentação do Batalhão de Carlos Magno ou pelas peças de teatro da época (SILVA, 2001). Outro fato que chama atenção era a falta de pessoas, no caso

¹¹ No final dos anos 80, é criada a *cavahadinha* ou *cavahada mirim* por iniciativa de seu filho que foi cavaleiro por 25 anos. Este evento, que conta com a participação de crianças da cidade, é organizado e dirigido por ele até hoje e acontece no feriado de *Corpus Cristi*, na Vila Matutina, em Pirenópolis (SILVA, 2001, p. 210).

homens disponíveis que quisessem “correr cavalcada” para, assim, compor um grupo constituído para representar os papéis dos 24 cavaleiros e seus respectivos suplentes. Nos anos 1930, o ritual teve que ser recriado, pois havia alguns anos que não acontecia, e quase caindo no esquecimento dos moradores da cidade, que já não sabiam direito como eram as carreiras que os cavaleiros teriam que cumprir no ritual a cavalo. De 1826 até 1958, as cavalcadas aconteciam de forma esporádica durante a Festa do Divino (SILVA, 2001, p. 161). A partir de 1960, o ritual passou a ser freqüente¹² e assim é até os dias atuais, ou seja, sendo apresentada ano após ano, por causa de seu crescente destaque sobre a festa religiosa e por conta do turismo já vigente na cidade. Assim, houve, em Pirenópolis, até 2007, 71 apresentações das cavalcadas e 4 do Batalhão de Carlos Magno¹³, num total de 188 Festas do Divino. Toda a cidade se envolve com o evento, mas na sua organização participam diretamente dela cerca de 100 pessoas trabalhando, segundo o atual diretor das cavalcadas (DIÁRIO DA MANHÃ, [2007]).

2.1.5 Público das cavalcadas e turismo

Antigamente, o público se resumia aos moradores da cidade sem distinção. Mais tarde, no final dos anos 1950 e depois nos anos 1960, época em que o evento mudou para o campo de terra, o público começou a aumentar por causa dos turistas e dos novos moradores¹⁴. Assim, em 1975, houve cerca de 20 mil pessoas presentes no local para assistir ao primeiro dia das cavalcadas (PEREIRA, 1983). Os turistas acampavam em barracas nas praias do Rio das Almas que fica localizado no centro da cidade. Já as autoridades ficavam alojadas em um colégio, porque não havia hotéis e pousadas na cidade (SILVA, 2001). Foi também na década de 1970 que os primeiros hotéis começaram a surgir em Pirenópolis e cuja proliferação se deu na década de 1990, se intensificado a partir de 2000. Apesar da ausência de números, o turismo cultural pode ser considerado, pela ordem em que é citado atualmente em *sites* de turismo da internet, o segundo tipo de turismo que mais atrai turistas a Pirenópolis, perdendo assim, para o ecoturismo, mas estando à frente do turismo esportivo e do turismo rural (PIRENOPOLIS TUR, [2007]).

¹² Em 1970, porém, o imperador optou por não fazer a cavalcada devido ao falecimento de seu irmão durante a Festa do Divino (SILVA, 2001, p. 182).

¹³ Um combate medieval semelhante a cavalcada só que apresentado a pé.

¹⁴ Dentre eles, os alternativos, pessoas da zona rural, brasileiros, etc.

No entanto, é preciso ressaltar que a cidade não fica cheia só de turistas, pois isso ocorre também por causa da folia do Divino que chega a cidade, trazendo consigo pessoas que moram na zona rural do município. Além disso, há pessoas de Goiânia, Anápolis, Jaraguá, etc, e pessoas que possuem familiares e parentes na cidade e sempre visitam Pirenópolis nessa época por ocasião da festa e das cavalhadas. No ano de 2006, as cavalhadas se apresentaram pela primeira vez no “cavalcódromo”, ou seja, o novo espaço da encenação. E o público registrado foi de 25 mil pessoas presentes no domingo (DIÁRIO DA MANHÃ, [2007]). A cidade fica cheia durante a festa, mas no domingo do Divino, primeiro dia das cavalhadas, chega a alcançar um pico de 50 mil pessoas (ibid.). Já na segunda e na terça-feira, o público é bem menor porque muitos turistas já foram embora, uma vez que é dia útil da semana em outras cidades. O “cavalcódromo” foi construído para atrair mais turistas à cidade e, com isso, gerar mais rendimentos ao comércio e ao turismo – hotéis, pousadas e restaurantes, etc. O curioso é que o movimento nos hotéis e pousadas foi considerado normal, com pouca alteração, a véspera dos dias da apresentação das cavalhadas, isto é, domingo, segunda e terça-feira. O motivo de tal fato é alegado por uma recepcionista que trabalha na Pousada dos Pireneus Resort, em entrevista ao jornal Diário da Manhã ([2007]): *_ Aqui é feriado municipal, mas em outros locais e cidades não.* (K. A., 28).

Segundo ela, foram feitas reservas para o dia de encerramento, terça-feira, mas só para passarem o dia (DIÁRIO DA MANHÃ, [2007]). Logo, apesar da influência da atividade do turismo, das intervenções do governo e de empresas sobre as cavalhadas que acabam por transformar o ritual folclórico-religioso em espetáculo, o evento ainda possui sua função de interação, identidade e sociabilidade uma vez que os moradores da cidade ainda participam ativamente. Para Silva (2001), a Festa do Divino e as cavalhadas mudam para manter suas tradições, pois procuram sobreviver e se adequar aos novos contextos, como o turismo, a intervenção do governo, etc. Assim, a festa e as cavalhadas ainda servem como meio para manter a coesão social, uma vez que os pirenopolinos reaprendem suas tradições e reforçam a legitimidade da cultura local ano a ano, cada vez que repetem tais rituais.

As tradições são consideradas rotinas de uma sociedade localizada situada em tempo e espaço definidos, de acordo com Giddens (1991). Trata-se, de uma maneira de organizar práticas e crenças que são repetidas de geração em

geração ao longo dos tempos. Desse modo, os rituais servem para a comunidade dar continuidade às práticas e crenças organizadas no passado e planejar um futuro que coincide com o passado. Ou seja, práticas e crenças antigas são revividas no presente para organizar um futuro que se relaciona com o passado.

2.2 PARA ALÉM DA TRADIÇÃO

2.2.1 A transformação das cavalhadas em espetáculo (“cavalhódromo”)

Primeiramente, segundo Silva (2001), as cavalhadas eram encenadas no largo da Matriz e assim foi até 1958, época em que a Igreja estava enfraquecida politicamente. Nessa época, apenas a população local assistia as cavalhadas. Logo, poucos camarotes eram erguidos pelas próprias famílias em torno do campo de relevo irregular e gramado por capim natural, sendo que muitas pessoas assistiam o ritual em pé ou então levavam bancos e cadeiras. Daí, as cavalhadas deixaram de acontecer por um tempo retornando em 1966, quando passaram para um campo de futebol onde são realizadas até hoje. A mudança do local se deve a disputa entre a Igreja e a prefeitura pela posse do antigo espaço, onde no lugar há atualmente uma praça, a sede do correio e casa paroquial. Isso se deve também ao turismo que era bem recente na cidade e surgira espontaneamente por conta do evento das cavalhadas, uma vez que esta começou a atrair visitantes de Brasília, a nova capital federal, principalmente estudantes universitários e professores. Destaque para o ano de 1966, data em que a Universidade de Brasília resolveu divulgar a Festa do Divino de Pirenópolis, lotando a cidade de visitantes.

O novo campo das cavalhadas também sofreu modificações (SILVA, 2001). Inicialmente era um campo de terra vermelha batida onde em volta deste eram erguidos ainda pelas famílias os camarotes – feitos de madeira, cobertos de palha ou folha de coqueiro e enfeitados na parte frontal por panos de chita coloridos e em estampas diversas – essas cabanas abrigavam as autoridades, banda de música, imperador, familiares dos cavaleiros e demais famílias tradicionais. Uma corda que contornava o campo servia para demarcar o espaço dos cavaleiros isolando-o do público que assistia em pé, nas arquibancadas ou nos camarotes. Com a presença cada vez mais constante de turistas, desde os anos 1960, a prefeitura e o governo estadual passaram a intervir na Festa do Divino e nas cavalhadas principalmente a partir dos anos 1970. Assim, começaram a investir na

estrutura da festa e, a respeito das cavalhadas, construíram benfeitorias no campo para atender aos visitantes tais como a improvisação de banheiros públicos e arquibancadas, fazer limpeza do campo por causa da poeira vermelha e, também, pagar as costureiras das cavalhadas, comprar acessórios da roupa dos cavaleiros, etc.

Curado (1978) revela, no entanto, que a interferência dos poderes públicos (municipal e estadual) nas festas religiosas da cidade, na década de 1970, começou a descaracterizá-las, pois colocavam empresas públicas e privadas para patrocinar os eventos, embargavam os festejos, usava os rituais para fazer marketing político e promover o estado ou, então, transformavam a cultura num produto para ser vendido ao mercado turístico.

No final da década de 1980, esse mesmo campo foi gramado e cercado por alambrados pela prefeitura (SILVA, 2001). Assim, arquibancadas foram montadas e camarotes foram erguidos em torno de todo campo e, apesar de não ter havido um critério estabelecido pelo prefeito, os camarotes foram distribuídos da seguinte forma: um para o imperador, um para as autoridades, um para a banda de música e som, os camarotes dos familiares dos cavaleiros, os camarotes das famílias da elite local, que pertencem a elas por várias gerações, e demais camarotes para a população em geral e turistas. A partir daí os camarotes, que já possuíam endereço certo de acordo com a distribuição, passaram a ser numerados.

Em 2005, as cavalhadas foram encenadas em um campo improvisado que fica ao lado de um asilo próximo à ponte do Rio das Almas, pois seu espaço de atuação estava sendo reestruturado novamente. Assim, já em 2006, ocorreu outra mudança no campo das cavalhadas, uma vez que o governo estadual, através da AGEPEL (Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira) e da AGETOP (Agência Goiana de Transportes e Obra), resolveu construir um “cavalhódromo” no lugar no valor de 7 milhões¹⁵ de reais provenientes do Tesouro do Estado (PERILLO [2007]) para comportar até 22 mil pessoas sentadas (DIÁRIO DA MANHÃ, [2007]). Trata-se de um estádio de múltiplo uso que serviria tanto as cavalhadas quanto a outros eventos culturais e esportivos. Nesse espaço que é o mesmo de antes, foram construídas as duas torres, uma do lado dos Mouros e uma do lado dos Cristãos. Além disso, o espaço foi gramado e recebeu outras benfeitorias como a construção

¹⁵ Segundo a AGETOP o orçamento ficaria em torno de 2 milhões de reais (DIÁRIO DA MANHÃ, [2007]).

de arquibancadas para comportar até 2 mil pessoas, 6 cabines de rádio e TV (PERILLO, [2007]), passarelas de concreto de seis metros de altura para a montagem provisória de camarotes feitos parcialmente de madeira, palha e pano de chita pelas famílias locais (DIÁRIO DA MANHÃ, [2007]). Esses camarotes foram divididos em “especiais”, que comportam 110 pessoas, e os das famílias, com capacidade para 107 pessoas (PERILLO, [2007]). Em 2005, o vice-prefeito teve a pretensão de cobrar ingressos de turistas e, inclusive, da população local que sempre assistiu as cavalhadas de graça (VICE..., 2005).

Segundo Pereira (1983), as cavalhadas foram (e ainda são) apresentadas também em outras datas comemorativas que não a Festa do Divino e em outros lugares do Brasil. As cavalhadas de Pirenópolis já se apresentaram fora da Festa do Divino e fora da cidade: em 1942, como parte da programação da cerimônia do batismo cultural de Goiânia que se tornava a nova capital do Estado de Goiás (SILVA, 2001); em 1973, em Brasília, na cerimônia de troca da bandeira, ocasião em que cada Estado apresentava uma atração típica de sua cultura (PEREIRA, 1983). Nessa época, o Governador de Goiás Leonino Caiado escolheu as cavalhadas para representarem o estado no evento (ibid.). Em 12 de junho de 2005, as cavalhadas foram enviadas para fora do país, apresentando-se, dessa vez, no Castelo de Chantilly, na França, como parte da programação do evento “Ano do Brasil na França”, do Ministério da Cultura/Governo Federal (MinC, [2007]). Na ocasião, Pirenópolis foi declarada “cidade irmã de *Chantilly*” (REVISTA *PEOPLE*, [2007]). Observa-se também que as cavalhadas foram apresentadas como espetáculo em eventos políticos do governo de Goiás.

Em 2001, em Pirenópolis, as cavalhadas se apresentaram fora da época da Festa do Divino para ser exibida em uma novela chamada “Estrela Guia”, da Rede Globo, que estava sendo filmada, em parte, na cidade (BATISTA, 2002). Em 13 de setembro de 2006, estava programada uma apresentação das cavalhadas junto com a banda de música Phoenix no cavalcadouro para um público de 250 pessoas apenas, pois na época estava acontecendo a 65ª reunião plenária do ICAC (*International Cotton Advisory Committee*) em Goiânia e o dia de lazer dos integrantes da reunião seria em Pirenópolis com a apresentação das cavalhadas (REVISTA *PEOPLE*, [2007]).

No carnaval de 1996, os cavaleiros e mascarados foram convidados para desfilarem com suas roupas, mas sem os cavalos, no carro alegórico da escola de samba Viradouro, no Rio de Janeiro (NOVA ERA, 1996).

Cavalhadas no Rio de Janeiro

“Aquarela do Brasil ano 2000”. Para a Marquês de Sapucaí levou a história do país, incluindo um grupo das Cavalhadas de Pirenópolis. Excelente oportunidade para que a platéia e telespectadores conhecessem as mais importantes festas folclóricas do país.

Em 2001, as cavalhadas foram homenageadas pela escola de samba Caprichosos de Pilares, cujo enredo era “Goiás, um sonho de amor no coração do Brasil” (ISMAR, 2007). Em 2007, as cavalhadas de Pirenópolis são homenageadas pela Mocidade Independente de Padre Miguel (ibid.). Além disso, máscaras dos mascarados foram usadas no carnaval de Salvador-Bahia, no trio elétrico da cantora Daniela Mercury, que homenageava a região centro-oeste na ocasião (SARTORI, 2007).

Outra finalidade é o uso do ritual folclórico-religioso para fazer *marketing* para políticos, empresas e para a atividade do turismo (CURADO, 1978). O que chama atenção ainda é o crescente destaque e reconhecimento das cavalhadas por parte do governo, das empresas e da mídia como elemento representante da cultura goiana.

Featherstone (1995) procura em seus estudos deslocar o enfoque da produção para o consumo para a análise da cultura na pós-modernidade. Isso pode servir para compreender os usos sociais das cavalhadas na pós-modernidade, uma vez que o autor procura explicar o papel da religião e da arte junto à sociedade de consumo, já que a cultura tem sido utilizada por diferentes grupos sociais para se distinguirem entre si. Com a modernidade a religião perdeu seu poder de influência sobre a vida social devido ao processo de secularização. Com a perda de seu vínculo com o mundo oferecido e imposto pela religião, a sociedade passou a estar ligada ao mundo social construído e dominado pelo mercado e se tornou individualista. Logo, o espaço vago deixado pela religião foi ocupado pela cultura do consumo, que por sua vez oferece novas formas de felicidade, de prazer, de aura, de vida, de gostos, etc, antes proporcionados pela religião. Desse modo, o lazer, que surge com a conquista do tempo livre pela classe trabalhadora, se torna uma expressão da pós-modernidade, apesar ter origem na modernidade. Isso ocorre porque a primeira é caracterizada pela cultura do consumo, e a segunda, pela

produção que deu origem ao consumismo. Daí, a religião passa a ser substituída pela cultura do consumo representada pelo turismo que apropria e transforma as tradições religiosas em produtos de lazer.

Essa prática organizada, estruturada e praticada por todas as classes sociais¹⁶ após a Segunda Guerra Mundial, utiliza a cultura como insumo para o turismo que, através do *marketing*, cria a necessidade de ter novas experiências, de conhecer culturas exóticas (BINFARÉ, [2005]; ROCHA NETO, 1998). Logo, de acordo com Featherstone (1995), a cultura é transformada em mercadoria pela indústria do lazer para ser consumida pela sociedade na forma de sensações, experiência e prazer, mas sem apresentar o aspecto de uso material que a mercadoria possui. Desse modo, a religião serve para determinar gostos, preferências e estilos de vida já que rituais religiosos tradicionais são transformados em espetáculo pelo turismo através da mercantilização da cultura local. Daí se diz que a cultura do consumo não é ou não pode ser um campo autônomo, no sentido de Bourdieu (1998), pois esta se relaciona com as estruturas sociais, seja reelaborando significados ou desmercantilizando-os. O primeiro efeito é possível porque a cultura do consumo cria novos desejos e necessidades através da mídia, da publicidade e das técnicas, que, por sua vez, conseguem reformular os símbolos e imagens originais da religião e da arte, dando a eles um aspecto renovado e apropriado para o consumo. Já o segundo ocorre quando a mercadoria adquire uma carga simbólica no sentido afetivo, sagrado como é o caso de imagens de santo ou de símbolos patrióticos como a bandeira.

Como Silva (2001) mostrou, o ritual das cavalhadas foi dominado primeiramente pelo campo da religião, depois pelo campo da cultura representado pelas famílias e, apesar de ter adquirido uma autonomia relativa por causa da ação do governo e do turismo, foi consagrado e está vinculado a eles hoje. E que a Festa do Divino e as cavalhadas aderiram às mudanças da sociedade para manter suas tradições e assim sobreviverem a nova realidade social. O turismo provoca mudanças nas tradições e possui maior poder simbólico para legitimar seus interesses. Para se realizar como tal, o turismo precisa se apropriar de uma localidade para dar visibilidade às suas potencialidades – sacralizando lugares, criando ícones (BINFARÉ, [2005]). Daí, comercializa a cultura, provoca mudanças

¹⁶ Segundo Barretto (2003), apesar da democratização do turismo a partir do século XIX, essa prática ainda não é universal, pois o turismo é para quem tem dinheiro.

no comportamento dos moradores locais, uma vez que esses deixam de praticar seus costumes para adotar os do turista (ALMEIDA, 2003, p. 111; LOPES, 1999, p. 2). Assim, as cavalhadas foram apropriadas e sacralizadas primeiro pela Igreja e depois pelas famílias tradicionais. Mais tarde, o ritual folclórico-religioso já apropriado pelo turismo e pelo governo foi transformado por esses em um produto cultural para ser vendido ao mercado e consumido pelos turistas e, assim, gerar lucro aos empresários do turismo. Logo, a religião se acomodou à cultura do consumo ao mesmo tempo em que o consumo passou a sustentar e a manter o aspecto religioso das tradições populares, pois o consagrou como símbolo, poder e mercadoria (Featherstone, 1995).

2.3 ATRATIVOS NATURAIS

A exploração das cachoeiras em Pirenópolis começou em 1992 (SIQUEIRA, 1997). São dezenas de cachoeiras, dentre elas: Santuário das Araras (6 cachoeiras); Cachoeira Meia-Lua; Cachoeira da Usina Velha; Cachoeiras da Fazenda Bonsucesso (6 cachoeiras); Cachoeiras dos Dragões (8 cachoeiras); Cachoeira da Santa; Cachoeira do Coqueiro; Cachoeira dos Pireneus; Cachoeira Garganta do Inferno; Cachoeira Sonrizal; Cachoeiras das Andorinhas (3 cachoeiras); Reserva Ecológica Vargem Grande (2 cachoeiras); Cachoeiras do Abade (2 cachoeiras), etc (AGITAPIRI, 2007).

Atualmente a cidade possui cinco RPPNs: Fazenda Vaga Fogo (1990, ex-comunidade alternativa); Fazenda Arruda (1995); Fazenda Gleba Vargem Grande 1 (1996); Santuário de Vida Silvestre Flor das Águas (2001); Santuário São Gabriel (1998) – todas destinadas a prática do ecoturismo (SIQUEIRA, 2004; SEMARH/GO¹⁷, [2007]) possuindo infraestrutura como lanchonetes, banheiros, trilhas, etc e encontram-se em bom estado de conservação (ANTUNES et al, 2003).

Há ainda o PEP (Parque Estadual dos Pireneus) em fase final de implantação), a Cidade de Pedra, Comunidade Alternativa Frater e a Área de Preservação Ambiental Terra Nostra ex-comunidade alternativa e ex-ONG (Organização Não-Governamental) faz parte da reserva Várzea do Lobo (PIRENÓPOLIS, [2007]).

¹⁷ Secretaria do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos de Goiás.

Foi o ecoturismo que tornou a atividade do turismo regular em Pirenópolis, fato esse que pode ser comprovado com a pesquisa da AGETUR (2003) que procurou saber quais atividades o turista realizou em Pirenópolis. Resultado mostra que a maioria visita a cidade para realizar atividades de lazer relacionadas com a natureza, sendo que o turismo cultural vem em segundo lugar, inclusive no mês de maio/junho que é quando acontecem a Festa do Divino e as cavalhadas.

Tabela 12 - Atividades realizadas pelo turista durante a visita em - Pirenópolis/2003

PIRENÓPOLIS	FINAL DE SEMANA COMUM	SEMANA SANTA	CAVALHADAS	FÉRIAS DE JULHO
Apreciar a natureza	29,46%%	45,84%	25,00%	53,29%
Aprender sobre a região	15,18%	19,14%	22,30%	24,01%
Atividades náuticas	0,89%	1,76%	1,35%	1,97%
Caminhar	43,75%	55,42%	42,57%	53,29%
Esoterismo/misticismo	0,89%	3,78%	2,70%	3,29%
Estudo/ensino/pesquisa	10,71%	0,76%	2,03%	0,99%
Gastronomia	17,86%	--	8,11%	16,78%
Relaxar/descansar	45,54%	63,48%	50,68%	68,42%
Religião	0,00%	--	6,76%	1,32%
Rios/cachoeiras/lagos	43,75%	71,28%	55,41%	57,89%
Visitar cavernas	3,57%	5,29%	1,35%	1,64%
Outra atividade	8,04%	7,30%	8,78%	2,30%
Não respondeu	0,89%	1,51%	7,43%	1,64%
TOTAL	220,53%	275,56%	234,47%	286,83%

Fonte: AGETUR, 2003

Obs.: Esta questão permitia ao entrevistado marcar mais de uma resposta

2.4 ATRATIVOS CULTURAIS¹⁸

- a) Fazendas: Babilônia (1800);
- b) Igrejas: Igreja de Nossa Senhora do Rosário (1728), Igreja de Nossa Senhora do Carmo (1750), Igreja de Nosso Senhor do Bonfim (1754);
- c) Teatro: Theatro de Pirenópolis (1899);
- d) Cinema: Cine-Pireneus (1919);
- e) Casa de Câmara e Cadeia (1919);
- f) Ponte que fica sobre o Rio das Almas (o modelo atual foi construído em 1943);
- g) Casarões, ruas e becos antigos do centro histórico;

¹⁸ Dados consultados em Pirenópolis, ([2007]), Pirenópolis Tur, [2007], Siqueira (1997), Siqueira (2004), Pereira (2003), Batista (2002), Revista *People*, ([2007]).

h) Museus: Museu da Família Pompeu (1962), Museu das Cavalhadas (1992), Museu Lavras de Ouro, Museu Mariano de Pirenópolis, Museu da Babilônia. As igrejas citadas acima funcionam também como museu sacro desde 2005;

i) Artesanato constituído por produtos em cerâmica, metal, madeira de demolição, tecelagem artesanal, máscaras, artesanato mineral, pedra sabão, palha, papel, dentre outros, feitos por artistas pirenolinos e moradores recentes. Há também “industrianato” (artesanato que se iguala ao que é produzido no país), jóias em prata¹⁹, roupas, artigos esotéricos, móveis, etc. Os artesanatos e industrianatos são comercializados em feiras, lojas e na PIRETUR;

j) Culinária regional: doces, biscoitos, quitandas, culinária local (empadão, paçoca de carne, pamonha, etc), licores, cachaça, frutos da região (pequi, catolé, guariroba, jurubeba, baru, caju, figo, etc). Tem ainda bares, restaurantes e lanchonetes que servem comida goiana caseira, italiana, francesa, árabe, japonesa, histórica de tropeiros, vegetariana e natural;

k) Festas religiosas, folclore e eventos culturais;

2.5 EQUIPAMENTOS DO TURISMO: “TRIPÉ” AGÊNCIA/ TRANSPORTE//HOSPEDAGEM

Pirenópolis possui cerca de cinco agências de turismo (SIQUEIRA, 1997), sendo que todas elas possuem guias, duas possuem transporte e uma é especializada em esportes, rapel e tirolesa. A maioria desses equipamentos se localiza no centro histórico, duas no Alto do Bonfim e uma no Alto do Carmo. Tem ainda cerca de dezenas de *sites* na internet especializados ou relacionados à atividade turística de Pirenópolis, sendo que há uma “central de reservas” em um deles, outro na cidade e mais dois pontos de comunicação em Brasília e São Paulo (PIRENÓPOLIS, [2007]).

A rodoviária de Pirenópolis conta com linhas de ônibus com destino a Anápolis, Goiânia e Brasília. E, recentemente, foi construído um aeroporto na antiga pista de pouso. Além disso, há as empresas prestadoras de serviço em transporte de turismo (agências e guias), tais como jipes, vans e ônibus especializados em translados, passeios ecológicos, etc (PIRENOPOLIS TUR, [2007]).

¹⁹ Pirenópolis é conhecida como a “capital da prata” do Brasil (SIQUEIRA, 1997), pois possui cerca de 100 ateliês cuja produção é vendida para Goiás, outros estados e a para o mercado externo (PIRENÓPOLIS, [2007]).

Pirenópolis possui vários tipos de hospedagem (hotéis, *resorts*²⁰, pousadas, *spas*, hotel-fazenda, residências secundárias, residência alugada, *camping*, etc) e restaurantes que servem uma culinária variada servida desde comida caseira, regional (goiana), internacional (italiana, francesa, etc) até vegetariana, natural, além de pizzarias (PIRENÓPOLIS, [2007]; PIRENÓPOLIS TUR, [2007]).

Tabela 13 - Estrutura do turismo

ESTRUTURA DO TURISMO	ESPECIFICIDADE	TOTAL
Agência	--	05
Transporte	3 linha de ônibus intermunicipal 19 moto-táxi 8 táxi 10 transporte de turismo	40
Hospedagem	99 Pousadas 15 Camping 9 Suites 2 Hotel fazenda 1 Aparte-hotel	126
Alimentação	26 Goiana 4 Italiana 1 Francesa 1 Portuguesa 2 Natural 18 Outros	52
Lojas de artesanato	--	20
Atrativos naturais	14 Particular 14 Pagos 8 Não-particular 8 Não-pagos	22
Atrativos culturais	3 Particular 4 Pagos 6 Não-particular 5 Não-pagos	09
Esportes	1 Arvorismo 1 Acqua-ride 1 Bóia-cross 3 Cavalgada 1 Rappel 1 Tirolesa 1 Travessia 2 Bicicleta	11

Fonte: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Pirenópolis, Dados referentes ao ano de 2008

Números obtidos por Batista (2002, p. 86) confirmam a tendência da cidade para o turismo, uma vez que o número de pousadas/hotéis evoluiu de 2, em 1970, para 59, em 2001, e o número de restaurantes aumentou de 4 para 37, no mesmo período, sendo que houve uma proliferação desses estabelecimentos a partir da década de 1990. Já com relação à origem dos proprietários, os números de 2000 revelam que das 52 pousadas, hotéis e *camping's*, 30 pertenciam a nativos e 22 a

²⁰ Trata-se de locais de hospedagem de alto nível (cinco estrelas) dotados de variados equipamentos voltados para a prática do lazer (piscinas, quadras de esporte, campo de *golf*, etc) (CAMPOS; GONÇALVES, 1998).

não-nativos. E dos 47 restaurantes, lanchonetes e afins, 18 pertenciam a moradores nativos contra 29 dos não-nativos. O total desses estabelecimentos empregavam 736 pessoas, sendo 616 nativos e 120 não-nativos.

Outra pesquisa mais recente (GAZONI et al, 2006, p. 11) revela que a maioria dos hotéis e pousadas pertencem a proprietários nativos apesar do número total desses estabelecimentos ter aumentado por causa dos empresários não-nativos, sendo que 67,4% dos proprietários residem no município e 32,6% não moram em Pirenópolis. Essa tendência, porém, se inverte quanto ao setor de alimentação, pois 38,3% dos empreendimentos são de propriedade de nativos e 61,7% de não-nativos, cujo número de empregados nativos é de 408 (83,8%).

Tabela 14 – Instalações e serviços turísticos no território de Pirenópolis

	1997	2001	2005
Hotéis/pousadas	25	46	87
Residências secundárias	434	707	1041
Acampamentos	6	6	13
Restaurantes	24	47	101
Lojas de artesanato	-	34	124
Total	489	840	1366

Fontes: Censo Demográfico Pirenópolis/IBGE, 2005 (apud Gazoni et al, 2006).

No entanto, 51% dos empreendimentos do setor estão há menos de 5 anos no mercado, segundo pesquisa do SEBRAE/GO (2005) que analisou 83 empreendimentos do setor de turismo de Pirenópolis, com foco nos segmentos de hospedagem, serviços de alimentação e receptivos (agências de viagens) no período de 27 de julho a 5 de agosto de 2005. Pirenópolis possui atualmente hotéis/pousadas com capacidade diária de atendimento de 1.622 leitos (pousadas/hotéis/sítio turístico), 1.874 refeições (bares/restaurantes) e 100 atendimentos (ibid.).

É inegável o poder do turismo na geração de empregos em Pirenópolis. No entanto, a grande maioria dos empregados (70%) não possui carteira assinada mas, apesar disso, mais de 70% desse total estão satisfeitos com o emprego (GAZONI et al, 2006), o que comprova a valorização do aspecto econômico do turismo.

Desde então, o turismo tem se apresentado como uma alternativa de sobrevivência aos moradores de baixa renda, apesar da indústria extrativista-mineral de “Pedras de Pirenópolis”, pertencente às famílias tradicionais e a prefeitura, representar a principal fonte de renda da cidade e de oferecer vínculo empregatício.

2.6 A REGULARIDADE DA ATIVIDADE TURÍSTICA: O CARNAVAL E O CANTO DA PRIMAVERA

a) O clima de Pirenópolis é o sub-tropical úmido, caracterizado por duas estações bem definidas, ou seja, uma chuvosa (de outubro a março) e uma seca (de abril a setembro). Logo o período da seca é também a época em que Pirenópolis mais recebe visitantes, pois é quando ocorre a maioria e os mais importantes eventos na cidade. As festas da cidade e a dos povoados são de caráter folclórico-religioso e seguem a programação católica. Assim, acontecem todos os anos (PIRENÓPOLIS, [2007]; SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA DE PIRENÓPOLIS, 2008):

b) No mês de janeiro: a Folia de Reis, sempre no dia 1º, no povoado de Radiolândia. E, no dia 19, Festa de São Sebastião nos povoados de Capela, Goianópolis e Bom Jesus e, também, na cidade;

c) No mês de fevereiro/março: carnaval com o bloco “Urgente reciclar” desde 1997 pela ONG COEPI (Comunidade Educacional de Pirenópolis) e o “Carnaval de Marchinhas da rua Direita”, criado em 2006 pelo grupo RENASCER;

d) No mês de março/abril: a Semana Santa na cidade com Procissão de Nossa Senhora das Dores, Procissão do Senhor Morto, Procissão da Ressurreição e missa, banda etc e encenação da Paixão de Cristo;

e) No mês de maio/junho acontece a Festa do Divino, com Folia do Divino, Cavalhadas, Mascarados, Procissões, Teatro, Congada, Queima de Fogos, Reinados e Juizados - festa móvel, 50 dias após o Domingo de Páscoa. Procissão de *Corpus Christi* e encenação da cavalhadinha no feriado. Festival de Carro de Boi também durante o feriado de *Corpus Christi*, no povoado de Radiolândia. E Festa em Louvor a Nossa Senhora Aparecida, na Capela Nossa Senhora Aparecida, localizada numa fazenda da zona rural.

f) No mês de junho/julho: Festa de Nossa Senhora Aparecida e São Judas Tadeu no povoado de Jaranópolis, com leilões, barraquinhas, mastro,

procissão, missas, ranchão, parque de diversões etc. Festa de Nossa Senhora Santana no povoado da Capela com novenas, procissões, queima de fogos, mastro, fogueira acampamentos etc. Festa do Divino Pai Eterno, de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito (Festa do Doce) no povoado de Lagolândia, com missas, barraquinha, mastro, fogueira, queima de fogos, ranchão, torneios esportivos, reinados, leilões, banquetes de doces, acampamentos etc. Tradicional Festa dos Carreiros e Festa do Divino Pai Eterno no povoado de Caxambu, com leilões, procissões, ranchão, barraquinhas, torneios esportivos, carreata de carros de bois, etc. Festa de Santo Antonio e São Geraldo no povoado de Santo Antonio, com missas, procissões, leilões, queima de fogos, mastro, fogueira, torneio de futebol etc. Festa da Santíssima Trindade (Festa do Morro) na Serra dos Pireneus (lua cheia), com romaria, missas, queima de fogos, acampamento etc;

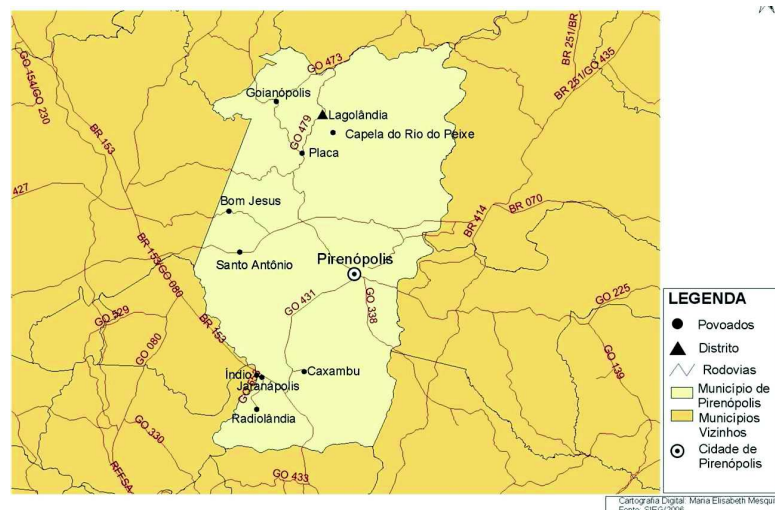
g) No mês de agosto: Festa da Placa, com missas, fogueira, leilões, mastro, barraquinhas, ranchão e Festa em Louvor á São José, Nossa S^a Aparecida e São Vicente de Paula, no povoado da Placa. Festa do Senhor Bom Jesus, dia 6, no povoado de Bom Jesus, com missas, procissões, fogueiras, queima de fogos, leilões, mastro, barraquinhas etc;

h) No mês de setembro: Festa de Nosso Senhor do Bonfim na cidade, com novenas, leilões e comidas típicas;

i) No mês de outubro: Aniversário de Pirenópolis, no dia 7 de outubro, dia de Nossa Senhora do Rosário, na cidade, com desfiles escolares e militares, banda de música, etc; Festa de São Judas Tadeu na cidade com missa, procissões, queima de fogos, leilões.

j) No mês de dezembro: Festa de Nossa Senhora da Conceição, dia 8, no povoado Lagolândia.

Ilustração 1 – Mapa dos povoados e distrito de Pirenópolis



Fonte: Observatório Geográfico de Goiás, [2007]

Somando-se às festas populares, há ainda o reveillon, o carnaval (fevereiro/março) e feriados diversos e também eventos criados recentemente, como:

a) O Canto da Primavera, projeto criado em 2000 pela AGEPEL, ocorre por volta de setembro, com oficinas de música e shows (de cantores e bandas de renome no cenário nacional) em vários locais da cidade como o teatro, cinema, Rua do Lazer, próximo ao Rio das Almas;

b) O Festival de Inverno que aconteceu em julho de 2002 e que retornou em julho de 2008, por iniciativa do Conselho Municipal de Turismo – COMTUR, Secretaria de Cultura e Turismo, do *Pirenópolis Convention & Visitors Bureau*, do *resort* Interpireneus, do Instituto Pireneus, dentre outros. Nas primeiras edições houve apresentação de músicos eruditos em vários locais da cidade, como igrejas, coreto da praça e teatro. Atualmente, o evento ;

c) O Festival de Gastronomia, com o apoio da AGETUR (AGITAPIRI, [2007]) e sem data fixa, acontece desde 2004 nos restaurantes da Rua do Rosário conhecida como “Rua do Lazer”, com pratos da culinária regional;

d) Encontro Internacional de Fotografia, que ocorre no mês de agosto desde 2007 por iniciativa do Instituto Pireneus, UEG, Prefeitura, do *Pirenópolis Convention & Visitors Bureau* (PCVP), dentre outros ;

e) Exposição Agropecuária Rodeio-Show também em agosto e a partir de 2008.

Mas o fluxo de turistas tende a se intensificar em Pirenópolis também na baixa temporada, uma vez que, foi fundado em agosto de 2007 na cidade o PCVP. Trata-se de uma entidade cuja finalidade é a captação de convenções, eventos e visitantes para Pirenópolis (PIRENÓPOLIS, [2007]).

Quanto à estadia na cidade, dados do SEBRAE/GO de 2005 (SEBRAE/GO, 2005) revelam que na alta temporada, que compreende os finais de semana, feriados e meses de janeiro, fevereiro, julho e dezembro, os turistas permanecem de 1 a 3 dias, em 71% dos estabelecimentos. Já na baixa temporada, que se dá no meio da semana nos meses de junho, agosto e novembro, 72% dos turistas permanecem apenas 1 dia. Sendo que o tempo médio de permanência do turista em Pirenópolis é de 1 a 2 dias.

Tabela 15 – Atividades desenvolvidas pelas empresas do turismo

Empresa	Atividade desenvolvida
Pousada	68%
Bar/restaurante	22%
Agência	5%
Hotel	2%
Pousada/ restaurante	2%
Sítio turístico	1%

Fonte: Pesquisa SEBRAE, 2005

Tabela 16 – Números de pessoas ocupadas nos estabelecimentos

Período	Numero de pessoas ocupadas
Alta temporada	565
Baixa temporada	447

Fonte: Ibid.

Tabela 17 – Faturamento bruto das empresas em 2004

R \$	PORCENTAGEM
Até 20 mil	50%
Mais de 20 a 35 mil	12%
Mais de 35 a 60 mil	12%
Mais de 60 mil a 100 mil	12%
Mais de 100 mil a 165 mil	10%
300 mil	2%
600 mil	2%

Fonte: Ibid.

Base: 41 empresas que informaram o faturamento

Tabela 18 - Rendimento dos estabelecimentos por temporada 2005

PERÍODOS-NEGÓCIOS	PORCENTAGEM
Carnaval	32%
Semana Santa	20%
Cavalhadas	6%
Férias	22%
Canto da Primavera	12%
Festival Gastronômico	8%

Fonte: AGETUR, 2005

Como se observa, vários eventos foram acrescentados pelos agentes/ associações ao calendário festivo de Pirenópolis e novos atrativos culturais foram criados como, por exemplo, a Casa de Câmara e Cadeia que virou museu recentemente, numa tentativa de estruturar o turismo cultural para que essa atividade se torne regular na cidade, ou seja, atraia o turista durante o ano todo para suprir a baixa temporada.

Tabela 19 – Capacidade de atendimento dos estabelecimentos do turismo

DESCRIÇÃO	NÚMERO
Número de leitos	1.622
Número de refeições	1.874
Número de pessoas atendidas	100

Fonte: Pesquisa SEBRAE, 2005

Tabela 20 – Tempo de permanência do turista

Tempo de permanência do turista	(%)		
	Maneira geral	Alta temporada	Baixa temporada
Apenas 1 dia	34	7	72
Até 2 dias	56	26	28
Até 3 dias	10	38	--
Até 4 dias	16	--	--
Até 5 dias	10	--	--
Acima de 5 dias	3	--	--

Fonte: Ibid.

Base: 61 hotéis/pousadas/sítio turístico

3. O TURISMO EM PIRENÓPOLIS: A ESTRUTURAÇÃO DO CAMPO

3.1 POLÍTICAS DE TURISMO: *TRADE*, MEIO AMBIENTE, SOCIEDADE E CULTURA

Com a industrialização do Brasil nos anos 1930, a sociedade se tornou mais urbana do que rural segundo Rocha Neto (1998). Desse modo, o Estado começou a atuar no planejamento das cidades por causa de seu acelerado crescimento populacional, processo que resultou na segregação espacial entre ricos e pobres, principalmente nas cidades litorâneas. Assim, os bairros nobres localizados próximos às belas paisagens naturais passam a receber uma maior atenção por parte das políticas do governo, uma vez que o turismo se instala e desenvolve. Surge, portanto, um turismo financiado pelo Estado, pois este fornece infra-estrutura e serviços aos empresários do turismo. Daí, o imposto pago pela coletividade é investido em áreas com potencialidades turísticas com o intuito de valorizá-las, sendo que a população local não tem acesso a esses lugares. Com isso, megaprojetos hoteleiros como os *resorts* começaram a se instalar primeiramente nas grandes e, em seguida, nas pequenas cidades. Com relação a essas últimas, esses *resorts*, além de ser incompatível com a realidade local, não se integram a ela, pois as excluem através do processo especulativo que é gerado.

Para se desenvolver, o turismo precisa se apropriar da natureza e da cultura de uma localidade, pois esses funcionam como insumos para a atividade turística explorar, investir e vender através do *marketing* (BINFARÉ, [2005]). Desse modo, o turismo surgiu em Pirenópolis explorando primeiramente a cultura imaterial, e isso se deve exclusivamente à apresentação das cavalhadas (BARBOSA, 1992, p.71), como foi analisado anteriormente.

De acordo com Batista (2002) e Silva (2001), as primeiras políticas públicas de turismo de Pirenópolis foram criadas na época da ditadura em meados dos anos 1960. Desse modo, tais políticas eram centralizadoras e com ausência de representatividade, visando apenas a ampliação e a melhoria da infra-estrutura hoteleira. Em 1972, surge a EMBRATUR (Empresa Brasileira de Turismo), um instituto responsável em planejar o turismo. No entanto, os Planos Urbanístico/Turísticos dessa época revelam, segundo Rocha Neto (1998), que as políticas de turismo, além de isoladas e descoordenadas, não tinham conhecimento científico sobre a realidade das localidades turísticas, se preocupando apenas em

explorar e organizar comercialmente os espaços destinados ao lazer, o que exigia a produção de equipamentos e serviços coletivos. Nesse mesmo ano foi criada a GOIASTUR (Superintendência de Turismo de Goiás), uma empresa de turismo para o estado de Goiás, que desde então, se envolveu na organização da Festa do Divino e das cavalhadas patrocinando-as (SILVA, 2001 p.155).

De acordo com Silva (2001), a prefeitura local começou a investir no turismo da cidade naquela época com o intuito de aumentar a renda municipal e atrair indústrias para a região. Assim, investia em infra-estrutura, oferecia isenções aos empresários e até aprovou a aquisição de um terreno para a construção de um hotel municipal em 1968. Observa-se, aqui, a preocupação da prefeitura local em promover o turismo cultural já que a imagem externa de Pirenópolis estava cada vez mais associada às cavalhadas. Na década de 1970, os investimentos públicos da prefeitura se tornaram mais explícitos, pois passou a investir também na parte folclórica da Festa do Divino. Assim, a verba destinada aos serviços urbanos era revertida para a promoção do turismo na cidade (ibid.). Ainda nessa década, é criada a PIRETUR pela prefeitura.

Já a GOIASTUR passou a investir nas cavalhadas a partir de 1973. Essa empresa do Governo de Goiás tinha como metas, de acordo com seu estatuto, substituir ou complementar a iniciativa privada. Havia, portanto, a preocupação em articular o patrimônio cultural, isto é, o histórico (monumentos) e o folclore aos atrativos naturais para o turismo. Ou melhor, patrimônio natural e patrimônio cultural (material e imaterial) com o mercado.

Nota-se nesse período o processo de consagração das cavalhadas pelo poder público local como símbolo da identidade pirenopolina e base da propaganda para o turismo cultural, e também, pela GOIASTUR. Essa foi a tendência das políticas públicas municipal e estadual até a atual década.

Nos anos 90, ocorreram algumas mudanças na política internacional do turismo que refletiram na esfera nacional (MENDONÇA, 2003). Por um lado, surgiu a idéia de desenvolvimento sustentável, conceito que passa a ser aplicado ao planejamento do turismo enquanto atividade econômica e, por outro, houve a descentralização das políticas que propiciaram a transferência de decisões e responsabilidades para a esfera municipal.

O desenvolvimento sustentável tem sua origem na Agenda 21 Global, trata-se de um plano de ação para ser adotado global, nacional e localmente, por

organizações do sistema da ONU (Organização das Nações Unidas), por governos (200 países) e pela sociedade civil, em todas as áreas em que a ação humana impacta o meio ambiente. Assim, um acordo foi firmado durante a realização a CNUMAD (Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento), no Rio de Janeiro, em 1992, também conhecida como ECO-92, cujo intuito era propor um novo paradigma de desenvolvimento, combinando sustentabilidade ambiental, social e econômica (PELLEGRINI FILHO, 1993). Ou seja, o desenvolvimento sustentável se limitava ao uso responsável da natureza para promover o crescimento econômico e o desenvolvimento social, conceito esse que foi incorporado ao turismo pela OMT/ONU (Organização Mundial de Turismo/Organização das Nações Unidas), o que gerou o turismo sustentável, que se aplica ao ecoturismo e ao turismo de natureza (ecológico), uma vez que são realizados em áreas verdes (montanha, *trekking*, *rafting*, aventura) (PELLEGRINI; TULIK apud BARRETTO, 1997 p.119). A OMT passa, então, a adotar o conceito de turismo sustentável em seu “Código Mundial de Ética do Turismo” (OMT, 1999) a partir de 1999. Isso fica claro, por exemplo, no primeiro artigo do item 3 desse código, cujo título é “O turismo, fator de desenvolvimento sustentável”:

É dever de todos os agentes envolvidos no desenvolvimento turístico, salvaguardar o ambiente e os recursos naturais, na perspectiva de um crescimento econômico sadio, contínuo e sustentável, capaz de satisfazer equitativamente as necessidades e as aspirações das gerações presentes e futuras.

Ainda em 1996, dois programas foram criados no âmbito nacional (MENDONÇA, 2002), o “Programa de Municipalização do Turismo” e as “Diretrizes para a Política Nacional de Ecoturismo”. O primeiro propunha conscientizar a população de que o turismo pode gerar benefícios econômicos, sociais e ambientais à localidade se houver planejamento e gerenciamento da atividade através da articulação das esferas regional, nacional e internacional. Já o outro programa, elaborado pela EMBRATUR com a participação do MMA, tinha por objetivos promover a educação ambiental e também propor o uso sustentável do meio ambiente pelo turismo, buscando atingir o equilíbrio entre a exploração e a manutenção do meio ambiente, numa perspectiva conservacionista²¹. Para isso

²¹ O conceito “conservar” é também aplicado ao patrimônio cultural e implica na necessidade de integrar patrimônio histórico no dinamismo do processo cultural. Daí, corre-se o risco de o patrimônio perder sua aura,

seriam necessárias tanto a cooperação interinstitucional, como a participação dos segmentos atuantes do turismo. Com o surgimento do CBTS (Conselho Brasileiro de Turismo Sustentável), em 2002, a sustentabilidade passa a ser aplicada também ao patrimônio cultural e não só ao meio ambiente como anteriormente. Essa definição contempla o significado utilizado pelo IPHAN ([2007]) que diz:

O patrimônio cultural não se restringe apenas a imóveis oficiais isolados, igrejas ou palácios, mas na sua concepção contemporânea se estende a imóveis particulares, trechos urbanos e até ambientes naturais de importância paisagística, passando por imagens, mobiliário, utensílios e outros bens móveis. O patrimônio.

O patrimônio material protegido pelo IPHAN é composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza nos quatro Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. Eles estão divididos em bens imóveis como os núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; e móveis como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos.

A Unesco define como Patrimônio Cultural Imaterial as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas e também os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados e as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos que se reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. O Patrimônio Imaterial é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

Em 2000, a GOIASTUR foi substituída pela AGETUR, mas o conceito de turismo sustentável só foi adotado em 2002, época em que foi lançado, em parceria com o SEBRAE/GO, o “Programa Caminhos de Goiás” que dividia o estado de Goiás em quatro regiões turísticas de acordo com seus atrativos. Assim surgiram as regiões do Caminho do Sol, do Caminho das Águas, do Caminho do Ouro e do Caminho da Biosfera (ECONOMIA & DESENVOLVIMENTO, 2006). E dois anos depois, em 2004, o MTur (Ministério do Turismo) lança o Programa de Regionalização do Turismo-Roteiros do Brasil que serviu para redefinir as regiões turísticas de Goiás que de quatro passaram para nove, segundo a aplicação do conceito de regionalização que se baseia na divisão do espaço geográfico com características e potencialidades similares e complementares capazes de serem articuladas e trabalhadas de forma integrada.

pois prédios com valor histórico, por exemplo, passam a ser reutilizados pelas empresas privadas como estabelecimentos comerciais (lojas, etc). “Preservar” significa mantê-lo intocado e estático, tornando-o sem utilidade social, sem viabilidade financeira, além de onerar o Estado (BARRETTO, 2000).

Tabela 21 – Regionalização das áreas turísticas de Goiás

Regiões turísticas	Número de municípios
Região Agro-Ecológica	18
Região do Vale do Araguaia	22
Região do Vale da Serra da Mesa	41
Região da Reserva da Biosfera Goyaz	28
Região dos Engenhos	16
Região das Águas	41
Região Nascentes do Oeste	36
Região do Ouro	19
Região dos Negócios	26
Total de municípios	246

Fonte: Economia & Desenvolvimento (2006)

Dessas nove regiões, cinco foram identificadas como regiões turísticas prioritárias, pois já possuíam produtos turísticos estruturados, necessitando desse modo apenas de promoção e apoio à comercialização. Assim, fazem parte dessa categoria as regiões: das Águas, dos Negócios, do Ouro, da Reserva da Biosfera Goyaz e do Vale do Araguaia. Daí, surgiram termos de cooperação técnica com as instituições de ensino superior para apoiar ações de gestão coordenada, planejamento participativo e promoção e comercialização para tais regiões.

Pirenópolis está inserida na “Região do Ouro” junto com outros municípios goianos, como Abadiânia, Alexânia, Cidade de Goiás, Cocalzinho de Goiás, Corumbá de Goiás, Jaraguá, Olhos D’Água e Vila Propício, e possui, como atrativos, o patrimônio histórico, as manifestações religiosas, o folclore, o ecoturismo, etc (AGETUR [2007]). Desde então, a AGETUR vem atuando ativamente em Pirenópolis, seja apoiando (o Canto da Primavera, em 2000; o desfile da Escola de Samba Caprichosos de Pilares, em 2001, no Rio de Janeiro, cujo tema foi o Estado de Goiás; a novela “Estrela Guia” da Rede Globo que teve locações no município também em 2001; as cavalhadas), criando projetos (Festival Gastronômico de Pirenópolis, em 2003), realizando pesquisas (sobre o comportamento do turista em Goiás), participando de feiras internacionais (levou as Cavalhadas para se apresentar na França, em 2005 no evento “Ano do Brasil na França”), realizando o carnaval, divulgando os destinos turísticos, promovendo uma maior regularização do setor turístico (com o aumento dos cadastramentos das agências de viagem, meios de hospedagem, transportadoras turísticas e organizadoras de eventos), etc (ECONOMIA & DESENVOLVIMENTO, 2006). A AGETUR também faz parcerias

com a AGEPEL, com o SEBRAE/GO, UEG (Universidade Estadual de Goiás) e com a Prefeitura de Pirenópolis (SEBRAE/GO, 2005).

A AGEPEL foi criada em 1999 e, desde então, vem elaborando, desenvolvendo e apoiando projetos culturais em Pirenópolis. Dentre eles, os lançamentos da Coleção Tônico do Padre (homenagem ao compositor pirenopolino Antônio da Costa Nascimento) e do CD-ROM de todos os números do Matutina Meya-Pontense (primeiro jornal de Goiás), a criação do Mostra Nacional de Música de Pirenópolis-Canto da Primavera (2000) e de unidades culturais, como o Teatro de Pirenópolis que foi restaurado pela AGEPEL, IPHAN e SOAP (Sociedade dos Amigos de Pirenópolis), em 1999 e, a partir daí, promoveu no local vários recitais, espetáculos, shows, convenções partidárias do Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB, reuniões, palestras etc (AGEPEL, [2007]).

O SEBRAE/GO vem atuando no melhoramento e expansão do *trade* do turismo de Pirenópolis e da qualificação profissional dos prestadores de serviço desde 2000 em parceria com a AGETUR. Já a UEG, cuja extensão de Pirenópolis foi criada em 1999, oferece dois cursos superiores, isto é, o de Gastronomia e o de Turismo, e ainda, promove o Festival de Gastronomia junto com a AGETUR (SEBRAE/GO, 2005).

Drago (2003, p. 122), por um lado, afirma que o turismo praticado em Pirenópolis em 2003 ainda era desordenado e aleatório, devido à inexistência de uma política municipal e por causa da não cobrança de impostos dos proprietários – sendo que muitos não possuem vínculos com o local – dos diversos estabelecimentos comerciais criados para atender a demanda turística. Assim, os lucros obtidos com o turismo não são revertidos em melhorias para a cidade (ibid.). Batista (2002), por outro lado, deixa evidente que a maioria das políticas que beneficiam a cidade vieram dos poderes estadual e nacional, sendo que a prefeitura municipal agia apenas de forma indireta e que muitos programas e leis não haviam sido aplicados na íntegra.

Com a descentralização dos programas de política, os estados e municípios passaram, a partir de 1996, a ter autonomia para criar organismos oficiais de turismo em seus territórios e também normas para a política turística através de secretarias, diretorias, departamentos e empresas estaduais e/ou municipais (BATISTA, 2002). Assim, vários órgãos como a Secretaria Municipal de Cultura e

Turismo, o CAT (Centro de Atendimento ao Turista) e o posto do IPHAN, dentre outros, foram criados em Pirenópolis.

No âmbito municipal, houve a criação do COMTUR (Conselho Municipal de Turismo) em 1997, propondo-se a “orientar, promover e emitir suas gestões para o desenvolvimento do turismo no município de Pirenópolis”, sendo que tal conselho seria composto, de acordo com o artigo 2, “por 11 (onze) membros, nomeados pelo Prefeito após indicação dos representantes das entidades constituídas”. Esse artigo foi alterado em 2004. Assim, o COMTUR passa a ser “composto por 5 (cinco) representantes de órgãos públicos e 06 (seis), todos com suplentes, de entidades afins, representativas da sociedade”. Mas o COMTUR só passou a atuar em abril 2006, quando foi homologado, dando validade ao artigo 2. Desse modo, as vagas do conselho destinadas a representantes de órgãos públicos são preenchidas pela AGEPEL, IPHAN, Secretaria Municipal de Turismo, Secretaria Municipal de Agricultura e a UEG. Já as demais vagas são distribuídas para representantes de organizações não-governamentais, tais como a AGERP (Associação de Geração de Emprego e Renda de Pirenópolis), COEPI (Comunidade Educacional de Pirenópolis), Grupo Renascer, ACVP (Associação dos Condutores de Visitantes de Pirenópolis) e Associação Rádio Jornal Meia-Ponte (PIRENÓPOLIS [2007]).

Ainda em 2006, houve outra alteração do artigo 2 que, por sua vez, definia que “o conselho terá 11 (onze) membros, 5 (cinco) do Governo Municipal e 6 (seis) do setor turístico, pessoas físicas ou jurídicas”. Desse modo, a Secretaria de Cultura e Turismo, Secretaria de Agricultura e Proteção ao Meio Ambiente, UEG, AGEPEL e IPHAN compõem as vagas do governo, sendo que as demais foram distribuídas entre os representantes do *trade* turístico, ou seja, setor de hotéis, pousadas e similares, ACVP, proprietários de restaurantes, bares, lanchonetes e similares, proprietários de atrativos turísticos, proprietários de agências de turismo e receptivos e, por último, os artesãos e lojistas. Em junho de 2007 houve então a aprovação da “Lei de Alteração do COMTUR” pela prefeitura que permite uma “maior participação do setor turístico”. Atualmente as “Ações do COMTUR” estão sendo realizadas com a coordenação da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo e com as parcerias da: ACISAP (Associação Comercial, Industrial, Serviços e Agropecuária de Pirenópolis), ACVP, AGETUR, ONGs, SEBRAE/GO, CNTur (Confederação Nacional de Turismo), SENAC (Serviço Nacional do Comércio),

Trade (setor turístico local), UDEP (Unidade Descentralizada de Ensino Profissionalizante) (ibid.).

Com a nova política nacional de turismo, os *Convention Bureau* terão uma prioridade no repasse de verbas federais (PIRENÓPOLIS, [2007]). Na composição da estrutura de tal associação estão presentes os maiores e mais importantes empresários do ramo turístico, da hotelaria, da alimentação, do comércio, atrativos, artesanato e do segmento de pedra. Assim, tem-se a Diretoria Provisória composta por um presidente e quatro vice-presidentes (administrativo e financeiro, captação e projetos, comunicação e marketing, eventos e feiras, e o institucional); e o Conselho Deliberativo que é composto por três representantes dos meios de hospedagem, três dos bares, restaurantes e similares, três do comércio e indústria, dois dos atrativos, um das agências de viagens, um do transporte em turismo, um do governo municipal e um do poder legislativo municipal.

Uma pesquisa do SEBRAE (2005) revela que está havendo o estabelecimento de parcerias entre os empresários do turismo de Pirenópolis, ainda que seja uma minoria de 20%. Nota-se, portanto, que os empresários do turismo estão se organizando para estruturar o *trade* em Pirenópolis, contando ainda com o interesse e parcerias de outros setores da economia (agricultura, indústria, comércio e serviço), já que supermercados, postos de gasolina, farmácias, *lanhouses*, dentre outros estabelecimentos comerciais, que não são voltados exclusivamente para os turistas, tendem a desfrutar dos benefícios do turismo indiretamente. Nesse sentido, ações governamentais no âmbito nacional, estadual e, recentemente, municipal vêm criando e desenvolvendo políticas públicas de turismo. Assim, o turismo praticado em Pirenópolis está se organizando para deixar de ser amador, espontâneo e aleatório devido a importância que a atividade vem assumindo na cidade.

3.2 PATRIMÔNIO HISTÓRICO

A Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário (1728) foi o primeiro bem material de Pirenópolis a ser tombado pelo IPHAN, de acordo com Silva (2001). Os primeiros reparos, reformas e restauros na igreja eram feitos pelos próprios padres e pela Irmandade do Santíssimo Sacramento, criada em 1734, tarefa assumida pelo IPHAN, a partir de 1941, através de intervenções de políticas públicas de preservação do patrimônio cultural, durante o mandato do presidente Getúlio. Com sua ideologia nacionalista este governo tinha uma ideologia nacionalista, aspecto

esse que refletiu diretamente nas políticas culturais, pois Vargas pretendia inventar uma identidade para o Brasil (TAMASO, 2002). Assim, 1937 se torna a data oficial do surgimento das primeiras políticas de preservação do patrimônio em nível nacional, cuja tarefa era reunir passado, tradição e história para construir uma nacionalidade para o país. Nesse sentido, o SPHAN (Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) procurou fazer um levantamento de bens históricos e artísticos que seriam escolhidos como representantes da cultura nacional e, a partir daí, passariam a ser preservados pelas políticas públicas nacionais (SILVA, 2001).

O governo varguista (TAMASO, 2002) pretendia também “disciplinar” o povo brasileiro no sentido de impor regras, já que políticas de preservação do patrimônio envolvem o exercício da cidadania na proteção dos bens históricos e artísticos. A partir daí vários prédios, lugares e cidades com valores históricos, artísticos ou culturais passaram a ser tombados, isto é, passaram a ser apropriados e reconhecidos pelo governo federal como patrimônio da coletividade. Assim, se um bem particular possui algum valor que sirva para identificar a nação ele é transformado em patrimônio público pelo governo, sendo que a propriedade privada é defendida e protegida pelas leis do Estado moderno.

De acordo com Tamaso (2002), a questão do direito envolve também a cultura, pois o patrimônio passou a adquirir um valor cultural, além dos valores histórico e artístico. Isso se deve, segundo a autora, ao desenvolvimento da antropologia no final do século XIX, que, por sua vez, passou a reconhecer outros valores culturais através do relativismo, o que resultou na inclusão da cultura nas políticas públicas preservacionistas. Assim, os direitos culturais que também são direitos humanos se tornam os fundamentos de uma nova forma de legitimar as políticas de preservação que acabam revelando antagonismos sociais no que diz respeito, por exemplo, ao direito que protege a propriedade privada ou então a luta entre diferentes esferas pelo reconhecimento e consagração de bens culturais a serem preservados.

Segundo Silva (2001), o processo de patrimonialização em Pirenópolis começou nos anos 1940 e foi até o fim da década 1980. Em 1941 (MATRIZ DE PIRENÓPOLIS, [2007]) a cidade foi considerada monumento nacional através do tombamento da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, que serviu para incluí-la no patrimônio histórico e artístico nacional. Com isso, a Matriz deixa de ser patrimônio da Igreja para se tornar um patrimônio público e, portanto, ficar sob o

domínio do Estado. Em 1941, a Matriz foi tombada e alguns anos depois, em 1947, recebeu o título de monumento nacional por ser o mais antigo templo católico do estado de Goiás em funcionamento desde a época do ouro (IPHAN, 2007; SILVA, 2001 p. 135).

O patrimônio passou, então, a ser uma questão importante já que a reforma da Matriz envolvia questões como a renda e os bens da própria Igreja. Logo, o processo de romanização²² da Igreja foi um dos fatores que influenciaram o tombamento da Matriz. Em 1947, a Matriz foi reformada pelo SPHAN, mas recebeu inúmeras críticas dos padres que consideravam a política de tombamento contraditória, pois a reforma na realidade se tratava apenas de alguns reparos para que o patrimônio pudesse continuar existindo, já que o investimento não era suficiente. Segundo essas, em poucos anos, o prédio já se encontrava em estado deplorável. Esse episódio representa a primeira manifestação de conflito entre o poder político e o poder religioso, já que a Matriz não era mais patrimônio privado e sim público, e os padres sentiram isso como uma ameaça ao seu poder. Nessa época, os padres reclamavam da falta de conhecimento das tradições dos técnicos do SPHAN ao se referirem à mudança de lugar das imagens antigas e novas (SILVA, 2001).

Nos anos 1960 muitos foram os conflitos envolvendo o patrimônio da Igreja e as políticas de preservação. Um fato de tensão diz respeito ao largo da Matriz que foi e ainda é alvo de disputas entre o poder religioso por um lado, e o poder político em seus vários níveis, por outro. O largo da Matriz é um espaço que fica atrás da igreja e que durante muito tempo serviu como espaço de interação para os pirenopolinos, uma vez que era ali que os moradores se reuniam por ocasião das quermesses e leilões e onde eram montadas as barraquinhas de festas religiosas. Fora ali também que tinha acontecido, por muitos anos, a apresentação das cavalhadas, a montagem dos camarotes das famílias, além da apresentação de peças de teatro por ocasião da Festa do Divino. As cavalhadas se apresentaram no local até 1958. Assim, o ritual voltou a ser apresentado na cidade apenas em 1966, quando foi transferido para um campo de futebol (ibid.).

Como o largo da Matriz estava sendo pouco aproveitado, o padre viu a possibilidade de construir uma casa paroquial e um edifício para o conjunto em um

²² Com a proclamação da república houve a separação da Igreja do Estado, época em que Roma assumiu uma postura mais conservadora em relação ao catolicismo (SILVA, 2001).

terreno anexo a Matriz. Em 1960, porém, aparecem os primeiros conflitos envolvendo o largo, uma vez que foi neste ano, se deu a construção da sede do correio em um terreno que sempre fora de direito da Igreja até seu tombamento em 1941, mas que foi doado pela prefeitura a União. Havia também, nessa época, a pretensão da prefeitura em construir sua sede e o fórum em tal espaço, já que o prefeito considerava o tal largo um bem público. Nesse sentido, se instaura o conflito entre a Igreja, que se sentia lesada em seus direitos, a Prefeitura, pois considerava o espaço público, e o IPHAN, que tinha o intuito de preservar as características originais do largo (ibid.).

A Prefeitura, numa demonstração de poder, chegou a fazer uma doação em 1962 para a Igreja de uma parte do largo para que esta pudesse construir o salão paroquial, sendo que o terreno sempre pertenceu a igreja Matriz. Esse episódio gerou protestos e reclamações por parte dos moradores católicos contra os políticos. O apoio dos pirenopolinos católicos a Igreja foi fundamental, pois, durante uma reunião com o padre, muitos deles (comerciantes, vereadores, fazendeiros) fizeram doações grandes em dinheiro para dar início as obras da construção do conjunto paroquial. A construção também recebeu reclamações do SPHAN na época, exigindo que a Igreja paralisasse as obras sob pena de processo, fato esse ignorado pelos padres. Alguns anos mais tarde a Prefeitura e a Igreja entram em acordo a respeito do largo, isto é, ambos teriam que dividir o espaço meio a meio. A Igreja chegou a querer cercar seu espaço para garantir e protegê-lo, mas como isso não foi possível começou a construir as paredes do salão paroquial. Somente em 1967 é feita a mudança para a nova casa paroquial (ibid.).

Em 2005, a Igreja entra em acordo com o MP (Ministério Público), Prefeitura e IPHAN a respeito do largo da Matriz. Ficou estabelecido que o largo, onde se encontra atualmente uma praça (desde 1965) será reconstruído pelo IPHAN para voltar a ser o que era antigamente, sendo que o salão paroquial será refeito, conservando a parte antiga do prédio para que os moradores católicos não fiquem privados de um local para a realização das missas (REVISTA *PEOPLE*, [2007]).

O terreno onde ficava a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, construída pelos escravos em 1757 e destruída em 1940 pela prefeitura local, também pertencia a Igreja Matriz. Em 1964, grupos particulares pretendiam construir no local um clube dançante, cujo terreno fora doado pela prefeitura para tal empreendimento. Mas a construção do clube não aconteceu devido a inúmeros

protestos e conflitos entre os moradores, pois a Igreja estava sendo novamente lesada em seu patrimônio e em seus direitos de posse sobre a propriedade privada. Em 1974, foi construída uma praça no local onde havia a antiga igreja, assim o poder público mais uma vez vence a disputa com a Igreja. Hoje, a praça abriga uma feira de artesanato que acontece aos sábados na cidade (SILVA, 2001).

Em 1976, a política de preservação do patrimônio atinge a esfera municipal com a criação da Lei de Preservação do Patrimônio Histórico da cidade de Pirenópolis, que serviu para definir o roteiro histórico a ser protegido pela prefeitura que mais tarde, em 1988, seria tombado como monumento nacional pelo IPHAN e com outros códigos específicos. A partir daí outros monumentos foram tombados, com exceção da Fazenda Babilônia que foi tombada em 1965 pelo IPHAN. Já na década de 1990, o patrimônio histórico de Pirenópolis iniciou o processo de revitalização através da parceria SOAP (1993) e IPHAN, adequando a cidade para o turismo (BATISTA, 2002). Dentre os monumentos estão a Igreja de Nossa Senhora do Carmo (tombada em 1988 e restaurada em 1998), Igreja de Nosso Senhor do Bonfim (tombada em 1988 e restaurada em 1997), Theatro de Pirenópolis (tombado em 1988 e reformado em 1999), Cine-Pireneus (tombado em 1985, foi reconstruído em 1999), ponte do Rio das Almas reformada em 2000 e Casa de Câmara e Cadeia (tombada em 1988 e restaurada entre 2006-2007). Houve, ainda, a implantação da fiação elétrica subterrânea no centro histórico 2002 (ALMEIDA, 2006; PIRENÓPOLISTUR, [2007]; PIRENÓPOLIS, [2007]; SILVA, 2001). Atualmente, o IPHAN participa também do planejamento e gestão da política urbana do Plano Diretor de Pirenópolis (RESTARQ, [2008]; PLANO DIRETOR DE PIRENÓPOLIS, [2008]). Este último aplica o conceito de sustentabilidade ao planejamento da cidade, levando em conta não só o patrimônio cultural, mas também o meio ambiente. Assim, busca-se um ideal de “cidade sustentável” (PLANO DIRETOR DE PIRENÓPOLIS, [2008], p. 4). E, para se tornar uma cidade ecológica, é necessário implantar a Agenda 21 local em Pirenópolis (ibid. p. 20).

Desde que foi construída, a Matriz de Pirenópolis tem servido às práticas de cultos católicos como missas, novenas, festas, casamentos, batizados, etc. Porém, nos últimos sete anos, o prédio da igreja tem sido utilizado também para eventos não-religiosos e para finalidades diversas. Em 1996, a igreja, segundo o Jornal Nova Era (1996), foi restaurada pelas empresas Terra Engenharia, Construtora Biapó e Loba Arquitetos. Um projeto elaborado pela SOAP e aprovado

pelo IPHAN captou 210 mil reais para a obra que foi patrocinada pela TELEBRÁS (Empresa Brasileira de Telecomunicações). Após a restauração de 1996–1999 que contemplou a parte arquitetônica e elementos artísticos, a igreja serviu como espaço para apresentações culturais, como aconteceu, por exemplo, durante a realização do primeiro Festival de Inverno em Pirenópolis, em julho de 2002 (FOLHA ONLINE, [2007]).

No dia cinco de setembro de 2002, um incêndio, inexplicável até hoje, destruiu a Igreja Matriz. Assim, novamente a SOAP junto ao IPHAN fez um projeto para conseguir verbas para a reconstrução da igreja que foi patrocinada pela CELG, BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), CEF, PETROBRÁS (Petróleo Brasileiro S.A.), e custou 5,5 milhões de reais e cujas obras foram realizadas, outra vez, pela empresa Biapó (MATRIZ DE PIRENÓPOLIS, [2007]). Durante o período de sua reconstrução pós-incêndio, entre 2003 e 2006, o IPHAN fez uma pesquisa entre os moradores da cidade para saber como esses gostariam que ficasse a parte interna da Matriz, já que o fogo havia consumido toda parte artística de seu interior. Segundo a pesquisa, os pirenopolinos desejavam que a igreja se aproximasse ao máximo do jeito que era anteriormente (GAZETA MATUTINA, 2005), mas como isso não era possível, segundo os arquitetos do IPHAN, foi feito um “preenchimento de lacunas”, ou seja, construir um novo acervo que fizesse lembrar o que era antes, sendo que algumas peças teriam desenhos novos e outras se assemelhariam ao barroco. Assim, não foram feitas réplicas a partir dos originais altares, adornos e imagens de santo (AGÊNCIA BRASIL, apud GOIASNET, [2007]). Destaca-se apenas para o altar original da extinta Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos que serviu para substituir o altar-mor destruído pelo incêndio.

Com outra pesquisa o IPHAN procurou saber que uso social deveria ser feito com o patrimônio reconstruído, ou seja, se o prédio continuaria a servir às práticas religiosas, ou se seria transformado em espaço cultural ou em museu (REVISTA *PEOPLE*, [2007]). Embora não se saiba qual tenha sido o resultado, os prédios tanto da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário como também das Igrejas de Nosso Senhor do Bonfim e de Nossa Senhora do Carmo passariam a ter dupla função, isto é, além de espaço para a prática dos cultos religiosos a igreja seria também lugar para educação, cultura e lazer que são proporcionados pelos museus (BARRETTO, 2000, p. 66). Essa iniciativa resultou das negociações do atual

secretário regional de cultura de Pirenópolis com a Fundação São Miguel Arcanjo, da Diocese de Anápolis (REVISTA *PEOPLE*, [2007]), cujo acordo visa transformar tais igrejas em museus sacros, onde todo acervo documental religioso e artístico seria exposto em cada uma delas. Assim, o culto religioso passaria a dividir seu espaço com as visitas públicas em que os turistas têm que pagar um real. Essa iniciativa contempla portanto o item 4 do “Código Mundial de Ética” da OMT (1999), “O Turismo, fator de “aproveitamento e enriquecimento do Patrimônio Cultural da Humanidade”, que diz que:

4.3 As políticas e atividades turísticas serão desenvolvidas respeitando o patrimônio artístico, arqueológico e cultural, que devem ser preservados e transmitidos às gerações futuras. Uma atenção especial deve ser concedida à preservação e restauração dos monumentos, santuários e museus, bem como de locais históricos e arqueológicos, que devem estar abertos à frequência turística. Deve ser encorajado o acesso do público aos bens e monumentos culturais privados, respeitando-se os direitos dos seus proprietários, bem como aos templos religiosos, **sem prejudicar as necessidades de culto.**

4.4 A atividade turística deve ser concebida de forma a permitir a sobrevivência e o desenvolvimento de produções culturais e artesanais tradicionais, bem como do folclore, **e que não provoquem a sua padronização e empobrecimento** (ibid.).

Desde o incêndio, as missas da Matriz têm sido realizadas no salão paroquial, prédio que fica atrás dessa igreja, porque os bancos haviam sido consumidos pelo incêndio de 2002. Ainda, assim, casamentos e as novenas da Festa do Divino voltaram a ser realizadas dentro da Matriz após a sua reinauguração, em 2006 e, também, em 2007. Em março de 2008, a Matriz recebeu bancos novos que foram doados por um pirenopolino. Assim, as missas continuam a ser realizadas no salão paroquial, mas algumas voltaram a ser celebradas na Matriz, às quartas-feiras.

3.3TURISMO

O turismo surgiu da separação entre trabalho e lazer, ou melhor, da relação entre tempo ocupado e tempo-livre (URRY, 1996). No entanto, é preciso descrever qual o tipo de trabalho, de tempo-livre e de lazer que são utilizados para caracterizar o fenômeno turístico e, assim, poder justificá-lo como fenômeno moderno.

Segundo Dumazedier (1999), sociólogo que estuda o lazer, o trabalho se estruturou com a Revolução Industrial. Desse modo, esse tipo de trabalho passou a

se auto-regular independentemente da natureza (seca/chuva) e da religião (época de trabalhar/época de recolher por causa dos feriados religiosos) e isso ocorre também com o tempo-livre que dele deriva. Logo, tempo-livre pressupõe a existência do tempo de trabalho e se relaciona a ele. Já o lazer é praticado pela sociedade durante o tempo-livre e, para tal, é preciso levar em conta a livre escolha da pessoa. No entanto, a existência do tempo-livre não é garantia de que a pessoa irá praticar o lazer e o turismo, porque sua decisão poderá ser a de utilizar tal tempo disponível para fazer outras coisas, como estudar, se ocupar com atividades políticas, compromissos familiares ou sociais e, inclusive, trabalhar (URRY, 1996, BARRETTO, 1997).

Na sociedade industrial a necessidade do lazer aparece como um meio de descanso para repor as energias físicas e mentais através da diversão e de atividades recreativas. Já o turismo surgiu da necessidade de evasão, ou seja, de fugir da vida cotidiana organizada e regulada, da rotina, de ir para um lugar que se opõe ao trabalho (URRY, 1996). Daí o turismo é caracterizado como uma atividade de lazer que foi praticada primeiramente pela classe trabalhadora para fugir da alienação do trabalho das fábricas (ibid.). Assim, surge na Inglaterra do século XIX o turismo como atividade economicamente estruturada com o turismo de massa que, por sua vez é coletivo e de pacote (BARRETTO, 1997).

O turismo é um fenômeno socialmente determinado, assim, trata-se de uma prática cultural (BARRETTO, 2007). Com a globalização as culturas se tornaram turísticas. Surge, assim, uma cultura do turismo no mundo ao mesmo tempo em que cada local possui sua maneira própria de receber os turistas, incluindo, também, à forma como os turistas praticam o turismo, ou seja, como preparam suas viagens, a maneira que se comportam nos locais visitados, etc. A cultura do turismo envolve, ainda, as empresas, pois o turismo é também um negócio. Desse modo, a indústria turística é bastante influenciada pelo gosto dos turistas e muda à medida que suas preferências mudam (ibid.). Nesse sentido, o turismo como prática cultural contempla o significado utilizado por Rojek e Urry (1997, p. 5) e que será utilizado por essa pesquisa.

In a number of ways then, this book aims to go beyond existing studies by demonstrating the following: that tourism is a cultural practice; that tourism and culture hugely overlap; that tourism as a cultural practice and set of objects is highly significant or emblematic within contemporary 'Western' societies organised around mass mobility; that tourism has largely to be

examined through the topics, theories and concepts of cultural analysis, especially the current foci upon issues of time and space; that there should not be a specifically social science of tourism; that particularly significant in the analysis of culture will be the examination of the human senses, and especially the relative importance of the sense of sight; and that none of the supposed essences of tourism, such as the notion of 'scape', provides the kind of desired conceptual unity.

O turismo é separado da cultura, mas com a culturalização da sociedade houve uma desdiferenciação das classes e das esferas sociais e culturais que eram previamente distintas. Daí, turismo e cultura, apesar de diferentes, coincidem em parte, sendo que seus limites não estão claramente definidos (ibid).

3.3.1 Turismo cultural e ecoturismo

O turismo cultural diz respeito à comercialização da cultura (TALAVERA, 2003). E o turismo ecológico e ecoturismo, à mercantilização da natureza (BINFARÉ, [2005]).

Em Pirenópolis são oferecidos o turismo cultural, cujo principal atrativo é algum aspecto da cultura humana (história, cotidiano, etc) e não a natureza (BARRETTO, 2000). O turismo ecológico é o praticado em áreas verdes, assim como o ecoturismo, pois ambos tem como atrativo principal a paisagem natural. Este último, no entanto, é utilizado muitas vezes como sinônimo do primeiro (ibid.). O ecoturismo é, segundo Pires (2002), um turismo que surgiu como alternativa ao turismo de massa, ou seja, trata-se de um turismo mais seletivo. Desse modo, busca uma interferência mínima da ação humana sobre o meio-ambiente, causando-lhe poucas alterações. Assim, está relacionado mais à contemplação da natureza e a educação ambiental. Porém, alguns turismo praticados em áreas verdes não são considerados ecológicos ou ecoturismo, como por exemplo o de montanha, *trekking*, aventura, uma vez que tais práticas danificam o meio ambiente.

Exemplos de turismo cultural em Pirenópolis são: o patrimônio histórico, a Festa do Divino e as Cavalhadas, a culinária local, o Festival Nacional de Música Canto da Primavera, Festival Cultural e Gastronômico, o artesanato, etc. E de ecoturismo são as cachoeiras, Cidade de Pedra e as Unidades de Conservação, como, por exemplo, o Parque Estadual dos Pireneus (pública) e as RPPNs (Reservas Particulares do Patrimônio Natural).

O ecoturismo é um turismo de minorias, praticado em áreas verdes com algumas ressalvas como foi dito anteriormente, e envolve a consciência ecológica,

atributo esse que falta muitas vezes no turista de massa (BARRETTO, 1997, MENDONÇA, 2003). Assim, para analisar os efeitos desse tipo de turismo sobre a natureza e a sociedade é preciso ressaltar algumas características existentes no turismo de minorias e de massa, pois ambos tem a ver com a demanda por algum tipo de serviço e não com o número de pessoas que atrai (ibib.). Logo, se um grupo de 30 pessoas praticam o ecoturismo estão fazendo um turismo seletivo e se 3 vão ao Canto da Primavera estão fazendo turismo de massa.

Eventos maiores como o Canto da Primavera, por ser mais popular, gratuito e abrangente (nacional), é inclusivo e atrai multidões (massa) a Pirenópolis, cuja concentração de turista em 2005, por exemplo, gerou o alerta da SANEAGO de que poderia faltar água na cidade, pois a tal aglomeração, por um lado, e a falta de chuvas por causa da estiagem e o baixo nível dos rios, por outro, poderiam gerar um colapso no sistema de abastecimento de água da cidade (DIÁRIO DA MANHÃ [2005]).

Como a prática turística predominante e regular na cidade é o ecoturismo, verifica-se que apesar de seletivo o ecoturismo na cidade pode se tornar predatório (MATTEUCCI apud ALMEIDA, 2003), pois os ecoturistas coincidem de escolher apenas o fim de semana para tal prática, gerando assim uma concentração maior de pessoas nesses dias. Daí é preciso avaliar a capacidade de carga do local para poder limitar o número de visitantes, já que a exploração se dá de forma sustentável ou conservacionista, ou seja, a capacidade que o meio ambiente tem para suportar atividades recreacionais até o ponto em que não afete sua qualidade (BARRETTO, 1997).

O turismo seletivo tende às vezes a ser elitizado e isso causa inflação e exclusão social tanto do turista como do nativo de baixa renda. E, nesse sentido, é preciso fazer uma reflexão sociológica sobre o conceito de sustentabilidade que, por sua vez, está embutida na prática do ecoturismo. Como visto anteriormente, o ecoturismo teve seu significado alargado, abrangendo também os aspectos humano, social e cultural. Mas na prática, a sustentabilidade pode se tornar um discurso para legitimar ações do Estado sobre determinadas áreas ambientais, por serem raras ou valiosas, e, até mesmo, certas práticas culturais.

Em Pirenópolis está sendo finalizada a implantação o Parque Estadual dos Pireneus. Assim, a Agência Ambiental de Goiás (AMA/GO) elaborou um “material para análise” chamado Plano de Manejo do Parque Estadual dos Pireneus

que, embora não tenha sido aprovado ainda, busca normatizar o uso sustentável do parque que estará aberto para os turistas. Um de seus objetivos é incentivar atividades ligadas ao turismo, como o ecoturismo, por exemplo.

A Serra dos Pireneus não é apenas uma paisagem natural para Pirenópolis, pois faz parte também de sua história e sua cultura²³ (ver anexo 1). Exemplo disso é a Romaria da Santíssima Trindade (ver anexo 2), conhecida também como Festa do Morro, que acontece anualmente no plenilúnio de julho, desde 1927 (JAYME, 1971 p. 547). Para Siqueira (2001, p. 42) “Esta romaria, diferentemente de muitas outras existentes no Brasil, caracteriza-se pelo tríplice encontro entre a sociedade local, a natureza criada e o teológico-trinitário glorificado. A integração entre o social, o ecológico e o religioso faz desta festa uma referência ambiental e teológica”.

O item “Sub-Programa de Monitoramento Ambiental” (AMA/GO, [2008]) do material de análise propõe “monitorar a interferência causada na área da Romaria da Santíssima Trindade e da área de Camping delimitada para a Festa do Morro”. Assim, caso seja aprovado, os visitantes do PEP terão que pagar uma taxa de entrada no valor de cinco reais. Além disso, um conjunto de normas foram estabelecidas no item “Subprograma de Compatibilização da Romaria da Santíssima Trindade com a preservação ambiental”, dentre elas a proibição de soltura de fogos de artifício, a utilização de bebida alcoólica dentro do parque, restrição ao acesso da área do Pico dos Pireneus, determinação de lugares para a realização de fogueiras, delimitar a área para o acampamento, etc.

Acampamento, fogueira, mastro, bandeira, fogos, missas, procissões, jantar, bebidas, quitandas, música, etc, fazem parte da programação da festa que é composta por uma parte sagrada e outra profana (ver anexo 3). No entanto, alguns itens propostos pelo material de análise são incompatíveis com a programação da festa e isso tem gerado uma insatisfação por parte de muitos moradores de Pirenópolis, como demonstra o depoimento de um nativo.

__Agora vem com conversa fiada.. Agora, conservar o Parque tá muito certo.. Agora não intromete nas coisas religiosas que fazem alí. As barracas

²³ A cidade se chama Pirenópolis por causa da Serra dos Pireneus que, por sua vez, recebeu tal nome de um castelhano que quis homenagear à cadeia de montanhas que separa a França da Espanha na Europa (CURADO, 1978). Além disso, a Serra dos Pireneus foi local de passagem de muitos viajantes europeus ao longo do século XIX, dentre eles cientistas e a Comissão Exploradora do Planalto Central conhecida como Comissão Cruz em 1892 (SIQUEIRA, 2004).

uai.. essas famílias todas daqui de Pirenópolis, tradicional. É tudo família, com todo respeito. Agora vem com conversa fiada. Não pode.. Agora isso tem que trabalhar..agora tem que ter pulso forte.. Não tem esse negócio de questão política..e eu acho que a política não deve envolver, nem as pessoas envolver com isso..

Um outro caso, semelhante a esse e que serve como exemplo, é o da Romaria do Bom Jesus da Lapa, tradicional festa religiosa que ocorre na gruta de Terra Ronca desde 1929, no município goiano de São Domingos, onde se encontra o Parque Estadual de Terra Ronca (PETeR). Estudos de Matteucci (apud ALMEIDA, 2003) revelam que essa romaria corre o risco de desaparecer porque uma rodovia foi construída no lugar da antiga estrada por onde passavam os romeiros e por causa da criação do parque. A criação do PETeR foi mais nociva à romaria, segundo a autora, porque uma série de proibições foram estabelecidas, o que fez diminuir drasticamente o número de romeiros. O parque impôs regras sobre a maneira de como o povo deve manifestar sua fé. Por se tratar de uma região de cavernas, o PETeR proibiu os romeiros de soltar foguetes, dentre outras coisas.

Para Cohen (2002) o conceito de sustentabilidade é um instrumento de poder utilizado pelas políticas de desenvolvimento sustentável e pelos empresários do turismo. Isso ocorre, porque sustentabilidade é, sem desmerecer sua relevância, um conceito vago e incerto, daí seu significado está sujeito à diversas interpretações. Assim, a sustentabilidade se torna um discurso do poder que, por sua vez, não é neutro. Daí é utilizado no conceito de turismo sustentável, como o ecoturismo, e aplicado de cima para baixo sobre determinada localidade.

Just as any trekking or nature tour in remote areas in developing countries, on foot or by vehicle, tends to be re-christened as 'ecotourism', so any tourist enterprise penetrating a new area, can be called 'sustainable' as a promotional gimmick. The deeper and more important issue, however, is not just the misuse of the concept; it is the often overlooked embeddedness of the concept in a wider sociopolitical context. Like 'development' and 'conservation' the concept of sustainable tourism is frequently couched in the apparently neutral, technical language of planning and management. However, the sociopolitical implications and uses of the concept in touristic practice should not be overlooked (cf. Ryan, 2002: 18): in the same manner in which 'development' or 'conservation' empowers and legitimises the developers and conservationists, 'sustainability' can serve as an ideological tool, empowering and legitimising the agents of sustainable tourism development (ibid. p. 268).

Agentes externos (empresários ou políticos) à localidade turística, que desenvolvem o turismo sustentável, reivindicam a autoridade para si sobre a definição dos critérios da sustentabilidade que, por sua vez, serão aplicados

principalmente sobre áreas naturais valorizadas turisticamente, a fim de obter o controle sobre elas ou sobre práticas culturais atraentes. Daí, tendem a deslegitimar as práticas populares de conservação dos recursos naturais, afirmando que elas são prejudiciais ao meio ambiente, em nome do seu conceito de turismo sustentável. Desse modo, esse conceito tende a limitar e controlar o acesso dos nativos em nome dos turistas elitizados, em áreas naturais que foram transformadas em patrimônio da humanidade (ibid.).

3.4 OS AGENTES DO CAMPO

Os agentes podem ser divididos em pirenopolinos tradicionais, alternativos e *hippies*, empresários e moradores recentes e os turistas. Para Bourdieu (1997, p. 160-161), o espaço habitado funciona como uma espécie de simbolização espontânea do espaço social que é onde a estrutura se manifesta. O espaço social reificado se apresenta como a distribuição no espaço físico de diferentes espécies de bens ou de serviços e também de agentes individuais e de grupos fisicamente localizados e dotados de oportunidades de apropriação desses bens e desses serviços mais ou menos importantes. Essa distribuição é que define, portanto, o valor das diferentes regiões do espaço social reificado.

Nesse sentido, o centro histórico se torna um espaço bastante visado pelos agentes devido às vantagens e às oportunidades existentes, pois é onde se encontram os prédios dos órgãos públicos (prefeitura, correios, escolas, etc), os estabelecimentos comerciais e de prestação de serviço, entre os quais se destacam o cinema, o teatro, hotéis, restaurantes, lojas de artesanato e a rodoviária. Fora do centro histórico, localizam-se os bairros residenciais periféricos com diferentes níveis de expansão urbana, onde casas de alto poder aquisitivo convivem com moradias mais simples (SIQUEIRA, 2004). Assim, o centro histórico se torna a principal área residencial da cidade, tendo como moradores a população tradicional, incluindo também os alternativo/hippies e moradores recentes, que são do mais alto poder aquisitivo (MMA [2005]).

Para analisar a mudança sobre a vida social em Pirenópolis é preciso primeiramente entender como o turismo uma vez instalado na cidade produziu relações objetivas que por sua vez estruturaram as práticas e as representações das

práticas (BOURDIEU, 1998). Ou seja, como turismo vem se estruturando como prática na cidade a partir dos anos 1990.

Isso se deve ao ecoturismo, ao apropriar-se da natureza, transforma o turismo em Pirenópolis em atividade regular e estruturada. Somando-se a isso temos, por um lado, a criação de RPPNs (1991) e de parques (2007) e, de outro, o tombamento (1988), a revitalização (1998) e a conseqüente preservação do centro histórico, isto é, a apropriação da cultura material pelo turismo. Há, também, o surgimento de outros eventos culturais tanto populares como elitizados. Nesse sentido, surge a necessidade de analisar as ações dos agentes, pois é através deles que as mudanças foram se configurando sobre a vida social em Pirenópolis.

Segundo Bourdieu (1998), os agentes são aqueles que realizam as práticas ou atitudes que, por sua vez, irão gerar ou atualizar o *habitus*, disposições essas que (re)estruturam as práticas que formam diversos campos autônomos (ou relativamente autônomos) de acordo com um tipo específico de capital social, cuja apropriação desigual gera uma hierarquia que define a posição social dos sujeitos dentro de um grupo e, também, os gostos, preferências, consumo, estilo de vida, etc (BOURDIEU, 1990). Mas o *habitus* não é determinante uma vez que a pessoa pode estar privada dele ou simplesmente não reconhecê-lo.

Nos anos 1990, muitas associações se formaram, em Pirenópolis, relacionadas ao turismo e a cultura. Mas algumas, em especial, se destacam, pois são responsáveis por consideráveis transformações no cotidiano do pirenopolino, ou seja, a SOAP, APLAM (Academia Pirenopolina de Letras, Artes e Música), ACVP, Instituto Pireneus, Associação Meya-Ponte, Associação das Cavalhadas (AC), o Grupo Renascer e a COEPI que, por sua vez vêm estabelecendo parcerias com instituições políticas, tais como o IPHAN, a AGEPEL, AGETUR. Assim, os agentes atuam tanto no âmbito na sociedade civil como na esfera da política e em parceria com esta.

Desse modo, observa-se que novas práticas geram regularidades estatísticas que formam um *habitus*, que, por sua vez, estrutura o campo do turismo dotado de hierarquia e de posições objetivas onde se localizam os agentes que estão distribuídos no espaço social segundo a apropriação desigual do capital cultural e do capital econômico. Porém, o campo do turismo possui uma autonomia relativa, já que a atividade está se atrelando às políticas do Estado de Goiás e, mais recentemente, às do município (BOURDIEU, 1999; ORTIZ, 2003).

Assim sendo, os agentes que atuam em Pirenópolis compõem dois campos, isto é, o da cultura (tradição, festejos) e o do turismo, sendo que o segundo derivou do primeiro, tendo como conseqüência o surgimento do *trade* do turismo que, aos poucos, foi impondo sua estrutura administrativa sobre o patrimônio natural e sobre o patrimônio cultural a fim de utilizar racionalmente os atrativos de ambos. A partir daí, ocorre a diferenciação do campo gerando subcampos compostos em seu interior tanto por moradores nativos, como por moradores recentes. Apesar de distintos, existe entre esses eles pontos de intersecção que os unem, já que muitas parcerias (entre associações ou entre essas e a instituições governamentais) vêm sendo realizadas e cuja tendência é a formação de redes entre os vários segmentos do turismo.

A partir daí, esses diversos subcampos do turismo vêm formando, ultimamente, agrupamentos institucionalizados atrelados à política (COMTUR, *Pirenopolis Convention Visitors Bureau*), envolvendo representantes do *trade*, dos atrativos do turismo e de entidades do governo, e ainda, dos empresários do turismo com outros segmentos econômicos (pedras, comércio) que não se relacionam com a atividade do turismo (*Pirenopolis Convention Visitors Bureau*). Como se observa, houve uma complexificação das relações, cujo fenômeno é explicado pela natureza do turismo, pois se trata de um fato social total no sentido de que está organicamente ligado às estruturas políticas, econômicas e ideológicas (BARRETTO, 2003, ROCHA NETO, 1998).

Para dar conta de tal complexidade é necessário analisar a relação do campo do turismo com o campo da cultura local (tradições) e a partir daí identificar tanto os agentes comprometidos com a essência do campo quanto à formação de agentes heterônomos (BOURDIEU, 1998). Os agentes do campo do turismo são aqueles que se relacionam com a atividade (os donos dos atrativos natural e cultural, o *trade*, os prestadores de serviço).

Já os agentes comprometidos com a essência do campo da tradição estão relacionados com a arte, a música, museus, valores, costumes, atividades não-turísticas, etc, e são representados pela Igreja Católica e pelos pirenopolinos que não atuam no campo do turismo em si, mas que são atingidos direta e indiretamente pelos seus efeitos. Assim, há uma sobreposição do turismo sobre a cultura local (ROJEK; URRY, 1997), envolvendo tanto nativos que praticam o turismo como aqueles que não atuam em tal atividade. Antes, porém é necessário

levantar alguns aspectos do turismo e do turista, já que é este último quem define os tipos de turismo e serviços nas localidades receptoras, pois seus gostos, preferências e estilos de vida estão determinados não só pela cultura, contexto e localidade em que vive, mas também influenciados pela cultura global. Do outro lado, a cultura visitada se torna matéria-prima do turismo para ser vendida ao mercado. Logo, os empresários do turismo, influenciados pelos gostos dos visitantes, definem os tipos de turismo e serviços segundo as preferências do turista, adaptando os atrativos segundo as exigências e padrões de consumo que, por sua vez, vieram da cidade grande. Daí, mudanças são geradas no espaço que também afetam a vida cotidiana dos nativos, já que esses passam a conviver com padrões de vida diferentes do seu.

Mas, tais adaptações são realizadas por agentes relacionados à atividade turística que formam um campo distinto ao campo da cultura local, mas que se sobrepõe a ele (ibid, 1997). Logo, surgem agentes heterônomos que são pessoas pouco consagradas dentro do campo com relação a seus valores específicos, ou seja, um determinado tipo de capital. Logo, buscam fora consagrações efêmeras já que estas não foram obtidas no interior de seu campo (BOURDIEU, 1997, p.90). E isso se deve a heteronomia, fenômeno esse que propicia a introdução das leis do mercado e da economia no interior do campo, assim é necessário que os agentes comprometidos com a autonomia do grupo combata esses atores heterônomos. Para analisar os agentes do campo do turismo e do campo das tradições, bem como os agentes heterônomos que daí surgem será necessário verificar aspectos como a origem, religião, classe social, profissão e grau de escolaridade.

Existem agentes heterônomos, pois são pessoas originárias de campos diferentes que também atuam em outros campos que foram surgindo com o turismo, como é o caso de alguns moradores nativos que aderiram à atividade do turismo, ou então, aqueles que são de fora que atuam tanto para a organização e expansão do turismo como para a revitalização do centro histórico e preservação do patrimônio cultural de Pirenópolis. Houve, então, por um lado a criação e internalização de um novo *habitus* representado pelo turismo, mas que apesar de generalizado não atinge a cidade como um todo. E, por outro, existe o efeito multiplicador do turismo que atinge até mesmo quem não o pratica (BARRETTO, 2007).

A partir daí se torna necessário, segundo o modelo teórico de Bourdieu (1998, 2003), distinguir a estrutura das disposições para melhor compreender as

relações dialéticas entre essas estruturas e as disposições estruturadas, onde as primeiras tendem a se atualizar através das segundas que, por sua vez, irão reproduzi-las, isto é, o duplo processo de interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade (BOURDIEU, 2003). A esse respeito se torna imprescindível conhecer como o pirenopolino vem recebendo, incorporando e reagindo às mudanças causadas pelo turismo na vida social.

Desse modo, o *habitus* é uma estrutura estruturada estruturante, pois se trata de uma disposição que fornece regras prontas para as práticas presentes, daí o *habitus* serve para definir a ação do agente que, ao agir, reproduz as estruturas sociais (memória). Aqui o comportamento do agente pode causar pequenas modificações no *habitus* seja através da criatividade, ou então, por meio de um comportamento heterodoxo que pode provocar uma mudança radical nos campos em termos de poder e capital (DOMINGUES, 2001). Daí é preciso levar em conta as características psicológicas, o contexto, a situação para analisar como as práticas produzem um *habitus* que estruturam as práticas e que serve para definir gostos, afinidades, preferências, consumo em determinada época mediante as trocas sociais. O *habitus*, no entanto, não é determinante, pois certas práticas, gostos, consumo e estilos de vida não são inerentes a uma classe social em específico, uma vez que uma prática considerada de elite em determinada época pode se tornar popular em outra e vice-versa. Assim, é preciso levar em conta o tempo, a disponibilidade dos recursos e o processo de trocas para não cair numa leitura substancializada (reificada) da sociedade (BOURDIEU 1990).

A partir disso, se torna possível conhecer como o turismo se constituiu em Pirenópolis como um campo de produção, pois se trata de um espaço social de relações objetivas, ou melhor, um espaço social estruturado (regularidades estatísticas), por práticas que geraram um *habitus* onde a apropriação desigual de um capital específico produziu uma hierarquia que opõe agentes, definidos de acordo com suas posições ocupadas no espaço, que estão dispostos ou a entrarem em conflito para disputarem a apropriação do capital, ou a se unirem contra intervenções externas (Estado, Igreja, mercado) que ameaçam a autonomia do campo. A autonomia é adquirida pelo campo quando este se transforma em uma instituição ou entidade separada da Igreja e do Estado, composta de uma instância de legitimação e discursos próprios e de um código específico, ou seja, regras próprias de funcionamento (MICELI, 1998).

3.4.1 Pirenopolinos

As famílias tradicionais de Pirenópolis são os agentes que deram continuidade às tradições introduzidas pelos padres no período do povoamento. Assim, foram elas que junto com os padres e povo de Pirenópolis construíram e restauraram as primeiras igrejas, teatros, cinema, deram continuidade aos festejos do Divino e às cavalhadas, produziram peças de teatro, árias, operetas, dança, músicas, esculturas, belas-artes, banda de música, etc. Com o surgimento do turismo muitos moradores aderiram a essa atividade econômica que, aos poucos, foi incluindo os alternativos e *hippies*²⁴ e, mais tarde, os empresários de fora que, apesar de não morarem na cidade, são os que dominam atualmente o turismo em Pirenópolis. Com a generalização do turismo na década de 1990, o *habitus* enquanto prática do turismo não foi determinante para atingir a cidade como um todo. Mas, mesmo assim, os efeitos do turismo vêm atingindo direta ou indiretamente o cotidiano dos moradores e gerando mudanças e conflitos. Assim, os moradores tradicionais se dividem entre os que querem a mudança e os que defendem as tradições na cidade.

Como se observa, o turismo surgiu das tradições locais dominadas pelas famílias da elite pirenopolina e isso acabou gerando agentes heterônomos, uma vez que alguns pirenopolinos aos poucos passaram a praticar a atividade turística, ao mesmo tempo em que exerciam suas tradições. No entanto, isso não é determinante já que nem todos aderiram a tal atividade, apesar do fenômeno atingir a vida cotidiana.

Mais tarde muitos moradores, principalmente jovens, passaram a produzir o artesanato de jóias em prata e cristais ensinado pelos alternativos e *hippies*, daí essa prática se tornou também uma alternativa de sobrevivência para uma parcela da população. Além disso, muitos pirenopolinos que residem no centro histórico passaram a conviver com os alternativos e *hippies*, já que muitos deles mudaram para a cidade para morar e abrir seus restaurantes, oficinas e ateliês de jóias em prata na Rua do Rosário a partir do início dos anos 1980.

²⁴ Em Pirenópolis, *hippie* e alternativo não são a mesma coisa, de acordo com Edgar Muller (*in memoriam*), alternativo que viveu em Pirenópolis durante muitos anos e criou na cidade a FraterUnidade, uma expressiva comunidade alternativa. Ou seja, ser alternativo é um elemento de distinção em relação ao *hippies*, uma vez que o primeiro não usa drogas e não é tão contra o capitalismo, sendo que o segundo é mais contestador e até tinha uma boa filosofia, mas acabou se perdendo por causa do sexo livre e do uso de drogas (CORREIOWEB, 2001).

3.4.2 Os grupos alternativos e moradores recentes

Os *hippies*, segundo Costa (1996), são jovens de classe média que moram em grandes cidades, mas que foram buscar refúgio no campo nos fins de semana devido à falta de atração para aproveitar o tempo livre. Eles surgiram na década de 1960, nos EUA, como resultado da crise de valores gerada pelo capitalismo, pela sociedade conservadora, consumista e individualista. Tinham como ideais romper com as convenções da sociedade. Daí, formaram um tipo de tribo que reunia jovens que tivessem os mesmos ideais e interesses, ou seja, a tribo (urbana), a fim de se isolarem no campo para se distanciar de certos padrões sociais. Mas, por outro lado, essa ruptura de padrões servia para criar novas formas de sociabilidade com outras convenções (baseadas em seus próprios valores) que se definiam em oposição aos padrões da sociedade mais ampla. Trata-se de grupos de pessoas que independentemente de suas diferenças se reuniam segundo ideais, estética, interesses (afeto, amizade, novas experiências, liberdade, modismo, etc), identidade e códigos de ética. Desse modo, tribo (FOURNIER apud PAIS, 2004): “(diz respeito) a emergência de novas formações sociais que decorrem de algum tipo de reagrupamento entre quem, não obstante as suas diferenças, procura uma proximidade com outros que, de alguma forma, lhe são semelhantes”. Assim, os jovens são heteronomias – mudanças no padrão normativo – que criam novas tribos, pois não foram bem ajustados a seu grupo social de origem.

Porém, essa identidade se resume para Costa (1996) à estética que proporciona elementos de identificação visíveis, que se traduz no visual extravagante e no comportamento delinqüente, pois no que diz respeito aos argumentos contra a sociedade como um todo, esses se apresentam, muitas vezes, na forma de comportamento violento. Os jovens gostam de eventos de massa e usam drogas como forma de contestação. São, também, bastante influenciados pela mídia, que, por sua vez, serve para divulgar esses movimentos. Assim, os meios de comunicação criam modismos para o público jovem que recebem essas tendências de forma passiva e sem fazer críticas, aderindo a eles.

Para Costa (1996) as tribos urbanas são efêmeras, mas no caso dos *hippies* essas se tornam definitivas em sua vida. Os *hippies* são a primeira subcultura ou contracultura em que diferentes componentes de um modo de vida aparecem estreitamente relacionados e implicados entre si. Além disso, cultivam

valores que ressaltam a subjetividade e um elemento que gerava adesão relacionado a guerra do Vietnã. O estilo dos *hippies*, porém, não é o elemento fundador da identidade do grupo, ou seja, a aparência e suas roupas foram inspiradas na moda étnica e no estilo *Carnab Street*, mas não foram criadas por eles. Os estilos juvenis constituem, assim, desafios que acabam estabelecendo novas convenções que por sua vez inspiram outros estilos, logo as subculturas geram uma ciclicidade numa perspectiva marxista ou evolucionista. Assim, a subcultura é caracterizada pelo formalismo que diz respeito ao estilo e também pelo contexto social e localidade onde o fenômeno surge (ibid.).

Em Pirenópolis, muitos alternativos tentaram viver em comunidades alternativas. Exemplos disso são a Terra Nostra, a Omni, a Vaga-Fogo e a Frater. Alguns residem também no centro histórico.

A FraterUnidade, segundo os estudo de Nogueira (1996), tentou constituir um grupo base para a comunidade, que, apesar de haver um estatuto, enfrentou muitos problemas que impediram sua continuidade. Dentre eles, o número de pessoas que, por sua vez, sempre variava e seus membros nunca eram os mesmos. Além disso, a maioria deles retornava para seu local de origem, isto é, os grandes centros urbanos, pois não conseguiam criar vínculos com a comunidade. Na verdade a comunidade servia apenas como uma experiência ou rito de passagem que proporcionava a essas pessoas, com crise existencial ou de valores, por causa da modernidade e do capitalismo, uma espécie de reabilitação, uma vez que tal experiência levava a uma reflexão, fazendo com que o indivíduo colocasse a cabeça no lugar e retornasse a seu local de origem.

Outros fatores também contribuíram para o não funcionamento da comunidade, dentre eles estão a questão de gênero, o conflito dentro do grupo e os ideais não realizados. Na comunidade havia mais homens do que mulheres e a causa disso tem a ver com os valores conservadores das famílias de classe média que vivem nas grandes cidades, ou seja, os homens são mais desligados da família e as mulheres estão mais sujeitas à autoridade dos pais e são mais apegadas aos valores tradicionais. Esse desequilíbrio entre os sexos dentro da comunidade gerava brigas entre os casais, tanto que o casal base se separou porque a esposa do líder resolveu viver com um solteiro que fazia parte da comunidade, fato esse que gerou conflito dentro do grupo. Daí houve a divisão da comunidade entre os que apoiavam um ou outro e o esvaziamento, tendo como morador apenas o líder que é dono legal

da terra. Assim, a comunidade nunca mais foi a mesma e isso impediu seu funcionamento que era baseado em ideais, ou seja, a auto-suficiência, romper os vínculos com o capitalismo e com a sociedade mais ampla, constituir um grupo base (ibid.).

A auto-suficiência econômica da Frater (NOGUEIRA, 1996) foi atingida no período auge da comunidade que se deu em 1989, época em que praticava a agricultura de subsistência e produzia mel, biscoitos de gergelim, balas de mel e móveis de madeira. Mas, produtos como os de higiene, por exemplo, eram comprados por cada pessoa em Pirenópolis, pois a comunidade não produzia esse tipo de mercadoria. Após a divisão do grupo, a Frater passou a sobreviver às custas de taxas cobradas por aulas de ioga e outras práticas, de doações, mas a maior fonte de renda vinha de fora da comunidade, isto é, das mesadas que as famílias, residentes em cidades grandes, enviavam aos alternativos que lá viviam ou então a renda própria (de imóveis) de cada um deles. Isso significa, portanto, que os membros da comunidade não conseguiram romper os vínculos com a sociedade negada de onde vieram uma vez que eles passam pela comunidade, mas não ficam e, depois disso, eles acabam é retornando ao seu local de origem que é a cidade grande. E o pior é que é justamente o sistema capitalista ou a sociedade mais ampla que sustenta a comunidade, pois as famílias de classe média das grandes cidades enviam mesadas para seus filhos se manterem na comunidade. Daí surge uma constante que resulta na dependência da comunidade à sociedade mais ampla, criando vínculo entre elas e estabelecendo uma interação onde as pessoas circulam no interior de ambas.

E na década de 90 novos moradores passam a “residir” o centro histórico. Tratam-se de pessoas vindas de vários locais através de Goiânia e Brasília, sendo que muitos não possuem vínculo com a cidade. Assim, passaram a comprar casas antigas para morar, passar o fim de semana, feriados e férias e/ou para abrir seus estabelecimentos comerciais (pousadas, restaurantes, etc) na cidade, principalmente, no centro histórico.

3.4.3 O segmento dos turistas

A sociedade pós-industrial é caracterizada, de acordo com Dumazedier (1999), pelo predomínio do trabalho profissional que corresponde ao setor terciário

ou de serviços (EUA). Trata-se de pessoas que possuem um avançado conhecimento técnico, científico, estético e ético. Assim, o interesse por determinados tipos de lazer serve como elemento distintivo, o que gera diferentes níveis culturais de lazer. Assim, o operário tende a gostar mais de lazeres físicos e práticos, enquanto o trabalhador profissional está mais disposto a praticar o lazer intelectual, artístico e social. Para entender como o tempo-livre será utilizado para o lazer é preciso levar em conta a cultura herdada (tradicional), a cultura transmitida (escola) e a cultura de massa (mídia), sendo que o que tem maior peso é a decisão pessoal (livre escolha) que, por sua vez, pode ser influenciada pela cultura de massa.

O turista é aquele que viaja para outras localidades em busca de lazer, da diversão, do prazer, de novas experiências, bens e serviços que ele não encontra em seu local de origem (URRY, 1996).

Viajar por prazer é um fenômeno moderno, que surgiu no século XIX (COHEN, 2004). Mas, o turismo é consequência do processo de globalização e se realiza através desse fenômeno que, por sua vez, transformou o mundo em uma “vila global”. Com isso, aumentou o número de pessoas que viajam por prazer e, também, a quantidade de locais visitados, o que fez surgir o turismo de massa. Trata-se de um fenômeno cultural, uma vez que modificou a atitude do homem em relação ao mundo além dos limites do seu *habitat* nativo (ibid.).

O mundo exterior é perigoso porque é desconhecido e contrasta com a comunidade localizada, pois esta é um lugar seguro e conhecido. Assim, o homem tradicional dificilmente deixará seu local de origem, diferentemente do homem moderno, pois este é mais fácil de adaptar-se em novos ambientes. Isso ocorre porque o homem moderno se interessa por culturas diferentes da sua, uma vez que aprecia a experiência da estranheza e da novidade.

I believe that tourism as a cultural phenomenon becomes possible only when man develops a *generalized* interest in things beyond his particular habitat, when contact with and appreciation and enjoyment of strangeness and novelty are valued for their *own sake*. In this sense, tourism is a thoroughly modern phenomenon (ibid., p. 175).

Assim, o desenvolvimento da tecnologia, da comunicação, a evolução dos meios de transporte, o surgimento de novas invenções e da classe média foram determinantes para que muitas pessoas deixassem seu local de origem para conhecer o mundo afora, pois a viagem se tornou segura e prazerosa (ibid.).

A experiência turística está relacionada à novidade e à estranheza e, para realizar-se, necessita de um ambiente familiar na sociedade visitada para que o turista se sinta seguro e protegido e, assim, poder experimentar o lugar estranho no qual se encontra (ibid.).

Para analisar o turista será utilizada a tipologia quádrupla do turista elaborada por Cohen (2004) que é formada pelo turista de massa organizado, o turista de massa individual, o explorador e o vagabundo. Esse sociólogo classifica os turistas a partir do seu grau de interação com a sociedade anfitriã, ou seja, a relação de familiaridade e de estranhamento entre os turistas e os nativos. Para isso, utiliza o termo “*bubble environment*”, termo esse que significa “bolha ambiental” (URRY, 1996). Trata-se de um microambiente familiar que existe em um macroambiente estranho, isto é, o hotel na localidade receptora. O hotel é familiar, porque fornece para o turista um micro ambiente semelhante ao que ele possui em seu local de origem, uma vez que oferece a ele produtos de acordo com seus gostos. Assim, ele se sente porque seguro e protegido no macro ambiente estranho. A segurança proporcionada pelo hotel e a novidade situada fora dele irão encorajar o turista a sair da “bolha ambiental” e adentrar no ambiente estranho para interagir com a sociedade anfitriã. Assim, a combinação de doses variadas de familiaridade/estranheza irá determinar o comportamento dos turistas, ajudando a prever suas possíveis ações no local visitado.

A partir daí, surgem os quatro tipos de turista: o turista de massa organizado, o turista de massa individual, o explorador e o vagabundo, sendo que eles se agrupam em duas categorias, ou seja, os dois primeiros tipos são considerados turistas institucionalizados e os dois últimos turistas não-institucionalizados (ibid.).

O turista de massa organizado é aquele que compra pacotes de viagens, viaja de ônibus, em grupo e já tem todo roteiro previamente definido. Este prefere ficar confinado na “bolha ambiental” do que se aventurar pelo ambiente estranho. Ou seja, prioriza a familiaridade ao invés da estranheza. Já o turista de massa individual não viaja em grupo, é mais independente, mas sua vigem ainda é de pacote e definida pelas agências de turismo. Ainda que prefira permanecer na “bolha ambiental”, é menos radical, uma vez que se arrisca a sair dela momentaneamente. A familiaridade é mais valorizada do que a novidade, porém, a quantidade desta última é superior a do modelo anterior. Ambos os tipos de turistas são considerados

institucionalizados, porque são os que mais utilizam os estabelecimentos turísticos²⁵ e seu contato com a sociedade anfitriã é formal e restrito, porque se dá através do comércio e porque ficam confinados no estabelecimento turístico. Apesar, de não interagir com os nativos locais é o que mais causa impacto na localidade receptora, pois gera uma nova estrutura e divisão do trabalho, afeta o meio ambiente e a cultura, etc (ibid.).

O explorador e o vagabundo diferem bastante dos dois modelos anteriores, pois a novidade/estranheza adquire um peso maior do que a familiaridade. Além disso, ambos viajam sozinhos, eles próprios organizam suas viagens, o contato e grau de interação com as pessoas locais é maior. Mas, diferem em alguns aspectos. O explorador busca por acomodações confortáveis e melhores meios transportes e permanece mais tempo fora da “bolha ambiental”, local de refúgio caso ocorra algum estranhamento no envolvimento com os nativos. Já o vagabundo evita qualquer tipo de vínculo com os estabelecimentos turísticos e considera falsa a experiência turística. Assim, busca viver o modo de vida do local visitado, ou seja, seu contato e interação são mais intensos, seu roteiro e tempo de estada são indefinidos. Tanto o explorador como o vagabundo são turistas não-institucionalizados porque estão mais livres dos estabelecimentos turísticos, assim causam menos impactos na sociedade anfitriã (ibid.).

Quanto ao perfil do turista que frequenta Pirenópolis foram observadas características como gênero, faixa etária, grau de escolaridade, profissão, religião e a cidade de origem, sendo que também foi perguntado se eram vegetarianos, espiritualistas, ecologistas e se tinham familiares/parentes/amigos na cidade.

Essa pesquisa entrevistou sete turistas, sendo quatro no sábado, dia 21 após o meio-dia, e três antes do meio-dia, na segunda-feira, dia 23 do mês de junho. Os turistas foram abordados em vários locais do centro histórico, como a rua do Lazer, rua Rui Barbosa, a rua Direita e nas proximidades da igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário. Todos entrevistados, exceto um casal, estavam acompanhados de outras pessoas, ou seja, andavam em grupo de amigos com mais de três pessoas ou em família. No momento em que foram abordados, três estavam tirando fotos da igreja matriz, três caminhavam pelo centro histórico e um visitava um museu da cidade.

²⁵ O complexo de agências de viagem, companhias de viagem, cadeias de hotel, etc., que satisfazem o comércio turístico (ibid.).

Em relação ao gênero, há um equilíbrio entre homens e mulheres. Já a faixa etária do turista é bem variada, pois havia desde crianças até pessoas da terceira idade. No entanto, foi observado um número maior de jovens, isto é, abaixo de 30 anos. A escolaridade dos turistas é de nível superior, variando do superior incompleto ao superior completo e com especialização, com predominância no superior completo. Quanto à ocupação, a maioria deles é profissional liberal, sendo que havia também estudantes, aposentados e comerciantes. Boa parte dos turistas é da religião católica, seguida da evangélica e poucos são de crenças espiritualistas ou não tem nenhuma religião. A maioria dos turistas não tem ligação com movimentos ecológicos, apesar disso, alguns afirmaram ser simpatizantes da causa e apenas um deles diz ser ecologista. A maioria deles não é vegetariana, sendo que um é simpatizante e apenas um não come carne. A maioria dos turistas são originários de Goiânia e os demais são de outros estados brasileiros como São Paulo, Ceará e Rio de Janeiro, sendo que apenas um tem origem em Brasília. Porém, boa parte deles reside em Goiânia e Brasília e a minoria restante se divide entre o interior de Goiás e Fortaleza-Ceará. Assim, a maioria dos turistas que chega a Pirenópolis saiu diretamente de Goiânia e foi para o local, sendo que boa parte chegou à cidade através de Brasília e poucos pelo interior de Goiás. Isso quer dizer que turistas oriundos de localidades mais distantes, como no caso do turista que reside no Ceará, chegam até Pirenópolis através de Goiânia ou Brasília, pois aproveitam a proximidade dessas cidades com Pirenópolis para ir conhecê-la. A maioria dos visitantes não tem familiares ou amigos, mas um disse ter parentes na cidade e outro disse que estava hospedado em casa de amigos.

Em seguida, foram feitas perguntas sobre a atividade turística, ou seja, sobre motivações, estada, período e frequência em que visitam, equipamentos, serviços, atividades realizadas na cidade, relacionamento com os moradores, temporadas (eventos) e impressões sobre a cidade.

Em relação à fonte de informação, ou seja, que meios divulgaram Pirenópolis na sua cidade de origem, os turistas mencionaram vários tipos como a alta divulgação do local pela televisão, jornal, internet e eventos e a indicação de amigos e/ou parentes. Assim, tanto os amigos quanto os meios de comunicação ou a combinação dos dois são fundamentais na divulgação do local na cidade do turista. Dentre os motivos principais que fizeram o turista sair de sua cidade para querer viajar para Pirenópolis estão as cachoeiras em primeiro lugar, depois a parte

histórica e, em seguida, o passeio, o descanso e eventos. Ou seja, há uma predominância do turismo ecológico sobre o turismo cultural, apesar de, muitas vezes, haver uma combinação de ambos. Quanto ao meio de transporte, a maioria dos turistas viajou para Pirenópolis de carro e poucos de ônibus, sendo que um era de excursão de uma universidade e o outro de excursão de uma pousada. A maioria deles estava hospedada em pousadas, sendo que uma minoria estava de passagem e ia embora no mesmo dia.

Quanto à frequência, quase todos turistas já estiveram na cidade por mais de uma vez, ou seja, de duas até várias vezes, exceto um que tinha acabado de chegar. Os turistas costumam visitar Pirenópolis tanto nos fins de semana como durante a semana, sendo que há uma predominância do turista do fim de semana. Isso é constatado, porque há uma tendência maior do turista em frequentar a cidade nos fins de semana comuns do que em feriados prolongados e grandes eventos. Todos costumam viajar em grupos ao invés de sozinhos. O tempo de permanência dos turistas em Pirenópolis varia de um a cinco dias, apesar da maioria permanecer dois/três dias na cidade. Porém, como foram realizadas entrevistas também durante a semana, ou seja, na segunda-feira, observou-se que a maioria dos turistas que frequenta a cidade nesse período permanece por pouco tempo no local, assim não se hospedam em hotéis/pousadas, pois vão embora no mesmo dia. E, ainda, havia um grupo que já estava na cidade e ia permanecer no local por cinco dias por causa de um evento da terceira idade realizado por uma pousada local.

Dentre as atividades de lazer realizadas na cidade, essas se localizam tanto no centro histórico como na zona rural/ecológica, sendo que na maioria das vezes há uma combinação das duas. No centro histórico os turistas são atraídos principalmente pela arquitetura da igreja matriz de Nossa Senhora do Rosário e da cidade em si, depois vem a rua do Lazer com seus bares e restaurantes, as lojas de artesanato e os museus e, por último, o comércio de bens e serviços do centro comercial (entorno). Há ainda turistas que estão na cidade há uma semana especialmente por conta de eventos em pousadas, como é o caso do “encontro da terceira idade”. Na área ecológica, todos são atraídos pelas cachoeiras e alguns para apreciar a natureza. E, na zona rural, os visitantes são atraídos pela Fazenda Babilônia. Portanto, apesar dos turistas estarem mais motivados pelos atrativos naturais, todos eles praticam tanto o turismo ecológico quanto o cultural.

Quanto aos grandes eventos da cidade, como o carnaval, as cavalhadas e o Canto da Primavera, a maioria dos turistas já estiveram em Pirenópolis por causa de pelo menos um deles. O evento mais citado foi o Canto da Primavera, sendo que o Carnaval e as cavalhadas foram lembrados apenas uma vez cada um. Dentre os poucos turistas que não conhecem os eventos, um é porque costuma visitar a cidade só nos finais de semana comuns e o outro é porque visita a cidade pela primeira vez. Foi notado nesse aspecto, que a maioria dos turistas que disseram conhecer os eventos da cidade, como o Carnaval e o Canto da Primavera possuem menos de 30 anos de idade. Já a apresentação das cavalhadas é conhecida apenas pelo grupo da terceira idade. Ou seja, é o turista mais jovem que prefere freqüentar eventos de massa.

A impressão que os turistas têm sobre a cidade é positiva, uma vez que Pirenópolis corresponde à imagem divulgada em outras localidades. As qualidades atribuídas ao local se devem, segundo os visitantes, ao fato de Pirenópolis ser bem cuidada, limpinha, tranqüila, transmitir paz, de ter uma beleza natural, ter cultura, ter boa comida, etc. Além disso, todos acharam a cidade “segura” ou “segura e tranqüila”. No que diz respeito ao relacionamento com os moradores, apenas uma minoria disse ter contato e afirmou que foi bem tratado. Isto é, as relações entre os turistas e os moradores são predominantemente formais, uma vez que elas se dão através do comércio e da prestação de serviços. Nesse aspecto, todos disseram que foram bem atendidos, bem tratados, que o serviço é bom ou que “é bom quando não está tão cheio”.

Quanto aos preços, a maioria dos turistas acha que os valores são “bons”, “justos”, “nem caro nem barato, na faixa”, sendo que alguns acharam “um pouco caro” e apenas um achou que é “barato”. E, a respeito da visão sobre o turismo na cidade, todos disseram que é bom, apesar de algumas ressalvas como “tem lugar que não passa cartão”, “faltam placas nas casas que identifiquem o nome das ruas da cidade”, “dificuldade para sacar dinheiro” (porque tem poucos bancos e caixa eletrônico) e “é bom, mas tem sempre que melhorar”.

Com base nas entrevistas realizadas e na tipologia do turista de Cohen (2004), foi constatado três tipos predominantes de turistas que freqüentam Pirenópolis, ou seja, o turista de massa organizado, o turista de massa individual e o explorador.

Nas entrevistas foi observado que a maioria dos turistas possuem ensino superior e que grande parte é profissional liberal. Assim, tendem, de acordo com Dumazedier (1999), a praticarem o turismo intelectual, artístico e social. Nesse sentido apenas uma minoria está orientada ao lazer físico e prático. Porém, há uma combinação de todos de uma maneira geral.

Levando-se em conta os locais de hospedagem e o tipo de contato que os turistas tiveram com os moradores de Pirenópolis, verificou-se que a maioria deles estava hospedada em pousadas e que grande parte deles não teve contato com moradores da cidade. Assim, predomina, em Pirenópolis, o turista institucionalizado. Porém, a quantidade de turistas de massa individual é superior a do turista de massa organizado, uma vez que todos eles foram abordados fora do ambiente familiar da “bolha ambiental” do hotel, isto é, caminhando pelo centro histórico. Há também o turista de massa organizado, mas em pouca quantidade. Exemplo desse modelo é o grupo da terceira idade que viajou de ônibus para Pirenópolis em uma excursão e estava hospedado numa pousada, onde havia uma programação de atividades de lazer pré-definida pelos pacotes do estabelecimento. Assim, esses turistas estavam confinados na sua “bolha ambiental” mais para acompanhar a programação da pousada do que para conhecer a cidade, apesar de terem sido entrevistados na rua.

Dentre os turistas não-institucionalizados, apenas o explorador foi encontrado. Esse tipo estava hospedado em pousada ou em casa de amigos e teve contato mais informal com os moradores, ou seja, estava mais atraído pela novidade/estranheza do local do que pelo ambiente familiar da “bolha ambiental” da pousada e seu grau de liberdade em relação ao estabelecimento turístico é maior. O vagabundo talvez exista, mas não apareceu nas entrevistas.

Em Pirenópolis, o número de turistas não-institucionalizado é, portanto, bem inferior em relação aos institucionalizados. Assim, os impactos do turismo sobre Pirenópolis são maiores, uma vez que predomina o turista de massa individual e o de massa organizado, modelos esses mais dependentes dos estabelecimentos turísticos, o que gera uma demanda por eles. Assim, uma estrutura é criada para atender tais necessidades. Para analisar os efeitos do turismo é preciso, portanto, comparar as características culturais do turista com a da sociedade anfitriã e a maneira como a estrutura do turismo é implantada na localidade receptora. Apesar de não ser possível prever todas as conseqüências dos efeitos do turismo, porque varia de lugar para lugar, é preciso administrar o turismo de massa devido ao seu

grande impacto sobre modo de vida local e de seu poder de destruição sobre o meio ambiente (COHEN, 2004).

Essa pesquisa constatou que o turista rejeitado pelos moradores é mais o turista jovem do que o turista “farofeiro” ou de baixa renda, uma vez que a maioria dos entrevistados tem idade inferior a 30 anos, possui ou está cursando o ensino superior, estava hospedada em pousadas e conheciam eventos de massa como o carnaval e o Canto da Primavera.

Tal afirmação é possível através de diferentes fontes de dados: a entrevista com os moradores, a entrevista com o próprio turista, os dados da AGETUR, os dados da delegacia, de jornais e o *site* de relacionamento *Orkut*. E, para fundamentar tal afirmação, é preciso primeiro definir a idade do jovem aqui utilizada e dividi-la em duas categorias, ou seja, em “adolescência”, que, segundo D’Andrea (1997) vai dos 10 aos 20 anos, e em “adulto jovem”, que vai dos 20 aos 35 anos. Assim, o turista jovem aqui analisado será o que possui abaixo de 30 anos e, o adulto, o acima de 30. Os jovens, de acordo com Costa (1996), costumam andar em grupos ou tribos, gostam de eventos de massa (*shows*) e tendem a ter um comportamento delinqüente que, no extremo, se manifesta na forma de violência para contestar os valores da sociedade.

Dados da AGETUR de 2003 e 2005 revelam o perfil dos turistas do fim de semana e os que visitam Pirenópolis durante altas temporadas como a Semana Santa, as cavalhadas e o Festival Canto da Primavera. Observando a faixa etária, o grau de escolaridade, a renda dos turistas durante esses três períodos, nota-se que durante todos esses períodos o turista predominante é o adulto jovem, sendo que a quantidade de turistas adolescentes aumenta em feriados prolongados como a Semana Santa e principalmente em eventos de massa como o Canto da Primavera. Nesses dois períodos eleva também o número de turistas sem renda própria e que cursam os ensinos fundamental e médio, sendo que o número de turistas oriundos de Brasília cai drasticamente, tornando-se minoria, uma vez que a grande maioria é de Goiânia e do interior de Goiás.

Tabela 22 - Perfil do turista de Pirenópolis AGETUR/2003 e 2005

PIRENÓPOLIS	FINAL DE SEMANA COMUM/2003	SEMANA SANTA/ 2003	CAVALHADAS/ 2003	FÉRIAS DE JULHO/ 2003	CANTO DA PRIMAVERA/2005
Idade	5,35% de 15 a 19 anos 33,93% de 20 a 29 anos 26,79% de 30 a 39 anos 18,75% de 40 e 49 anos 8,93% de 50 a 59 anos 4,46% 60 anos ou mais 1,79% não respondeu	9,82% de 15 a 19 anos 44,43% de 20 a 29 anos 22,17% de 30 a 39 anos 14,36% de 40 e 49 anos 4,03% de 50 a 59 anos 2,78% 60 anos ou mais 2,51% não respondeu	7,43% de 15 a 19 anos 35,81% de 20 a 29 anos 24,32% de 30 a 39 anos 15,54% de 40 e 49 anos 8,78% de 50 a 59 anos 6,76% 60 anos ou mais 1,36% não respondeu	8,55% de 15 a 19 anos 31,25% de 20 a 29 anos 27,30% de 30 a 39 anos 20,72% de 40 e 49 anos 9,21% de 50 a 59 anos 1,97% 60 anos ou mais 0,99% não respondeu	20,93% de 15 a 19 anos 45,74% de 20 a 29 anos 12,40% de 30 a 39 anos 13,95% de 40 e 49 anos 6,20% de 50 a 59 anos 0,78% 60 anos ou mais 0% não respondeu
Escolaridade	1,79% Fundamental 21,42% Ensino Médio 68,75% Superior 8,84% Pós-Graduação 0% Não respondeu	3,53% Fundamental 29,97% Ensino Médio 64,48% Superior 0% Pós-Graduação 2,02% Não respondeu	1,35% Fundamental 23,65% Ensino Médio 62,84% Superior 7,43% Pós-graduação 4,73% Não respondeu	0,99% Fundamental 21,71% Ensino Médio 53,29% Superior 18,75% Pós-graduação 5,26% Não respondeu	4,73% Fundamental 27,70% Ensino Médio 55,41% Superior 12,16% Pós-Graduação 0% não respondeu
Renda (salário mínimo)	12,49% até 3 10,71% de 3 a 5 63,39% acima de 5 7,14% sem renda própria 6,27% não respondeu	13,85% até 3 10,83% entre 3 e 5 60,45% acima de 5 11,84% sem renda própria 3,02% não respondeu	17,57% até 3 10,81% de 3 a 5 54,72% acima de 5 8,78% sem renda própria 8,12% não respondeu	12,11% até 3 10,25% de 3 a 5 53,73% acima de 5 11,80% sem renda própria 5,90% não respondeu	24,48% até 900 reais 8,39% 901-1.500 reais 53,14% acima de 1.500 13,88% sem renda própria 0% não respondeu
Local de residência	50,89% Distrito Federal 23,21% Goiânia 9,82% Interior de Goiás 14,29% Outros estados 1,79% Outros países	49,24% Distrito Federal 29,80% Goiânia 23,21% Interior de Goiás 12,37% Outros estados 0% Outros países	30,41% Distrito Federal 31,76% Goiânia 21,62% Interior de Goiás 14,19% Outros estados 2,03% Outros países	39,47% Distrito Federal 25,00% Goiânia 9,21% Interior de Goiás 24,34% Outros estados 1,97% Outros países	19,08% Distrito Federal 53,95% Goiânia 21,06% Interior de Goiás 5,92% Outros estados 0% Outros países

Fonte: AGETUR, 2003; 2005

Em relação aos BOCs foi observado que durante a Semana Santa e o Canto da Primavera há incidências de posse e uso de tóxico e, as vezes, até uma concentração dessa infração nesses períodos. Já a perturbação da tranquilidade e a perturbação do sossego ocorrem mais durante o Canto da Primavera do que na Semana Santa. E o furto aumenta na Semana Santa e no Canto da Primavera.

Os jornais demonstram que os jovens reclamam pela falta de atrações na cidade como as mega festas. E os dados do *Orkut* mais adiante demonstram que o turista jovem (adolescente e adulto jovem) se sente rejeitado por causa dos preços altos dos estabelecimentos turísticos, sendo que alguns disseram ter sido mal atendidos pelos proprietário de tais estabelecimentos em Pirenópolis.

3.5 PIRENÓPOLIS E AS MUDANÇAS NA VIDA SOCIAL

3.5.1 Tradição, modernidade e pós-modernidade

Com a globalização o mundo se tornou um só lugar, uma vez que a cultura mundializou e atingiu a vida interior. Isso se deve, segundo Hall (1997), a uma troca global realizada entre os países desenvolvidos e os de capitalismo tardio no século XX, levando esses últimos a se ajustarem ao modelo global. O impacto da mídia (meios de comunicação), da indústria cultural, das novas tecnologias e da informação é responsável pela produção, circulação e troca cultural em escala mundial através do mercado. Surge, assim surge uma cultura mundial, homogênea e ocidental, que atinge a vida cotidiana, do mesmo modo que os processos econômicos, institucionais e os processos de produção de bens, riquezas e serviços.

A globalização transforma as diferentes culturas, fazendo surgir tendências contraditórias. Se, por um lado, o impacto da globalização gera mudança em direção à homogeneização das culturas, por outro, o fenômeno provoca resistências, como o fechamento de culturas totalitárias, nacionalistas e conservadoras às suas influências devastadoras, além de contradições como as desigualdades sociais entre os países. Assim, ao mesmo tempo em que homogeneiza, a cultura global também produz a diferença da qual depende para continuar existindo, pois necessita produzir novas formas de identificação através do consumo distinto de mercadorias (ibid.).

Antes do turismo, o mundo de Pirenópolis se resumia ao universo das tradições locais, ou seja, estava vinculado a um tempo e espaço determinados. Para Giddens (1991), as comunidades locais são isoladas, pouco móveis e as relações sociais são limitadas pelo espaço o que garante a ligação do tempo ao espaço. A tradição produz a confiança e a segurança ao grupo que o sistema de parentesco gera relações de amizade entre os membros do grupo e a religião fornece explicações sobre o mundo.

Com a globalização as culturas locais deixaram de ser isoladas e desconhecidas. Assim, o local estaria vinculado ao global de forma definitiva causando o desencaixe e o distanciamento tempo-espaço das comunidades localizadas, pois o turismo introduziu estruturas que não são organizadas localmente (ibdi). Ao mesmo tempo em que divulgou Pirenópolis, o turismo colocou a cidade em contato com a sociedade mais ampla, pois atraiu pessoas de outras regiões para o local como é o caso dos turistas, sendo que muitos acabaram ficando na cidade.

__É, vim como turista sim.. eu vim pra, nas cavalhadas assim.. ...Olha, pra mim foi assim.. eu tava morando em Brasília e vim conhecer a cidade numa das cavalhadas né.. e logo a primeira vista eu já gostei porque eu achei muito agradável.. é um lugar que tem um rio né, tem montanhas.. e desde que eu vim pra Pirenópolis, só é coisa boa.. não tem nada a reclamar de Pirenópolis rss..(Não-Nativo 1)

A partir daí, a vida social em Pirenópolis passa a conviver com práticas e valores tradicionais baseados na organização de sua vida interiorana e modernos e pós-modernos resultantes da interação com outras culturas e da necessidade de preservar os recursos naturais e as tradições. Para Giddens (1991), a modernidade gera o medo e a descrença na sociedade, pois o processo de secularização e o avanço do progresso colocaram em risco a existência da humanidade obrigando-a a refletir sobre o perigo. Assim, abre-se um espaço para o surgimento de supertições e o fortalecimento da religião, que havia sido enfraquecida pela racionalização da sociedade. Isso talvez explique a atração dos alternativos por Pirenópolis, já que uns estavam fugindo do apocalipse ou então buscavam um modo de vida sustentável e uma relação harmônica com a natureza. Já outros foram, para abrir um negócio na cidade relacionado ao turismo.

__83, foi.. 81, 82.. ..não, eu parei em Goiânia, tava indo pra Xavantina, Mato Grosso.. ai parei em Goiânia e fui comer num restaurante macrobiótico lá e vi as fotos daqui e quis conhecer.. ai entrei e achei rss.. Não, não.. Eu vim

pra cá porque eu tava fugindo do apocalipse.. porque é o paralelo 15°²⁶, a humanidade vai é.. é, eu sou né rss (alternativo).. mas hoje eu me considero mais espiritualista do que alternativo.. (se já morou em comunidades) aqui não, não morei.. morei em comunidades dentro de cidades, aqui não.. aqui eu tentei montar uma comunidade e não deu certo, e eu parti pra minha história.. é, porque é difícil mesmo a convivência do ser humano.. o ser humano né, a gente é complicado né.. (Não-Nativo 2)

3.6 RELAÇÃO DE PROXIMIDADE E DISTÂNCIA ENTRE OS GRUPOS

Levando-se em conta que a população de Pirenópolis é formada por moradores nativos e não-nativos, tanto um quanto outro será analisado individualmente e depois como membros de um mesmo grupo, tendo como objeto o turista. Nesse momento, nativos e não-nativos serão igualados como moradores em geral de Pirenópolis para conhecer tanto a relação de proximidade com o turista amigo quanto a relação de distanciamento com o turista inimigo.

3.6.1 Nativos e Não-Nativos

Para Bauman (1999 p. 165, 167), a presença do estrangeiro no grupo gera o nativo e o não-nativo.

Da mesma forma como os demais grupos sociais, tanto os territoriais como os não-territoriais, que se autopropetuum, os estados nacionais coletivizam os amigos e os inimigos. Entretanto, além dessa função universal, os estados também eliminam os estrangeiros; ou pelo menos tentam eliminá-los.

(...)

Se o estado nacional conseguisse o seu objetivo não haveria estrangeiros no mundo da vida dos residentes-transformados-em-nativos. Haveria apenas nativos, que são amigos, e os estrangeiros, que são inimigos atuais ou potenciais.

Assim, as características dos moradores nativos serão identificadas, comparadas e contrastadas com as dos não-nativos, a fim de detectar a relação de proximidade e distância entre si no sentido de Simmel (1983).

Os nativos de Pirenópolis não tinham muitas opções de consumo, pois a cidade era praticamente auto-suficiente em produtos e com pouca variedade de indústrias. Estudos de Curado (1978) revelam que nos anos 1970 as indústrias de

²⁶ No ano de 1883, um padre italiano chamado Dom Bosco teve um sonho que se tornou famoso e virou lenda/supertição, pois dizia que "entre os paralelos de 15° e 20° havia uma depressão bastante larga e comprida, partindo de um ponto onde se formava um lago. Quando vierem escavar as minas ocultas, no meio destas montanhas, surgirá aqui a terra prometida, vertendo leite e mel. Será uma riqueza inconcebível..." (INFOBRASÍLIA, [2008]). A cidade de Pirenópolis está localizada no paralelo 15° (PIRENÓPOLIS TUR, [2008]), assim místicos e espiritualistas sentiram-se atraídos pelo local.

Pirenópolis eram poucas se restringindo a de extração de pedras e minerais, a de produtos alimentícios, sendo algumas artesanais, a de construção civil e a de móveis. O setor de bens e serviços também era limitado, pois, segundo a autora, “O comércio, em geral, é precário, encontrando-se em maior número, armazéns e bares de pequeno porte” (p. 59).

Os moradores não-nativos de Pirenópolis são pessoas de origens diversas, que viajaram bastante e moraram em vários lugares do Brasil e do mundo. Muitos desses que foram morar regularmente na cidade levaram consigo novas práticas e padrões novos de consumo, pois começaram a produzir jóias em prata e produtos naturais como granola, pão integral, e alimentos a base de soja. Com isso, começou a surgir um comércio diferenciado do que existia no local e que foi sustentado pelo turismo na cidade.

___ É, desde que eu vim pra cá que eu sempre mexi com essa área.. de artesanato, móveis rústicos.. um punhado de coisas.. e sempre fui meio ligado ao turismo, mesmo quando tinha pouquinho turista né, eu fazia minhas peças e deixava na loja da prefeitura.. é PIRETUR.. é, e as vezes demorava um ano, dois anos mas acabava vendendo um dia rss.. então, de certa forma sempre fui ligado a essa área ai.. e agora.. antes, quando comecei com a prata né, esse material mais caro é.. a gente dependia mesmo de fora né.. sempre.. até hoje tem que vender mais forte, tem que sair daqui já pra vender seu trabalho.. mas agora de uns tempos pra cá eu consegui construir essa loja né, consegui esse terreno e sobrevivo só daqui da cidade mesmo.. então, pra mim foi uma melhora muito grande.. e gera emprego porque meu trabalho, muita gente terceiriza meus trabalhos.. é, a gente começou a desenvolver nos municípios né.. tem até gente que trabalha pra mim na, no povoado de Bom Jesus né.. mas assim, eu gero muito emprego, eu trabalho com muitas pessoas da cidade é, fazendo mão-de-obra.. eu dou o desenho, dou as idéias, dou a matéria-prima ..é, a gente tá sempre ensinando e aprendendo né, porque é um trabalho que a gente tá sempre aprendendo e passando a informação pra eles né.. muitas vezes eles também, eles também às vezes ensinam pra gente.. porque eles também já vão criando.. uma troca de informação né.. eu acho que tá tendo um desenvolvimento muito bom.. e pelo que eu conheço assim, que eu já viajo por ai bastante.. é, esse trabalho que é feito aqui é bem típico daqui e você não vê esse tipo de coisa por aí não, é muito pouco.. é uma coisa que tem que valorizar muito porque é um trabalho muito importante aqui, dentro do que a gente conhece.. tem muita prata da Índia, da China, sei lá da onde.. Tailândia.. mas é diferenciado.. mas, o que faz aqui é de melhor qualidade né, mais acabado, mais criativo.. lá também tem trabalhos lindíssimos.. não tem dúvida.. mas o daqui também já é diferenciado, aqui já é uma mistura de goiano com brasileiro, com indiano.. assimilou tudo e criou um.. tem o moderno, tem o rococó.. então, acho que é um trabalho muito importante dentro do Brasil.. não existe em outro lugar que tem esse tipo, não... (Pirenópolis é a capital da prata) é, com certeza, com certeza é a capital.. muita gente manda trabalhos daqui pra São Paulo, pros Estados Unidos e vai coisa pra todo lado, pra Argentina, pra todo lado.. vai pro Uruguai.. é um exportador de trabalho de joalheria aqui.. (Não- Nativo 1)

Portanto, o turista também foi determinante para a reestruturação do consumo na cidade, pois surgiram vários estabelecimentos comerciais relacionados diretamente com o turista, cujos proprietários são os nativos e os não-nativos que aderiram ao turismo. Assim, muitos moradores (nativos e não-nativos) passaram a abrir seus negócios e a sobreviverem direta ou indiretamente do turismo, sendo que muitos sobrevivem exclusivamente dessa atividade econômica. Desse modo, muitos dos novos moradores buscaram obter em Pirenópolis mais ou menos o mesmo padrão de vida das cidades grandes, uma vez que abriram cafés, boate, lojas de produtos diferenciados (vestuário, alimentação, etc), etc.

Como se observa, o não-nativo apareceu primeiramente em Pirenópolis como turista e em seguida como estrangeiro no sentido de Simmel (1983), uma vez que levaram para a cidade produtos que nunca existiram por lá. Assim, muitos dos que chegaram, acabaram se fixando na cidade e conseguiram se estabelecer em Pirenópolis, tanto que três dos entrevistados já residem no local há mais de vinte anos e dois deles há menos de cinco anos.

A princípio os turistas e os novos moradores são estranhos à localidade que os recebem e isso ocorre porque ambos rompem com a dualidade bem/mal e, assim, são classificados como indefinidos (COHEN, 2004, BAUMAN, 1999). Para Bauman (1999) o estrangeiro é estranho porque ele é indefinido e, portanto, não se sabe se ele é amigo ou inimigo.

Difícilmente existe uma anomalia mais a anômala do que o estranho. Ele se situa entre o amigo e o inimigo, entre a ordem e o caos, entre o interior e o exterior. Ele representa a traição dos amigos, a astúcia dos inimigos, a falibilidade da ordem, a penetração do interior (p. 163).

Em comunidades com “sociabilidade intensa”, como no caso das tradicionais, a estranheza ao forasteiro não chega a incomodar tanto como no caso dos turistas, já que sua presença no local é esporádica e temporária e, portanto, isso não chega a ser um desafio para os nativos (BAUMAN, 1999 p. 164). Tal fato ocorre, porque o turista viaja, ou seja, vai e volta para seu local de origem (BARRETTO, 1997) e, mesmo que houvesse uma situação de hostilidade, a classificação do turista seria fácil, pois ele seria ou amigo ou inimigo e com limites bem definidos (BAUMAN, 1999 p. 164).

Já a situação dos não-nativos é mais complicada, uma vez que eles não vão embora, ao contrário, eles ficam na localidade receptora, pois trata-se de

migrantes e, sendo assim, esses raramente retornam para seu local de origem, ou melhor eles normalmente seguem em frente (BARRETTO, 1997). Desse modo, os não-nativos não são visitantes e sua estranheza é reclassificada pelos nativos já que passam a conviver obrigatoriamente com eles em seu cotidiano. Ou seja, o estranho agora possui limites confusos para os nativos, pois ele não é de dentro e nem de fora e é ambíguo, indefinido e indistinto, porque não é amigo e nem inimigo.

Os amigos são chamados à existência pela responsabilidade e pelo dever moral. (...) os inimigos, por outro lado, são chamados à existência pela renúncia à responsabilidade e ao dever moral. (...) Embora a antecipação da amizade não seja necessária para a construção de amigos, a antecipação da inimizade é indispensável na construção de inimigos. Dessa forma, a oposição entre amigos e inimigos é a que existe entre o fazer e o sofrer, entre o ser um sujeito e ser um objeto da ação. É uma oposição entre o expandir-se e o recolher-se, entre a iniciativa e a vigilância, entre o dominar e o ser dominado, entre o agir e o responder (p. 160).

O novo estranho ocorre em ambientes urbanos modernos, mas, apesar de ser uma cidade rica em tradições, Pirenópolis possui características de cidade moderna e isso se deve a atividade do turismo praticada no local (ibid.).

A sociabilidade intensa diz respeito à intimidade, à amizade suprimida, à ressonância espiritual e à cooperação desinteressada. As comunidades pré modernas são marcadas por uma densidade física, onde o local em que vivem constitui o universo em que se encerrava toda a vida do mundo ou um mundo compacto (BAUMAN, 1999 p. 163 e 164).

Serão considerados nativos pessoas que nasceram e que residem em Pirenópolis e os não-nativos os moradores que não nasceram, mas que vivem regularmente na cidade. O turista é também um não-nativo, porém, ele será definido como visitante ou turista para se diferenciar dos novos moradores, pois esses últimos possuem vínculos com Pirenópolis, já os turistas, não.

Cerca de 22 pessoas foram entrevistadas, dentre elas 10 nativos, 5 não-nativos e 7 turistas. O número de entrevistados por grupo não foi intencional, uma vez que foram entrevistadas pessoas que estavam disponíveis e que concordaram em participar voluntariamente como sujeitos dessa pesquisa. Como Pirenópolis é uma cidade turística, foi possível vivenciar um pouco de sua rotina já que as pessoas que estão ligadas diretamente com o turismo têm seus compromissos (viagens, etc) durante a semana e, no fim de semana, estão bastante ocupadas. Por causa disso,

foi muito difícil ter acesso a certos entrevistados, como foi o caso de muitos não-nativos.

Para garantir sua privacidade, os entrevistados tiveram sua identidade preservada e, portanto, não serão reveladas características como nome, idade, gênero, dentre outros aspectos que sirvam para identificar os sujeitos dessa pesquisa. Desse modo, características como o nome será codificada com números, ou seja, “nativo 1”, “não-nativo 5”, “turista 4” e assim por diante, e o gênero será indefinido, ou melhor, será utilizado o masculino para todos os entrevistados.

Os nativos entrevistados são pessoas que residem em sua maioria no centro histórico e o restante mora na região do entorno e nos novos bairros da cidade. Trata-se de comerciantes, artistas, intelectuais, funcionários públicos, estudantes e aposentados, ou seja, pessoas que estão ligadas direta e indiretamente ao turismo.

Os não-nativos são pessoas oriundas das regiões centro-oeste, sudeste e nordeste, sendo que a maioria deles moraram em vários lugares antes de se mudarem para Pirenópolis. Todos residem regularmente na cidade, mas boa parte deles moram há mais de vinte anos e os demais nos últimos quatro e dois anos. Muitos residem no centro histórico, mas todos são comerciantes, sendo que a maioria deles está ligada diretamente ao turismo. O motivo que os atraiu a Pirenópolis é bem variado de acordo com as entrevistas.

O não-nativo, ao adotar Pirenópolis como sua nova terra, rompe o vínculo com sua sociedade de origem, mas sua liberdade de partir a qualquer momento é preservada (BAUMAN, 1999). No entanto, a liberdade de ir e vir do estrangeiro é limitada dentro do grupo e isso ocorre porque o estrangeiro unifica o fenômeno da proximidade e distância que está envolvida em toda relação humana. Esse aspecto fica evidente nos dados obtidos em algumas entrevistas com os nativos.

Nas entrevistas com 10 nativos, a maioria deles afirmou ter uma boa convivência com os de fora, sendo que muitos afirmaram ser “boa” e alguns “muito boa” a convivência, desses 1 justificou “são pessoas com cultura boa”, mas 2 fizeram ressalvas como “a convivência é muito boa, os de fora são pessoas finíssimas, educadas, atenciosas, respeitam, restauram as casas, mas há divergência de valores” e “é muito boa a convivência com os de fora, o pirenopolino é acolhedor e hospitaleiro, mas é fechado para mudança, não quer qualificar e falta iniciativa dele”. Do restante, um entrevistado disse que é “mais ou menos a

convivência com os de fora, porque o pirenopolino é meio fechado, há um choque cultural com divergência de valores e estranhamento” e outro acha que “não há muito entrosamento, pois nas festas só vão os de fora e o pirenopolino fica enciumando, porque os de fora estão tomando frente de tudo na cidade e acham que a cidade começou a aparecer a partir deles, sendo que Pirenópolis sempre aconteceu e sempre foi muito falada”.

Com relação aos não-nativos a situação é um pouco semelhante já que muitos depoimentos deles contemplam o conteúdo das falas dos nativos. Dos 5 não-nativos 3 disseram que a convivência com o nativo é “boa”, sendo que foi registrado um casamento entre não-nativo e nativo. E um diz que “no início foi um choque cultural com preconceito, mas com o tempo conquistou seu espaço” e outro que não há entrosamento com os nativos e sente uma resistência por parte deles e um certo xenofobismo com “os de fora” (ver anexo 4), pois estão sempre se distinguindo.

__Em algum momento, que eu acho que tem a ver com as eleições municipais.. a primeira vez que eu vi enunciado a questão dos forasteiros.. enunciado que: “os forasteiros querem mandar na cidade” ..“os de fora” ..“os de fora’ estão aí querendo mandar na cidade”.. Foi num palanque numa eleição municipal de oito anos atrás.. isso virou um instrumento político, porque é uma das coisas mais bobas, mais utilizadas politicamente, que é o xenofobismo.. [Não-Nativo 5]

Do ponto de vista dos nativos os não-nativos são próximos porque são pessoas que compartilham valores gerais que todo ser humano tem, como “ser educado, respeitador, atencioso”, qualidades essas que servem para aproximar o pirenopolino aos novos moradores. Mas, característica como “são pessoas finíssimas”, “são pessoas com cultura” e “restauram casas”, tornam-se elementos de distinção que servem para distanciar os novos moradores do pirenopolino, pois realçam o aspecto diferente que está relacionado a questões sociais como ser elegante, ser culto, ter alto poder aquisitivo. Além disso, “o pirenopolino é meio fechado, há um choque cultural com divergência de valores e estranhamento” que contribuem para o distanciamento entre os grupos, impedindo um maior entrosamento entre eles, o que fica evidente nas reuniões sociais da cidade, pois “nas festas só vão os de fora e o pirenopolino fica enciumando, porque os de fora estão tomando frente de tudo na cidade e acham que a cidade começou a aparecer a partir deles, sendo que Pirenópolis sempre aconteceu e sempre foi muito falada”.

Assim, alguns nativos se sentem inferiores, invadidos e ameaçados em relação aos não-nativos e resistem às mudanças “o pirenopolino é fechado para mudanças”, uma vez que os novos moradores estão tomando o lugar do pirenopolino, dominando e impondo sua visão de mundo sobre a cidade. O próprio pirenopolino admite ser “acolhedor e hospitaleiro, mas é fechado pra mudança, não quer qualificar e falta iniciativa dele”.

__Aí eu acho, é lógico, que existe um sentimento de invasão.. mas era muito mais em relação à questão religiosa.. de gente urbana que, durante a procissão, não sabe se comportar direito.. então a sociedade religiosa se sente agredida e tal.. Mas, no todo, eu nunca vi rejeição.. Culturalmente Pirenópolis.. eu acho a sociedade inteira de Pirenópolis ..ela.. o povo de Pirenópolis é muito hospitaleiro ..A questão da rejeição tá relacionada com o poder político e econômico dessa cidade. É uma questão de um grupo que se sente ameaçado em seus privilégios. ..Por exemplo, você é forasteiro, então começou a ser utilizado.. eu já senti muitas vezes que ser forasteiro também é ficar de uma distinção.. também é bacana.. ah, “eu sou forasteiro”, porque de certa maneira me remete que, se você é de fora, você tem melhor valor.. porque daí você deve ser mais inteligente, você é mais viajado, você é melhor e lalalá.. porque fomenta esse tipo de coisa... [Não-Nativo 5]

Do ponto de vista dos não-nativos, a convivência com o pirenopolino é boa. No entanto, um entrevistado disse que “no início foi um choque cultural com preconceito, mas com o tempo conquistou seu espaço”. Ou seja, a divergência de valores serviu para distanciar o estrangeiro do pirenopolino por causa das diferenças muito realçadas entre eles, apesar da proximidade física de ambos, mas que, com o tempo, foi conseguindo se estabelecer na cidade. Ainda assim, há um certo distanciamento entre os nativos e os não nativos, uma vez que a proximidade física entre os grupos não é determinante para a proximidade social entre eles, pois é preciso haver o reconhecimento dessa proximidade (BOURDIEU, 1997), o que fica evidente no depoimento de um não-nativo que afirmou que “não há entrosamento com os nativos e sente uma resistência por parte deles e um certo xenofobismo com os de fora, pois estão sempre se distinguindo”.

__Teve um choque cultural.. é.. choque cultural, com preconceito né.. mas devagar a gente foi tomando é, tomando conta ai da nossa vida ai chegando.. ninguém, todo mundo de paz, de boa, com grana pra comprar alguma casa, uma coisa, montar um negocinho e viver tranquilo.. é.. aham, foi uma troca boa rss..[Não-Nativo 2]

__A gente pegou aqui o “fora hippie” etc e tal. Mas o que que acontece.. uma cidade do interior, profundamente religiosa ..Porque é um fato.. [Não-Nativo 5]

__Às vezes eles reclamam do pessoal de fora, mas o pessoal de fora que tem vindo pra cá foi só pra acrescentar.. não vem ninguém que você pode dizer que trouxe coisa ruim pras.. as pessoas vieram.. é, com a consciência ecológica, com a preservação dos casarões.. é, e muito recurso pra cá.. que aqui quando eu vim pra cá, a cidade.. as pessoas estavam indo embora de Pirenópolis, porque aqui não havia recursos.. os casarões, muito casarão estava em ruína, as pessoas não tinham valor nenhum, as pessoas vendiam o terreno e nem contavam a casa.. e isso faz tempo, já tem quase trinta anos.. mas agora as pessoas, principalmente de Brasília né, de Goiânia que vieram pra.. e valorizaram todo esse patrimônio.. reformando.. é mais.. a força maior aqui do turismo é mesmo de Brasília né.. que tem um poder aquisitivo mais alto e consome bastante né.. consome muito né.. [Não-Nativo 1]

Desse modo, morar em Pirenópolis, ir a festas e eventos da cidade, freqüentar cinema, teatro e museus, ir a bancos, supermercados e em instituições públicas, além de ser vizinhos não são causas suficientes para determinar um maior envolvimento entre os não-nativos e os nativos, apesar desses espaços e situações propiciarem a convivência social formal ou informal. É preciso, portanto, haver o reconhecimento de tal proximidade (BOURDIEU, 1997), senão o que se observa é a configuração de dois universos paralelos que convivem, mas não interagem. A atividade do turismo, no entanto, vem promovendo a aproximação e interação dos grupos, já que o campo do turismo é formado tanto por nativos como pelos não-nativos.

3.6.2 Moradores e turistas

Levando-se em conta que a população de Pirenópolis é formada por moradores nativos e não-nativos, tanto um quanto outro será analisado individualmente e depois como membros de um mesmo grupo, tendo como objeto o turista. Nesse momento, nativos e não-nativos serão igualados como moradores em geral de Pirenópolis para conhecer tanto a relação de proximidade com o turista amigo quanto a relação de distanciamento com o turista inimigo.

Os não-nativos, em sua totalidade, tem contato com o turista de maneira formal que é através do comércio, mas alguns disseram que certos turistas acabam tornando-se conhecidos porque sempre freqüentam a cidade.

Em relação ao nativo, o contato deste com o turista é mais diversificado. Grande parte dos entrevistados possuem contato direto com os turistas e alguns não interagem com os visitantes, nem formal e nem informalmente. Dos que afirmaram ter contato, metade se relaciona com o turista de modo formal que é através do

comércio, sendo que alguns admitem que acabam fazendo amizade com os turistas e apenas um se restringe ao tratamento formal do comércio. Já a outra metade diz ter amizade com o turista independente de comércio e serviços, ou seja, mais informal, sendo que um diz “ter amizade com muitos visitantes, mas que a política de purificar o turista atrapalhou essa convivência”. Os outros moradores disseram ter contato informal com os turistas, um deles revelou que “muitos vão conhecê-los e visitá-los por serem artistas locais” e o outro, que “os turistas (estudantes universitários) os procuram para fazer entrevistas para o trabalho da faculdade”. Em relação aos nativos que disseram não ter contato com o turista, um disse que apesar de não ter contato no momento, já conviveu mais diretamente com os turistas, quando trabalhou em pousadas.

A totalidade dos não-nativos e boa parte dos nativos têm contato direto com o turista e de maneira mais formal, ou seja, através do comércio e da prestação de serviços e, às vezes, ambos acabam fazendo amizade com os turistas, principalmente os que freqüentam regularmente a cidade. Mas os nativos possuem também outra forma de contato com o turista que é de maneira mais informal, pois muitos procuram os moradores diretamente para visitá-los, fazer entrevistas, tirar fotos, conhecer sua arte. Uma parcela dos nativos diz não ter contato direto com o turista. Assim parte dos pirenopolinos se aproximam dos novos moradores quanto a forma de contato com o turista que é através do comércio e as vezes acabam fazendo amizade. Mas ambos se distanciam em relação a outras formas de contato como a informal e o não-contato.

Para os não-nativos, o turista de uma maneira geral respeita os moradores de Pirenópolis (nativos e não-nativos) e empregam adjetivos muito positivos aos visitantes, pois se trata de “pessoas especiais”, “educadas”, “de alto nível”, “adoram Pirenópolis”, “a cidade é muito bem freqüentada”.

Em relação aos nativos, todos acham que o turista respeita os moradores, sendo que seis disseram que o visitante respeita de maneira geral e dois acham que o turista respeita e valoriza Pirenópolis, um acha que a “maioria dos turistas respeita” e um acha que “os turistas mais velhos respeitam mais que os jovens”.

Tanto os não-nativos como os nativos acham que o turista, de maneira geral, respeita a cidade e os moradores. Os não-nativos aplicam adjetivos muito positivos aos turistas e os nativos fazem pequenas ressalvas, como a maioria respeita ou, então, os turistas mais velhos respeitam mais que os jovens. Os nativos

e não-nativos se aproximam nesse caso, pois concordam que o turista respeita. Mas ambos se distanciam quanto a alguns adjetivos atribuídos ao turista, uma vez que os novos moradores referiram-se às maneiras de comportar-se e ao poder aquisitivo do turista, sendo que a visão dos pirenopolinos diz respeito à quantidade de turistas e à faixa deles.

O turista é amigo para os não-nativos “quando é educado” (2), “quando respeita” (1), “quando fica tranqüilo e anda a pé”, e “quando é de qualidade (de Brasília, de alto nível e que reconhece seu espaço)”.

O turista amigo para o nativo é aquele que “respeita” (8), ou o que “valoriza as festas, tradições e procuram os moradores” (1) ou o que “se comporta bem e conversa com os moradores” (1). No entanto, há uma variedade de respostas quanto ao turista amigo que “respeita”, uma vez que 2 se resumem ao “respeito” apenas, mas em 5 respostas outras qualidades são acrescentadas ao “respeito”, tais como “respeita, gasta dinheiro e é tranqüilo” (1), “respeita o modo de viver da cidade e o pirenopolino” (1); “respeita as normas da cidade” (1); “respeita a cidade e faz amizade com os moradores” (1) e “os turistas acima de 30 anos respeitam” (1).

Os turistas são amigos para os não-nativos quando são educados, respeitadores, tranqüilos, andam a pé, são de qualidade e de alto nível. Para o nativos, o turista amigo é aquele que valoriza as tradições da cidade, procura os moradores, se comporta bem, respeita a cidade, seu modo de viver e suas regras, gasta dinheiro, é tranqüilo e tem mais de 30 anos de idade. Assim o turista amigo tanto para o nativo como para o não-nativo é aquele que respeita, tem poder aquisitivo e se comporta bem, mas ambos se distanciam quanto a outras características, pois os novos moradores preferem um turista de qualidade, que reconhece seu espaço e que anda a pé, os pirenopolinos preferem um turista que tenha mais de 30 anos e que gosta de procurar os moradores para conversar.

O turista inimigo para o não-nativo é o “turista baderneiro, o que depreda/suja e o que rouba” (1), o “turista baderneiro” (1), o “turista embregado, que não conhece e o que vai pra roubar” (1), o “turista baderneiro, o que desrespeita o povo da cidade e o que acha que Pirenópolis é atrasado” e o “turista de massa, e os jovens”.

__Quando tá muito tumulto eu fecho, porque não dá.. as vezes põe o som muito.. por telefone, eles (polícia) demoram a vir.. vem depois.. não, é lá no Bonfim agora ..mas tem que haver um permanente aqui porque as vezes tem muita gente acumulada.. jovens bebendo, todo mundo bêbado as vezes e.. as vezes pode acontecer alguma confusão que não é muito comum, mas já

aconteceu que não existe policiamento.. questão do som muito alto.. muitas vezes estão os carros que tem um som muito alto, um grave altíssimo, treme tudo.. estremece tudo, tremendo o cérebro da gente, uma coisa horrível e aí não tem o policial.. principalmente.. os fins de semana e eventos.. tem que haver policial de plantão mesmo né.. não é ficar passando de ronda não, é ficar fixo no lugar ..tanto aqui quanto na feira da praça também.. isso é uma falha muito grande, sempre que tem muito movimento você não vê um policial por aqui.. isso ..é perigoso, tem que dar segurança pro turista, tem que dar segurança pro cidadão.. e pra nós também, se acontece um roubo, um assalto, alguma coisa aqui como é que.. até a polícia vir aqui é uma meia-hora, até chegar o cara foi embora.. se for uma briga, uma coisa assim, como é que faz né? [Não-Nativo 1]

E para o nativo, o turista inimigo que predomina é o “turista baderneiro e o que depreda/suja a cidade”, o “turista baderneiro, o que depreda/suja e o que rouba” (1), o “turista baderneiro e o que fala mal da cidade (1), o “turista baderneiro (abaixo de 30 anos) e que não respeita os moradores idosos” (1), o “turista que depreda/suja a cidade e o que não respeita os moradores porque não tem educação” (1), o “turista que não respeita os valores morais dos moradores” (1), o “turista que usa o serviço, reclama e sai sem pagar” (1) e “não pode dar muita confiança pra turista que fica pedindo coisas” (1).

O turista inimigo para o não-nativo é o turista baderneiro, que depreda/suja a cidade, que rouba, que é brega, que acha que Pirenópolis é atrasado, que desrespeita os moradores, o turista de massa e os jovens. E para os nativos o turista inimigo é o que faz baderna, depreda/suja a cidade, que rouba, que fala mal da cidade, o turista abaixo de 30 anos, o que não respeita os idosos e os moradores em geral, não tem educação, dá calote e o que não transmite confiança. Como se observa, nativos e não-nativos se aproximam em várias aspectos que servem para qualificar o mau turista como o que faz baderna, depreda/suja a cidade, que rouba, que fala mal da cidade, o turista jovem e o que não respeita o povo da cidade. Mas, para o pirenopolino o turista inimigo é também aquele que dá calote e não transmite confiança enquanto para os novos moradores o mal turista abrange ainda o turista brega, o que não tem conhecimento e o de massa.

Dos 5 não-nativos, três nunca tiveram problemas com turistas, embora um entrevistado tenha dito que o “som alto”, os “pichadores” e os “que vão pra roubar” incomodam. E os dois não-nativos restantes já se estranharam com os turistas devido a motivos como “bebedeira” e “som alto”.

No universo dos nativos seis dos dez entrevistados nunca tiveram problemas com turistas, mas um deles fez uma ressalva, isto é, “não teve

problemas, mas tem turista que assediam as mulheres”. E os três entrevistados restantes afirmaram que já estiveram em situação de conflito com turistas, sendo que dois revelaram o motivo: um foi porque “uma turista estava andando na rua com pouca roupa” e o outro porque “o turista usou um serviço da pousada e saiu sem pagar”.

Uma parte dos não-nativos e nativos se aproximam, pois ambos nunca tiveram problemas com turistas. Mas em relação às ressalvas parte deles se distanciam pois o não-nativo diz que os pichadores incomodam, os que roubam e também os que colocam som alto enquanto o nativo afirma que certos turistas assediam as mulheres. A outra parte dos não-nativos e nativos também se aproximam quanto a já ter tido problemas com os turistas, mas os motivos são divergentes, pois os primeiros foram vítimas de som alto e de bebedeira e demais foram vítimas de atentado ao pudor e de calote.

Nas entrevistas com os sete turistas, a maioria deles (4) disse que não teve contato com os moradores, mas dois tiveram contato, sendo que um disse ser bem tratado e o outro que sempre tem contato e sempre é bem tratado – esse último tem parentes em Pirenópolis. Ou seja, a maioria dos turistas entrevistados não interagem informalmente com os moradores, ou melhor, eles tem contato apenas de maneira formal que é através de comércio e da prestação de serviços. Nesse sentido, todos disseram que o serviço prestado é bom e que foram bem atendidos e bem tratados, e apenas um deles fez uma ressalva que “o serviço é bom, mas quando não está tão cheio”.

3.6.3 Depoimentos

Mas dados da delegacia, da AGETUR de 2002, além de notícias de jornais e dos depoimentos de moradores e turistas em um *site* de relacionamento da *internet* revelam que há um certo mal-estar dos moradores de Pirenópolis em relação ao turista.

Depoimentos de um *site* de relacionamento confirmam esse sentimento de turismofobia por parte dos moradores em relação a um determinado perfil de turistas que, por sua vez, representa o turista inimigo para os moradores de Pirenópolis. Os dados coletados abaixo revelam que alguns turistas, a maioria jovens, acham que está inviável ir para Pirenópolis por causa dos altos preços das pousadas, restaurantes, bares, cachoeiras, etc. Já outros dizem ter sido mal-

atendidos/mal-tratados por donos de cachoeiras na cidade. E alguns moradores afirmaram que a presença na cidade de turistas que colocam som alto incomoda.

Anônimo

__Eu moro aqui e tô nem um pouco preocupado com isso, turista demais enche o saco.

O problema aqui é a merda do Crack q caiu como uma bomba encima da mulecada.

Roubos, furtos e assaltos agora é normal.

Quando vierem aqui cuidado com seus pertences

D.

__Bem eh um pouco ignorância da sua parte achar q o turismo enche o saco, pq turismo eh bom economicamente em qualquer lugar, e ainda traz muito emprego. Mais ainda bem q não são todos q pensam igual a vc, afinal sempre fui muito bem tratada em Piri... Soh tenho a reclamar dos preços altíssimos de pousadas, restaurantes e cachoeiras!

Anônimo

D.

__Ignorância por q? Tudo bem q turista tras dinheiro, emprego etc.

Mas é um saco, tenho direito de pensar assim. Vc não sabe o quanto a população local sofre nos feriados, semana santa com o bando de maloqueiros q aparecem por aqui. Eu acho e continuo achando um saco.

Problema meu, não dependo de dinheiro de turista. e minha opinião não via mudar nada a situação. Falou

P.

__O triste é ver Piri infestada daqueles meninos que acham que se divertir é competir o volume do som (quase sempre horroroso) de carros pelas ruas da cidade, não respeitando sequer as missas da matriz. Uma galerinha, especialmente, de Bsb e Anápolis que não respeitam os moradores, a vida cotidiana da cidade e nem mesmo os turistas que escolhem Pirenópolis como opção de lazer e descando nos finais de semana.

Alguns turistas tem sentido também essa aversão e se defendem, uma vez que os moradores aumentaram os preços da cidade e atenderam mal os visitantes. Outros turistas, mais conscientes, chegam a admitir seu mal comportamento. E reclamam ainda que a programação do Canto da Primavera de 2008 está ruim, ou seja, não há nenhuma atração ou show que atraia a juventude.

Pirenópolis não está mais acessível...

D.

Boa cidade...

__O negocio é que nós candangos somos acostumados com outro tipo de atendimento, que nas principais capitais são perfeitos, ou quase perfeitos, atendentes sorridentes etc. Pessoas bem educadas, mas em pirenopolis tem ótimos lugares, ex:Restaurante Degrau's, o dono é um senhor loiro, que atendimentos é aquele, muito bom mesmo. Agora tem uns locais que somos

mau atendidos pacas, prefiro não citar nomes... As cachoeiras, socorrooooo, está um assalto o valor, e elas continuam do mesmo jeito ,não modificaram nada, em termo de recepção atendimento etc. E o preço é absurdo...Fora a ignorancia dos donos das fazendas. Mas continua sendo um bom lugar...
Abração

M.

__Carissimooo mesmo....Sempre gostei de ir pra piri final de semana mas os preços dobraram e realmente concordo com a galera anda dando um publico de realmente dar medo de andar na cidade a noite....mas acho um absurdo os preços aumentarem,melhor dobrarem sendo que as cachu continuam na mesma,os donos das fazendas oprimem a gente que já tá lá e nos sentimos obrigados a pagar o que eles querem.....estes dias fui lá e o cara veio cobrar 20 reais a entrada da cachu sendo que a placa antes da gente chegar no local dizia 15,00 reais por pessoa.....abusivo os preços da cidade e infelizmente leva o turista a procurar novas opções, lugar melhor e mais em conta como o litoral....Piri volte a ser o que era antes q seja tarde,se já num for.....:D

R.

__tem gente aqui na minha cidade mesmo como a Pat citou, q é uma vergonha pra nós... DIGA NÃO AO SOM AUTOMOTIVO. :D orgulho de morar aqui pertinho de Piri... e a cidade está cheia de "noiados" dá até medo mesmo de andar à noite.=/

M.

Qualidade X Preços abusivos

__Pirenópolis esta se transformando na ilha da fantasia, explorada por empresários mal intencionados. O que vemos são preços abusivos e na maioria dos locais péssimo atendimento. Essa mistura e muito perigosa por que na medida em que isso acontece espanta os turistas que realmente trazem receitas a cidade e não aqueles que a visitam esporadicamente eu concordo com a cobrança de taxas para que seja feita a limpeza nos locais de acesso do publico, mas que sejam cobrados preços justos. Exploreem todo o potencial que piri tem, mas de maneira seria e não para que uma meia dúzia de pessoas fique mais rica e a cidade cada vez mais sucateada por pessoas que não tem como pagar para se hospedar e que acaba fazendo da cidade um verdadeiro tormento. Adoro piri e não gostaria de parar de freqüentar essa cidade. Mas temos que fazer com que esse tipo de turismo de exploração seja banido não só de piri, mas de todas as cidades turísticas do Brasil.

M.

Visão pequena?????

__Visão pequena e comparar piri com Fernando de Noronha ou vice e versa!!! Ou qualquer lugar que seja! A verdade é que um final de semana em piri, e lá se vai um bom tempo, não é diferente em valores do que uma viagem para qualquer outra cidade turística, agora me fala ai G. qual dos seus alunos vai trocar Fernando de Noronha por piri podendo gastar o mesmo? Piri e uma excelente cidade, mas o que a galera tem que entender e que qualquer pessoa que visite a cidade vai fazer esta comparação. Eu e vários amigos também vamos pra piri sempre e curtimos a cidade, mas a verdade é que na maioria dos locais os preços cobrados estão muito aquém do que nos é oferecido!!! Não acho que meu dinheiro seja capim pra pagar caro e ser mal atendido!!! E não é preciso ser dono de pousada para saber disso.

M. B.

J.

Turistas e turistas

__Olha só eu acho é que Piri está muito mais acessível se vc's querem saber... negolota um opalão de cara... passa pela estrada velha pra evitar polícia e enche a cara de pinga lá no bar d turista e dorme tudo bêbado na beira do rio...

Quem curte piri como eu desde os 13 isso fazem 10 anos sabe ainda como dar seus pulos dentro da cidade e se virar legal... nã tenh nada a reclamar da cidade melhorou e muito sem aquela zueira lá... a ultima vez que fui foi no festivalzinh de blues e jazz e amanheci na rua só com vibe boa e gente de qualidade.

R.

__J., me desculpe, mas não é de turista assim que a cidade vive ou deveria viver. Estamos falando de pessoas que vão à Piri, se hospedam em pousadas, comem em restaurantes, pagam para entrar nas cachoeiras, visitam igrejas, museus, fazem compras...Pra esse tipo de turista a cidade está, realmente, cara. Por isso, acaba atraindo tanta gente que faz turismo como você, que, muitas vezes deixa apenas "lixo" na cidade, ao invés de deixar dinheiro! Não sei se é o seu caso, mas garanto que é o que muitos fazem...

J.

R.

__1- Acho errado vc rotular os turistas que optam por acampar, ou que optam por simplesmente não dormir e amanhecer na rua e ficar vagando como pessoas que só deixam lixo na cidade a prática de preços abusivos não é nenhuma novidade em Pirenópolis já fazem muitos anos. 2- Acho que vc não me conhece, não conhece meus habitos para dizer que um turista como eu deixa lixo na cidade, isso é um atrevimento e muita folga da tua parte, logo eu que encho o saco do povo que joga lixo nas ruas. 3-Ja fazem 10 indo para 11 anos que frequento Pirenópolis, com fortes amizades, agora você quer é turismo capitalista, os mesmo que se hospedam e gastam dinheiro sã os mesmos que jogam lixo no rio, que deixam lixo nas ruas, que ligam seus sistemas estereo de som automotivos perturbando a noite de sono e a paz de todos. 4- Quer saber suas idéias ridículas estão longe do meu ponto de vista eu não vou debater com você simplesmente vc quer \$\$\$\$\$\$ em Piri e eu quero qualidade de vida. eu vejo pelo ponto de vista cosmopolitano no qual eu posso ir em Piri ou em Barcelona e gastar o que eu bem enteder como eu bem entender e não é você que vai me dizer se o tipo de turismo que faço é ou deixa de ser bom certo ? O fato é Pirenópolis está mto mais acessível, seja para turistas que atendem aos requisitos da Renata e deixam rios de lixo e dinheiro na cidade, ou para pessoas simples como eu que gostam da natureza e das noites de cantorias e diversssão pela cidade.

R.

__J., realmente não te conheço. Por isso mesmo escrevi que não sabia se era seu hábito deixar lixo na cidade. Também frequento Piri há anos. Acho que até há mais tempo que você. Também já fiquei acampada, já tomei pinga no bar do turista, já curti a noite na rua até amanhcer...não é isso que define se o turista deixa lixo, dinheiro ou o que quer que seja. E também acho que cada um gasta seu dinheiro como quiser. Mas uma coisa pra mim é certa: turismo é uma indústria e serve, também, para gerar divisas, lucro, riqueza. Deve contribuir para o crescimento da cidade/região e do seu povo. E deve preservar os atrativos do local, como cultura, natureza, etc.Mas não deve "explorar" os turistas. E é justamente isso que eu acho que acontece em Piri (sem generalizar, pq conheço estabelecimentos que cobram preços justos). Eu não quero \$\$\$\$...aliás,

não ganho nada com o turismo em Piri. Sou turista, assim como você. Talvez com hábitos diferentes, mas com o mesmo objetivo: curtir Piri. E não entendo porque não quer "discutir" comigo. Pensei que isso fosse um fórum de discussão! E pode ter certeza que ganhamos muito ao ouvir opiniões diferentes das nossas.

Canto da Primavera

D.

Ninguém merece!

É esperei tanto para eles divulgarem e agenda dos shows

ai colocam essa porcariada para tocar em Piri!

É muita sacanagem, esse secretário de turismo é um merda mesmo!

N.

Chega a estragar os planos de muita gente

Sacanagem!!!

=/

R.

Viiiiiiixiiiiii...

Então bom é só recordar um canto 2004 e 2005 da vida.

Paralamas 2004 e Cidade Negra 2005 quem foi viu !

perfeitão...

dps disso...

ta virando isso !

UAHeuhauEA

foda foda.

L. B.

Esse ano n teremos canto da primavera,e sim ...MICO DA PRIMAVERA !

F.

Pelo menos não lota tanto a cidade! Gosto de algumas destas bandas... mas falta um show maior... Almir Sater foi bacana tb!

L.

Será q tem jeito de piorar mais? Tomara q não! Ninguém merece! =)

P.H.

O governador deveria tomar vergonha na cara junto com outras autoridades de merda e melhorar isso daí... ou senão parem de fazer pois não compensa sujar o nome de um evento que já foi uma maravilha..

Ow para de fazer ow melhora isso ai.. esse ano ta foda123

Segue abaixo o depoimento recente de um morador de Goiânia publicado no Jornal Opção (CURADO, 2008) e uma matéria sobre o Canto da Primavera no Diário da Manhã (ALMEIDA, 2005).

Uma cidade que queira vencer o tempo e alcançar seu lugar na história tem de planejar suas ações e trabalhá-las em sintonia com a população. Caso contrário, corre-se o risco de perder o bonde do tempo e de estagnar-se na mesmice.

No feriado da Semana Santa, a histórica cidade de Pirenópolis recebeu um grande número de turistas, em sua maioria famílias que se hospedaram nos inúmeros hotéis e pousadas locais. Era fácil localizá-los nos pontos turísticos com máquinas fotográficas e olhar de curiosidade. À noite esses turistas visitavam as lojinhas de artesanato e relaxavam nos bares e restaurantes na rua do Lazer. Nesse meio tempo, desenrolava na cidade a comemoração religiosa da Semana Santa, com procissões, missas em latim e até teatro a céu aberto.

Tudo muito bonito e perfeito, não fosse um detalhe. Em pleno centro histórico tombado pelo Patrimônio Nacional, num verdadeiro acinte ao bom senso geral, resolveram fazer um campeonato de som automotivo. Era a preparação para uma festa do gênero, que consiste em sons ensurdecadores e ilimitados, ocorrida num galpão sem qualquer adequação acústica e que incomodou a população local pela madrugada inteira.

Ainda no centro histórico, estacionaram os carros nas calçadas e abriram a potência do som sem qualquer constrangimento ou mesmo molestação pelas autoridades públicas que deveriam buscar o sossego geral. Junto com os carros de descontrolado som, obviamente, veio aquela gente feia e peréfrica que nada acrescenta à cidade. Como resultado disso, eu vi pessoas bêbadas dançando entremeio à procissão do Senhor Morto, outra em trajes de banhos e com gestos obscenos. Testemunhei também a perturbação às cerimônias religiosas e o medo das pessoas que transitavam perto daqueles perturbadores.

Diante disso fica uma pergunta. Qual o futuro de Pirenópolis? Parece que a velha cidade está agora num divisor de águas. Ou apresenta uma política pública competente para atrair cada vez mais o bom turista, pessoas que se hospedam nos hotéis e consomem nos bares e restaurantes, que se interessam pelo patrimônio histórico e fomentam as manifestações culturais locais; ou correrá o risco de presenciar a volta do indesejáveis "farofeiros", que apeavam de ônibus sucateados e desciam para a beira do rio com colchões nas costas, pinga na cabeça e panelas nos bornais.

Qual o tipo de turista queremos para nós? Temos de decidir logo. É impossível a convivência entre grupos tão opostos. Se os baderneiros e farofeiros voltarem, as famílias "de fora" se afastarão e procurarão outras localidades históricas. São muitas as opções. Goiás é um Estado rico em cultura.

Este ano tem eleições municipais. A população de Pirenópolis terá, então, a oportunidade de ouvir a proposta dos candidatos e decidir por aquela que atraia um turista de qualidade. É importante observar se o novo prefeito terá um planejamento estratégico e eficiente para a cidade, principalmente a médio e longo prazo.

Pirenópolis cresceu muito na última década. Novos desafios surgiram, problemas imensos agora nos cercam e não há como deixar de reconhecer essa dura realidade. Em contrapartida, a cidade tem de responder aos desafios com um exímio administrador que foque o aspecto turístico do Município, incentive a abertura de museus, promova ações culturais junto à população jovem e trate o turista com o requinte que ele merece.

A. C. C. reside em Goiânia.

Pirenópolis
 Turma do paz e amor incomoda
 Hobbies são alvos de constantes reclamações por perturbação na cidade

Pirenópolis já foi até cenário para a jovem Cristal, interpretada pela cantora Sandy na novela global Estrela Guia, desfilando os ideais hippies para todo o Brasil. Mas a harmonia entre a cidade e os adeptos desse estilo de vida tem ficado apenas nas telas: cinco hippies já foram detidos na Delegacia de Polícia Civil da cidade, por perturbações causadas na instituição de caridade Aldeia da Paz. Dezenas de reclamações de comportamento inadequado por parte da turma da paz e do amor também têm sido feitas diariamente pela população nas polícias Civil e Militar. Na última quinta-feira, Marieta de Sousa, 68, cumpria seu expediente na portaria da Aldeia da Paz, que atende a crianças e idosos, quando foi abordada por duas hippies. Queriam comida e roupas. “Estavam embriagadas e já foram entrando, me xingando e empurrando. A sorte é que a delegacia é aqui perto e consegui chamar os policiais”, conta.

Confusão – Na confusão que se formou, mais hippies se envolveram e cinco foram detidos, por desacato e agressão a policiais. Segundo Marieta, diariamente eles têm pulado os muros da instituição para dormir na varanda do prédio, fazendo também ali sua higiene pessoal. As polícias Civil e Militar têm registrado dezenas de reclamações sobre o comportamento dos hippies na cidade. “Muitos deles vieram à cidade atraídos pela movimentação de turistas para o Canto da Primavera. As reclamações são de furto, perturbação, constrangimento e embriaguez”, aponta a delegada Geinia Maria Eterna. “Além da questão da embriaguez, temos registrado casos onde os hippies tentam forçar as pessoas a realizar doações, em atitudes coercitivas”, conta o tenente da Polícia Militar William Pereira. Os hippies têm sido abordados e direcionados para a praça do Coreto. Mas lá os problemas também existem. “Os donos de pensão da área têm reclamado que hóspedes desistem das reservas quando chegam e vêem aquela concentração na praça”, relata Geinia.

Repressão – Os alternativos reclamam de preconceito e repressão. “Isso aqui está parecendo ditadura, é repressão pura. Só queremos vender nossa arte, estamos indo embora”, diz o artesão Milton Freitas de Oliveira, que esteve presente no incidente na Aldeia da Paz. O efetivo da polícia na cidade foi dobrado para o final de semana. (ALMEIDA, 2005)

Como se observa, o turista inimigo é aquele que tem as diferenças realçadas, pois suas qualidades como baderneiro, mal-educado etc geram uma relação de distanciamento com os moradores e inclusive com outros turistas, pois muitos vão para Pirenópolis para descansar. Assim, o turista inimigo causa estranhamento (SIMMEL, 1983; BAUMAN, 1999) tanto aos moradores da cidade como ao turista amigo.

Outro efeito causado pelo turismo foi o aumento de crimes e infrações em Pirenópolis, assunto esse que será desenvolvido no tópico seguinte.

4. TURISMO, CRIMINALIDADE E VIOLÊNCIA EM PIRENÓPOLIS

Pirenópolis é uma cidade histórica do interior de Goiás. Logo, espera-se que uma cidade desse tipo seja tranqüila, pacata e segura. A segurança também é um atrativo para o turista, pois ele quer viajar pra um lugar em que ele, sua família e amigos possam descansar, divertir-se e que se sintam seguros para ir e vir tranqüilamente e sem riscos.

Uma pesquisa da AGETUR, realizada no ano de 2002, revela que a segurança é uma das motivações do turista, ou seja, uma das causas que o leva e se interessar por Pirenópolis e a querer visitar freqüentemente a cidade nos fins de semana, férias, eventos, etc. Assim, a motivação “viajar a lugares onde se sinta seguro” aparece, no total de 21 opções, em nono lugar no feriado da Semana Santa, em sexto lugar no mês de maio e no período das Cavalhadas e, finalmente, em terceiro lugar no mês de julho. Ou seja, a segurança é um dos dez motivos principais que atrai o turista a Pirenópolis.

Isso é constatado também no plano nacional, uma vez que a falta de segurança tem afastado os turistas estrangeiros do Brasil. O artigo “Bonito, mas pouco atraente” de maio de 2007 do jornal O Estado de São Paulo demonstra isso, pois não basta ser bonito e ter uma variedade de atrativos naturais e culturais se o local de destino turístico possui problemas como violência e insegurança. Assim, é preciso investir em segurança para atrair o turista.

Os excelentes recursos naturais e culturais do País, bem como a boa rede de transporte aéreo e de infra-estrutura turística, não são suficientes para compensar a rede viária precária, o excesso de exigências formais que são feitas aos turistas estrangeiros e o medo da violência nas ruas. É este o quadro do turismo no Brasil que o recém-divulgado Relatório de Competitividade em Turismo e Viagens, elaborado pelo Fórum Econômico Mundial (WEF, sigla em inglês), nos revela. Entre os 124 países examinados pelo WEF, o Brasil, a despeito dos dados citados acima, ocupa apenas a 38ª posição entre os mais atraentes para os turistas internacionais (BONITO, 2007).

O que se observa é que a ocorrência de crimes em Pirenópolis vem aumentando a partir de 1999 como mostram os dados obtidos na Delegacia de Polícia Civil de Pirenópolis. Isso pode ser observado também no jornal Folha de Pirenópolis e, ainda, em relatos espontâneos coletados em *sites* de relacionamento da *internet* como o *Orkut*. Cruzando-se essas diferentes fontes de dados foi possível

detectar que até o próprio turista tem sido vítima de crimes em Pirenópolis, apesar dos entrevistados dessa pesquisa considerarem a cidade segura e tranqüila.

__To achando bem segura.. por enquanto.. não aconteceu nada, rss..

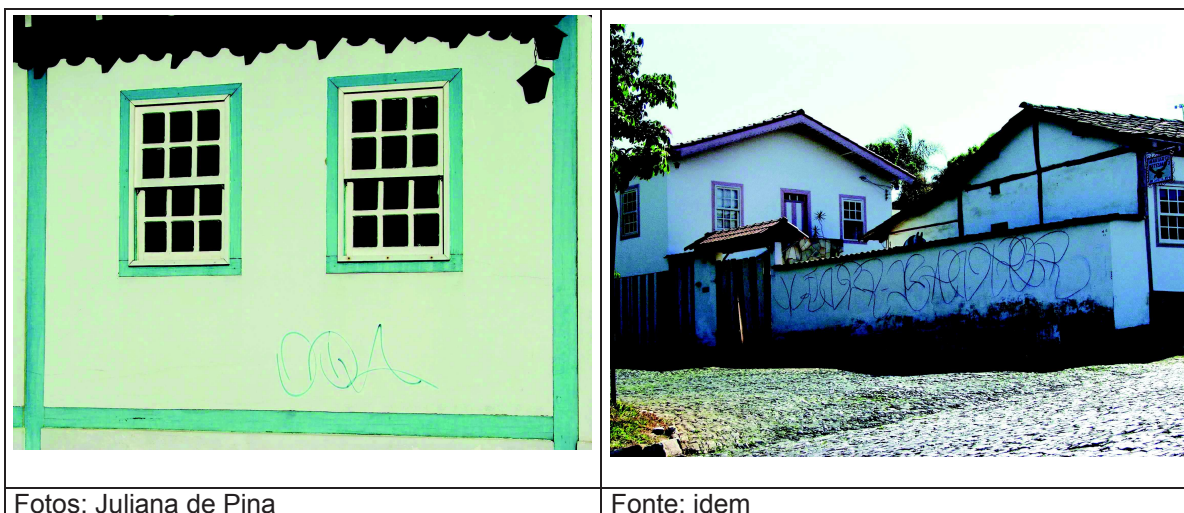
[Turista 1]

As entrevistas realizadas com os moradores, sendo 10 (dez) nativos e 5 (cinco) não-nativos entre o fim do mês de junho e o início do mês de julho de 2008, todos eles acham, ao contrario dos turistas entrevistados, que a insegurança na cidade vem aumentando.

A maioria dos não-nativos percebem que a cidade está ficando insegura e que não está tão tranqüila como antes, sendo que alguns afirmaram que a cidade está insegura, pois não podem mais deixar a casa aberta. Grande parte dos não-nativos já foi furtada nos últimos três anos e os que negaram disseram conhecer moradores que já foram vítimas de furto. Segundo eles, a insegurança tem aumentado com o “crescimento da cidade”, “nos últimos dez anos” e “nos últimos quatro” ou “nos últimos dez, mas se intensificou nos últimos dois anos”. Os crimes que mais ocorrem na cidade é o furto, o roubo e o tráfico de drogas. Quanto às causas atribuídas ao aumento dos crimes, a mais citada foi a questão das drogas (5), em seguida aparece a crise social (falta de emprego, educação, lazer, etc) (4) e, ainda, a falta de cadeia, o aumento da população e questões relacionadas diretamente com o turismo (aumento do fluxo de turista, a temporada de eventos, pela cidade ser turística e atrair muitas pessoas) (3) e, por último, a impunidade, localização da cidade, alta divulgação de Pirenópolis, o descaso da administração pública (1). Já os bairros em que há maior incidência de crimes é, por unanimidade, o Alto do Bonfim considerado a “favela da Rocinha de Pirenópolis” em comparação com a que existe na cidade do Rio de Janeiro, sendo que o bairro Alto da Lapa e a zona rural foram citadas apenas uma vez. A maioria dos novos moradores acham que há uma relação entre o aumento de crimes e os eventos da cidade, principalmente durante o carnaval e na alta temporada. E, em relação à origem, os infratores são “de dentro” e “de fora” da cidade para os não-nativos. No entanto, ocorre um detalhamento em relação à origem dos criminosos, ou seja, há os moradores da cidade e os moradores recentes que são “de dentro” e as quadrilhas e

os pichadores que são “de fora”, oriundos de “regiões circunvizinhas” e da “periferia de Brasília”.

Ilustrações 3 e 4 – Pichação em casarões de Pirenópolis



Em resumo, a maioria dos nativos considera que Pirenópolis ainda é tranqüila se comparada com outras, como as cidades satélites de Brasília. Alguns acham que a cidade não é mais segura. Grande parte dos nativos já foi furtado nos últimos cinco anos e, nesse sentido, acham que a cidade passou a ficar insegura mais recentemente ou nos últimos cinco anos por causa das drogas, há dez anos, no últimos 20 anos por causa de Brasília, quando começou a atrair gente de fora, com o turismo, com a vinda dos farofeiros e sempre teve crimes. Os crimes que mais ocorrem são os roubos, furtos, homicídios, assalto a mão armada e drogas. Dentre às causas atribuídas à insegurança estão a falta de cadeia, impunidade, droga, consumismo da sociedade, turismo, abertura de novas estradas, prostituição, superlotação da cadeia de Jaranópolis e descaso das autoridades. O Alto do Bonfim é o bairro com maior incidência de crimes que é chamado por alguns nativos de “Espanha” porque “el’espanham tudo” (eles, os menores, apanham tudo). Boa parte dos nativos acham que há relação entre eventos e aumento de crimes na cidade, sendo que durante os feriados, o carnaval e o Canto da Primavera a incidência é maior, mas alguns disseram que independe, que é variado e que em dias normais também ocorrem crimes, apesar que na época de eventos acontece mais. Quanto a origem dos infratores, os nativos também classificam como “de dentro” e “de fora”.

Os “de dentro” são os “ladrões de varal de Pirenópolis”, “os pequenos furtos”, “gente dos municípios (povoados) que mudaram para Pirenópolis”, “gente do Bonfim” e os que residem, mas que não tem origem na cidade, ou seja, pessoas de origens diversas que saem de Brasília, passam por Pirenópolis, moram pouco tempo no local e depois vão embora. Já os “de fora” são marginais atraídos pelo fluxo de gente na cidade, pessoas do entorno de Brasília que na alta temporada do turismo vão para a cidade cometer furtos e os que praticam roubos qualificados, sendo que o turista não faz isso.

Os dados levantados na Delegacia de Polícia Civil de Pirenópolis confirmam as tendências reveladas nas entrevistas.

Tabela 23 – Ocorrências policiais em Pirenópolis (1994-2007)

ANO	B.O.	T.C.O.	B.O.C.	TOTAL
1994	101	-	-	101
1995	14	-	-	14
1996	26	-	-	26
1997	07*	-	-	07*
1998	122	-	05*	127*
1999	200	-	12	212*
2000	---	192	02	194*
2001	---	372	63	435*
2002	486*	450	34	970
2003	580	92*	58	730*
2004	668	521	73	1262
2005	654	672	94	1420
2006	649	594	88	1331
2007	669	550	85	1304

Fonte: Livros de registros de B.O.s, T.C.O.s e B.O.C.s da Delegacia de Polícia Civil de Pirenópolis de 1994-2007

OBS.: (-) não houve registro de boletim de T.C.O. e B.O.C. nos referentes períodos

(---) ainda não foi encontrado o livro de registro de B.O. dos referentes mês/ano

(*) mês e/ou ano e/ou total incompletos

No que diz respeito aos crimes na cidade de Pirenópolis, é observado que o número de BOs (boletins de ocorrências) possui uma tendência ascendente de 1998 a 2004, apesar da ausência de dados referentes aos anos de 2000 e 2001, pois os cadernos dos respectivos anos não foram encontrados. Em seguida, há uma pequena queda das ocorrências em 2005 e 2006 voltando a aumentar em 2007 como demonstra a tabela abaixo.

Os dados dos BOs anteriores ao ano de 1998, ou seja, de 1994 a 1997 são imprecisos, uma vez que os boletins são enumerados e sua seqüência não foi

devidamente obedecida e regularmente registrada nos cadernos da Delegacia da Polícia Civil de Pirenópolis. Apesar disso, pode-se fazer uma comparação quanto aos tipos de crime que ocorriam nos anos 1990 com os de 2002 em diante para conhecer o que mudou nesse período.

Tabela 24 – Ocorrências policiais em Pirenópolis mês a mês a partir dos BOs (1994-2007)

Mês Ano	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	total
1994	19	13	14	09	21	06	04	01	03	04	05	02	101
1995	03	02	01	-	-	02	01	-	03	02	-	-	14
1996	01	02	03	02	-	01	02	01	08	03	03	-	26
1997	02*	03*	---	---	---	01*	01*	---	---	---	---	---	07*
1998	03	-	-	08	14	10	17	11	08	14	09	11	122
1999	12	27	13	16	17	18	15	14	14	23	18	13	200
2000	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
2001	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
2002	---	---	---	---	29*	38	39	30	39	23	48	46	486*
2003	46	28	80	42	49	53	49	37	53	49	46	48	580
2004	49	84	75	69	68	48	39	53	66	29	42	46	668
2005	44	150	43	29	30	53	44	53	81	36	37	54	654
2006	60	59	51	66	48	34	66	51	72	53	39	50	649
2007	53	70	47	59	54	49	64	59	47	63	61	43	669

Fonte: Livros de registros de B.O.s da Delegacia de Polícia Civil de Pirenópolis de 1994-2007

OBS.: (-) não houve registro de boletim de ocorrências no referente período

(---) ainda não foi encontrado o livro de registro de B.O. dos referentes mês/ano

(*) mês e/ou ano e/ou total incompletos

Os dados dos BOs referentes aos anos 1990, apesar da imprecisão dos números, apresentam um volume de crimes bem inferior ao do ano de 2002. O número de ocorrências em 1999 foi quase o dobro em relação a 1998 e essa tendência se manteve ascendente em 2002, em 2003 e em 2004. Em 2005 houve uma pequena queda que persistiu em 2006, mas que voltou a subir em 2007. Houve, ainda, um aumento na classificação dos crimes.

De acordo com os dados dos BOs da delegacia, na década de 1990, os crimes principais eram furto, acidente de trânsito, homicídio e lesão corporal, sendo que o roubo começou a aparecer a partir de 1998 e a violência doméstica²⁷, que nunca havia aparecido antes, surge em 2006 com seis ocorrências, aparecendo já em segundo lugar na ordem dos crimes no ano de 2007 com setenta e cinco registros. A partir de 2002, o furto, além de ser o principal crime, aumenta

²⁷ Com o surgimento da Lei 11.340 em 2006, também conhecida como Lei Maria da Penha, cria-se “mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher” (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2008).

assustadoramente seu volume nos anos seguintes e mantém sua alta até em 2005, quando em 2006 há uma pequena queda cuja tendência continuou em 2007. Desse modo, pode-se afirmar que na virada do milênio os crimes em Pirenópolis começaram a aumentar consideravelmente como demonstram as tabelas (ver apêndice A).

Um dos fatos que implica mudança é o surgimento do TCO (termo circunstanciado de ocorrência)²⁸. O TCO foi criado em 1995 com a Lei 9.099 como alternativa ao “auto de prisão em flagrante e delito” para registrar infrações de menor potencial ofensivo, como é o caso dos crimes da Lei de Contravenções Penais de 1941 e dos crimes com pena inferior a dois anos. Lesão corporal leve, posse e uso de tóxico, perturbação do sossego, perturbação da tranqüilidade, dano, desobediência, desacato, vias de fato, dirigir sem habilitação, ameaça, violação de domicílio, dentre outros, são exemplos de infrações de menor potencial ofensivo.

Mas, na delegacia de Pirenópolis foram encontrados livros a partir do ano 2000 apenas.

Tabela 25 – Ocorrências policiais em Pirenópolis mês a mês a partir dos TCOs (2000-2007)

Mês Ano	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	Total
2000	23	18	16	18	15	14	22	09	14	17	15	11	192
2001	17	23	29	51	52	40	22	32	40	23	16	27	372
2002	43	44	40	47	49	32	22	34	21	42	35	41	450
2003	20	24	33	15	---	---	---	---	---	---	---	---	92*
2004	35*	53	33	37	72	39	33	36	45	37	53	48	521
2005	34	56	77	59	39	55	52	81	74	49	41	55	672
2006	61	69	45	37	59	59	47	40	50	43	42	42	594
2007	45	40	52	39	43	44	29	53	46	55	54	50	550

Fonte: Livros de registros de T.C.O.s da Delegacia de Polícia Civil de Pirenópolis de 2000-2007

OBS.: (*) mês e/ou ano e/ou total incompletos

(---) ainda não foi encontrado o livro de registro de T.C.O.s dos referentes mês/ano

Os números do TCO apresentam uma tendência ascendente a partir de 2000 a 2005. Os dados de 2003 estão incompletos, com 92 registros apenas. E em 2006 há uma queda do número de ocorrência que declina novamente em 2007. Houve ainda uma complexificação das ocorrências com a combinação de duas ou mais classificações num mesmo registro (ver apêndice B).

²⁸ Art. 61. Consideram-se infrações penais de menor potencial ofensivo, para os efeitos desta Lei, as contravenções penais e os crimes a que a lei comine pena máxima não superior a 2 (dois) anos, cumulada ou não com multa (BRASIL, [2008]).

As infrações que predominam regularmente de 2000 a 2007 são a ameaça, dirigir sem CNH²⁹, lesão corporal, perturbação da tranqüilidade, perturbação do sossego, embriaguez, vias de fato, receptação, desobediência, dentre outros. A posse e uso de tóxico aparece a partir de 2002 e se constitui uma das principais ocorrências até 2007, com tendência ascendente de 2003 a 2005, e caindo dois últimos anos.

Com o surgimento do TCO e do BOC (boletim de ocorrência circunstanciado) os crimes passaram a ser registrados em três cadernos diferentes, ou seja, no livro de registro de BO, no de TCO e no de BOC, sendo que este último está relacionado a crimes cometidos por menores apresentando dados registrados a partir de 1998. Os BOCs anteriores a 2000 registram baixo número de ocorrências e pouca variedade. Mas a partir de 2001 os BOCs se mantêm com dois dígitos, tendo uma queda em 2002, mas mantendo uma tendência ascendente de 2003 a 2005, voltando a declinar em 2006 e persistindo nessa tendência em 2007.

Tabela 26 – Ocorrências policiais em Pirenópolis mês a mês a partir dos BOC (1998-2007)

Mês Ano	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	Total
1998	-	-	-	-	-	-	01	-	-	01	-	01	05*
1999	06*	-	02	-	01	-	-	02	01	-	-	-	12
2000	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	01	-	02
2001	01	03	02	20	07	08	03	04	04	06	03	02	63
2002	03	04	03	03	03	04	-	04	02	03	03	02	34
2003	02	02	01	08	05	04	03	04	05	08	11	05	58
2004	05	02	08	12	04	07	02	11	06	02	07	07	73
2005	04	08	03	07	01	10	06	20	13	06	10	06	94
2006	04	12	05	13	08	10	07	04	07	05	09	04	88
2007	06	08	06	08	06	03	07	03	10	08	15	05	85

Fonte: Livros de registros de B.O.C.s da Delegacia de Polícia Civil de Pirenópolis de 1998-2007

OBS.: (-) não houve registro de B.O.C.s nos referentes períodos

(*) mês e/ou ano incompletos

Os dados dos BOCs³⁰ demonstram que lesão corporal, furto e infrações no trânsito eram os crimes que mais predominaram em Pirenópolis no período de 1998 a 2001. Em 2002, porém, o furto aparece em primeiro lugar se mantêm nos anos seguintes como o principal crime praticado por menores na cidade. Já a “posse e uso de tóxico” começa a aparecer em 2001 e, a partir daí, se torna uma das cinco

²⁹ Carteira Nacional de Habilitação.

³⁰ O BOC foi criado pela lei 8.069 de 1990 e diz respeito ao Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, [2008])

principais e constantes ocorrências envolvendo menores. Sendo que perturbação do sossego, receptação, porte de arma, vadiagem, perturbação da tranqüilidade e embriaguez aparecem mais ou menos regularmente a partir de 2001 (ver apêndice C).

Relacionando os dados da Delegacia com os dados das entrevistas com os moradores de Pirenópolis, foi observado que o furto, o roubo, o homicídio, o assalto, as drogas e o vandalismo aparecem como os crimes que mais têm ocorrido na cidade.

Para os moradores as causas do aumento de crimes em Pirenópolis estão relacionadas a várias questões que foram agrupadas de maneira em que elas se relacionam. Assim, as causas são: a falta de cadeia, impunidade, cadeia de Jaranápolis lotada e incompetência e descaso das autoridades; turismo; localização de Pirenópolis e surgimento de novas estradas; aumento da população; consumismo; e as drogas.

De acordo com a AGSP (Agência Goiana do Sistema Prisional), o prédio onde funcionava a cadeia de Pirenópolis foi desativado em janeiro de 2006 e transferido aos cuidados do IPHAN para ser restaurado, pois tratava-se de um patrimônio material construído em 1912 que funcionou como câmara de vereadores no piso superior e como prisão no andar de baixo até 1999. A parte de baixo do prédio continuou sendo cadeia mas a de cima passou a funcionar o corpo de bombeiros. Como o prédio é tombado, o IPHAN proibiu a realização de obras para ampliar o prédio. Assim, o prédio não poderia ser reestruturado para atender adequadamente às necessidades do presídio que, por sua vez, precisava aumentar sua capacidade para abrigar um maior número de presos, sendo que a superlotação do espaço já era vigente e eram necessárias obras para expandi-lo (PRÉDIO, 2006).

Superlotação na cadeia é preocupante

Numa cela feita para acomodar no máximo três presos, hoje acomoda nove homens em situação precária, dormem no chão, usam banheiro sujo e ficam amontoados. Segundo a delegada, a cadeia da cidade está superlotada (SUPERLOTAÇÃO, 2005).

Ainda em janeiro de 2006 a AGSP havia firmado acordo com a Prefeitura de Pirenópolis para a construção de uma nova cadeia pública para a cidade no prazo de quatro meses. As obras da restauração da Casa de Câmara e Cadeia terminaram em janeiro de 2007 e o prédio estava destinado a virar museu, isto é, sediar o Museu da Imprensa na cidade o que não ocorreu, porque ficou caro o

orçamento segundo a AGEPEL (PRÉDIO, 2006). Assim, o prédio ficou fechado e sem utilidade até março de 2007 (LONGO, 2007). A partir daí, o espaço passou a estar aberto para visitação dos turistas, começou a realizar exposições de obras de artistas locais e a ter uma programação mais ou menos regular na cidade.

Mas a cadeia que deveria ser construída na cidade não aconteceu até hoje. Pirenópolis está sem cadeia durante todo esse período de janeiro de 2006 a julho de 2008. No entanto, improvisou-se um presídio com duas celas com capacidade para quatro presos em cada uma delas numa casa localizada no povoado de Jaranópolis, a 36 quilômetros do município, sendo que a Delegacia da Polícia Civil funciona ainda no mesmo local, isto é, na rua do Fuzil próximo ao rio das Almas. Mas a cadeia de Jaranópolis já sofre com a superlotação o que levou o Ministério Público (MP) a condenar o estado a construir uma nova cadeia para Pirenópolis, pois “a cidade, de cerca de 25 mil habitantes, que tem sérios problemas de criminalidade e que recebe milhares de turistas, não conta sequer com uma cela em sua delegacia de polícia para abrigar os presos em flagrantes” (GOIÁS, 2008).

No ano de 2006 o número de ocorrências de BOs permaneceu o mesmo se comparando com 2005. O número de furtos diminuiu de 434, em 2005, para 384, em 2006. Porém, o número de roubos aumentou de 23 para 42 e o de homicídio subiu de 3 para 11 de um ano para o outro. Mas no ano de 2007 o número de ocorrências aumentou de 2006 para 2007, ou seja, de 649 foi para 669. No entanto, essa pequena alta se deve a violência doméstica que aumentou significativamente de seis, em 2006, para 75, em 2007, ocupando o segundo lugar no volume total de crimes em 2007. Por outro lado, o número de furtos caiu de 384 para 337 em 2007, o de roubo de 42 para 26 e o de homicídio de 11 para 4, incluindo um latrocínio.

Desse modo, pode-se afirmar que a falta de cadeia em Pirenópolis durante o período de 2006 a 2007 teve influência no aumento de ocorrências durante o ano de 2006 apenas. Entretanto, de 1994 a 2007, o maior número de furtos já registrados na cidade de acordo com os livros foi no ano de 2005 com 434, período esse em que a cadeia já sofria com a superlotação de presos, situação essa que parece se repetir em 2008 com a superlotação do presídio improvisado no povoado de Jaranópolis.

__ Não tem uma cadeia, então isso incita as pessoas a fazerem... ah, porque manda não sei pra onde, não sei pra onde, não sei pra onde.. tá com problema muito grave com droga pesada.. e se não tiver um trabalho social rápido e intenso com a juventude, o bicho vai pegar.. [Não-Nativo 2]

De acordo com o jornal Folha de Pirenópolis (2008), há um sensação na população de que os crimes continuam aumentando. Assim, a superlotação da Casa de Câmara e Cadeia em 2005, somada com a (ainda) falta de cadeia, em 2007 e 2008, e a superlotação do presídio de Jaranópolis coincidem com o período de aumento de crimes como furtos, roubos e homicídios na cidade que, por sua vez, se deu em 2005 e 2006, mas com queda em 2007 e, talvez, uma possível alta em 2008.

Pirenópolis sofre com ações constantes de roubos, furtos e vandalismo. De uns meses para cá, o índice destas infrações vem aumentando assustadoramente, são invasões e pequenos furtos de residências, carros e pousadas. Isto está associado ao também aumento do consumo de crack, merla e outros derivados da cocaína (O USO, 2008).

O turismo surgiu em Pirenópolis por causa das cavalhadas e, a partir daí, a cidade passou a ser bastante divulgada em livros, filmes, novelas, propagandas do governo, revistas, *internet*, dentre outros, e começou a atrair fluxos de pessoas de toda parte. Durante a alta temporada, que corresponde aos fins de semana, feriados prolongados, férias e eventos como o Carnaval e o Festival de Música Canto da Primavera, tal fluxo se torna maior e, conseqüentemente, o número de crimes aumentam. Isso ocorre por causa do aumento do número de pessoas, mas também, porque a atividade turística levou o progresso para Pirenópolis, como por exemplo, a melhoria das estradas, o surgimento de novos bairros, construção de aeroporto, a diversificação do consumo, etc. Assim, o efeito multiplicador do turismo ou “efeito em cadeia” (BARRETTO, 2007) generalizou também certos problemas na cidade como, por exemplo, a insegurança e as drogas. Seria importante também analisar se o índice de violência doméstica está relacionado ao turismo, já que essa atividade do ponto de vista econômico vem proporcionando a emancipação de muitas mulheres em Pirenópolis absorvendo a mão-de-obra feminina e isso muitas vezes gera conflito dentro de casa com seus pais ou maridos, uma vez que se trata de uma sociedade tradicional onde os homens detém o domínio sobre as mulheres (ibid.).

Em Pirenópolis, mega festas como *Rave* e *Trance* eram realizadas durante o feriado de Carnaval e isso se deu em 2004 e 2005. No ano de 2004 foram constatados pela policia uma morte por afogamento e o uso de drogas e, em 2005, foram registradas 240 ocorrências e, inclusive, um homicídio, sendo que 102 casos foram em relação a furtos e a delegacia não conseguiu atender todas as vítimas. Em

vista disso, um acordo envolvendo a Prefeitura, a Promotoria Pública, a Polícia Militar, a Delegacia de Polícia e os comerciantes locais proibiu, em 2006, a realização de mega festas na cidade (ver anexo 5-A). Assim, o Carnaval de 2006 ocorreu de forma mais tranquila (ver anexo 5-B), sendo registradas apenas 40 ocorrências entre furtos, agressões e porte de drogas (PIRENÓPOLIS, 2006). Os dados dos livros dos BOs BOCs e TCOs de 2004, 2005 e 2006 ilustram tais fatos.

Nos BOs, o furto e roubo não só se concentram durante o Carnaval, a Semana Santa e o Canto da Primavera como também aumentam consideravelmente nesses períodos, principalmente o roubo. O acidente de trânsito relaciona razoavelmente com a alta temporada. E o homicídio, afogamento, lesão corporal independem dessas épocas (ver apêndice D).

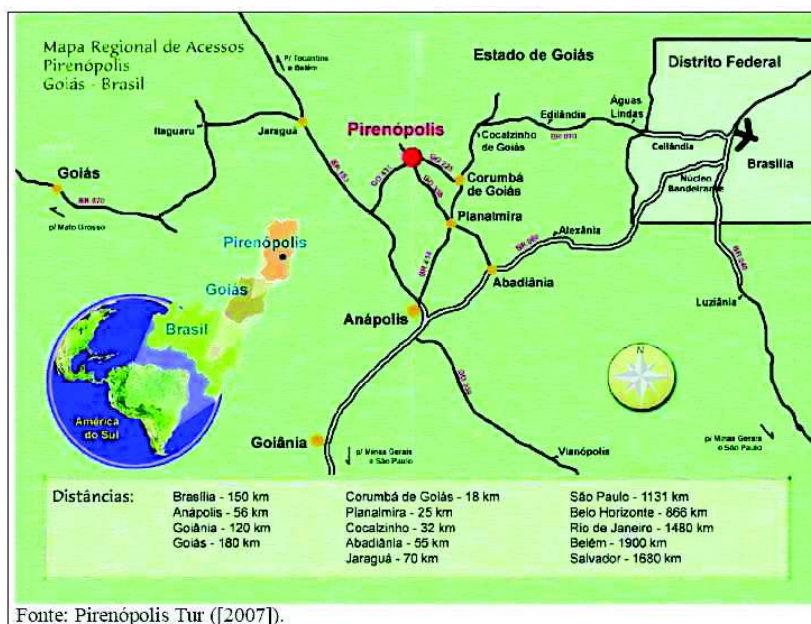
Os crimes predominantes do TCO a partir de 2000 são a embriaguez, vias de fato e dirigir sem CNH, sendo que perturbação da tranquilidade e perturbação do sossego foram aos poucos se tornando regulares e aumentando seu volume. A partir de 2002 a posse e uso de tóxico surge pela primeira vez já com dois dígitos, configurando mais uma ocorrência regular na cidade apesar da sua tendência em queda nos anos seguintes, sendo que há uma grande relação da posse e uso de tóxico com a alta temporada, principalmente no Carnaval e Canto da Primavera. Porém a baixa no número de ocorrências de posse e uso de tóxico se deve ao fato da proibição por parte do poder público local de realização de mega festas em Pirenópolis durante o Carnaval a partir de 2006, o que fez praticamente desaparecer o número de registros de tal crime durante esse evento e, ainda, ao fato de o Canto da Primavera ter modificado seu perfil de evento de massa para um evento mais segmentado. A desobediência e a receptação apesar da pouca frequência aparecem desde 2000, sendo que o maior volume se deu em 2007. Um detalhe importante é que a receptação teve uma pequena alta, de um, em 2000, para doze, em 2007, quando surgiu, pela primeira vez, a posse e uso de tóxico a partir do ano de 2002. E perturbação da tranquilidade, vias de fato, dirigir sem CNH e perturbação do sossego apresentam um número maior de ocorrências durante a alta temporada, sendo que desobediência se relaciona com o Carnaval e na Semana Santa e a receptação independe de alta temporada (ver apêndice E).

Os crimes dos BOCs que têm relação com a alta temporada, que corresponde ao Carnaval, Semana Santa e Canto da Primavera referentes ao período de 2001 a 2007, são o furto, a posse e uso de tóxico e perturbação da

tranqüilidade, perturbação do sossego e vias de fato. Já lesão corporal, receptação independem de temporada. As ocorrências furto e a posse e uso de tóxico concentram-se mais na Semana Santa e no Canto da Primavera, sendo que vias de fato predomina em eventos de massa como o Carnaval e o Canto da Primavera (ver apêndice F).

Não apenas o crescimento do turismo, mas a localização da cidade e o acesso por estradas variadas torna-a vulnerável aos atos de violência e criminalidade. A referência à localização privilegiada de Pirenópolis também aparece nas entrevistas como causa da vulnerabilidade da cidade. Localizada na 12ª microregião de Goiás-Brasil, na região do entorno de Brasília, a leste do Estado (PIRENÓPOLIS TUR [2007]) e faz limite com os municípios de Abadiânia, Anápolis, Cocalzinho, Corumbá de Goiás, Goianésia, Jaraguá, Petrolina de Goiás, São Francisco de Goiás e Vila Propício (SEPIN/GO, 2007). A cidade também está próxima a Anápolis (a 71km), Goiânia (a 121km) e Brasília (a 138km) (SEBRAE/GO, 2005; SEPIN/GO, 2007). As estradas que dão acesso a Pirenópolis são as BRs 070, 414 e 153 e as GOs 431, 338 e 225, todas elas em bom estado de conservação (PIRENÓPOLIS, [2007]). Há três maneiras de se chegar a Pirenópolis, ou seja, de carro, de ônibus ou de avião. A cidade possui duas vias de entrada, ou seja, um trevo com saídas para Corumbá (GO-225) e para Planalmira (GO-338) com destino a Anápolis, Goiânia ou Brasília e outro, com saída para alguns povoados e também para a Fazenda Babilônia (GO-431). Há também o trevo que dá acesso a estrada dos Pireneus rumo às cachoeiras, pedreira, reservas e ao PEP, trecho que foi parcialmente asfaltado recentemente.

Mapa 1 - Vias de acesso a Pirenópolis



A rodovia que ligava Pirenópolis a Goianésia surgiu em 1951, a que levava a Jaraguá, em 1959, e a que faz conexão com Anápolis, em 1978, sendo que nos anos 80 foi iniciada a pavimentação da estrada que liga a cidade a Corumbá (SILVA, 2001 p. 142) e, recentemente, foi pavimentada a GO-338 e a BR-070 foi parcialmente duplicada.

Foto 1 – Visão panorâmica de Pirenópolis em 1976

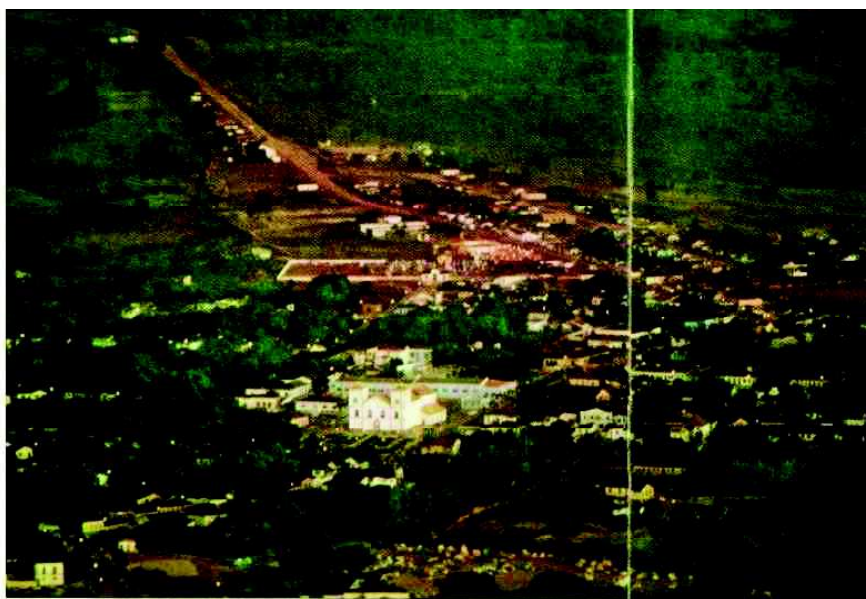


Figura 20. Panorâmica tirada do alto do Morro do Frota, 1976. Fonte: Revista Geográfica Universal.

Fonte: Revista Geográfica Universal (apud ALMEIDA, 2005).
Estrada GO-225 sem asfalto no fundo

Foto 2 – Visão panorâmica atual de Pirenópolis

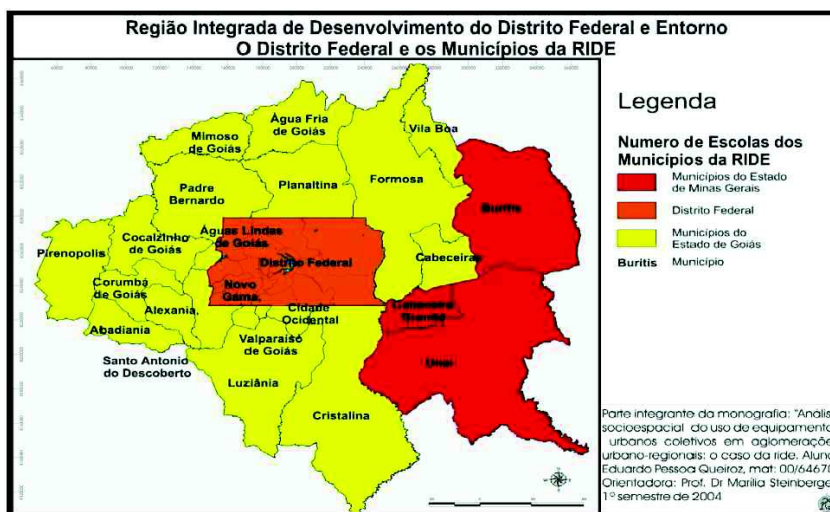


Foto: Economia & Desenvolvimento (apud SEPLAN, 2006)

Pirenópolis faz parte da RIDE (Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno) junto com outros município como Abadiânia, Água Fria de

Goiás, Águas Lindas, Alexânia, Cabeceiras, Cidade Ocidental, Cocalzinho de Goiás, Corumbá de Goiás, Cristalina, Formosa, Luziânia, Mimoso de Goiás, Novo Gama, Padre Bernardo, Pirenópolis, Planaltina, Santo Antônio do Descoberto, Valparaíso e Vila Boa, no Estado de Goiás, e de Unaí e Buritis, no Estado de Minas Gerais (LEI COMPLEMENTAR Nº 94/98 apud BRASIL, [2008]).

Mapa 2 – Localização de Pirenópolis na RIDE



Fonte: Queiroz (2006)

O Entorno de Brasília é conhecido pela desigualdade social e pelo alto índice de crimes como demonstra o artigo do *site* do Senado (ver anexo 6) “Esperando só a hora de explodir” de 1999 (BRASIL, 1999).

A RIDE possui carência de todo tipo, desde a falta de asfalto até a falta de hospitais, segurança, etc. Além disso, de acordo com o texto, havia, em 1999, uma massa de desempregados constituída por 100 mil, num universo de 850 mil habitantes, porque no local quase não existem oportunidades de emprego, sendo que conta apenas com as indústrias de fundo de quintal, como serralherias e marcenarias, além de um comércio precário. Daí a geração de impostos é insuficiente para investir em infra-estrutura na região (ibid.).

__Dia de semana, de segunda à quinta é tranqüilo.. (crimes) ah não, feriados tem mais.. tem mais, tem mais, tem.. É, atrai mais gente, tem pessoas que vêm também do entorno de Brasília e comete furtos aí..
[Nativo 2]

Em outubro de 2007 as polícias de Goiás, Distrito Federal e Minas Gerais estavam investigando uma quadrilha, que se achava a partir do Jardim Ingá, em

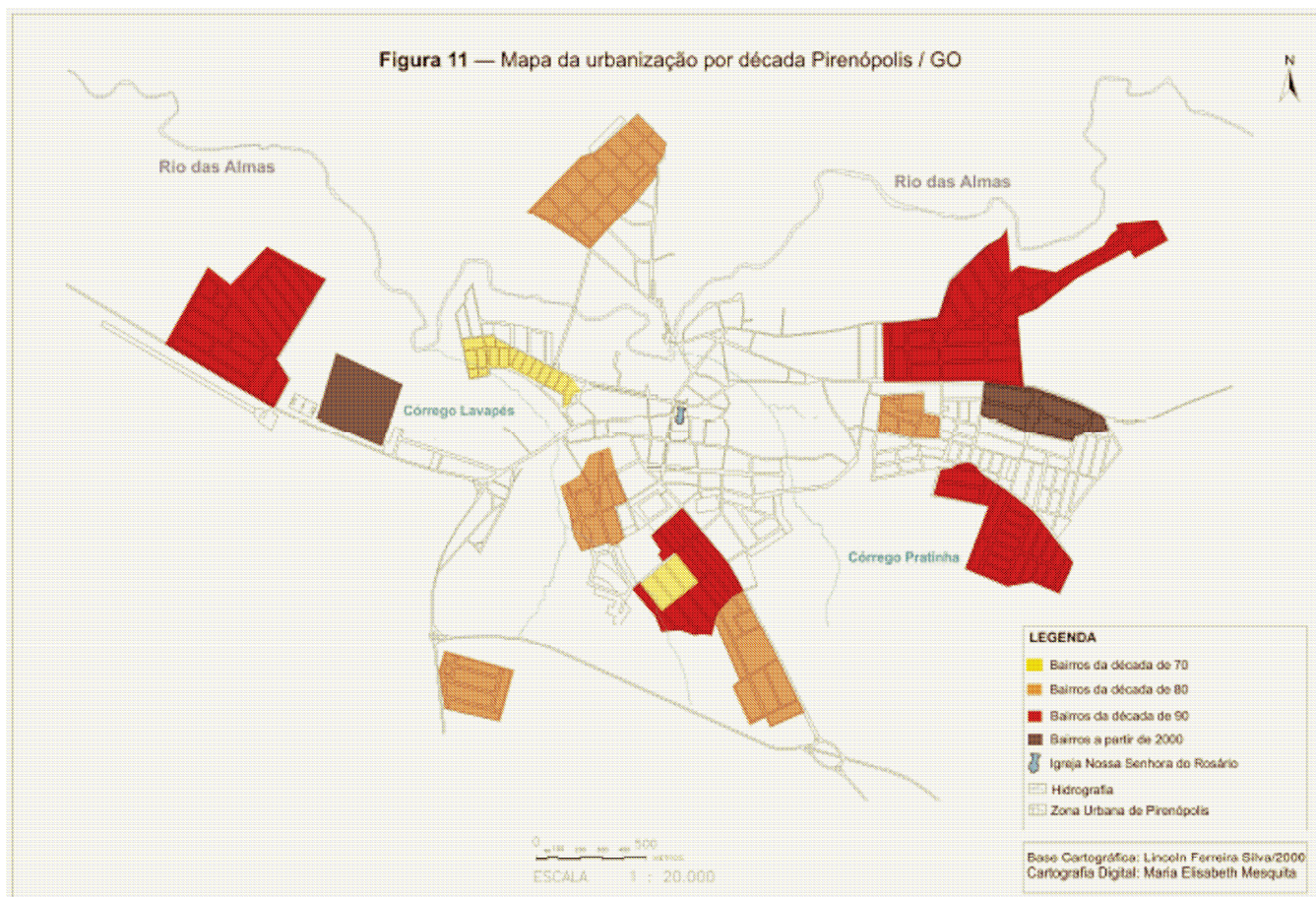
Luziania, especializada em assaltar bancos de cidades de tais estados, dentre elas Pirenópolis (CARONE, 2007).

Associa-se com frequência o crescimento da violência ao crescimento urbano. De fato, de acordo com dados da SEPLAN/GO (2005), a população de Pirenópolis tornou-se predominantemente urbana a partir do ano 2000. Estudos demográficos de Cruz e Moura (2006) demonstram que a população rural de Pirenópolis era superior a população urbana ao longo do anos 1990, mas que vários fatores contribuíram para a redução da população do campo ao mesmo tempo em que a população urbana sofria um inchaço contínuo por causa do fluxo migratório. Mas a população do município como um todo estabilizou-se a partir de 2000, sendo que houve uma ligeira queda do número de habitantes em 2007, ou seja, a população passou de 21.454 em 2000 para 20.460 em 2007 (IBGE, 2008).

Entre os anos de 1980 a 2000 alguns fatores contribuíram para a redução da população do campo, dentre eles o êxodo rural, a emancipação do povoado de Vila Propício em 1997 e a queda da taxa de fecundidade no município como um todo. Com isso a população geral do município sofreu uma considerável queda entre 1996 e 2000, fazendo com que a população urbana superasse a rural (apud AGETOP, 2005).

O crescimento do número de habitantes na zona urbana se deu, nesse período, então, não por causa do aumento da fecundidade, mas sim, por causa da emancipação de Vila Propício em 1997. Desse modo, a dinâmica populacional do município passou a ser determinada pelo êxodo rural e, ainda, pelo fluxo migratório de outras regiões para a cidade.

__É, tem vindo até.. as vezes, nordestinos vêm pra cá em busca de alguma coisa, fica ai pouco tempo e as vezes comete.. Eu to dizendo isso, porque eu conheço alguns casos de pessoas que veio do nordeste e tá difícil Brasília e veio pra cá pra Pirenópolis e comete alguns furtos aí e tal... Depois vão embora.. aqui passa muito morador né.. passa, passa.. vem pra ficar aqui, não dá certo e.. tem muito, passa muito morador por aqui.. vem muitos.. Coisa do turismo né, não é só Pirenópolis em si não...[Nativo 2]

Mapa 3 – Destaque para os bairros novos em Pirenópolis

Fonte: Observatório Geográfico de Goiás ([2007])

Portanto, se por um lado a população rural continua caindo, por outro, a urbana permanece aumentando, o que justifica a estabilidade do número total de habitantes ao longo dos anos 2000, exceto em 2007.

Muitas pessoas que deixaram o campo rumo à cidade há 15 anos atrás residem na Vila Santa Bárbara, localizada no bairro Alto do Bonfim, sendo que elas mudaram para a cidade em busca de melhores condições de vida e tiveram êxito nesse sentido. No caso das mulheres, por exemplo, elas conseguiram trabalhar em serviços mais leves como nas pousadas e restaurantes da cidade que, por sua vez, estão relacionados ao turismo, ao passo que a mão-de-obra masculina se dividiu entre os serviços prestados na prefeitura, o trabalho na extração de pedras nas pedreiras, ou ainda, no trabalho da construção civil. O Alto do Bonfim é um bairro popular que fica próximo à região das pedreiras, local esse onde é realizada a extração das Pedras de Pirenópolis. Tal atividade econômica influenciou o

desenvolvimento aleatório do bairro, por causa da geração de emprego e, atualmente, possui um comércio independente que compete com o do centro comercial da cidade (ALMEIDA, 2006, p. 50). De acordo com o Plano Diretor de Pirenópolis, o Alto do Bonfim é formado atualmente por 11 regiões: a Passagem Funda, o Setor Meia-Ponte, Jardim Pireneus, Vila Nhonhô Godinho, Vila Santa Bárbara, Jardim Santa Bárbara, Vila João Figueiredo, Vila Alto do Bonfim, Vila José Aires, Vila Nenê Jayme e Vila Pratinha.

__Passou a igreja do Bonfim, tudo ali chama Alto do Bonfim. É, pois é.. mas isso não é discriminação não.. mas tem a parte, né, mais carente que é onde vive as pessoas que veio tudo de município (povoado) nosso.. Pessoas daqui são poucas.. e ali concentra a maior parte desses furtos, que estão concentrados de pessoas dali.. É verdade, é.. É porque também é maior bairro né.. Só de eleitores, são quase cinco mil eleitores né.. Então tem, então atrai.. é um lugar maior, é o bairro maior que tem.. Os políticos concentram seus comícios tudo ali, porque é maior.. então a tendência é ter mais problemas.. E lá é praticamente outra cidade. Aliás, tem muito mais movimento do que aqui no centro.. Ali determinado dia, determinada hora, o movimento é muito maior. E a gente anda e nem conhece as pessoas... [Nativo 2].

Mapa 4 – Bairro Alto do Bonfim



Fonte: Plano Diretor de Pirenópolis

Mas, alguns moradores ainda persistem em morar na zona rural, como é o caso dos alternativos que vivem em comunidades rurais e possuem um estilo de vida baseado na sustentabilidade, na relação harmoniosa com a natureza, no espiritualismo e no consumo de produtos orgânicos produzidos por eles mesmos, tanto que o IPEC (Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado) é referência no ensino de técnicas agrícolas alternativas que combinam a produção de alimentos com a exploração sustentável dos recursos naturais e tem atraído pessoas do mundo inteiro.

Associado ao seu desenvolvimento urbano e às atividades turísticas, verifica-se o crescimento do número de residentes e turistas com alto padrão de consumo, que, por sua vez, associada à divulgação do lugar como centro turístico, fazem com que a cidade seja bastante visada pelos infratores locais e de regiões vizinhas.

__Aumentou até a cidade, porque veio pessoas de fora também morar aqui.. Porque você pode observar.. pode ser feito uma pesquisa aí.. De todos os furtos, quando pega os ladrões nunca tem origem da cidade, de famílias natural daqui de Pirenópolis.. Não tem.. Da cidade mesmo não.. Normalmente, vêm de outras cidades e município (povoados), né.. Isso aí tem.. Agora, filho de fulano, neto de ciclano, isso aí.. ou bisneto.. é muito pouco, muito muito pouco.. É, eles tem origem tudo de município ao redor.. (causa) Uai, o próprio turismo né? ..o próprio turismo.. pessoas que veio de fora, que constroem suas casas aí.. tem muitas casas boas mesmo, né, em bairros que não fazem parte do centro histórico, bairros aí.. constroem boas casas e chamam a atenção desses ladrões aí.. [Nativo 2]

Um breve levantamento feito através de notícias de jornais, revistas e *sites* da *internet* permitiu verificar que, desde 1999, Pirenópolis tem tido uma relação com o tráfico de drogas pesadas como a maconha, o haxixe, o lança perfume, o LSD³¹, o *ecstasy*, a cocaína, o craque, a merla e a base.

Em novembro de 1999 a policia civil de Brasília descobriu que um grupo de funcionários do Senado distribuía drogas, ou seja, comprava cocaína em Pirenópolis e vendia dentro do Senado de Brasília (MIRANDA, 1999).

Em julho de 2005 as polícias de Goiás e Distrito Federal prenderam um jovem de 22 anos de idade, natural de Goiás com posse de “507 comprimidos de *ecstasy*, 418 micropontos de LSD e dois tubos de lança-perfume. Também foram encontrados R\$ 4,8 mil e 500 euros em dinheiro”. A policia apontou-o como um dos maiores traficantes de drogas do eixo Goiânia-Brasília e, inclusive, acusou-o de tráfico internacional por causa dos “euros” encontrados. Tais drogas seriam distribuídas em festas *Raves* em Goiânia, Brasília e municípios goianos do Entorno, como Pirenópolis e Alto Paraíso (GOULART, 2005).

Em janeiro de 2007 um tenente da polícia militar (PM) foi preso em flagrante em Anápolis e indiciado pelo tráfico de entorpecentes, associação ao tráfico e formação de quadrilha. De acordo com a matéria, o PM “buscava a droga em Goiânia e distribuía para Anápolis, Pirenópolis, Corumbá e Nerópolis. “Ele

³¹ *Lysergic acid dyethylamide* (ácido lisérgico).

traficava craque, cocaína e maconha, e usava a farda para esconder a droga. Além disso, ele levava pessoalmente para todos os locais de distribuição" (JURY, 2007).

Outro jovem, um estudante universitário de 19 anos, foi autuado em flagrante com drogas pesadas como "comprimidos de *ecstasy*, uma bola de haxixe e cerca de R\$ 300 em espécie" em abril de 2008. Tal estudante, que havia comprado as drogas em Goiânia, alegou que as drogas era para consumo próprio e que estava indo para Pirenópolis para consumi-las (ALVES, 2008).

Com base nas notícias e nos dados da delegacia de Pirenópolis pode-se afirmar que as drogas que chegam em Pirenópolis são oriundas de Goiânia e que pessoas de alto poder aquisitivo, dentre elas jovens de Goiânia e Brasília, vão para Pirenópolis nas altas temporadas para comprar/consumir e/ou vender/distribuir tóxico. O jornal Folha de Pirenópolis (2008) publicou a recente matéria "O uso de drogas químicas gera mais violência" revela que o aumento de furtos na cidade está relacionado ao consumo de drogas e que os furtos tem atingido não só moradores, mas também o próprio turista que frequenta a cidade.

Como se observa, os crimes ainda continuam aumentando em 2008, cujas causas são atribuídas ao aumento do consumo de droga e a falta de uma cadeia pública, e tanto o morador quanto o turista são vítimas de furtos e roubos. Acrescenta-se a isso o surgimento de novos bairros, o fluxo migratório, a criação de eventos como o Festival de Música Canto da Primavera em 2000 e de festas *Trance* e *Rave* durante o Carnaval, apesar de terem sido proibidas a partir de 2006 pela prefeitura com o apoio do juiz de Pirenópolis (PIRENÓPOLIS, 2006).

O levantamento de dados junto a Delegacia permite construir um panorama da situação da violência e criminalidade em Pirenópolis na atualidade para o ano de 2007. Em relação ao ano de 2007, foram observados os seguintes aspectos: 1) relação dos crimes com o meses em Pirenópolis a partir dos BOs/TCOs/BOCs ; 2) distribuição mensal do número de ocorrências policiais dos BOs/TCOs/BOCs; 3) distribuição mensal das ocorrências policiais em Pirenópolis pelo tipo de crime dos BOs/TCOs/BOCs; 4) distribuição mensal das ocorrências policiais dos BOs/TCOs/BOCs pelo tipo de crime; 5) relação dos crimes dos BOs com as regiões de Pirenópolis; 6) o perfil das vítimas dos BOs segundo o local de residência em Pirenópolis e tipo de crime; 7) e a origem das vítimas segundo local de residência em Pirenópolis, número e tipo de crime dos BOs.

De acordo com as entrevistas com os moradores de Pirenópolis, as épocas que mais atraem turistas para Pirenópolis são o carnaval, a semana santa e o festival Canto da Primavera, sendo que os feriados prolongados, férias e o Reveillon também foram citados. Já a época da Festa do Divino e das cavalhadas, entre maio e junho, atrai poucos visitantes, uma vez que não é feriado e nem fim de semana.

Tabela 27 – Relação dos crimes com os meses em Pirenópolis a partir dos BOs de 2007

MÊS CRIME	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
Furto	25	49	22	28	24	28	35	21	23	30	32	20	337
Violência doméstica	6	6	9	4	9	8	4	8	9	6	3	2	74
Outros crimes	6	2	2	5	10	4	3	3	3	9	12	6	65
Roubo	2	3	2	3	2	2	4	3	--	1	2	2	26
Apropriação indébita	2	4	--	4	1	1	3	3	--	4	2	1	25
Estelionato	3	1	2	1	--	--	1	4	--	5	3	3	23
Lesão corporal total	--	--	3	1	--	1	--	--	2	2	1	3	13
Desaparecimento de pessoa maior	2	--	1	--	1	1	2	1	--	1	1	1	11
Acidente de trânsito Total	--	--	1	2	3	--	1	--	--	--	1	--	8
Tentativa de furto	1	--	1	1	--	1	--	2	--	1	--	1	8
Tentativa de homicídio	1	1	1	3	--	--	--	--	1	--	--	--	7
Dano	1	1	1	--	--	--	1	--	--	--	1	1	6
Ameaça	1	--	--	1	--	--	--	1	2	--	--	--	5
Homicídio	1	--	1	2	--	--	--	--	--	--	--	--	4
Incêndio	--	--	--	--	--	2	1	1	--	--	--	--	4
Crime ambiental	--	--	--	1	--	--	1	3	1	--	--	--	6
Não identificado*	--	--	--	--	1	--	--	--	--	--	2	--	3
Perturbação da tranqüilidade	--	--	--	--	--	--	1	1	--	--	--	1	3
Suicídio	--	--	--	--	--	--	1	2	--	--	--	--	3
Ameaça, violência doméstica	--	--	--	--	--	--	--	1	--	1	--	--	2
Morte a esclarecer	--	--	--	--	--	--	1	--	1	--	--	--	2
Tentativa de extorsão	--	--	--	1	--	--	1	--	--	--	--	--	2
OUTROS*	--	--	--	1	--	--	--	--	--	--	--	--	32
TOTAL	53	70	47	59	54	49	64	59	47	63	61	43	669

Fonte: Delegacia da Polícia Civil de Pirenópolis

* crimes com apenas uma ocorrência

No entanto, o quadro acima referente aos BOs demonstra que em 2007 a maior incidência de crimes se deu nos meses de fevereiro, julho, outubro e novembro, variando entre 60 e 70 ocorrências. Em seguida, vem os meses de janeiro, abril, maio, agosto, com ocorrências acima de 50. E, por último, os meses de março, junho, setembro e dezembro, com números na casa dos 40.

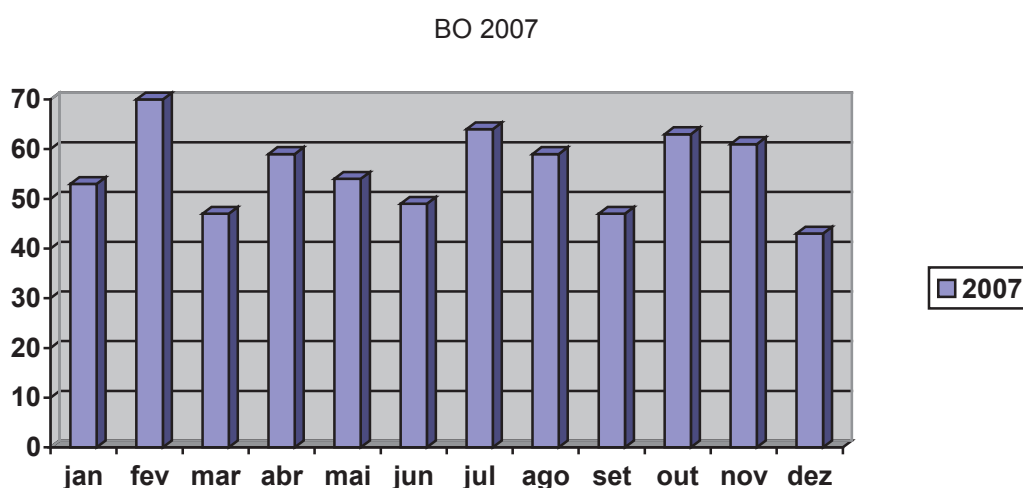
Cruzando os dados das entrevistas com os do quadro acima, observa-se que os números da delegacia coincidem com as entrevistas apenas em relação ao mês de fevereiro, época em que ocorre o Carnaval. Nesse período, a incidência de crimes atinge o pico mais alto do ano que é de 70 ocorrências, sendo que 49 delas correspondem apenas ao furto e, 21, à soma total de todos os outros crimes no mesmo período. Já os meses de abril e setembro, épocas em que aconteceram, respectivamente, o feriado da Semana Santa e o Canto da Primavera, não representam, por sua vez, as épocas com maior incidência de crimes em 2007. No feriado da Semana Santa houve 59 ocorrências, sendo 28 furtos, que, apesar de não ser um dos maiores do ano, é também um número considerável de crimes para o primeiro semestre do ano, pois fica atrás apenas do carnaval. Em setembro houve 47 ocorrências, representando a segunda mais baixa do ano e apenas 23 furtos, apesar do feriado e do festival Canto da Primavera. A explicação disso seja, talvez, pelo fato de ocorrer uma mudança no perfil do Canto da Primavera, de maneira que o evento se torne mais segmentado ao invés de massa. Ou seja, com uma programação de *shows* musicais que não atraia tanto os turistas jovens, e sim, um turista mais *cult*.

Mas, em relação aos feriados prolongados, às férias e ao Reveillon, verifica-se uma aproximação maior das entrevistas com os dados dos BOs. Durante as férias houve um número elevado de ocorrências, sendo 53 em janeiro, com 25 furtos, e 64 em julho, com 35 furtos. E em outubro e novembro, incluindo fevereiro e abril, houve um alto número de crimes variando de 59 a 70 e de 30 e 49 os furtos, porque nesses meses há um ou mais feriados prolongados, além de eventos como o carnaval e o Festival de Gastronomia. Em junho há também um feriado prolongado, porém nota-se que, apesar do número de crimes ser um dos mais baixos, o número de furtos é alto (28). Os meses de março, maio, agosto não possuem feriados, apesar de ter eventos nos dois últimos. Assim, ainda que o número de ocorrências seja alto em relação aos dois últimos, o número de furtos é baixo nesses períodos.

Setembro e dezembro registram os menores índices de crime e também de furto, apesar de haver feriados e eventos.

Nos gráficos a seguir fica mais fácil de visualizar tais dados, pois mostram os meses com maior incidência de ocorrências em relação aos BOs, TCOs e BOCs durante o ano de 2007. Nos TCOs foi maior em janeiro, março, maio, junho, agosto, setembro, outubro e novembro e menor em fevereiro, abril e julho. E, nos BOCs, durante os meses de fevereiro, abril, julho, setembro, outubro e novembro e menor nos meses de junho e agosto. De acordo com as entrevistas, as épocas que mais atrai turista para Pirenópolis são o Carnaval, a Semana Santa, Corpus Christi e o Festival Canto da Primavera. O Carnaval de 2007 ocorreu em fevereiro, a Semana Santa em abril, o feriado de Corpus Christi em junho e o Festival de Música Canto da Primavera em setembro. Logo, os BOs se relacionam com a alta temporada durante os meses de fevereiro e de abril, sendo que os TCOs coincidem com junho e setembro e os BOCs com fevereiro, abril e setembro. Assim, os crimes cometidos por jovens (menores) se concentram no feriados prolongados da Semana Santa e em eventos de massa como o Carnaval e o Canto da Primavera.

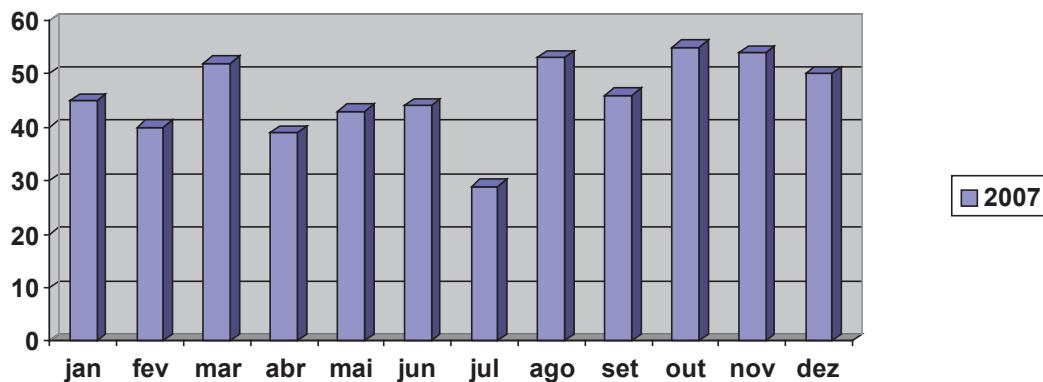
Gráfico 1 – Distribuição mensal das ocorrências policiais



Para os BOs a maior concentração de crimes se deu nos meses de fevereiro, julho, outubro e novembro. Em seguida vem os meses de janeiro, abril, maio e agosto. E a menor incidência se deu em março, junho, setembro e dezembro.

Gráfico 2 – Distribuição mensal das ocorrências policiais

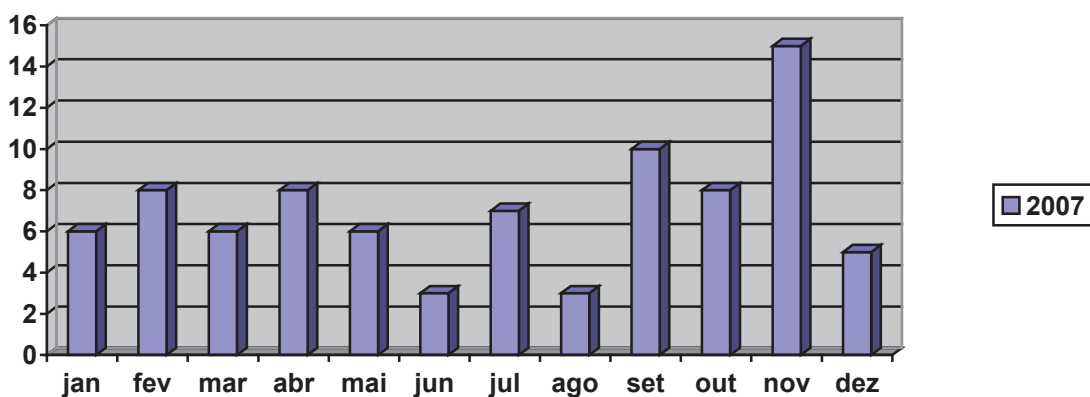
TCO 2007



Nos TCOs, a concentração foi maior em março, agosto, outubro, novembro, seguido de janeiro, maio, junho, setembro e dezembro. E mais baixo em fevereiro, abril e julho.

Gráfico 3 – Distribuição mensal das ocorrências policiais

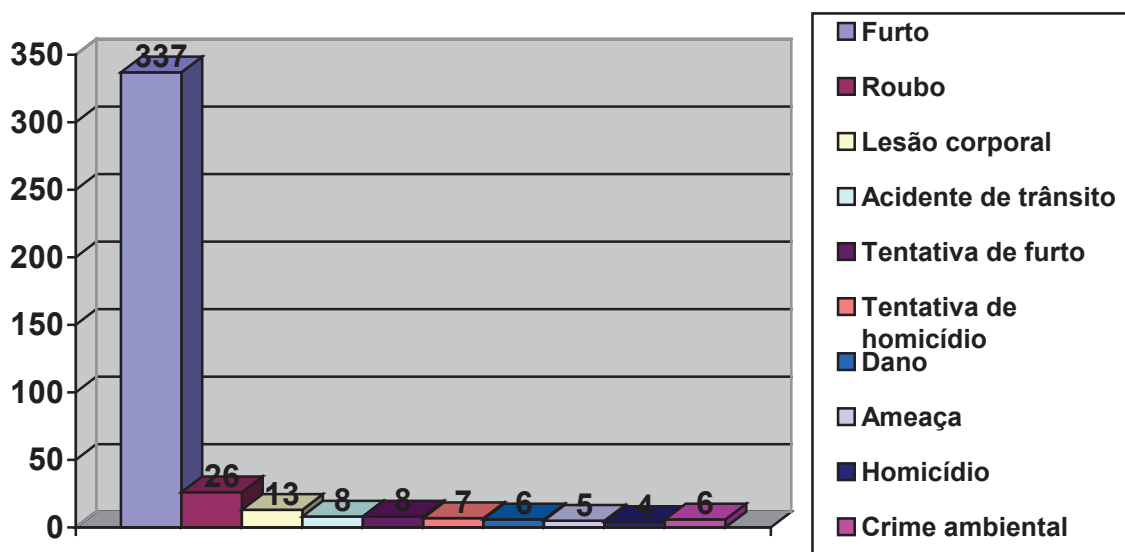
BOC 2007



E, nos BOCs, foi maior em setembro e novembro, seguido dos meses de fevereiro, abril, julho e outubro e menor nos meses de janeiro, março, maio e dezembro, sendo que o índice mais baixo se deu em junho, agosto e dezembro.

Gráfico 4 – Distribuição anual das ocorrências policiais pelo tipo de crime

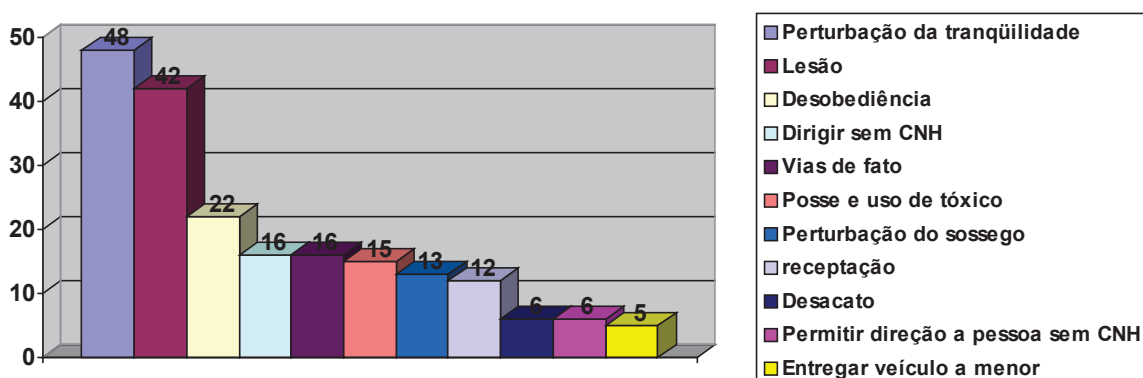
BO 2007



O gráfico acima mostra que os crimes de Pirenópolis se resumem ao furto praticamente, uma vez que das 669 ocorrências 337 refere-se a este que, por sua vez, representa 50,37% do volume total e o único com três dígitos.

Gráfico 5 – Distribuição anual das ocorrências policiais pelo tipo de crime

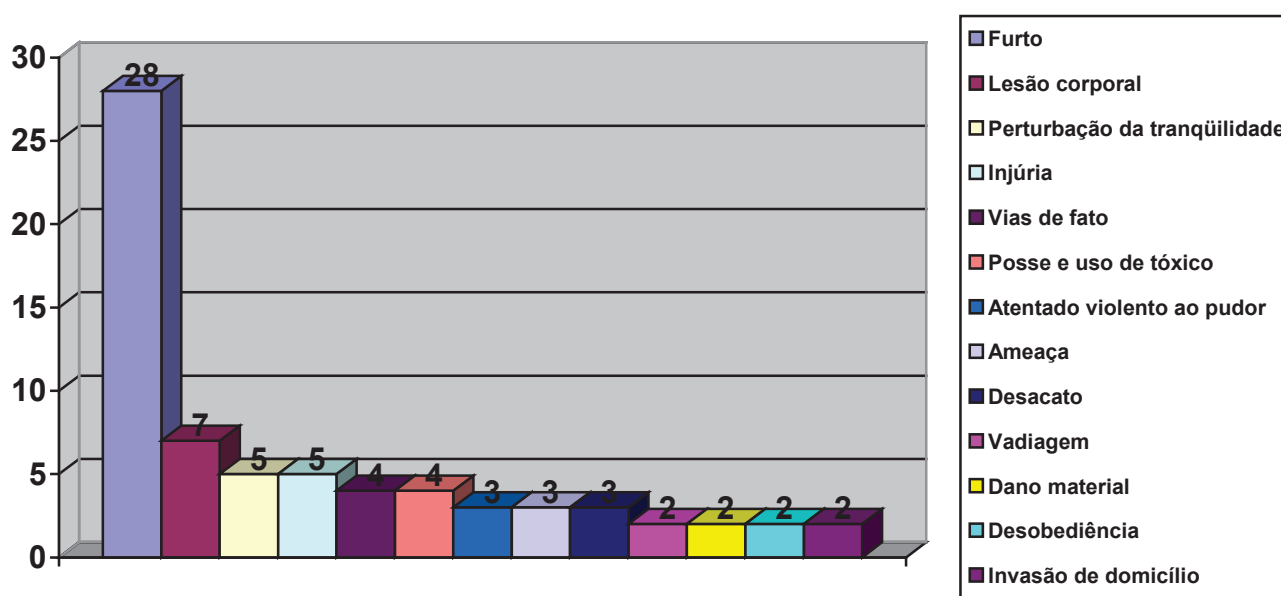
TCO 2007



No caso dos TCOs há uma melhor distribuição das ocorrências. Selecionando algumas de suas ocorrências, constata-se que a perturbação da tranqüilidade e lesão corporal apresentam como uma das principais infrações. Em seguida vem a desobediência, dirigir sem CNH, vias de fato, posse e uso de tóxico, perturbação do sossego e receptação. E, por último, o desacato, permitir direção a pessoa sem CNH e entregar veículo a menor.

Gráfico 6 – Distribuição anual das ocorrências policiais pelo tipo de crime

BOC 2007

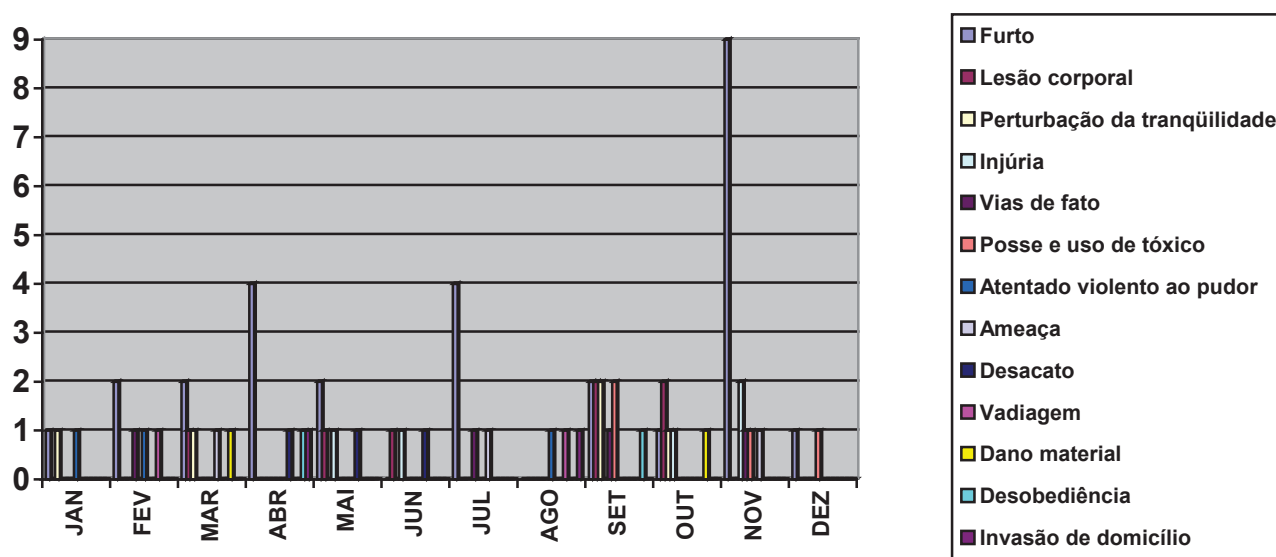


Apesar do número reduzido, os dados dos BOCs apresentam-se de maneira semelhante aos dados dos BOs e dos TCOs. Isto é, a maioria das ocorrências está concentrada no furto. Depois vem a lesão corporal, seguida da perturbação da tranqüilidade, injúria, vias de fato e posse e uso de tóxico, sendo que as menores incidências estão relacionadas com o atentado violento ao pudor, ameaça, desacato, vadiagem, dano material, desobediência e invasão de domicílio. Ou seja, o furto, a lesão corporal, vias de fato, posse e uso de tóxico, desacato e desobediência obedecem praticamente a mesma ordem em que essas ocorrências aparecem nos BOs e TCOs. Assim, as infrações cometidas por menores apontam a tendência dos jovens para o perfil do turista inimigo e também para a juventude de Pirenópolis viciada em drogas, pois trata-se de adolescentes e de pessoas com idade inferior a 30 anos de idade que apresentam um comportamento que se distancia das normas socialmente aceitas.

Os dados dos TCOs demonstram que a posse e uso de tóxico relaciona-se com as férias (janeiro), eventos (Carnaval, em fevereiro e Canto da Primavera, em setembro) e feriados prolongados (junho e novembro). A perturbação da tranqüilidade é freqüente durante o ano todo, porém se concentra mais em fevereiro, março e novembro, seguido de janeiro, junho e julho. Nesses períodos, exceto em março, há eventos (Carnaval e as Cavalhadas em junho), feriados (junho e novembro) e férias (janeiro e julho). Entregar veículo a menor, apesar de haver poucas ocorrências, concentra todas no mês de abril (feriado da Semana Santa). As demais infrações não se relacionam muito com as temporadas.

Gráfico 9 - Distribuição mensal das ocorrências policiais pelo tipo de crime

BOC 2007



O gráfico acima ilustra que há uma incidência maior de furtos nos meses de fevereiro, abril, julho, setembro e novembro, isto é, época de eventos, férias e de feriados prolongados. A posse e uso de tóxico é maior em eventos (setembro) e feriados prolongados (novembro). E a perturbação da tranqüilidade em eventos.

Dos 669 BOs cerca de 310 (46,33%) foram selecionados para a análise, pois apresentam dados como “naturalidade” e “endereço de residência”, dados esses que permitem classificar as vítimas como nativo, não-nativo e turista. Alguns tipos de crimes como violência doméstica, suicídio, etc, foram descartados. Uma vez que se pretende relacionar turismo e crime, os tais tipos citados não vêm ao caso, pois não acrescentam informações à presente pesquisa.

Assim, observou-se que o furto é o principal crime que ocorre em Pirenópolis com 208 ocorrências, seguido de roubo com 8, apropriação indébita com 7, lesão corporal e desaparecimento de pessoa maior, ambos com 6, tentativa de furto com 4, crime ambiental com 3 e dano e ameaça com 2 (ver apêndice G, tabela 1).

Dos 208 furtos (61,7%), 84 dizem respeito ao nativo, 65 ao não-nativo e 59 ao turista. Os nativos são vítimas de furtos principalmente nos novos bairros, seguidos da região do entorno e do centro histórico e, por fim, da zona rural/cachoeiras e trevos/estradas. Os não-nativos são vítimas de furtos também na região dos novos bairros, depois vem o centro histórico, o entorno juntamente com a zona rural/cachoeiras e, por último, trevos/estradas. Já o turista é furtado, em sua maioria, no centro histórico, seguido dos novos bairros, da zona rural/cachoeiras, entorno e trevos/estradas. Ou seja, o turista é a principal vítima de furto no centro histórico, superando o não-nativo e também o nativo. A maior incidência de roubos se dá nos trevos/estradas em relação aos nativos, nos novos bairros para os não-nativos e em trevos/estradas e zona rural/cachoeiras para os turistas (ver apêndice G, tabela 2). Os nativos são as principais vítimas porque representam a maioria da população, depois vem o não-nativo e o turista (dependendo da época). É provável que proporcionalmente o não-nativo e o turista possam representar a maioria das vítimas.

A maioria dos moradores, tanto nativos como não-nativos, reside nos novos bairros, seguido da região do entorno, do centro histórico e da zona rural. Grande parte dos não-nativos são naturais de Goiás, da região sudeste e de Brasília, sendo a minoria das regiões nordeste, norte, sul e de outros países. E os turistas são originários principalmente de Goiás e de Distrito Federal, mas também do sudeste, sul, norte e outros países, cuja maioria reside no Distrito Federal e em Goiás e uma minoria no centro-oeste, sudeste, sul e nordeste (ver apêndice G, tabela 3). Portanto, a maioria dos turistas que visitam Pirenópolis são, independentemente de sua origem, de Goiás ou Brasília.

4.1 CAMPO DAS TRADIÇÕES E CAMPO DO TURISMO

A globalização gera dois tipos de impactos sobre as culturas tradicionais, isto é, a homogeneização da cultura ou, o seu contrário, a resistência a essa adesão. Assim, muitas culturas locais tendem a se fechar, indo contra essas mudanças. Trata-se de reações espontâneas que se apresentam na forma de hostilidade a elementos estrangeiros. Essa pesquisa se interessa, portanto, pela reação espontânea e pela reação criativa das culturas locais frente às mudanças e impactos gerados pela globalização, tendo o turismo como um de seus fenômenos generalizados no mundo.

Para conhecer como as tradições de Pirenópolis reagem às mudanças geradas pelo turismo é preciso analisá-las enquanto campo constituído no sentido de Bourdieu (1998 p. 68). Só assim, será possível observar como se dá a interação de um fato cultural com características próprias, no caso as tradições locais, com a cultura generalizada e sua adaptação a ela.

O campo das tradições é formado por uma combinação de elementos sagrados e profanos e constituído por pirenopolinos tradicionais, agentes que estão envolvidos diretamente com a realização dos festejos religiosos/profanos. Trata-se então de um grupo mais homogêneo, que compartilha e um estilo de vida comum desde o início. Porém, no campo das tradições, há também atores nativos que estão envolvidos com a política, a atividade turística e outros setores da economia e isso pode gerar conflito no interior do grupo, uma vez que ameaça sua essência.

__Então, eu acho que.. Como eu to falando, do pulso forte que precisa aqui de pessoas.. não de políticos, não.. é pulso forte do povo de Pirenópolis, como eram os homens.. as famílias... Era tradição.. Então todos eles participavam. Agora tá dependendo de verba.. [Nativo 1]

O turismo é, ao mesmo tempo, uma atividade econômica e uma prática cultural cuja essência é a viagem de lazer. Assim, os agentes do campo do turismo são formados por agentes nativos e não-nativos que, por sua vez, estão empenhados em estruturar seu modo de receber o turista, ou seja, a cultura do turismo de Pirenópolis. Desse modo, é preciso elaborar produtos turísticos para atrair o turista ao local. Pirenópolis tem a natureza e a cultura como atrativos, porém esses recursos não são um produto turístico em si, uma vez que precisam ser adequados com um mínimo de estrutura para que ambos se tornem turísticos e isso

implica em realizar mudanças que, por sua vez, geram conflitos. Como se observa, o campo do turismo é formado por agentes bastante heterogêneos e que podem alterar seu limite, o que ameaça sua essência e destrói suas normas.

__Não tem esse negocio de questão política.. eu acho que a política não deve envolver, nem as pessoas envolver com isso.. não pode! ..é uma festa completamente diferente.. é fé no Divino gente.. Divino Espírito Santo!.. na Semana Santa.. era antigamente.. era um atrativo maravilhoso que a cidade não comportava de gente.. principalmente na procissão do Senhor Morto.. (hoje) acho uma decadência muito grande.. agora, muita confusão.. era fila, agora é confusão.. é ..Gente sem roupa, é ..e não tinha.. quando a procissão do Senhor Morto passava e aquela procissão do Santíssimo, todos bares davam direito pra passar.. eram tudo fechado..[Nativo 1]

O turismo proporciona, portanto, a interação entre nativo e o não nativo. No embate simbólico entre o campo do turismo e o campo das tradições produz, surge o conflito e gera reações que se apresentam na forma de resistência ou de maneira criativa como, por exemplo, a respeito da programação do Carnaval e do Canto da Primavera e do Parque Estadual dos Pireneus. Aqui há dois tipos de reação dos agentes da tradição: uma em relação ao não-nativo e outra em relação ao turista numa tentativa de adaptá-los às tradições e não o contrário, servindo assim mais a lógica da tradição do que a lógica do turismo.

Os agentes que atuam contra a lógica do campo são chamados de heteronomias que, por sua vez, podem destruir suas normas dependendo do capital social agregado, pois esse propicia a realização de trocas. Assim, os agentes heterônomos são nativos não muito comprometidos com o campo das tradições como é o caso de pessoas ligadas ao turismo, políticos e demais empresários nativos ou, em relação ao turismo, contra a atividade como é o caso dos nativos tradicionais. Mas os jovens também são heteronomias já que seu comportamento vai contra os valores vigentes da sociedade, o que os leva a delinqüência e isso abrange tanto a juventude local como o turista jovem que frequenta Pirenópolis.

__Então eu acho assim, que a conservação e a juventude de Pirenópolis tem que estar junto e trabalhar juntos pra que haja.. agora a respeito do.. que eu acho que isso também deve entrar... é a falta de respeito na cidade.. ..as roupas.. você vê que a procissão tá passando e pessoas que não tem o menor respeito.. Nada.. Ali na ponte, você vai pro colégio Aldeia da Paz na hora da missa... moças dançando.. Semana Santa com cachaça.. isso não era Pirenópolis... Então, nós não devemos deixar isso não! ..tem que ser cortado... Isso não! ..Agora os outros turistas não, porque você vê ali na pracinha.. eu acho uma gracinha eles comprando, olhando a bijuteria de Pirenópolis.. os trabalhos né.. o artesanato daqui é belo! .. e para que isso continue bonito e respeitado tem que usar essa palavra “respeito”.. Porque o que eu acho é que ta um pouquinho caído.. [Nativo 1]

A cultura localizada possui agentes que fazem parte dela desde sua origem e cuja práticas e estruturas são organizadas por eles de geração em geração. Tais agentes possuem obrigações com o grupo que estão garantidas por relações de amizade e respeito ou institucionalizada pelo direito e, assim, defendem a essência e estabelecem o limite do campo do qual fazem parte. É esse limite que vai definir o grau de interação do campo com outros campos e agentes, ou melhor, o estabelecimento de trocas até um ponto tolerável desde que essas não afetem a essência do grupo. As trocas proporcionam o reconhecimento de signos e o reconhecimento da incorporação de um membro ao grupo. Assim, o novo agente incluído ao grupo através da troca tende a manter o limite estabelecido no campo ou, então, a alterar seu limite, o que acaba gerando mudanças nele. Para defender a essência e os limites de trocas estabelecidos no campo que, por sua vez, determinam sua existência e continuidade, os agentes buscam por membros cada vez mais homogêneos que compartilham lugares, ocasiões e práticas comuns entre si que são reafirmados, reproduzidos e reconhecidos através dos rituais, os quais proporcionam a sociabilidade e a realização contínua de trocas. A partir daí se estabelece também o que é e o que não é legítimo dentro do campo, pois os agentes que não fazem parte do grupo estão desapropriados de um capital específico que o constitui e determina.

__Eu não sou contra (os não-nativos).. Eu sou contra intrometer nas coisas que não sabem, que não conhecem e vim.. É isso que eu sou contra.. Agora, Pirenópolis é de ir e vir.. não tem nada de falar, não tem nada disso.. Agora, não intromete naquilo.. Você vai informar primeiro depois vocês falam.. [Nativo 1]

Assim, a cultura tradicional tende também a sobrepor sua visão de mundo, rejeitando elementos exteriores que tem a pretensão de se tornar referências de identificação da cultura local.

__Não é propriamente influência.. eu acho que a gente deve respeitar.. eles têm a vida deles.. então, eu acho que a gente deve respeitar. Porque se a gente não gosta daquele estilo de alimentação, eles gostam.. Então, se tem as pessoas que querem.. os turistas que querem participar.. agora, não deixar a nossa ficar embaixo.. sempre permanente, sempre firme.. Mas eu acho que não, que eles têm o direito deles né.. Eles vieram pra esse fim, pra esse trabalho.. e eu vou breçar “você não vem não”? ..Isso é atraso né?..porque isso não, nós não podemos impor.. ..Parece que eles gostam muito da rua que eles chamam do Lazer.. Mas chama-se “rua do Rosário” né? .. porque eles gostam, eles encontram os amigos que vêm de Brasília, de Goiânia e, inclusive, ta vindo muito de Uberaba.. Perto de mim eles não

falam “rua do Lazer” não, eles falam “rua do Rosário”.. Agora eu ainda permaneço firme como “rua do Rosário”, sabe? ..Não desfazendo da “rua do Lazer”.. Mas assim, uma coisa que eu acho que houve, uma.. não sei se foi pela essa turma de fora que veio pra cá, que está tendo um problema que o povo de Pirenópolis precisa de ver.. Então precisa do povo.. que aqui chama “Pirenópolis” por causa dos “Pireneus” e não “Pirineus” (com “i”) não.. Aqui é Pi-re-neus! ..e “Piri” eu não conheço “Piri”.. eu conheço “Pirenópolis”! ..porque eu acho que isso foi uma influência muito grande que eles fizeram.. que deixaram aqui... E eu acho que essas coisas não podem.. e sobre outra coisa também que eu não aprovo.. não tenho nada com isso não.. Aquelas “namoradeiras” na janela.. Isso não é de Pirenópolis e não é de Goiás. Isso é de Minas Gerais.. [Nativo 1]

Foto 3 – “Namoradeiras” na janela em Pirenópolis



Fonte: Juliana de Pina

__Então, por que que festa folclórica é importante pra uma cidade? Porque é uma festa institucional, a pessoa ouve falar das cavalhadas e tem a referência.. “ah, legal.. tem cavalhada.. eu vou pra aquela cidade que tem cavalhadas... eu não vou ver a cavalhada, mas é aquela cidade que tem cavalhadas” né? ..então, isso é importante.. Por isso que a festa tem que existir né, então essa é outra questão de organização do turismo, porque nós vamos oferecer.. [Não-Nativo 5]

A adesão de Pirenópolis a atividade do turismo se deve pelo fato de esta se apresentar como forma alternativa de sobrevivência em relação à extração de pedras e à agricultura. Mas a cidade adere à cultura global não adaptando suas tradições ao turismo, mas, ao contrário, adaptando as estruturas do turismo às suas tradições ao dar uma feição tradicional ao turismo com elementos da cultura local e de modo que este seja reconhecido tanto pelo nativo, como pelo turista, tendo, ainda, a aprovação do não-nativo. Como as estruturas e práticas do turismo são estruturas e práticas exteriores e que não foram organizadas pelo grupo desde o início, os agentes do campo buscam sobrepor as tradições da cultura local à cultura

global inventando produtos turísticos tradicionais, como é o caso do carnaval, ou simplesmente adaptando o turismo a eventos já existentes como a Festa do Morro, da Festa do Divino e das Cavalhadas e o Canto da Primavera e o Festival de Gastronomia. O turismo serve então para legitimar e divulgar as tradições locais de modo que a imagem externa de Pirenópolis seja identificada por sua cultura local pelos turistas e pela sociedade mais ampla e não pela cultura do não-nativo.

__ Agora as cavalhadas não era todos festeiros não.. porque era só quem entrava na sorte.. era pobre ou rico e as festas saíam belíssimas.. porque a população ajudava, a cidade.. Fazia essas folias, trazia o dinheiro.. ainda continua, mas não sei como é porque nunca mais eu participei dessas coisas.. e era assim essas coisas.. E a Festa do Divino Espírito Santo, por exemplo, a cavalhada.. justo, a cavalhada faz parte dos festejos.. é pra seguir o festejo da festa, então, aproveitando para que chame o turista pra cavalhada.. Agora não se pode chamar cavalhada de Festa do Divino.. Festa do Divino Espírito Santo é uma coisa! .. Festa do Divino Espírito Santo é no mundo inteiro! ..Ela (a cavalhada) não tem nada de missa, de procissão, novenas com isso.. Pois é, não pode de jeito nenhum (mudar a data por causa do turismo). ..Por exemplo, eu to achando uma beleza o Reinado (de Nossa Senhora do Rosário). Se eles duvidarem os Reinados passam a Festa do Divino, dependendo das pessoas que fazem o Reinado que está belíssimo.. ele continuou.. Então, dependendo, como eu to falando, são pessoas que fazem.. Por exemplo, fazer o Reinado de São Benedito sem pedir dinheiro, porque era tradição. Nós não ficávamos esperando.. e o Reinado é aberto ao público.. A gente convida, por exemplo, um de fora, um turista que não conhece.. “olha, vai ter o Reinado” ..porque o Reinado é do povo né, a Festa do Divino, a missa, a novena.. Agora, não pode ser programada assim porque ela é do povo. O povo!.. é o costume dele.. Não pode! ..Eu acho, assim, que devemos segurar.. Agora respeitamos o turista.. é muito bom.. nós temos turistas maravilhosos.. nós temos pousadas que estão fazendo um trabalho muito bonito pra receber o turista.. Agora há pessoas que querem dar palpite atrapalhando.. Então nós não podemos deixar... é o caso de cavalhadas, a Festa do Divino, a Semana Santa.. ..Então eu acho que essas tradições, elas têm que ser respeitadas.. Agora não é ofender, atrapalhar também o turismo.. eles têm.. nós temos que adaptar eles.. Porque senão a beleza da cidade acaba.. Acaba o turismo.. Era um respeito, um respeito muito grande.. e olha.. Presta bem atenção na hora do canto do Hino do Divino, o tanto de gente que chora.. Pois é.. é uma coisa maravilhosa que deve ser respeitada né.. e eu acho que, que essa parte agora, o turismo também tem que ser respeitado.. porque ele tá vindo pra Pirenópolis, tá trazendo boas coisas e os visitantes que vêm.. tem pessoas interessadas.. como na Festa do Divino do ano passado, eu ia chegando na novena do Divino.. quando eu ia chegando assim, chegou dois ônibus enormes de Minas Gerais e o outro eu esqueci.. aí eu vi eles falando assim “não, nós viemos especialmente pra ouvir a novena e a missa do Divino” ..Quando foi domingo depois, no domingo do Divino, os ônibus estavam lá na porta (da Matriz).. Então não veio só por causa de cavalhada né.. também, a beleza da parte religiosa né.. porque é muito bonito, muito bonito mesmo.. [Nativo 1]

O Canto da Primavera, embora seja um evento de massa, parece que estar deixando de ser e isso é observado na sua 8ª edição em 2007, pois houve uma

mudança no perfil do evento. De acordo com sua programação, os artistas selecionados pela AGEPEL (2007) são de público menor, fato esse comprovado pelos espaços culturais onde foram apresentados os *shows*, ou seja, teatro, cinema, Palco do Rosário – o maior deles, por ser um espaço aberto. Sendo que nessa edição não houve o Palco Beira Rio que comporta multidões. Ou seja, o evento está ficando segmentado.

Isso tem refletido também no Festival de Gastronomia em sua 4ª edição que ocorreu em 2007, cuja programação tendenciou para a popularização do evento, pois além de uma feira de comidas regionais e de preços mais acessíveis, foram realizadas oficinas de pratos não só da gastronomia sofisticada, mas também, da culinária pirenopolina, tais como o empadão, o alfenim, dentre outros (apud PIRENÓPOLIS TUR, 2007).

O carnaval de Pirenópolis era realizado em clubes ou então na rua, improvisado pela prefeitura. Em 1999, surgiu o bloco “Urgente Reciclar” criado pelos não-nativos. Já o “Carnaval de Marchinhas da Rua Direita” foi inventado pelo grupo da terceira idade (ver anexo 7), numa reação ao bloco “Urgente Reciclar”.

__Eu não creio que o turismo modificou. Eu acho que foi um pouco a fraqueza do povo de deixar... Não ter pessoas fortes que enfrenta a fazer.. Por exemplo, agora eles começaram com esse baile na Rua Direita com aquela reciclagem. Então nós resolvemos colocar a tradição de Pirenópolis.. Foi por isso. Agora, não desfazendo.. só acho que Pirenópolis ..isso seria bom para a parte da juventude.. mas para Pirenópolis, para as tradições de Pirenópolis é aquele antigo que se fazia.. os “cordões de rua” que eram belos e hoje não tem mais. ...Eu acho que muito, que agrada (o turista).. o nosso carnaval, o primeiro chamou atenção de muito e inclusive quando nós começamos há 3 anos atrás que nós fizemos na rua Direita foi feito em vários lugares do Brasil.. pegou por Pirenópolis. [Nativo 1]

__Mas quando eu cheguei no primeiro ano teve o “Carnaval da rua Direita” que eu acho que é um produto turístico, que é uma maneira de ordenar o carnaval da cidade.. a cidade precisa saber se ela quer eventos de massa ou se ela quer eventos pequenos.. que tipo de turismo ela quer né.. isso também tem que ser e deveria ser participativo, porque eu já ouvi comerciante dizer que o carnaval aqui, que essa nossa condução do turismo pra uma cidade “essa vai ser uma cidade pra terceira idade, só pra velho.. que turista pode muito bem vir aqui e botar carro de som, por exemplo, a hora que quiser.. porque senão a gente não ganha dinheiro”. Então há uma confusão muito grande, porque o turismo é uma atividade econômica imediatista, o impacto no orçamento familiar pra qualquer pessoa que pega 4 caixas de cerveja e vende na beira do rio né.. aquele reforço de caixa é muito importante pra renda. Então, é muito controverso.. mas, eu sou um defensor né desse ponto de vista de um carnaval que tenha um cunho cultural, uma proposta e acho que, ao contrário, que esse evento aí do “Carnaval da rua Direita” que é feito pela comunidade né da terceira idade, que é bem localizado, que foi uma proposta de um seguimento da

sociedade né.. é bastante rejeitado pelos jovens da cidade e é prestigiado pelos visitantes né.. [Não-Nativo]

__Bom.. o carnaval não é um feriado muito positivo pra Pirenópolis não, porque.. carnaval é.. antes atraía mais ainda.. agora, porque o prefeito não tá fazendo muitos eventos, que atrai um tipo de turista que não.. não é bom pra cidade.. não que a gente tá dividindo o turismo, sabe? .. mas é porque é tipo de gente que não vai dormir na cidade, não vai comer na cidade.. não vai deixar nem nada de dinheiro na cidade.. é.. e a gente precisa disso.. e então esse tipo de turista vem só pra sujar a cidade sabe, só vem pra brigar, pra destruir a cidade.. então, o carnaval, já teve época que a beira do rio lá ficava lotado de gente, ficava muita gente, tinha carro de som, tinha show... era muita gente mesmo.. só que aí mudou o prefeito, e ele agora faz o carnaval aqui é de marchinhas na Rua Direita.. então, o turista que tá vindo agora pro carnaval.. uai, então.. pra gente que é jovem não né.. porque não tem nada né.. agora aí o pessoal vai mais pra Goianésia, Jaraguá essas outras cidades que tem carnaval de rua mesmo.. agora aqui vem mais aquele turista que quer descanso sabe? Então assim, a cidade fica cheia, mas não é cheia aquela farofa de carnaval não... é um turista que vem buscar mais descanso, uma coisa mais tranqüila mesmo.. Vem.. participa também.. é.. gosta sim ..é não.. na verdade porque é assim.. igual o carnaval aqui agora, os jovens da cidade a maioria tão viajando pra fora.. é, vai pra Goianésia, vai pra Jaraguá e fica, porque lá tem muita gente né, tem trio elétrico, essas coisas.. mas as pessoas que ficam aqui na cidade, principalmente aqui do centro, porque o pessoal lá do alto do Bonfim quase não desce aqui pro centro.. você vê assim, gente que fica lá a vida inteira e não desce pra cá.. só vem no banco.. Vem.. eu acho que vem mais o pessoal de fora do que daqui mesmo.. ai vem... vem, vem tudo.. aham .. no carnaval? ..uai.. eu pra falar a verdade.. eu não sei assim.. não, não.. decidi isso.. na verdade, acho que quando é assim, quando decide essas coisas de tirar.. porque o promotor proíbe né.. é, é.. nãao, ele já proibiu.. ele proíbe tudo.. não pode som na praça, não pode nada.. só.. a única data que pode ter festa é reveillon e eu acho que sábado de Aleluia também, sabe? ..que pode ter festa, que não é proibido... agora o resto o promotor proíbe, porque a cidade é antiga, aí os moradores ficam ligando, falando coisas.. mas assim, eu acho que a prefeitura quando vai mudar.. igual mudou o carnaval, assim, totalmente né?.. de é.. passou de som de rua pra marchinha.. eu acho que isso deve ter tido alguma reunião com o trade turístico né daqui de Pirenópolis, porque pros donos de pousada é melhor esse carnaval do que o outro de farofa.. é então, eu acho que assim.. o prefeito pode ter alguma reunião com o trade turístico, mas com a população diretamente, não.. Eu acho que tá bom pra todo mundo .. é, só que.. só que eu acho que podia ter mais atração sabe? ..e tirar daqui da Rua Direita também, eu acho.. porque aqui na Rua Direita é, assim, o maior público mesmo é da terceira idade que vem... e Pirenópolis também tem que ser uma cidade pra jovem, porque durante o dia tem cachoeira pros jovens ir, tudo.. ai a noite ficou um pouco sem opção.. então eu acho que pode deixar o Carnaval aqui na Rua Direita as marchinhas.. mas, eu acho que tinha que ter outra atração sim, sabe? .. não carro de som, trio elétrico.. essas coisas nem combinam com a cidade, podem até estragar, sujar a cidade.. mas algum show, alguma coisa lá na onde era o Canto da Primavera do outro lado do rio ..acho que precisava sim, porque o Carnaval assim.. a gente tem que pensar nas pousadas que ganham com isso... mas tem muita gente também que vive indiretamente do turismo.. posto de gasolina, padaria, essas coisas.. que esse turismo.. acho.. ganha, sabe?.. é.. então eu acho que tem que pensar nos dois lados também.. então, pode ter esse pra pessoa que quer mais descansar.. mas tem que ter também uma coisa, acho, pra o público no geral...[Nativo 9]

__ Horrível! ..Uma multidão.. dá uma vontade de fechar isso ai e tirar umas férias rss.. mais é multidão. Eu, é, eu acho que a cidade.. eu não tenho ido mais em reunião.. eu ia muito e eu não vou mais, raramente eu vou numa reunião.. mas eu acho que a cidade histórica não tinha que ter carnaval, entendeu?.. é, tinha que ser uma coisa.. quem tá afim de curtir carnaval vai pro Rio de Janeiro, Bahia-Salvador, Recife.. é, (o turista vem) pra descansar, ir tomar banho na cachoeira e tomar uma cervejinha, ouvir uma música ao vivo.. aí eu faço uma música ao vivo.. Agora a gente tem uma dificuldade aqui na rua do Lazer que enche demais e fica aquele povo caminhando na rua.. não dá nem pra colocar mesa no meio da rua, só põe na calçada.. a gente gostaria que tivesse uma atividade para tirar eles um pouco da rua.. essa multidão que fica assim.. não tem como por mesa.. [Não-Nativo 2]

Para conservar a cultura o campo das tradições os agentes do campo criam eventos que vão contra a lógica do turismo, uma vez que tal programação afasta o turismo de massa que é indesejável e formado por jovens. Assim, buscam realizar eventos de caráter religioso e tradicional com o resgate de eventos antigos para atrair a juventude local para que essa tenha interesse em preservar as tradições de Pirenópolis. E, ainda, atrair o turista que vai para cidade em busca do descanso e da tranquilidade, pois esse respeita os costumes do local e rejeita também lugares muito visitados.

__ Mas é essas coisas que nós precisamos, porque isso volta né.. quando você vê a juventude entra também no meio, porque as coisas boas.. E isso faz parte da cultura e ajudar a juventude de hoje que tá muito assim “no ar”, sem saber o que quer.. Tudo (objetivo da associação), é cultura, é preservar também todas essas tradições.. Parte da cultura, da cultura.. quer formar uma casa da cultura, continuar com serestas na rua, cantar nas casas.. Isso! Interesse disso né.. Convidar, participar.. Semana Santa faz toda a “Paixão de Cristo” na rua para que a juventude participa, chamando a juventude.. Tá sim tendo interesse (da juventude).. Então eu acho que essas coisas estão atendendo um pouco a juventude.. Agora, não pode deixar morrer.. Então é muito importante essas coisas.. É muito importante isso porque não deixa morrer, não deixa acabar.. Não deixa acabar as famílias, as tradições.. Pra chamar a juventude.. Mostrar isso pra eles né, que é uma tradição.. é uma cultura né, porque nós estamos precisando disso.. Porque Pirenópolis tem campo pra isso... Pirenópolis tem artista que não acaba mais.. Então essas coisas que nós estamos pedindo pra voltar, sabe?..Pedindo pra voltar a Festa do Senhor do Bonfim.. A Festa do Bonfim era maravilhosa, com leilão, a banda de música tocando as músicas mais lindas do mundo! ..Acabou assim no ar, acabou tudo.. [Nativo 1]

__ É.. Acho que ta havendo, assim, uma divisão.. existe o carnaval da cidade que é na rua Direita e o carnaval do turista mesmo tá, ainda não existe.. é.. eles mesmos fazem o carnaval.. eles vêm, ligam o som do carro e ficam por ai.. mas não existe uma organização que atraia o turista pra esse local.. tem o da rua Direita que vai mais o pessoal da cidade.. é muito bom também, que eu acho que né.. mas que falta aqui um local com mais espaço..[Não-Nativo 1]

__(O que o atraiu/chamou atenção para querer conhecer o local?)
Descanso.. descanso, rss.. [Turista 3]

__Nossa, o turismo foi bom pro mundo inteiro né rsss.. o turista só vem trazer assim.. e vem com a energia boa, ele vem pra se distrair, pra ele ficar feliz né.. ele não vem aqui pra ficar nervoso, não vem aqui estressado, nervoso né.. isso tudo ele deixa lá onde ele tá, na cidade grande.. ele vem aqui pra se relaxar, então ele tá é com o espírito aberto.. então é receptivo né.. o turista só vem trazer coisa boa né..[Não-Nativo 1]

As relação de conflito fica mais explícita quando os grupos interagem no âmbito das políticas de turismo, uma vez que envolve a questão cultural e os interesses dos moradores da cidade. E, além disso, o estrangeiro não faz parte do grupo desde o início e não está ligado organicamente com qualquer membro do grupo local por laços de parentesco, de localidade e de ocupação e, ainda, pelo fato de ter introduzido qualidades que não se originaram nem poderia se originar dentro do próprio grupo. Assim, o estrangeiro não está submetido às regras peculiares do grupo e à estrutura de sua atitude, que é composta por envolvimento e indiferença, se manifesta de maneira objetiva.

Os não-nativos são bem-vindos (proximidade), mas não podem intervir no que eles não entendem (distância), ou seja, nas tradições. E os não-nativos também não podem exercer cargos públicos porque não nasceram na cidade.

__Eu sou um ser político mesmo. Aí isso, volta e meia, é um empecilho para interação, porque acham que são donos de um lugar né.. eu ouvi coisas incríveis assim..”porque não pode pessoas que não nascidas e criadas ocuparem o poder.. cargos.. porque estão tirando o emprego de um nascido e criado”... [Não-Nativo 5].

Para Simmel (1983) a objetividade se dá também na proporção de proximidade e distância que os elementos do grupo têm com o estrangeiro. Ambos têm em comum certas qualidades mais gerais e isso os aproximam, unindo-os. Mas na medida em que essas qualidades genéricas produzem traços comuns e cria a possibilidade de ligar ambos, de unificá-los, a relação de proximidade se transforma numa relação de distanciamento uma vez que os traços comuns produzem uma frieza e a conseqüente perda das forças centrípetas de ligação que os unem, tornando essas pessoas dependentes uma da outra numa relação exclusiva. Pode ocorrer ainda o distanciamento quando as qualidades humanas ou gerais não são atribuídas ao outro. Nessa situação o estrangeiro tem um sentido negativo, pois a

relação de um membro do grupo com ele se torna uma indiferença, uma vez que ele não tem importância para o grupo. Desse modo, a unificação de certas quantidades de proximidade e distância produz uma tensão recíproca entre o elemento e o estrangeiro gerando, assim, uma relação formal entre este e o grupo. Quando ambos percebem que só podem ser comuns a partir do geral acentua-se o aspecto não-comum entre eles. Daí o estrangeiro, apesar de ser membro do grupo, se torna um elemento estranho e distante para ele.

CONCLUSÃO

O turismo está em evidência no mundo, no Brasil e, especialmente, em Pirenópolis. Isso se deve ao fenômeno da globalização que, ao colocar as culturas locais em contato com a sociedade mais ampla através da divulgação em massa, estimulou as pessoas a viajarem por conta do lazer. Nesse sentido, está havendo no Brasil uma maior atuação dos governos federal, estadual e municipal em Pirenópolis.

Essa pesquisa procurou analisar as mudanças que o turismo gerou sobre a vida social em Pirenópolis. De fato, o turismo mudou a rotina da cidade nos últimos quarenta anos e mais ainda nos últimos dez. Trata-se de um processo irreversível para Pirenópolis cuja tendência é a crescente estruturação e normatização da atividade turística que deve ser acompanhada ao mesmo tempo da conservação dos recursos naturais e culturais e da inclusão e desenvolvimento da sociedade local.

Recentemente, o Ministério do Turismo escolheu Pirenópolis para ser uma das 65 cidades brasileiras indutoras do desenvolvimento no país. Além disso, o PRODETUR (Programa de Desenvolvimento do Turismo) do governo federal, com o intuito de promover o turismo doméstico no Brasil em 2008, destinou R\$ 1,75 bilhão, para promoção, qualificação de mão-de-obra e para obras de infra-estrutura nos municípios turísticos, sendo que R\$ 211 milhões desse total serão investidos no estado de Goiás (FERREIRA, 2007). A intenção do governo federal é promover a distribuição de renda do país através da prática do turismo, pois o turista é aquela pessoa que ganha dinheiro num lugar e gasta em outro. Trata-se do efeito multiplicador do turismo que generaliza seus impactos positivos, mas também os negativos, atingindo inclusive lugares e pessoas que não o praticam (BARRETTO, 2007). Nesse sentido, o Ministério da Cultura em Parceria com o Ministério do Turismo liberou , para serem investidos em museus no Brasil, visando já a Copa do Mundo de 2014 (VERBA, 2008).

Pirenópolis ficou conhecida fora de seus limites por causa das cavalhadas. A partir daí, a cidade tornou-se turística, incorporando uma série de mudanças.

No aspecto material, foram observados o turismo como alternativa de sobrevivência (renda, empregos), a diversificação do consumo, a incorporação de novas práticas (prata, turismo, etc), a privatização de lugares previamente públicos (igreja), a inflação (imóveis, ingressos para as cachoeiras), o uso racional da

natureza (cachoeiras, parques) e da cultura (cavalhadas, patrimônio histórico) pela atividade turística.

Já os efeitos sobre o simbólico dizem respeito à questão da sustentabilidade, da valorização, restauração e preservação/conservação do meio ambiente e do patrimônio cultural, uma vez que o turismo sobrevive da exploração de ambos. Na pretensão de tornar universais certos patrimônios natural e cultural, tal conceito de sustentabilidade acaba tendo um efeito contrário, gerando a exclusão do nativo, uma vez que cria mecanismos legítimos com pretensões de limitar/controlar seu acesso a tais atrativos em nome do turismo.

E no âmbito da vida social ocorreram novas formas de sociabilidade, pois o pirenopolino passou a conviver com novos grupos sociais que possuem valores e estilos de vida diferentes, como o não-nativo e o turista. A interação entre os grupos se apresenta às vezes de forma limitada, o que pode ser explicado através da relação de proximidade e distância entre eles. Os valores mais gerais às vezes não são suficientes para determinar tal proximidade e isso acaba realçando o aspecto diferente que causa o estranhamento e, assim, a indiferença, o conflito e a aversão.

As causas do distanciamento entre o nativo e o não-nativo depende do referencial. Do ponto de vista de alguns nativos, o não-nativo está invadindo seu espaço, impondo sua visão de mundo na cidade, querendo atrapalhar as tradições e interferindo em assuntos que não são da sua competência, porque não entendem. Na visão do não-nativo, parte dos nativos se sentem ameaçados porque acham que ser forasteiro é ser melhor. Além disso, o fato de muitos não-nativos serem ativistas impedem uma maior interação com os nativos já que isso acaba incomodando alguns deles, pois acham que “os de fora” querem ocupar cargos públicos e mandar na cidade, mas não podem porque não são nascidos e criados em Pirenópolis e porque estariam tomando os empregos do pirenopolino. Assim, as diferenças entre nativos e não-nativos são transformadas em uma distinção entre “os de dentro” e “os de fora”, cujo aspecto é legitimado como representação simbólica na forma de xenofobismo e utilizado nas eleições municipais pelas elites locais (política e econômica) para se manterem no poder. Ainda, na opinião dos não-nativos, a questão do conflito está mais relacionada com as elites por causa da questão política do que com a questão religiosa e o pirenopolino, porque no geral não se sentem rejeitados pelos nativos, pelo contrário, acham que o pirenopolino é hospitaleiro, porém, fechado para mudanças. Desse modo, o não-nativo representa

para alguns nativos a dominação (colonização), mas para o não-nativo certas atitudes da elite política e econômica da cidade são entendidas como xenofobismo.

A convivência com o turista é geralmente boa. Mas quando há o conflito, esse se manifesta por causa de certos tipos de comportamento, como desrespeitar os moradores, as tradições e as regras da cidade, colocar som alto de carro, vestir trajes não adequados durante as procissões, pichar as casas, sujar a cidade, fazer baderna, cometer furtos, andar de carro e, por fim, ter menos de 30 anos de idade, etc. Analisando o perfil do turista que frequenta Pirenópolis, foi constatado que predomina, em todas as épocas do ano, o turista adulto jovem (de 20 a 29 anos), com elevado grau de escolaridade (curso superior) e alto poder aquisitivo (acima de 5 salários mínimos), sendo que a maioria deles são, dependendo da época, de Brasília ou de Goiânia. Foi observado ainda que em eventos de massa e feriados prolongados, como o Canto da Primavera e a Semana Santa, o número de adultos jovens e de adolescentes aumentam significativamente se comparando aos outros períodos, sendo que a soma de ambos é superior a 50%, isto é, representa a maioria em relação às outras faixas etárias. Há também um aumento considerável da porcentagem de turistas que cursa o ensino médio e, mesmo assim, não se torna predominante. A proporção de pessoas sem renda própria e que ganha até três salários mínimos também cresce nessas épocas e, mesmo somando, ambos não representam a maioria dos turistas. Ou seja, há uma tendência maior, nesses períodos, do turista jovem de classe média/alta do que do turista jovem de classe baixa, apesar deste último aumentar durante os feriados prolongados e eventos.

Além da convivência com novos grupos, o turismo mudou outros aspectos da vida cotidiana de Pirenópolis. Por ser turística, a cidade tornou-se movimentada, principalmente nos fins de semana e altas temporadas, sendo que há turistas na cidade também durante a semana, só que em menor quantidade. Desse modo, a tranquilidade característica de uma cidade do interior é percebida apenas durante a semana. Outro aspecto ressaltado pelos moradores de Pirenópolis diz respeito à convivência com moradores estranhos, já que em cidade do interior é costume conhecer todo mundo.

O turismo também contribuiu para o aumento da insegurança na cidade. Isso ocorre porque o turismo divulga a cidade e atrai novos moradores e fluxo de turistas de diversos lugares, sendo que muitos possuem alto poder aquisitivo. Assim, Pirenópolis torna-se um local visado também por pessoas mal intencionadas. E

ainda, com a melhoria e construção de novas estradas que dão acesso a Pirenópolis, a cidade ficou mais vulnerável. Além disso, está localizada na região do entorno de Brasília, local conhecido desde 1999 pela desigualdade social e pelo alto índice de criminalidade, sendo que Pirenópolis já foi vítima de quadrilhas dessa região como demonstram os jornais. Além disso, Pirenópolis tornou-se local de passagem para o tráfico de drogas pesadas, já que jovens, PMs, dentre outros multiplicadores, saem de cidades circunvizinhas e vão a Pirenópolis para vender/distribuir/comprar/consumir a droga, desde 1999.

Com a criação e permissão de novos eventos como o Canto da Primavera, em 2000 e de mega festas (*Trances* e *Raves*) que atraem um público predominantemente jovem, outras drogas pesadas entraram na cidade. Isso se deve ao fato de muitos jovens formarem tribos que muitas vezes possuem um estilo de vida extravagante que pode levá-los a um comportamento que foge dos padrões socialmente aceitáveis e até mesmo a cometer crimes.

Desse modo, as drogas acabaram ficando na cidade tendo como usuários também a juventude local, já que muitos furtos são cometidos diariamente por menores viciados em craque e merla.

A criminalidade aumentou também por causa da falta de cadeia, pois esta foi restaurada e transformada em museu pelo IPHAN para servir como atrativo para o turismo. Acrescenta-se a isso o descaso e a incompetência das autoridades que até hoje não construíram uma nova cadeia para Pirenópolis. Assim, a cadeia improvisada em Jaranápolis, além de distante da cidade, está sempre superlotada.

Coincidentemente, o número de furtos e posse e uso de tóxico aumentaram justamente a partir dessa década, concentrando um maior número durante as temporadas de eventos e feriados, como demonstram os dados obtidos na Delegacia de Polícia Civil de Pirenópolis através dos BOs, TCOs e BOCs. Além disso, tais dados revelam que Pirenópolis está deixando de ser uma cidade pacata e tranqüila para morar, uma vez que são constantes os TCOs e BOCs referentes à perturbação da tranqüilidade e à perturbação do sossego. O motivo disso pode estar relacionado também ao comportamento dos jovens, pois muitos deles costumam colocar som de carro no último volume no centro histórico da cidade, perturbando moradores e os turistas que vão para Pirenópolis em busca do descanso.

Depoimentos do *Orkut* e artigos de jornais também confirmam essa tendência. No *Orkut* muitas pessoas, a grande maioria jovens (tanto turistas como o

próprio pirenopolino), acham que está caro ir para Pirenópolis, sendo que muitos turistas foram mal atendidos, ou então, reclamam que a programação do Canto da Primavera ou do Carnaval está ruim, que na cidade não é permitido colocar som alto e não pode realizar mega festas (*Trances* e *Raves*), etc. E os jornais apontam, em vários momentos, jovens, sendo muitos deles universitários, com posse e uso de tóxico, fato esse que é confirmado pelos dados da delegacia, uma vez que a proibição da realização de tais mega festas durante o feriado de Carnaval, cujo público é cem por cento jovem, diminuiu drasticamente do número de ocorrências relacionadas a posse e uso de tóxico.

A insegurança é um fator que afasta o turista dos locais visitados, o que é o caso do Brasil, por exemplo, que no quesito segurança fica em 90º lugar no exterior (ANDRADE, 2007). Assim, a insegurança e a violência causam também um impacto negativo para Pirenópolis afetando o turismo.

Nesse sentido, associações e ONGs da cidade tem mudado o perfil dos eventos da cidade, como a criação do bloco Urgente Reciclar e o Carnaval de Marchinhas no feriado de Carnaval. Ou então, criando outros como a Paixão de Cristo durante a Semana Santa. Nesse aspecto foi observada uma disputa simbólica entre nativos e não-nativos quanto a que produtos culturais devem representar a cidade fora de seus limites, no sentido de ser uma referência da identidade de Pirenópolis.

A cidade vivencia dois universos paralelos que convivem e se relacionam cotidianamente num mesmo tempo e lugar, ou seja, o das tradições e o do turismo. A relação das tradições com o turismo é possível na medida em que o segundo é adaptado ao primeiro e quando isso não acontece surge o conflito entre os grupos, pois os efeitos causados direta ou indiretamente pela atividade gera a resistência e a nostalgia nos pirenopolinos. Ao mesmo tempo em que sentem seu modo de vida devastado pelo turismo, tal efeito produz no pirenopolino uma saudade de práticas que desapareceram e, assim, procuram resgatar, manter ou criar outras, como por exemplo, os bailes, as serestas, a Festa do Nosso Senhor do Bonfim, a Festa do Divino e as Cavalhadas, a Paixão de Cristo, a Cavalhadinha e o Carnaval de Marchinhas da rua Direita.

O embate simbólico tanto entre campo das tradições e o campo do turismo como entre os grupos nativos, não-nativos e turistas está relacionado a fé, às crenças e tradições religiosas locais, uma vez que a religião produz uma verdade

absoluta que gera a confiança e segurança (GIDDENS, 1991) na comunidade pirenopolina. Assim, a verdade e a sua defesa pelo povo residem acima de tudo na fé no Divino Espírito Santo, no modo de vida local e em Pirenópolis em si.

Nesse sentido de risco e segurança, Pirenópolis é para o nativo um lugar seguro. Para o não-nativo é um local que se tornou mais seguro do que sua terra natal (a cidade grande). E, para o turista, Pirenópolis é um lugar que se tornou seguro, até que se prove o contrário.

“Verdade aquém do Pireneus; erro além” (apud BOURDIEU, 1998, p.78).

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. GOÍÁSNET. Disponível em: <<http://www.goiasnet.com>>. Acesso em 2 ago. 2007.

AGITAPIRI. Disponível em: <<http://www.agitapiri.com.br>>. Acesso em: 5 ago. 2007.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Lugares turísticos e a falácia do intercâmbio cultural. In: ____ et al. **Paradigmas do turismo**. Goiânia: Alternativa, 2003. p.11-19.

ALMEIDA, Miriam de Lurdes. **A cidade de Pirenópolis e o impacto do tombamento**. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

ALMEIDA, Odersides. **Turma do paz e amor incomoda**: Híppies são alvos de constantes reclamações por perturbação na cidade, *Diário da Manhã*, Goiânia, 25 set. 2005. Disponível em: <<http://www.dm.com.br>>. Acesso em 2 ago. 2007.

ALVES, Josiane. Universitário é flagrado com drogas pesadas, **ComuniWeb**, Brasília, 2 abr. 2008. Disponível em: <<http://www.comuniweb.com.br/index.php?idpaginas=20&idmaterias=?idpaginas=20&idmaterias=325442>>. Acesso em: jul. 2008.

ANDRADE, Joaquim. A competitividade do turismo. *Jornal Correio Brasiliense*, Brasília, 2007. Disponível em: <<http://www.correioweb.com.br>>. Acesso em: set. 2007.

ANGHER, Ane Joyce. **Vade Mecum acadêmico de direito**. São Paulo Rideel, 2006.

ANTUNES, Eurides Campos et al. Avaliação do arranjo das RPPN do estado de Goiás. In: JORNADA CIENTÍFICA DA ENGENHARIA – NUPENGE, 1., 2003, Goiânia. **Trabalho de pesquisa**. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2003. Disponível em: <<http://www.repams.org.br>>. Acesso em: 5 ago. 2007.

AREAL, Augusto Cesar B. **A história de Brasília**. Disponível em : <<http://www.infobrasilia.com.br>>. Acesso em: jul. 2008.

BARBOSA, Maria Alice Cunha. **As estratégias de preservação do núcleo histórico urbano de Pirenópolis**. Brasília: Universidade de Brasília, 1992.

BARRETTO, Margarita. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 9, n. 20, p. 15-29, out. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v9n20/v9n20a01.pdf>>. Acesso em: 1 maio 2005.

____. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas: Papyrus, 1997.

____. **Turismo e legado cultural**. Campinas: Papyrus, 2000.

_____. **Turismo y cultura:** relaciones, contradicciones y expectativas. Tenerife: Pasos, 2007. (Coleção Pasos, 1).

BATISTA, Ondimar. **Visões de Pirenópolis:** o lugar e os moradores face ao turismo. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade e ambivalência. In: _____. **Modernidade e ambivalência.** Rio de Janeiro,: Zahar, 1999. p. 155-182.

BERTRAN, Paulo. **História da terra e do homem no Planalto Central:** Eco-História do Distrito Federal – do indígena ao colonizador. Brasília: Verano, 2000.

BINFARÉ, Paula Wabner. **Imaginário, esferas culturais e planejamento.** Disponível em: <http://www.assesc.com.br/paginas/anais_jornada.htm>. Acesso em: 1 maio 2005.

BONITO, mas pouco atraente. **O Estado De São Paulo.** Disponível em: <<http://www.estado.com.br>>. Acesso em: ago. 2007.

BOURDIEU, Pierre. O capital social. In: BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação.** Petrópolis: Vozes, 1998. p. 65-69.

_____. Condição de classe e posição de classe. In: _____. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 1999. p. 3-25.

_____. Efeitos de lugar. In: BOURDIEU, Pierre et al. **A miséria do mundo.** Petrópolis: Vozes, 1997. p. 159-166.

_____. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). **A Sociologia de Pierre Bourdieu.** São Paulo: Ática, 2003. p. 46-81.

_____. Espaço social e espaço simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação.** São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 13-33.

_____. Espaço social e a gênese das classes. In: _____. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 133-161.

_____. A estrutura invisível e seus efeitos. In: _____. **Sobre a televisão.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 55-97.

_____. A gênese dos conceitos de habitus e de campo. In: _____. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 59-73.

_____. Gênese e estrutura do campo religioso. In: _____. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva S.A., 1999. p. 27-78.

_____. Sobre o poder simbólico. In: _____. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 7-15.

_____. Os três estados do capital cultural. In: _____. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 71-79.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cavalcadas de Pirenópolis**. Goiânia: Oriente, 1974.

BRASIL. Congresso. Senado. **Esperando só a hora de explodir**, 1999. Disponível em: <www.senado.gov.br/sf/noticia/senamidia/historico/1999/9/zn090512.htm>. Acesso em: jul. 2008.

_____. Ministério da Cultura. **Ano do Brasil na França**. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br>>. Acesso em: 12 dez. 2006.

_____. Ministério do Meio Ambiente. **Município de Pirenópolis**. Zoneamento Ecológico-Econômico (ZEE). Disponível em: <<http://www.mma.gov.br>>. Acesso em: 22 set. 2005.

_____. Planalto. **Lei 8.069/90** – Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em jul. 2008.

_____. Planalto. **Lei 9.099/06**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em jul. 2008.

_____. Planalto. **Lei Complementar nº 94/98**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LCP/Lcp94.htm>. Acesso em jul. 2008.

BRUNACCI, Karen, FLORES, Talyta. Carnaval de Pirenópolis resgata tradições: prefeitura da cidade aposta em programação para resgatar os antigos carnavais. Moradores e empresários apóiam a realização de uma festa mais tranqüila. In: **PIRENÓPOLIS**, Pirenópolis, 2005. Disponível em: <<http://www.pirenopolis.com.br>>. Acesso em: jan. 2006.

CAMPOS, Luiz Cláudio de A. Menescal; GONÇALVES, Maria Helena Barreto. **Introdução ao turismo e hotelaria**. Rio de Janeiro: SENAC, 1998.

CANCELAMENTO da festa *Trance* causa polêmica. **Jornal O Pireneus** – A voz de Pirenópolis. Pirenópolis, n. 14, ano 3, mar. 2006.

CARONE, Carlos. Um bando barra pesada: quadrilha especializada em assaltar bancos tem como base Luziânia, a 65 km de Brasília. Mulher faz parte da cúpula do grupo caçado por policiais de 3 estados. In: **Sindicato das Polícias Cíveis de Goiás**. Goiás, 3 out. 2007. Disponível em: <http://www.sinpolgo.org.br/v2/index.php?option=com_content&task=view&id=105&Itemid=28>. Acesso em jul. 2008.

CAVALHADAS no Rio de Janeiro. **Jornal Nova Era**, Pirenópolis, ano. vii. n. 30. mar.1996.

COHEN, Erik. Toward a Sociology of international tourism. In:_____. **Contemporary tourism: diversity and change**. Tourism Social Series. Local: Elsevier, 2004. p. 37-48.

_____. Authenticity, Equity and Sustainability in Tourism. **Journal of Sustainable Tourism**, vol 10, n. 4, 2002. p. 267-276.

COMUNIDADE PIRENÓPOLIS. Pirenópolis não está mais acessível. **Orkut**. 2008. Disponível em: <<http://www.orkut.com>>. Acesso em: jun. 2008.

_____. Canto da Primavera. **Orkut**. 2008. Disponível em: <<http://www.orkut.com>>. Acesso em: jun. 2008.

COSTA, Pere-Oriol et al. **Tribus urbanas: el ansia de indentidad juvenil y la autoafirmación a través de la violencia**. Barcelona: Paidós, 1996.

CRUZ, Aurélio, MOURA, Denise. **A marcha do campo em direção à cidade de Pirenópolis**. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 15., 2006, Caxambu.

CURADO, Glória Grace. **Pirenópolis: uma cidade para o turismo**. Goiânia: Oriente, 1978.

CURADO, João Guilherme. **As alterações ocorridas na paisagem por onde passam as procissões de Pirenópolis-Goiás: 1920-2005**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2006.

CURADO, A. O futuro de Pirenópolis. **Jornal Opção**, Goiânia, 12 abr. 2008. Disponível em: <<http://www.jornalopcao.com.br/index.asp?secao=Cartas&subsecao=Colunas&idjornal=284>>. Acesso em: jul. 2008.

D'ANDREA, Flávio Fortes. **Desenvolvimento da personalidade: enfoque psicodinâmico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

DELEGACIA DE POLÍCIA CIVIL DE PIRENÓPOLIS (Pirenópolis, Goiás). **Livro destinado ao registro de boletins de ocorrência/2007: de 25 de julho/2006 até 2008**.

_____. **Livro destinado a registro de ocorrências policiais referentes ao período de 21 de fevereiro/2005 até 22 de julho/2006**.

_____. **Ocorrências Policiais: a partir de dezembro/2003 até 21 de fevereiro/2005**.

_____. **Registros de Ocorrências: a partir de março/2003 até 28 de novembro/2003**.

_____. **Livro: registro de ocorrências de 9 de maio/2002 até 3 de março /2003**.

_____. **Livro de ocorrência: 1998-1999**.

_____. **Livro: Registros de ocorrências dos anos 94-95-96-97-98**.

_____. **Livro destinado aos registros de ocorrências policiais durante o ano de 1992 (1992-1993-1994).** (a partir da folha 89, 1º de janeiro de 1994).

_____. **Livro destinado ao registro de TCO:** de 8 de junho/2006 até 2008.

_____. **Livro destinado a registro de TCO:** de 25 de janeiro/2004 a 7 de junho de 2006.

_____. **Livro de registro de TCO:** 7 de maio/2002 até 15 de abril/2003.

_____. **Livro B:** Livro de Registros de TCO(s)/2000 – De 3 de janeiro/2000 até 15 de maio/2002.

_____. **Registro de boletim de ocorrência circunstanciado:** 1998-2008

_____. **Arquivo:** BO 2007 (caixa azul).

DJI. **Lei das Contravenções Penais,** 1940. Disponível em: <http://www.dji.com.br/decretos_leis/1941-003688-lcp/lei_das_contravencoes_penais.htm>. Acesso em: mai. 2008.

DOMINGUES, José Maurício. **Teorias Sociológicas no século XX.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

DRAGO, Theandra Fernandes. Desenvolvimento turístico municipal: caso de Pirenópolis/Goiás. In: ALMEIDA, Maria Geralda de et al. **Paradigmas do turismo.** Goiânia: Alternativa, 2003. p.121-122.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer.** São Paulo: Perspectiva SESC, 1999.

ECONOMIA & DESENVOLVIMENTO. [S.l.]: 2006. Disponível em: <<http://www.seplan.go.gov.br/rev/>>. Acesso em: 5 ago. 2007.

FEATHERSTONE, Mike. Cultura de consumo e desordem global. In: _____. **Cultura de consumo e pós-modernismo.** São Paulo: Studio Nobel, 1995. p. 94- 123.

FERREIRA, Sônia. Marta promete liberar R\$ 51 milhões a Goiás: Ministra do Turismo anunciou também que Goiânia, Pirenópolis, Caldas Novas e Chapada dos Veadeiros receberão aportes maiores de recursos. **Jornal O Popular,** 5 jul. 2007. Disponível em: <<http://www.opopular.com.br>>. Acesso em: ago. 2007.

FOLHA DO MEIO AMBIENTE. **Do lixo nasce o belo Carnaval de Pirenópolis,** 1999. Disponível em: <<http://www.folhadomeio.com.br/publix/fma/folha/1999/02/carnaval.html>>. Acesso em: jul. 2008.

FOLHA ONLINE. São Paulo. Disponível em: <<http://www.folhaonline.com.br>>. Acesso em: 15 mai. 2007.

GAZETA MATUTINA. Pirenópolis, 2005.

GAZONI, Jefferson L. et al. Percalços no caminho ao paraíso: repercussões sócio-ambientais do turismo em Pirenópolis-GO. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓSGRADUAÇÃO E PESQUISA EM AMBIENTE E SOCIEDADE, 3. 2006, Brasília. **Turismo, ambiente e sociedade**. Disponível em: <<http://www.anppas.org.br>>. Acesso em: 2 ago. 2007.

GIDDENS, Anthony. Interação e vida cotidiana. In:____. **Sociologia**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. p. 78-105.

____. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP Editora, 1991.

GOIÁS. Agência Ambiental de Goiás. **Material para análise: Plano de Manejo do Parque Estadual dos Pireneus**. Disponível em: <<http://www.pirenopolis.tur.br>>. Acesso em: jul. 2008.

____. Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira. **Festival Canto da Primavera**. Disponível em: <<http://www.agepel.go.gov.br>>. Acesso em: 8 ago. 2007.

____. Agência Goiana de Transporte e Obras. **EIA (Estudo de Impacto Ambiental) e RIMA (Relatório de Impacto Ambiental) dos acessos ao Parque Estadual dos Pireneus**. Disponível em: <<http://www.pirenopolis.tur.br/arquivo/Relatorio%20EIA.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2008.

____. Agência Goiana de Turismo. **Turismo em dados: caminho do ouro. Goiânia, 2002**. Disponível em: <<http://www.goiasbrasil.com.br/agetur/index.php?dir=turismod2&id=96>>. Acesso em: 8 ago. 2007.

____. Agência Goiana de Turismo. **Tendência 2003: comparativo Semana Santa, Final de Semana Comum, Cavalhadas, Férias de Julho**. Disponível em: <<http://www.goiasbrasil.com.br/agetur/index.php?dir=turismod2&id=96>>. Acesso em: 8 ago. 2007.

____. Agência Goiana de Turismo. **Canto da Primavera: pesquisa turística 2005**. Disponível em: <<http://www.goiasbrasil.com.br/agetur/index.php?dir=turismod2&id=96>>. Acesso em: 8 ago. 2007.

____. Ministério Público. **Concedida liminar ao MP que determina a transferência imediata de presos excedentes da cadeia de Jaranópolis**, 28 mai. 2008. Disponível em: <<http://www.mp.go.gov.br/portalweb/conteudo.jsp?page=1&base=1&conteudo=noticia/1ec45e480b1989be815ac7f3916662e2.html>>. Acesso em: jul.2008.

____. Secretaria do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos de Goiás. Disponível em: <<http://www.semarnh.goias.gov.br>>. Acesso em: 2 ago. 2007.

_____. Secretaria do Planejamento e Desenvolvimento de Goiás. **Indicadores**. Disponível em: <<http://www.seplan.go.gov.br>>. Acesso em: 5 ago. 2007.

GOIASNET. Disponível em: <<http://www.goiasnet.com>>. Acesso em: 2 ago. 2007.

GOULART, Guilherme. Entorpecentes: traficante preso em Goiás. In: **Associação Nacional dos Delegados da Polícia Federal**, Brasília, 13 jul. 2005. Disponível em: <<http://www.adpf.org.br/modules/news/article.php?storyid=7224>>. Acesso em ju. 2008.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: THOMPSON, Kenneth (Org.). **Media and cultural regulation**. Inglaterra: Open University, 1997. p.1-23.

INCLUSÃO social é o foco do novo Plano Nacional de Turismo. **Assessoria de Comunicação do Ministério do Turismo**, 13 jun. 2007. Disponível em: <www.turismo.gov.br>. Acesso em: set. 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Indicadores 2004**: Pirenópolis. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 4 ago. 2008.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br>>. Acesso em: 2 ago. 2007.

_____. **RESTARQ (Arquitetura Restaurações e Arte LTDA)**, 2008.

INSTITUTO PIRENEUS. Disponível em: <<http://ipireneus.org.br/blog/>>. Acesso em 2 ago. 2007.

ISMAR, Isaac. **O futuro no pretérito**: uma história feita à mão. Disponível em: <http://www.ocarnavalcarioca.com.br/2005/EdS/Mocidade_2007.asp>. Acesso em: 8 ago. 2007.

JAYME, Jarbas; JAYME, José Sizenando. **Pirenópolis**: Casa de Deus-Casa dos Mortos. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2002. v. 1.

_____. **Casa dos homens**. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2002. v. 2.

JAYME, José Sizenando. A religiosidade. In: _____. **Pirenópolis**: humorismo e folclore. Pirenópolis, 1983.

_____. Esboço histórico 2. Pirenópolis, estado de Goiás: Universidade Federal de Goiás, 1971.

CAVALHADAS no Rio de Janeiro. **Jornal Nova Era**, Pirenópolis, n. 30, ano vii, 1996.

JURY, Letícia. Tenente da PM integrava quadrilha. **Jornal O Estado de Goiás**, 11 jan. 2007. Disponível em: <http://www.jornalestadodegoias.com.br/noticias_detalhe.php?id_editoria=6&id_noticia=337>. Acesso em: jul. 2008.

KNEBEL, Hans Joachin. **Sociología del turismo: cambios estructurales en el turismo moderno**. Barcelona: Hispano Europea, 1974.

LIMA, Paola. Pioneiro em ecoturismo. **Correio Brasiliense**, 2002. Disponível em: <<http://www.correioweb.com.br>>. Acesso em: out. 2005.

LÔBO, Tereza Caroline. **A singularidade de um lugar festivo: o Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o Juizado de São Benedito em Pirenópolis**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2006.

LONGO, Malu. Espaços culturais da cidade apresentam sinais da falta de manutenção e algumas obras estão paralisadas. **Delegacia Estadual do Meio Ambiente**. 11 mar. 2007. Disponível em: <http://www.policiacivil.goias.gov.br/dema/noticia_id.php?publicacao=37137>. Acesso em: jul. 2008.

LOPES, Eliane. El turismo em Pirenópolis, Goiás, Brasil. **Scripta Nova: revista eletrônica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, Universidade de Barcelona, v. 43, n. 45, 1999. Disponível em: <<http://www.ub.es>>. Acesso em: 22 set. 2005.

MARSICANO, Kátia . Vida alternativa: a verdadeira Jagatah. **Correio Brasiliense**, Brasília, 24 abr. 2001. Disponível em: <<http://www.correioweb.com.br>>. Acesso em: jul. 2008.

MATRIZ DE PIRENÓPOLIS. Disponível em: <<http://www.matrizdepirenopolis.com.br>>. Acesso em 2 ago. 2007.

MATTEUCCI, Magda Beatriz de Almeida. Ecoturismo em Goiás: teoria e prática. In: ALMEIDA, Maria Geralda de et al. **Paradigmas do turismo**. Goiânia: Alternativa, 2003. p. 23-33.

MENDONÇA, Belkiss S. Carneiro de. **A música em Goiás**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1981.

MENDONÇA, Maria Luiza M. Turismo sustentável. In: MONTORO, Tânia Siqueira. **Cultura do turismo: desafios e práticas socioambientais**. Brasília: Thesaurus, 2002. p. 29-53.

MICELI, Sérgio. Introdução. In: _____. **A economias das trocas simbólicas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 1-56.

MIRANDA, Ricardo. Drogas no coração do poder: Brasília se consolida como a capital nacional do consumo de cocaína e maconha, que são vendidas e usadas por toda a cidade e traficadas até em locais públicos, como o Senado. **Revista Isto É**, 17 nov. 1999. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/1801/ciencia/1801_mundo_livre_sa.htm>. Acesso em: 4 ago. 2008.

MUSEU DAS CAVALHADAS. Foto.

NOGUEIRA, Aico Sipriano. **FraterUnidade**: estudo de uma experiência de “comunidade alternativa” no Planalto Central do Brasil. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996.

OBSERVATÓRIO GEOGRÁFICO DE GOIÁS. **Mapa dos povoados e distritos de Pirenópolis**. Disponível em: <<http://www.observatoriogeogoias.com.br/>>. Acesso em: 12 dez. 2007.

OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz. A casa como um universo de fronteira. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 9, n. 4, p. 827-837, jul./ago 1999.

O POPULAR. Disponível em: <<http://www.opopular.com.br>>. Acesso em: mai. 2007.

_____. **Ministra do Turismo anunciou também que Goiânia, Pirenópolis, Caldas Novas e Chapada dos Veadeiros receberão aportes maiores de recursos. Marta ainda se reuniu com Íris e Alcides**, 2007. Disponível em: <<http://www.opopular.com.br>>. Acesso em: mai. 2007.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Código Mundial de Ética do Turismo**.1999. Disponível em: <<http://rec.web.terra.com.br/hoteltur/index.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2007.

ORTIZ, Renato. Introdução. In: _____. **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho D'Água, 2003.

O USO de drogas químicas gera mais violência. **Jornal Folha de Pirenópolis – A voz da cidade**, Pireneus, n. 5, ano 1, abr. 2008.

PAIS, José Machado. Introdução. In: PAIS, José Machado; BLASS, Leila Maria da Silva (Org.). **Tribos urbanas**: produção artística e identidades. São Paulo: Annablume, 2004. p. 9-20.

PALACÍN, Luiz. **História de Goiás (1722-1972)**. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 1986.

PELLEGRINI FILHO, Américo. **Ecologia, cultura e turismo**. São Paulo: Papyrus, 1993.

PEREIRA, Niomar de Souza. **Cavalcadas no Brasil**. São Paulo: Escola de Folclore, 1983.

PEREIRA, Rubia Cynara Magalhães. **O impacto do turismo na identidade local**: um estudo de caso Pirenópolis-GO. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.

PERILLO, Marconi. Disponível em: <<http://www.marconiperillo.com.br>>. Acesso em: 5 ago. 2007.

PIRENÓPOLIS teve em 2006 um carnaval tranquilo. **Jornal O Pireneus – A voz de Pirenópolis**. Pirenópolis, n. 14, ano 3, mar. 2006.

PIRENÓPOLIS: Dados, 1999.

PIRENÓPOLIS. <Disponível em: <http://www.pirenopolis.com.br>>. Acesso em 2 ago. 2007.

PIRENÓPOLIS TUR. Disponível em: <<http://www.pirenopolis.tur.br>>. Acesso em 2 ago. 2007.

PIRENÓPOLIS. 65 destinos indutores do desenvolvimento. Disponível em: <<http://www.pirenopolis.go.gov.br>>. Acesso em: Acesso em 2 ago. 2007.

_____. **Conselho Municipal de Turismo**. Disponível em: <<http://www.pirenopolis.go.gov.br>>. Acesso em: Acesso em 2 ago. 2007.

_____. **Plano Diretor de Pirenópolis**: formulação do Plano Diretor de Pirenópolis. Disponível em: <<http://www.pirenopolis.tur.br>>. Acesso em: mai. 2008.

_____. Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Pirenópolis. **Dados do turismo**. 2008.

PIRES, Paulo dos Santos. **Dimensões do ecoturismo**. São Paulo: SENAC São Paulo Editora, 2002.

PLANO Nacional de Turismo vai fortalecer o mercado interno. **Assessoria de Comunicação do Ministério do Turismo**. 24 mai. 2005. Disponível em: <<http://www.guiabrazilturismo.com.br>>. Acesso em: ago. 2007.

PRÉDIO tombado pelo patrimônio histórico em Pirenópolis deixa de ser cadeia pública. **Agência Goiana do Sistema Prisional**, 4 jan. 2006. Disponível em: <http://www.agenciaprisional.go.gov.br/noticias/noticia_pub.php?publicacao=13723>. Acesso em: jul. 2008.

PREGNOLATTO, D. Perseguição de ONG em Pirenópolis-GO. **Lista Terceiro-Setor**, 01/09/2005. Disponível em: <<http://br.groups.yahoo.com/group/3setor>>. Acesso em: 2 set.2005.

QUEIROZ, Eduardo Pessoa de. **A migração intrametropolitana no Distrito Federal e Entorno: o conseqüente fluxo pendular e o uso dos equipamentos urbanos de saúde e educação**. XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú-MG – Brasil, de 18 a 22 de setembro de 2006.

REVISTA *PEOPLE* – GOIÂNIA IN MAGAZINE. Disponível em: <<http://www.revistapeople.com.br>>. Acesso em 2 ago. 2007.

ROCHA NETO, José Mendes. Reflexões sobre Turismo. **Revista Múltipla**, Brasília, n. 5, p. 139-156, dez. 1998.

ROJEK, Chris; URRY, John. Transformations of travel and theory. In: _____. **Touring Cultures**. Londres: Routledge, 1997. p. 1-19.

SARTORI, Simone. **Daniela encarna "cowgirl" e promete índia ousada**. Salvador: Terra, 2007. Disponível em: <<http://carnaval2007.terra.com.br/interna/0,,OI1418025-EI8195,00.html>>. Acesso em: 2 ago. 2007.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESA DE GOIÁS. **Pesquisa T Zero**: GEOR: Projeto Desenvolvimento Turismo em Pirenópolis. Disponível em: <<http://www.pirenopolis.tur.br/arquivo/ApresentacaoPesquisaTurismoPirenopolis.pt>>. Acesso em: 9 ago. 2007.

_____. **Metade das empresas de turismo em Pirenópolis tem menos de cinco anos**. 2005. Disponível em: <<http://www.sebraego.com.br/site/site.do?idArtigo=1098>>. Acesso em: ago. 2007.

_____. **Notícias**. Disponível em: <<http://www.sebraego.com.br>>. Acesso em: 5 ago. 2007.

SILVA, Mônica Martins da. **A Festa do Divino**: romanização, patrimônio e tradição em Pirenópolis (1890-1988). Goiânia: AGEPEL, 2001.

SIMMEL, Georg. Especial: O estrangeiro. In: MORAIS FILHO, Evaristo de (Org.). **Georg Simmel**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983. p. 182-188.

SIQUEIRA, Josafá Carlos de. **Pirenópolis**: identidade e biodiversidade. Rio de Janeiro: Loyola, 2004.

SIQUEIRA, Vera Lopes de. **Datas pirenopolinas**: 1727-1997. Pirenópolis, 1997.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTATÍSTICA, PESQUISA E INFORMAÇÃO DE GOIÁS. **Indicadores**. Disponível em: <<http://www.portalsepin.seplan.go.gov.br>>. Acesso em: 5 ago. 2007.

SUPERLOTAÇÃO em cadeia é preocupante. **Jornal O Pireneus**, Pirenópolis, mai. 2005 n. 7, ano. 2.

TABELA Páscoa, Carnaval e Corpus Chisti: 1951-2078. Disponível em: <http://www.inf.ufrgs.br/~cabral/tabela_pascoa.html>. Acesso em: 26 jul. 2008.

TALAVERA, Augustín Santana. Turismo cultural, culturas turísticas. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 9, n. 20, p. 31-57, out. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v9n20/v9n20a01.pdf>>. Acesso em: 1 maio 2005.

TAMASO, Izabela. Preservação dos patrimônios culturais: direitos antinômicos, situações ambíguas. **Anuário Antropológico/98**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

TURISMO EM PIRENÓPOLIS. Guia. 2005, n.1

URRY, JOHN. **O olhar do turista**. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

VASCONCELLOS, Lauro de. **Santa Dica**: encantamento do mundo ou coisa do povo. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1991.

VERBA para museus: Visando à Copa de 2014, Ministério da Cultura lança programa que destinará R\$ 2 milhões a museus, entre eles a Casa das Artes do Divino, em Pirenópolis. **Jornal O Popular**, Goiânia, 26 ago. 2008. Disponível em: <<http://www.opopular.com.br>>. Acesso em: ago. 2008.

VICE defende ingresso pago às cavalhadas. **Jornal da Cidade**, Pirenópolis, 2005. Disponível em: <<http://www.jornaldacidade.pirenopolis.tur.br>>. Acesso em: 27 jun. 2005.

Anexo 1 – Serra dos Pirineus

Fonte: Autor desconhecido, sem data.



Fonte: gravura do naturalista espanhol Oscar Leal, data de 1889 (BERTRAN, 2000).

Anexo 2 – Romaria da Santíssima Trindade (“Festa dos Pireneus”)

Saída da igreja do Nosso Senhor do Bonfim com destino a Serra dos Pireneus (fotos: Juliana de Pina, 2007)



Andor com a imagem da Santíssima Trindade...



saída da procissão às 17:00 h...



São 5 horas de caminhada...



Capela no topo do pico e cruz (atrás do porta-mala do carro)



Acampamento...



Chegada às 22:00 e jantar.

Anexo 3 – Programação Da Romaria da Santíssima Trindade (“Festa dos Pireneus”)

FESTA DOS PIRENEUS

Programa

- DIA 6 - Sexta-feira às 18:00 horas.
Procissão levando a milagrosa Imagem da Santíssima Trindade de volta ao mais alto da Montanha.
- As 19:00 horas:
Início do Tríduo na Capelinha dos Pireneus.
- DIA 7 - Sábado às 17:00 horas.
Tríduo e Levantamento do mastro.
- DIA 8 - Domingo às 9:00 horas.
Missa no alto do monte em louvor à Santíssima Trindade

PARTE PROFANA

- DIA 7 - Sábado - Ao por do sol e ao nascer da lua, todos os romeiros, no alto do monte, cantando a canção “Sinos de Pireneus”. Alegrias, muitas alegrias, fogueiras, levantamento de mastro, quadrilhas.

Mordomo dos fogos - **Benedito da Luz**

Mordomo da bandeira - **José Adolfo Pereira**

Mordomo do mastro - **Herculano de Oliveira**

Mordomo da fogueira - **José Maria de Oliveira**

O FABRIQUEIRO

Apresentação dos conjuntos “ALEIXO e BIDORO”, “BABILONIA” e “CHANHA e seu PÉ DE BODE”.

Visto Co. Tennyson de Oliveira

Anexo 4 – Rede 3setor <http://br.groups.yahoo.com/group/3setor/>

Pirenópolis é uma cidade que mostra sempre sua cara na mídia. Cidadezinha histórica e pacata do interior de Goiás, onde a natureza é generosa e as Cavalhadas são referência cultural no Brasil e no estrangeiro. Pois bem, parece um sonho e realmente seria se não existisse uma coisa chamada xenofobia.

As famílias "tradicionais" da cidade não suportam o fato de não mais exercerem livremente seu domínio e controle sobre os menos favorecidos (menos favorecidos por servi-los desde sempre). Desde a década de 70 famílias oriundas de diversas regiões do planeta tem optado por fixar residência neste aprazível local, com experiências e realidades diversas da local. Algumas ONGs atuam na cidade no intuito de dar suporte ao empoderamento da comunidade em seus fazeres culturais e sociais e vem sendo constantemente boicotadas. Agora, além de boicotadas, começam a ser perseguidas. Sou diretora geral da Guaimbê - Espaço e Movimento CriAtivo, ong que atua no bairro mais desfavorecido social e economicamente na cidade, com atividades educacionais e culturais, capacitação de jovens e geração de trabalho e renda. Oferecemos também trabalho e práticas de saúde como a Terapia Comunitária, Yoga, Shantala e outros exercícios de respiração e alongamento para gestantes e idosos. Num mesmo mes fomos convidadas e imediatamente proibidas de atuar na Secretaria de Promoção Social e Posto de Saúde Municipal, num trabalho totalmente gratuito a gestantes e idosos, pelo simples fato de não termos votado no atual Prefeito. Agentes de saúde foram ameaçadas de perderem o emprego se fossem vistas comigo. Agora por último, nossa ong precisa do cadastro no Conselho Municipal de Promoção Social, documento exigido por alguns possíveis apoiadores e patrocinadores de projetos culturais e sociais, e ele nos foi simplesmente negado. O Conselho de Promoção Social foi formado sem consulta pública, como reza a lei e a presidente do Conselho é a secretária de Promoção Social e, portanto, primeira dama do município. O argumento para a negativa foi que o assessor jurídico da Prefeitura a orientou neste sentido. É inominável o sentimento gerado por estas atitudes e tantas outras, e no entanto, nos sentimos em determinados momentos totalmente atadas à ignorância do poder público. Não dependemos do poder publico pra praticamente nada, e apesar de todas as atividades serem gratuitas, ainda pagamos aluguel, luz e água e funcionamos todos os dias com uma equipe voluntária de quase 20 pessoas. Deixar de trabalhar pra ficar brigando por direitos mínimos é extremamente desgastante e neste momento, senti uma enorme necessidade de compartilhar com pessoas que trabalham em prol da consciência e mudança de paradigmas políticos e sociais a situação de uma das cidades mais cobiçadas pelo turismo brasileiro. Desculpem pelo desabafo.

Abraços a todos.

D. P.

Rede 3setor (Rede de Informação e Discussão do Terceiro Setor)

Anexo 5 – Jornal O Pireneus (março de 2006)**A) Cancelamento da festa *Trance* causa polêmica**

A não expedição do alvará por parte da Prefeitura Municipal de Pirenópolis autorizando a realização da festa *Trance* no município de Pirenópolis no Camping Praia Grande que seria realizada durante o carnaval causou certa insatisfação da sociedade pirenopolina, mais especificamente na esfera dos jovens que alegaram falta de opção de diversão durante o carnaval”. Segundo o prefeito da cidade “As vezes o número de pessoas não é o mais importante, mas sim a qualidade de freqüentadores nessas ocasiões. No passado tais festas deram muitos problemas e atualmente Pirenópolis possui um turismo de alto nível, o que não combina com mega festas”. “A intenção dos responsáveis pelo turismo de Pirenópolis é buscar uma diretriz que traga uma clientela diferenciada que esteja mais interessada em freqüentar as cachoeiras, as tradicionais fazendas num ambiente familiar”. “A mega festa ocorreu sem grandes transtornos segundo a delegada de policia de Pirenópolis. Mas a mesma situação não ocorreu na primeira vez em 2004, quando foi realizada aqui no município. Naquele ano houve uma morte por afogamento o que colocou o nome da cidade em manchetes de jornais da capital” e, além disso, a policia presenciou o “uso de drogas” no local. De acordo com o promotor da cidade “a questão das mega festas em Pirenópolis vem constituindo um problema muito sério que temos enfrentado. Junto com a festa acontece o tráfico e uso de drogas, e problemas sérios de segurança ocorridos com fatos de violência. Essa decisão de impedir a realização da Festa *Trance* não é só em relação a ela especificamente. Todas as mega festas não serão autorizadas pela prefeitura segundo um acordo feito entre a Promotoria Pública, a Prefeitura, a Polícia Militar e a Delegacia de Polícia. Essa decisão foi tomada depois de várias discussões com a sociedade civil, os comerciantes e a conclusão é que elas são nocivas à nossa sociedade”.

B) Pirenópolis teve em 2006 um carnaval tranquilo

Segundo a delegada da cidade “durante o carnaval não houve grandes ocorrências policiais. Os festejos fluíram com poucos casos registrados e nenhum de caráter grave”. A delegada atribuiu tal fato às novas diretrizes adotadas pelo poder municipal juntamente com a Polícia Militar e Civil: Este carnaval de marchinhas foi muito importante. Mesmo não tendo ido lá eu ouvi elogios a respeito. Não só as pessoas daqui, mas também as de fora gostaram muito. Na minha opinião é uma idéia que deve ser estimulada. Sob o ponto de vista da segurança nós temos que aprimorar e ver como estão sendo realizadas festas carnavalescas em outras cidades históricas e turística.

Anexo 6 – Esperando só a hora de explodir: pesquisa mostra carência de todo tipo no entorno, onde em 10 cidades há 850 mil pessoas e faltam 100 mil empregos

Karla Mendes
Da equipe do Correio
Jorge Cardoso

Os vizinhos pedem socorro. Os moradores das cidades do Entorno enfrentam graves problemas de educação, saúde e segurança. Em alguns lugares, somente este ano é que a Justiça começou a funcionar. Sem juiz e promotor, muitas cidades ficaram sem nenhum meio eficaz de combater o crescimento da violência. O resultado foi a proliferação do crime organizado. Sem escolas ou emprego, as populações se valem do mercado de trabalho, hospitais públicos e rede de ensino de Brasília. Há 20 anos, de segunda a sexta, a secretária Fátima Constantino de Medeiros faz uma viagem de uma hora para chegar ao emprego no Setor de Indústrias Gráficas (SIG). Moradora de Valparaíso de Goiás, ela sempre trabalhou no Distrito Federal, onde também costuma fazer suas compras. Como Fátima, calcula-se que pelo menos 300 mil moradores das cidades goianas vizinhas trabalhem no DF. Emergência hospitalar, só na rede pública do DF. De acordo com dados da Secretaria de Saúde, 40% das consultas hospitalares são de pacientes do Entorno. “Esta semana é que foi inaugurado um posto de saúde 24 horas”, reclama Fátima. A delegacia é outro problema. “Se a gente liga para a polícia, eles sempre dizem que não têm combustível”, revela. Em Formosa faltam esgoto e água. E o único hospital público serve apenas como ambulatório. “Se você quebrar um dedo, tem de ir para Brasília”, conta o empresário William Bittar. A cidade não tem rede de galerias pluviais. “Quando chove, alaga o centro. Emprego, só tem em Brasília. Estamos perto de nos tornarmos uma cidade-dormitório como Luziânia”, reforça.

CARÊNCIA – Uma pesquisa encomendada este ano pelo governo de Goiás e a Secretaria da Ride (Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e do Entorno) revela uma área carente de investimentos públicos. Os resultados são bastante negativos. Existe um déficit de aproximadamente mil policiais e 777 leitos hospitalares. “Esse estudo vai embasar a atuação do governo”, diz o secretário do Entorno de Goiás, Plínio Rodrigues de Araújo. A pesquisa Projeto de Desenvolvimento Sustentável da Região do Entorno do Distrito Federal foi feita nos 19 municípios goianos que fazem parte da Ride — Água Fria de Goiás, Mimoso de Goiás, Pirenópolis, Cocalzinho de Goiás, Luziânia, Alexânia, Abadiânia, Corumbá de Goiás, Águas Lindas, Santo Antônio do Descoberto, Padre Bernardo, Planaltina, Formosa, Vila Boa, Cabeceiras, Cidade

Ocidental, Cristalina e Novo Gama. A Ride foi criada por lei de autoria do então deputado federal Augusto Carvalho (PPS-DF) e do senador José Roberto Arruda (PSDB), para permitir investimentos e ações conjuntas do DF, Goiás, Minas Gerais e do governo federal no Entorno. Foi sancionada no ano passado, mas até hoje a única ação concreta foi a inclusão da região no Orçamento Geral da União. A renda familiar dos municípios da Ride é baixa em comparação à do Distrito federal. Cerca de 65% chefes de família recebem em média dois salário mínimos. Falta saneamento básico, especialmente rede de esgoto e tratamento de lixo. Em Luziânia e Santo Antônio do Descoberto, menos da metade da população tem água tratada. O caso mais grave, porém, é em Águas Lindas. Com uma população estimada em 80 mil pessoas pelo IBGE, a cidade não tem um cano de água, apesar de estar às margens da Barragem do Descoberto, de onde vem 65% da água do DF. A população é abastecida por um sistema de poços artesianos. A cidade não tem esgoto sanitário. De acordo com a pesquisa, apenas Luziânia, Pirenópolis e Cidade Ocidental dispõem desse serviço. Nas demais cidades, o contingente atendido foi considerado insignificante. A coleta de lixo não é feita com regularidade, nem atende à totalidade da população. É depositado a céu aberto na maioria das cidades. Somente Luziânia e Cidade Ocidental têm aterro sanitário. Na Cidade Ocidental há, também, uma usina de reciclagem e compostagem de lixo.

DESEMPREGO – A população da região não pára de crescer — a taxa média é de 8% ao ano, enquanto que a do Distrito Federal é de 2%. A densidade demográfica nos últimos sete anos aumentou num ritmo alucinado, que não foi acompanhado pelo desenvolvimento econômico, acentuando as distorções sociais, especialmente nas cidades mais próximas. Dez municípios — Formosa, Novo Gama, Valparaíso de Goiás, Cidade Ocidental, Luziânia, Águas Lindas, Alexânia, Santo Antônio do Descoberto, Planaltina de Goiás e Formosa — já fazem parte da região metropolitana do DF. “Essas cidades compartilham o mesmo mercado de trabalho e de consumo”, explica o presidente do Conselho de Economia do DF, Julio Miragaya. Ex-gerente do banco de dados da Codeplan durante o governo Cristóvão Buarque, ele alerta para o crescimento desordenado desses municípios: população de 850 mil habitantes e 100 mil desempregados. “O grande impasse é que precisamos gerar empregos para os 200 mil desempregados do DF e mais o pessoal dessa região”, analisa. Segundo ele, os problemas da região têm de ser enfrentados em conjunto pelos governos federal, do DF e de Goiás. “É preciso uma injeção de recursos públicos, porque a economia dessas

“cidades é muito pequena”, afirma. A maior parte das indústrias é de fundo de quintal, como serralherias e marcenarias, além de um comércio precário. “Com esse tipo de atividade econômica, a arrecadação de impostos é muito pequena para o município bancar sozinho obras de infra-estrutura.”

SEM PROJETO – Para o prefeito de Abadiânia, Mauro Abadia (PMDB), a situação do Entorno beira o caos. Presidente da Associação dos Municípios Adjacentes de Brasília, que inclui mais 20 cidades além das que fazem parte da Ride, ele diz que falta um projeto concreto para resolver os problemas. Outra administra uma cidade onde falta de tudo. De leito hospitalar a asfalto. O único hospital, que é municipal, tem apenas 26 leitos para atender a 50 mil habitantes. Além disso, só o ambulatório está funcionando. “O pessoal está sem receber há oito meses, porque o governo estadual deixou de fazer os pagamentos”, denuncia. “Isso aconteceu porque governador demitiu todos os cargos comissionados, quando assumiu. Os servidores de Abadiânia não receberam porque a prefeitura deixou de encaminhar a papelada”, rebate o secretário do Entorno de Goiás, Plínio Rodrigues de Araújo.

Anexo 7 – Prefeitura da cidade aposta em programação para resgatar os antigos carnavais. Moradores e empresários apóiam a realização de uma festa mais tranqüila

Uma das datas mais esperadas do ano pelos brasileiros é o carnaval. A alegria desta festa contagia multidões e os lugares turísticos ganham visitantes do mundo inteiro. Em Goiás, Pirenópolis torna-se uma das cidades mais agitadas nesta época. A festa é tradicional na cidade histórica que este ano se prepara para receber cerca de 30 mil turistas em um clima de resgate cultural dos antigos carnavais de rua. A idéia partiu dos Grupos Pirenópolis e Renascer, duas associações fundadas por moradores com o objetivo de propor ações, em parceria com a prefeitura, para preservar a cidade e seus atrativos turísticos em períodos de intenso movimento de visitantes, como o carnaval. Na semana passada, um grupo de aproximadamente 50 pessoas, composto de moradores e empresários locais, decidiu por unanimidade a adoção, por parte da prefeitura, de um carnaval mais tranqüilo, sem a presença de trios elétricos e mais rigoroso com a segurança dos foliões. “O que vamos fazer, não é proibir as pessoas de se divertirem, como se têm dito por aí, mas não ser tão tolerante com aquele cidadão que perturba a tranqüilidade dos moradores da cidade, colocando som automotivo até altas horas da madrugada. Nós só vamos aplicar a lei cabível para quem comete esse tipo de abuso”, diz o Secretário de Turismo Carlos Alberto do Rêgo. Em carnavais passados, os moradores reclamaram do comportamento de alguns foliões: poluição sonora, sujeira nas ruas e até atos de vandalismo foram praticados nas ruas da cidade. “Não é uma questão de elitizar o carnaval de Pirenópolis. A cidade não se organiza somente para o turista, ela deve priorizar também o bem estar de seus moradores”, explica o secretário. Alguns moradores discordam das medidas da prefeitura e acreditam que o carnaval deste ano não será animado. É o que diz Rosângela Pereira, 29 anos, moradora da cidade. “Aqui é um lugar turístico, são só 4 dias de festa e não há necessidade de ter um horário para acabar. Tinha que ser 24 horas”, reclama. Para a programação de carnaval, a cidade colocará na Rua Direita, nos dias 25 e 26, a Banda Phoenix, que tocará marchinhas e músicas de época, acompanhando os desfiles dos blocos “As Garimpeiras”, “Pirenópolis ontem, hoje e sempre” e o bloco de percussão do Mestre Mirim. Além disso, estão sendo organizadas “festas alternativas”, como o Festival de Carnaval, organizado pela Trance Formation e o Dharmaval, um retiro que será realizado na Comunidade Frater. Rêgo assegura que a visita de turistas não vai diminuir (PIRENÓPOLIS, 2005).

APÊNDICES A – ANÁLISE DOS BOLETINS DE OCORRÊNCIA

Tabela 1 – Tipos de crimes cometidos em Pirenópolis (BO 1994-1997)

ANO (numeração)	1994 (001/94 – 101/94)	1995 (001/95 – 014/95)	1996 (001/96 – 026/96)	1997 (001/97 – 153/97 – */97)
CRIMES B.O.	18 Acidente de trânsito 15 Furto 12 Extravio de documento de veículo 8 Perda de documento de veículo 6 Ameaça 4 Extravio de documento pessoal 4 Homicídio 3 Suicídio 3 Lesão corporal 3 Perda de folha de cheque 2 Extravio de documento 2 Extravio de folha de cheque 2 Invasão de domicílio 2 Tentativa de homicídio 17 OUTROS	4 Lesão corporal 4 Furto 2 Homicídio 2 Acidente de trânsito 2 OUTROS	9 Acidente de trânsito 7 Homicídio 4 Furto 2 Tentativa de homicídio 2 Encontro de cadáver 2 OUTROS	6 Furto 1 Encontro de cadáver
TOTAL	101	14	26	07*

Fonte: Delegacia de Polícia Civil de Pirenópolis

Tabela 2 – Tipos de crimes cometidos em Pirenópolis (BO 1998-2001)

ANO (numeração)	1998 (001/98 – 122/98)	1999 (001/99 – 194/99)	2000 (--)	2001 (--)
CRIMES B.O.	39 Furto 25 Acidente de trânsito 8 Danos materiais 7 Roubo 3 Homicídio 2 Incêndio de propriedade rural 2 Lesão corporal 2 Sustação de cheque 2 Perda de documentos pessoais 15 OUTROS 17 * não identificados	79 Furto 24 Acidente de trânsito 18 Roubo 15 Dano material 6 Lesão corporal 5 Estelionato 5 Arrombamento de residência e furto 4 Desaparecimento de pessoa 3 Ameaça 3 Tentativa de homicídio 2 Arrombamento de residência 2 Arrombamento e furto 2 Estupro 2 Perda de arma 2 Perturbação do sossego 2 Sustatório de cheque 2 Tentativa de roubo 22 OUTROS 2 * não identificado	--	--
TOTAL	122	200	--	--

Fonte: Delegacia de Polícia Civil de Pirenópolis

Tabela 3 – Tipos de crimes cometidos em Pirenópolis (BO 2002-2004)

ANO (numeração)	2002 (001/02 – 486/02)	2003 (001/03 – 579/03)	2004 (001/04 – 666/04)
CRIMES B.O.	162 Furto 29 Acidente de trânsito 7 Ameaça 7 Estelionato 6 Arrombamento com furto 5 Dano material 5 Fato atípico 4 Roubo 3 Desaparecimento de pessoa 3 Disparo de arma de fogo 3 Tentativa de furto e dano em veículo 2 Abandono de lar 2 Agressão física 2 Arrombamento 2 Dano ao meio ambiente 2 Dano em veículo 2 Descumprimento de acordo 2 Encontro de cadáver 2 Esbulho possessório 2 Fuga de preso 2 Incêndio em chácara 2 Perda de celular 2 Perturbação do sossego 2 Tentativa de homicídio 32 OUTROS 2*	333 Furto 38 Dano material 34 Acidente de trânsito 19 Roubo 19 Estelionato 17 Fato atípico 9 Apropriação indébita 9 Arrombamento e furto 8 Ameaça 7 Desacordo comercial 7 Tentativa de furto 5 Desaparecimento de pessoa 4 Extravio de documento 3 Abandono de material 3 Homicídio 3 Invasão de domicílio 3 Perda de documento 3 Tentativa de homicídio 2 Abandono de lar 2 Invasão de propriedade particular 2 Lesão corporal 2 Ligação anônima 2 Perda de celular 2 Seqüestro 38 OUTROS 7*	373 Furto 45 Acidente de trânsito 29 Estelionato 23 Dano material 22 Roubo 18 Desaparecimento de pessoa 11 Apropriação indébita 7 Lesão corporal 7 Tentativa de furto 5 Ameaça 5 Desacordo comercial 5 Exercício arbitrário das próprias razões 5 Extravio 4 Atropelamento 4 Homicídio 4 Tentativa de homicídio 3 Abandono de lar 3 Afogamento 3 Dano 3 Fato atípico 3 Furto e dano 3 Incêndio 3 Invasão de domicílio 2 Arrombamento e furto 2 Extravio de documento 2 Outras fraudes 2 Perda de celular 2 Subtração de incapaz 38 OUTROS 32 *
TOTAL	292*	580	668

Fonte: Delegacia de Polícia Civil de Pirenópolis

Tabela 4 – Tipos de crimes cometidos em Pirenópolis (BO 2005-2007)

ANO (numeração)	2005 (001/05 – 649/05)	2006 (001/06 – 649/06)	2007 (001/07 – 775/07)
CRIMES B.O.	434 Furto 23 Roubo 20 Estelionato 18 Ameaça 16 Acidente de trânsito 16 Dano 12 Desaparecimento de pessoas 11 Lesão corporal 11 Outros crimes 9 Tentativa de furto 6 Apropriação indébita 6 Dano material 6 Tentativa de homicídio 5 Ocorrência extra policial 3 Apropriação de coisa achada 3 Homicídio 3 Incêndio 3 Perturbação do sossego 2 Abandono de material 2 Ameaça e injúria 2 Atropelamento 2 Bebida a menor 2 Constrangimento ilegal 2 Desacordo comercial 2 Extorsão 2 Morte a esclarecer 27 OUTROS 6* não identificado	384 Furto 42 Roubo 29 Estelionato 18 Acidente de trânsito 18 Ameaça 15 Ocorrência extra policial 14 Desaparecimento de pessoas 14 Lesão corporal 12 Tentativa de furto 13 Dano 11 Homicídio 8 Apropriação indébita 6 Outros crimes 6 Violência doméstica 5 Crime ambiental 5 Morte a esclarecer 5 Tentativa de homicídio 4 Difamação 4 Perturbação da tranqüilidade 3 Abandono de material 3 Tentativa de extorsão 2 Calúnia 2 Constrangimento ilegal 2 Incêndio 2 Injúria 2 Maus tratos 2 Perturbação do sossego 2 Receptação 24 OUTROS 2* não identificado	337 Furto 75 Violência doméstica 65 Outros crimes 26 Roubo 25 Apropriação indébita 23 Estelionato 13 Lesão corporal 11 Desaparecimento de pessoa 9 Acidente de trânsito 8 Tentativa de furto 7 Ameaça 7 Tentativa de homicídio 6 Crime ambiental 6 Dano material 4 Homicídio 4 Incêndio 3 Perturbação da tranqüilidade 3 Suicídio 2 Ameaça e violência doméstica 2 Morte a esclarecer 2 Tentativa de extorsão 31 OUTROS 106* não identificado
TOTAL	654	649	669

Fonte: Delegacia de Polícia Civil de Pirenópolis

APÊNDICES B – ANÁLISE DOS TERMOS CIRCUNSTANCIADOS DE OCORRÊNCIA

Tabela 1 – Tipos de crimes cometidos em Pirenópolis (TCO 2000-2003)

ANO (numeração)	2000 (001/00 – 192/00)	2001 (001/01 – 381/01)	2002 (001/02 – 450/02)	2003 (001/03 – 092/03 ... /03)
CRIMES T.C.O.	66 Dirigir sem CNH 31 Ameaça 27 Lesão corporal 8 Lesão corporal e ameaça 7 Perturbação do sossego 7 Embriaguez 5 Perturbação da tranqüilidade 3 Vias de fato 2 Crime ambiental 2 Desobediência 2 Ameaça e embriaguez 2 Ato obsceno 2 Exercício arbitrário das próprias razões 2 Vadiagem e embriaguez 22 OUTROS 5 * Não identificado	75 Dirigir sem CNH 54 Embriaguez 44 Lesão corporal 43 Ameaça 25 Vias de fato 12 Perturbação da tranqüilidade 9 Porte de arma 9 Embriaguez e provocação de tumulto 6 Jogo de azar 5 Provocação de tumulto 5 Perturbação do sossego 5 Vias de fato e embriaguez 5 Dano 5 Ameaça e embriaguez 4 Ato obsceno 3 Perturbação da tranqüilidade e embriaguez 3 Dano e embriaguez 3 Ameaça e lesão corporal 3 Permitir direção a pessoa sem CNH 3 Adulteração de placa 3 Exercício arbitrário das próprias razões 2 Embriaguez e perturbação da tranqüilidade 2 Difamação 2 Violação de domicilio 2 Ameaça e vias de fato 2 Lesão corporal e embriaguez 2 Desobediência 2 Ameaça, desobediência e embriaguez	64 Ameaça 59 Lesão 35 Vias de fato 34 Embriaguez 32 Posse e uso de tóxico 11 Calúnia 11 Perturbação do sossego 10 Perturbação da tranqüilidade 10 Difamação 9 Porte de arma de fogo 8 Exercício arbitrário das próprias razões 7 Receptação 7 Dano 7 Adulteração de placa 7 Posse e uso de tóxico 6 Desacato 5 Introdução de animais em propriedade alheia 4 Ameaça e perturbação da tranqüilidade 4 Ato obsceno 4 Resistência 4 Ameaça e lesão corporal 4 Crime ambiental 4 Injúria 4 Dirigir sem CNH 4 Permitir direção a pessoa sem CNH 3 Porte de arma 3 Provocação de tumulto 3 Crueldade contra animais 3 Alteração de limites 3 Difamação e injúria 2 Embriaguez e ameaça	22 Ameaça 14 Lesão corporal 6 Posse e uso de tóxico 5 Vias de fato 5 Perturbação da tranqüilidade 5 Dano 3 Perturbação do sossego 3 Difamação 2 Porte de arma de fogo 2 Calúnia 2 Introdução de animais em propriedade alheia 2 Adulteração de placa de veículo 2 Desobediência 2 Desacato 16 OUTROS 1 * Não identificado

CRIMES T.C.O.		2 Adulteração de placa e dirigir sem CNH 28 OUTROS 4* Não identificado 9** Não registrados	2 Fuga de preso 2 Desacato e embriaguez 2 Omissão de cautela 2 Exercício ilegal da profissão 2 Vias de fato e embriaguez 2 Embriaguez 2 Omissão de socorro 2 Maus tratos 2 Vias de fato e ameaça 2 Apropriação de coisa havida por erro 2 Ameaça e perturbação do sossego 2 Ameaça e difamação 2 Acidente de trânsito 2 Alteração de limite e dano 2 Ameaça e desacato 2 Porte de arma e embriaguez 2 Vias de fato lesão corporal 2 Lesão corporal e violação de domicilio 38 OUTROS 5* Não identificado	
	TOTAL	192	381	450

Fonte: Delegacia de Polícia Civil de Pirenópolis

Tabela 2 – Tipos de crimes cometidos em Pirenópolis (BO 2004-2007)

ANO (numeração)	2004 (001/04 – 519/04)	2005 (001/05 – 671/05)	2006 (001/06 – 594/06)	2007 (001/07 – 562/07)
CRIMES T.C.O.	<p>108 Ameaça 68 Lesão corporal 35 Posse e uso de tóxico 32 Perturbação da tranqüilidade 22 Vias de fato 22 Dirigir sem CNH 14 Embriaguez 14 Lesão corporal e ameaça 11 Injúria 10 Calúnia 9 Difamação e injúria 9 Permitir direção a pessoa sem CNH 7 Porte de arma 7 Constrangimento ilegal 7 Exercício arbitrário das próprias razões 6 Perturbação do sossego 6 Maus tratos 6 Desacato 5 Adulteração de placa de veículo 4 Calúnia e difamação 4 Injúria e ameaça 4 Desobediência 3 Importunação ofensiva ao pudor 3 Difamação 3 Violação de domicílio 3 Dano 3 Acidente de trânsito 2 Omissão de cautela 2 Vias de fato e embriaguez 2 Receptação 2 Maus tratos e embriaguez 2 Falsa identidade 39 OUTROS 47* Não identificado</p>	<p>131 Ameaça 87 Lesão corporal 42 Perturbação da tranqüilidade 37 Posse e uso de tóxico 23 Injúria 20 Ameaça e lesão corporal 20 Vias de fato 19 Calúnia 14 Ameaça e injúria 14 Difamação 14 Embriaguez 13 Desacato 11 Perturbação do sossego 10 Dano 10 Difamação e injúria 10 Dirigir sem CNH 8 Exercício arbitrário das próprias razões 8 Maus tratos 7 Importunação ofensiva ao pudor 7 Desobediência 6 Dirigir embriagado 6 Porte de arma 5 Ameaça e difamação 5 Injúria, difamação e calúnia 5 Porte de arma 5 Receptação 4 Ato obsceno 4 Outras fraudes 4 Provocação de tumulto 4 Violação de domicílio 3 Constrangimento ilegal 3 Dirigir em alta velocidade 3 Dirigir embriagado e dirigir em alta velocidade 3 Porte de arma e embriaguez 2 Abuso de autoridade e ameaça 2 Ameaça e calúnia</p>	<p>117 Ameaça 62 Lesão corporal 34 Perturbação da tranqüilidade 32 Injúria 31 Posse e uso de tóxico 30 Ameaça e injúria 21 Perturbação do sossego 18 Lesão corporal e Ameaça 16 Desacato 14 Dirigir sem CNH 13 Vias de fato 11 Calúnia 10 Difamação e injúria 8 Receptação 7 Dano 7 Injúria e lesão corporal 6 Difamação 5 Desobediência 5 Dirigir em alta velocidade 4 Ameaça e vias de fato 4 Calúnia e difamação 4 Confiar direção a pessoa sem CNH 4 Importunação ofensiva ao pudor 4 Injúria e perturbação da tranqüilidade 4 Injúria, ameaça e Perturbação da tranqüilidade 4 Maus tratos a animais 3 Ameaça e dano 3 Ameaça e perturbação do sossego 3 Ameaça, difamação e injúria 3 Ameaça, injúria e lesão corporal 3 Calúnia e Injúria 3 Dirigir embriagado 3 Embriaguez 3 Exercício arbitrário das próprias razões</p>	<p>70 Ameaça 48 Perturbação da tranqüilidade 47 Injúria 42 Lesão corporal 22 Desobediência 21 Ameaça e injúria 16 Dirigir sem CNH 16 Vias de fato 15 Posse e uso de tóxico 13 Calúnia 13 Perturbação do sossego 12 Receptação 11 Ameaça e lesão corporal 10 Difamação 9 Abuso de autoridade 9 Injúria e difamação 8 Maus tratos 8 Porte de arma branca 7 Jogos de azar 6 Ameaça e perturbação da tranqüilidade 6 Desacato 6 Direção perigosa 6 Falta de CNH 6 Permitir direção a pessoa sem CNH 5 Calúnia, difamação e injúria 5 Dano 5 Entregar veículo a menor 5 Injúria e calúnia 5 Injúria e perturbação da tranqüilidade 4 Dirigir em alta velocidade 4 Exercício ilegal da profissão 4 Injúria e vias de fato 3 Ameaça e perturbação do sossego 3 Ameaça e vias de fato 3 Desobediência e desacato</p>

CRIMES T.C.O.		<p>2 Ameaça e constrangimento ilegal 2 Ameaça e perturbação da tranqüilidade 2 Ameaça e porte de arma 2 Ameaça e vias de fato 2 Apropriação indébita 2 Dano e introdução de animais em propriedade alheia 2 Direção perigosa e dirigir sem CNH 2 Introdução de animais em propriedade alheia 2 Lesão corporal e injúria 2 Permitir direção a pessoa sem CNH 64 OUTROS 24 * Não identificado</p>	<p>3 Injúria e vias de fato 2 Abandono e introdução de animais 2 Abuso de autoridade 2 Ameaça e perturbação da tranqüilidade 2 Ato obsceno 2 Calúnia e perturbação da tranqüilidade 2 Constrangimento Ilegal 2 Dano e injúria 2 Desobediência 2 Difamação e vias de fato 2 Embriaguez e perturbação do sossego 2 Favorecimento pessoal 2 Importunação ofensiva ao pudor e perturbação da tranqüilidade 2 Injúria e perturbação do sossego 2 Lesão corporal e vias de fato 2 Omissão de cautela 2 Omissão na cautela e guarda de animais 2 Perturbação da tranqüilidade e violação de domicilio 2 Porte de arma branca 2 Sonegação de débito 2 Violação de domicilio 42 OUTROS 10 * Não identificado</p>	<p>3 Injúria e lesão corporal 2 Ameaça e calúnia 2 Ameaça e desacato 2 Ameaça, difamação e injúria 2 Ameaça, lesão e vias de fato 2 Calúnia e difamação 2 Embriaguez 2 Exercício arbitrário das próprias razões 2 Injúria e desacato 2 Injúria e tentativa de lesão 2 Lesão e injúria 2 Vias de fato e lesão corporal dolosa 2 Violação de domicilio 44 OUTROS 18* Não registrados</p>
TOTAL	521	672	594	562

Fonte: Delegacia de Polícia Civil de Pirenópolis

APÊNDICES C – ANÁLISE DOS BOLETINS DE OCORRÊNCIA CIRCUNSTANCIADOS

Tabela 1 – Tipos de crimes cometidos em Pirenópolis (BOC 1998-2002)

ANO (numeração)	<u>1998</u> (001/98 – 005/98)	<u>1999</u> (001/99 – 012/99)	<u>2000</u> (001/00 – 002/00)	<u>2001</u> (001/01 – 063/01)	<u>2002</u> (001/02 – 033/02)
CRIMES B.O.C.	2 Lesão corporal 1 Ameaça 2 * não identificado	3 Lesão corporal 2 Furto 1 Roubo 1 Fato atípico 5 * não identificado	1 Lesão corporal 1 Menor na direção	15 Menor na direção 13 Furto 9 Posse e uso de tóxico 4 Lesão corporal 3 Vias de fato 2 Provocação de tumulto 2 Porte de arma branca 1 Dano material e tumulto 1 Tentativa de Furto 1 Furto e uso de tóxico 1 Embriaguez e confusão 1 Incêndio 1 Porte de arma de fogo 1 Ameaça e lesão corporal 1 Maus tratos a animais e embriaguez 1 Ameaça 1 Tentativa de assalto 1 Perturbação do sossego 1 Dano material 1 Ameaça e vias de fato 2* não identificado	9 furto 5 Posse e uso de tóxico 3 Vias de fato 2 Porte de arma 2 Menor da direção 2 Lesão corporal 1 Ato infracional 1 Difamação 1 Conduta inconveniente 1 Receptação 1 Motim de interno 1 Estupro 1 Vadiagem 1 Perturbação do sossego 1 Perturbação do sossego e vadiagem 1 Tentativa de furto e dano material 1* não identificado
TOTAL	05	12	02	63	34

Fonte: Delegacia de Polícia Civil de Pirenópolis

Tabela 2 – Tipos de crimes cometidos em Pirenópolis (BOC 2003-2007)

ANO (numeração)	2003 (001/03 – 058/03)	2004 (001/04 – 071/04)	2005 (001/05 – 094/05)	2006 (001/06 – 088/06)	2007 (001/07 – 085/07)
CRIMES B.O.C.	15 Furto 8 Posse e uso de tóxico 6 Menor na direção 4 Porte de arma branca 3 Vias de fato 3 Lesão corporal 2 Conduta inconveniente 2 Porte de arma de fogo 1 Tentativa de furto 1 Acidente de trânsito 1 Embriaguez e desacato 1 Importunação ofensiva ao pudor 1 Perturbação do sossego e desacato 1 Desacato 1 Ameaça e vias de fato 1 Ameaça 1 Ameaça e lesão corporal 1 Perturbação do sossego 1 Furto e dano material 1 Ato obsceno 1 Receptação 1 Perturbação da tranqüilidade 1 Dano material	26 Furto 9 Lesão corporal 8 Menor na direção 6 Posse e uso de tóxico 5 Ameaça 5 Dano ao patrimônio público 3 Tentativa de furto 2 Porte de arma 2 Vadiagem 1 Vias de fato 1 Embriaguez e vadiagem 1 Perturbação do sossego 1 Constrangimento ilegal 1 Ameaça e desacato 1 Perturbação do sossego e posse e uso de tóxico 1 Receptação	27 Furto 11 Ameaça 10 Lesão corporal 9 Posse e uso de tóxico 5 Vias de fato 4 Porte ilegal de arma 3 Ameaça e dano 2 Receptação 2 Perturbação da tranqüilidade 2 Desacato 2 Difamação 1 Vandalismo 1 Vadiagem 1 Ameaça, injúria e difamação 1 Constrangimento ilegal 1 Importunação ofensiva ao pudor 1 Injúria e dano 1 Dano 1 Calúnia e lesão corporal 1 Injúria e perturbação da tranqüilidade 1 Difamação e injúria 1 Perturbação do sossego 1 Injúria 1 Desacordo e resistência 1 Vias de fato, calúnia e difamação 1 Tentativa de furto 1 Vias de fato e perturbação da tranqüilidade 1* não identificado	23 Furto 12 Lesão corporal 9 Ameaça 6 Posse e uso de droga 5 Tentativa de furto 4 Vias de fato 3 Tentativa de furto 3 Difamação 3 Perturbação da tranqüilidade 2 Perturbação do sossego 2 Porte ilegal de arma e receptação 2 Receptação 2 Injúria 2 Posse não justificada de instrumento de emprego usual no furto 1 Resistência e desobediência 1 Calúnia 1 Violação de domicílio 1 Dano 1 Injúria e perturbação do sossego 1 Desacato 1 Incêndio 1 Atentado violento ao pudor 1 Estelionato 1 Estelionato e furto	28 Furto 7 Lesão corporal 5 Injúria 5 Perturbação da tranqüilidade 4 Posse e uso de tóxico 4 Vias de fato 3 Ameaça 3 Atentado violento ao pudor 3 Desacato 2 Dano material 2 Desobediência 2 Invasão de domicílio 2 Vadiagem 1 Ameaça e calúnia 1 Ameaça e embriaguez 1 Ameaça e injúria 1 Apropriação indébita 1 Ato obsceno 1 Incêndio 1 Injúria e difamação 1 Perturbação do sossego 1 Porte de arma branca 1 Receptação 1 Tentativa de furto 1 Tentativa de lesão 1 Vias de fato e injúria 2* não identificado
TOTAL	58	73	94	88	85

Fonte: Delegacia de Polícia Civil de Pirenópolis

APÊNDICES D – OCORRÊNCIAS POLICIAIS NOS GRANDES EVENTOS DE PIRENÓPOLIS (BO 1998-2007)

Tabela 1 – Ocorrências policiais nos grandes eventos de Pirenópolis (BO 1998-2002)

1998 (crimes)	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
Furto	--	--	--	2	7	5	9	3	1	7	1	4	39
Roubo	--	--	--	--	1	--	1	--	--	3	1	1	7
Afogamento	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--
Homicídio	--	--	--	--	1	1	--	--	1	--	--	--	3
Lesão corporal	--	--	--	--	--	--	1	1	--	--	--	--	2
Acidente de trânsito	1	--	--	3	4	--	3	4	5	2	2	1	25
1999 (crimes)	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
Furto	4	10	8	3	7	9	6	5	5	5	7	10	79
Roubo	3	2	--	2	3	3	1	1	1	2	--	--	18
Afogamento	--	--	--	--	--	1	--	--	--	--	--	--	1
Homicídio	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--
Lesão corporal	--	1	1	1	--	--	--	--	--	--	2	1	6
Acidente de trânsito	1	2	1	2	3	2	4	2	1	2	3	1	24
2002 (crimes)	JAN*	FEV*	MAR*	ABR*	MAI*	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL*
Furto	--	--	--	--	13	27	19	17	21	14	22	29	162*
Roubo	--	--	--	--	--	1	1	--	1	--	2	1	6*
Afogamento	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--
Homicídio	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--
Lesão corporal	--	--	--	--	--	2	1	--	--	--	--	--	3*
Acidente de trânsito	--	--	--	--	5	2	4	4	4	4	5	1	29*

Fonte: Delegacia de Polícia Civil de Pirenópolis

Tabela 2 – Ocorrências policiais nos grandes eventos de Pirenópolis (BO 2003-2005)

2003 (crimes)	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
Furto	20	11	58	23	26	36	23	17	35	27	29	28	333
Roubo	--	1	2	1	--	3	3	--	3	2	1	3	19
Afogamento	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--
Homicídio	--	--	--	--	--	--	--	1	--	1	1	--	3
Lesão corporal	--	--	--	--	--	1	--	--	--	--	1	--	2
Acidente de trânsito	3	3	4	--	3	2	5	1	4	1	3	5	34
2004 (crimes)	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
Furto	29	41	31	39	40	25	24	27	41	17	28	31	373
Roubo	--	4	1	1	1	--	1	2	3	4	2	3	22
Afogamento	--	2	1	--	--	--	--	--	--	--	--	--	3
Homicídio	--	--	--	--	1	3	--	--	--	--	--	--	4
Lesão corporal	--	--	2	--	1	--	--	1	1	--	2	--	7
Acidente de trânsito	4	7	5	6	3	8	5	4	2	--	1	--	45
2005 (crimes)	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
Furto	33	111	25	11	20	32	28	35	57	20	25	37	434
Roubo	2	7	1	4	--	1	--	--	--	2	2	4	23
Afogamento	--	--	1	--	--	--	--	--	--	--	--	--	1
Homicídio	--	1	--	--	1	--	--	--	--	1	--	--	3
Lesão corporal	--	3	--	--	--	2	2	--	2	1	--	1	11
Acidente de trânsito	--	5	3	1	--	3	3	--	--	--	--	1	16

Fonte: Delegacia de Polícia Civil de Pirenópolis

Tabela 3 – Ocorrência policiais nos grandes eventos de Pirenópolis (BO 2006-2007)

2006 (crimes)	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
Furto	34	35	34	41	31	16	35	35	39	26	24	34	384
Roubo	2	6	2	4	3	3	6	1	7	3	1	4	42
Afogamento	--	--	--	--	1	--	--	--	--	--	--	--	1
Homicídio	--	1	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	1
Lesão corporal	3	2	2	2	1	1	1	--	1	1	--	--	14
Acidente de trânsito	--	1	--	2	1	1	3	3	3	3	--	1	18
2007 (crimes)	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
Furto	25	49	22	28	24	28	35	21	23	30	32	20	337
Roubo	2	3	2	3	2	2	4	3	--	1	2	2	26
Afogamento	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--
Homicídio	1	--	1	2	--	--	--	--	--	--	--	--	4
Lesão corporal	--	--	3	1	--	1	--	--	2	2	1	3	13
Acidente de trânsito	--	--	1	2	3	--	1	--	--	--	1	--	8

Fonte: Delegacia de Polícia Civil de Pirenópolis

APÊNDICES E – OCORRÊNCIAS POLICIAIS NOS GRANDES EVENTOS DE PIRENÓPOLIS (TCO 1999-2007)

Tabela 1 – Ocorrência policiais nos grandes eventos de Pirenópolis (TCO 2000-2001)

2000 (crimes)	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
Posse e uso de tóxico	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--
Embriguez	--	--	1	2	--	--	3	--	--	1	--	--	7
Perturbação do sossego	--	2	1	--	1	--	--	--	2	1	--	--	7
Perturbação da tranqüilidade	--	--	--	1	--	--	1	2	1	--	--	--	5
Vias de fato	--	--	--	--	--	1	--	2	--	--	--	--	3
Lesão corporal	2	3	1	2	4	4	4	1	2	1	--	3	27
Dirigir sem CNH	11	8	5	10	1	3	3	1	1	5	13	5	66
Desobediência	1	--	--	--	--	1	--	--	--	--	--	--	2
Receptação	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	1	1
2001 (crimes)	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
Posse e uso de tóxico	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--
Embriguez	--	2	2	6	6	6	7	5	8	4	05	3	54
Perturbação do sossego	1	--	--	--	--	3	--	--	--	--	--	1	5
Perturbação da tranqüilidade	--	--	4	2	4	--	--	--	--	1	1	--	12
Vias de fato	--	--	--	8	1	2	2	5	4	1	1	1	25
Lesão corporal	3	4	1	8	5	4	2	5	6	4	1	1	44
Dirigir sem CNH	10	17	10	2	11	2	3	5	6	1	2	6	75
Desobediência	--	--	--	--	1	1	--	--	--	--	--	--	2
Receptação	--	--	--	1	--	--	--	--	--	--	--	--	1

Fonte: Delegacia de Polícia Civil de Pirenópolis

Tabela 2 – Ocorrência policiais nos grandes eventos de Pirenópolis (TCO 2002-2003)

2002 (crimes)	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
Posse e uso de tóxico	2	12	1	4	5	1	--	1	1	2	6	5	40
Embriaguez	4	3	4	4	8	2	4	3	--	--	2	--	34
Perturbação do sossego	--	1	--	4	--	--	1	1	--	3	1	--	11
Perturbação da tranqüilidade	1	2	--	--	1	1	--	--	--	1	2	2	10
Vias de fato	5	3	7	4	5	3	2	--	2	2	1	1	35
Lesão corporal	3	6	1	6	7	5	3	4	5	8	7	4	59
Dirigir sem CNH	2	--	--	--	--	--	--	2	--	--	--	--	4
Desobediência	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--
Receptação	--	--	--	1	3	--	--	--	1	--	1	1	7
2003* (crimes)	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI*	JUN*	JUL*	AGO*	SET*	OUT*	NOV*	DEZ*	TOTAL*
Posse e uso de tóxico	1	--	5	--	--	--	--	--	--	--	--	--	6*
Embriaguez	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--*
Perturbação do sossego	--	--	2	1	--	--	--	--	--	--	--	--	3*
Perturbação da tranqüilidade	2	1	1	1	--	--	--	--	--	--	--	--	5*
Vias de fato	3	1	--	1	--	--	--	--	--	--	--	--	5*
Lesão corporal	2	5	3	4	--	--	--	--	--	--	--	--	14*
Dirigir sem CNH	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--*
Desobediência	--	--	2	--	--	--	--	--	--	--	--	--	2*
Receptação	--	1	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	1*

Fonte: Delegacia de Polícia Civil de Pirenópolis

Tabela 3 – Ocorrência policiais nos grandes eventos de Pirenópolis (TCO 2004-2005)

2004 (crimes)	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
Posse e uso de tóxico	--	8	1	2	2	1	--	2	13	--	4	2	35
Embriaguez	1	--	1	1	3	2	1	1	--	--	--	4	14
Perturbação do sossego	--	--	--	--	2	1	1	--	--	--	2	--	6
Perturbação da tranqüilidade	1	1	3	3	7	--	2	1	6	5	1	2	32
Vias de fato	--	3	2	3	7	2	1	2	--	--	2	--	22
Lesão corporal	1	4	4	6	7	4	5	7	11	3	7	9	68
Dirigir sem CNH	--	2	1	4	5	--	--	3	1	--	4	2	22
Desobediência	--	1	--	--	--	--	1	--	--	1	1	--	4
Receptação	--	1	--	--	--	--	--	--	--	--	--	1	2
2005 (crimes)	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
Posse e uso de tóxico	2	3	3	2	2	3	--	5	10	--	3	4	37
Embriaguez	--	--	--	1	1	1	2	2	2	--	1	4	14
Perturbação do sossego	--	2	--	--	--	--	--	--	5	--	1	3	11
Perturbação da tranqüilidade	1	8	9	7	2	4	1	2	4	2	2	--	42
Vias de fato	1	4	2	--	2	2	1	1	4	1	1	1	20
Lesão corporal	6	4	6	5	6	9	10	7	12	8	3	11	87
Dirigir sem CNH	1	--	1	1	2	--	3	--	1	--	--	1	10
Desobediência	--	1	2	--	1	--	1	2	--	--	--	--	7
Receptação	--	--	--	1	2	--	--	2	--	--	--	--	5

Fonte: Delegacia de Polícia Civil de Pirenópolis

Tabela 4 – Ocorrência policiais nos grandes eventos de Pirenópolis (TCO 2006-2007)

2006 (crimes)	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
Posse e uso de tóxico	3	14	--	1	1	2	2	1	6	--	--	1	31
Embriaguez	--	1	1	--	--	--	1	--	--	--	--	--	3
Perturbação do sossego	4	3	2	3	--	2	1	--	3	1	2	--	21
Perturbação da tranqüilidade	--	2	3	2	3	1	1	3	3	3	6	7	34
Vias de fato	--	3	2	--	--	--	1	2	2	2	1	--	13
Lesão corporal	4	6	2	--	8	11	9	7	3	2	7	3	62
Dirigir sem CNH	9	1	--	1	--	--	--	--	1	1	1	--	14
Desobediência	1	--	--	2	--	1	--	--	1	--	--	2	7
Receptação	1	--	--	2	--	1	--	2	1	--	1	--	8
2007 (crimes)	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
Posse e uso de tóxico	3	2	--	--	--	2	--	--	3	1	2	2	15
Embriaguez	--	1	--	--	--	--	--	--	--	--	1	--	2
Perturbação do sossego	4	1	--	--	--	1	1	1	--	4	1	--	13
Perturbação da tranqüilidade	4	7	8	3	2	4	4	3	3	2	5	3	48
Vias de fato	3	1	1	1	2	1	--	2	--	2	2	1	16
Lesão corporal	3	4	4	3	5	3	4	--	3	2	5	6	42
Dirigir sem CNH	--	--	2	1	1	--	--	6	3	3	--	--	16
Desobediência	--	--	--	2	--	2	1	--	5	5	2	5	22
Receptação	--	--	--	--	2	1	--	4	3	2	--	--	12

Fonte: Delegacia de Polícia Civil de Pirenópolis

APÊNDICES F – OCORRÊNCIAS POLICIAIS NOS GRANDES EVENTOS DE PIRENÓPOLIS (BOC 2001-2007)

Tabela 1 – Ocorrência policiais nos grandes eventos de Pirenópolis (BOC 2001-2002)

2001 (crimes)	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
Furto	--	--	--	7	1	2	1	--	--	2	--	--	13
Receptação	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--
Posse e uso de tóxico	--	--	--	--	--	1	--	2	3	2	1	--	9
Perturbação da tranqüilidade	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--
Perturbação do sossego	--	--	--	--	--	--	--	--	--	1	--	--	1
Vias de fato	--	--	--	1	--	1	--	1	--	--	--	--	3
Lesão corporal	--	--	--	--	1	1	--	1	1	--	--	--	4
2002 (crimes)	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
Furto	2	--	1	1	1	1	--	2	--	--	1	--	9
Receptação	--	--	--	--	--	--	--	1	--	--	--	--	1
Posse e uso de tóxico	--	1	1	--	1	--	--	--	--	1	--	1	5
Perturbação da tranqüilidade	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--
Perturbação do sossego	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	2	--	2
Vias de fato	--	--	--	--	--	1	--	--	1	--	--	1	3
Lesão corporal	--	--	1	--	--	--	--	--	--	1	--	--	2

Fonte: Delegacia de Polícia Civil de Pirenópolis

Tabela 2 – Ocorrência policiais nos grandes eventos de Pirenópolis (BOC 2003-2005)

2003 (crimes)	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
Furto	--	1	--	3	--	2	1	1	1	1	4	1	15
Receptação	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	1	--	1
Posse e uso de tóxico	1	--	--	2	--	2	1	--	1	--	1	--	8
Perturbação da tranqüilidade	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	1	1
Perturbação do sossego	--	--	--	--	--	--	--	1	--	1	--	--	2
Vias de fato	--	--	--	--	--	--	--	1	--	--	2	--	3
Lesão corporal	--	--	--	--	--	--	--	--	1	2	--	--	3
2004 (crimes)	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
Furto	4	--	3	1	2	4	1	3	1	1	3	3	26
Receptação	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	1	--	1
Posse e uso de tóxico	--	--	--	3	--	--	--	--	1	--	3	--	7
Perturbação da tranqüilidade	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--
Perturbação do sossego	--	--	--	--	--	--	--	1	--	--	1	--	2
Vias de fato	--	--	--	1	--	--	--	--	--	--	--	--	1
Lesão corporal	--	--	1	2	--	1	--	1	2	--	--	2	9
2005 (crimes)	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
Furto	--	1	--	2	--	2	2	7	5	4	3	1	27
Receptação	1	--	--	--	--	--	--	1	--	--	--	--	2
Posse e uso de tóxico	--	2	--	--	--	2	--	3	--	--	1	1	9
Perturbação da tranqüilidade	--	1	--	--	--	--	1	1	--	--	--	--	3
Perturbação do sossego	--	--	--	--	--	--	--	--	1	--	--	--	1
Vias de fato	1	2	--	--	--	--	--	1	1	--	--	--	5
Lesão corporal	--	1	1	--	--	4	1	1	--	1	1	--	10

Fonte: Delegacia de Polícia Civil de Pirenópolis

Tabela 3 – Ocorrência policiais nos grandes eventos de Pirenópolis (BOC 2006-2007)

2006 (crimes)	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
Furto	--	4	1	8	2	2	--	--	2	--	2	2	23
Receptação	--	1	--	1	1	--	--	--	--	--	--	--	3
Posse e uso de tóxico	1	3	--	--	1	--	--	1	--	--	--	--	6
Perturbação da tranquilidade	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	2	1	3
Perturbação do sossego	--	1	--	1	--	1	--	--	--	--	--	--	3
Vias de fato	--	--	1	--	--	--	--	1	1	1	--	--	4
Lesão corporal	1	--	--	--	2	4	3	--	--	--	2	--	12
2007 (crimes)	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
Furto	1	2	2	4	2	--	4	--	2	1	9	1	28
Receptação	--	--	--	--	--	--	--	--	--	1	--	--	1
Posse e uso de tóxico	--	--	--	--	--	--	--	--	2	--	1	1	4
Perturbação da tranquilidade	1	--	1	--	--	--	--	--	2	1	--	--	5
Perturbação do sossego	1	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	1
Vias de fato	--	1	--	--	--	--	1	--	1	--	1	--	4
Lesão corporal	--	--	1	--	1	1	--	--	2	2	--	--	7

Fonte: Delegacia de Polícia Civil de Pirenópolis

APÊNDICES G – RELAÇÃO DOS CRIMES DOS BOS(S) COM AS REGIÕES; O PERFIL DAS VÍTIMAS DOS BO(S) SEGUNDO LOCAL DE RESIDÊNCIA EM PIRENÓPOLIS, NÚMERO E TIPO DE CRIME; ORIGEM DAS VÍTIMAS SEGUNDO LOCAL DE RESIDÊNCIA EM PIRENÓPOLIS, NÚMERO E TIPO DE CRIME

Tabela 1 – Relação dos crimes dos BOs com as regiões de Pirenópolis

LOCAIS	TIPOS DE CRIME									
	FURTO	ROUBO	LESÃO	RECEPTAÇÃO	DANO	APROPRIAÇÃO INDÉBITA	DESAPARECIMENTO DE PESSOA	AMEAÇA	TENTATIVA DE FURTO	CRIME AMBIENTAL
CENTRO HISTÓRICO	61	2	3	-	2	3	1	1	1	-
ENTORNO	31	-	1	-	-	2	3	1	-	-
NOVOS BAIROS	90	1	-	-	-	2	1	-	2	-
TREVOS E ESTRADAS	5	4	2	-	-	-	1	-	-	-
ZONA RURAL E CACHOEIRAS	21	1	-	-	-	-	-	-	1	3
TOTAL	208	8	6	-	2	7	6	2	4	3

Fonte: Delegacia de Polícia Civil de Pirenópolis

Tabela 2 – O perfil das vítimas dos BOs segundo local de residência em Pirenópolis, número e tipo de crime

VÍTIMAS (grupos sociais)	NATIVOS										NÃO-NATIVOS										TURISTAS									
	FURTO	ROUBO	LESÃO	RECEPTAÇÃO	DANO	APROPRIAÇÃO INDEBITA	DESAPARECIMENTO DE PESSOA	AMEAÇA	TENTATIVA DE FURTO	CRIME AMBIENTAL	FURTO	ROUBO	LESÃO	RECEPTAÇÃO	DANO	APROPRIAÇÃO INDEBITA	DESAPARECIMENTO DE PESSOA	AMEAÇA	TENTATIVA DE FURTO	CRIME AMBIENTAL	FURTO	ROUBO	LESÃO	RECEPTAÇÃO	DANO	APROPRIAÇÃO INDEBITA	DESAPARECIMENTO DE PESSOA	AMEAÇA	TENTATIVA DE FURTO	CRIME AMBIENTAL
TIPOS DE CRIME																														
LOCAIS																														
Centro histórico	16	-	2	-	1	1	-	-	1	-	14	-	1	-	-	1	1	-	-	-	31	2	-	-	1	1	-	1	-	-
Entorno	17	-	1	-	-	-	2	1	-	-	8	-	-	-	-	1	1	-	-	-	6	-	-	-	-	1	-	-	-	-
Novos bairros	43	-	-	-	-	-	-	-	-	-	34	1	-	-	-	2	1	-	1	-	13	-	-	-	-	-	-	-	1	-
Trevo e estradas	2	2	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2	1	-	-	-	1	-	-	-
Zona rural e cachoeiras	6	-	-	-	-	-	-	-	1	1	8	-	-	-	-	-	-	-	-	1	7	1	-	-	-	-	-	-	-	1
TOTAL	84	2	4	-	1	1	2	1	2	1	65	1	1	-	-	4	3	-	1	1	59	5	1	-	1	2	1	1	1	1

Fonte: Delegacia de Polícia Civil de Pirenópolis

Tabela 3 – Origem das vítimas segundo local de residência em Pirenópolis, número e tipo de crime dos BOs

GRUPOS SOCIAIS	NATIVO	NÃO-NATIVO	TURISTA
Cidade de origem (naturalidade)	--	48 Goiás 9 Brasília 12 Minas Gerais 11 São Paulo 3 Bahia 2 Rio de Janeiro 1 Rio Grande do Sul 1 Maranhão 1 Pará 1 Espírito Santo 1 Tocantins 1 Ceará 1 Paraná 1 Porto Rico 1 Alemanha	27 Goiás 21 Distrito Federal 4 Minas Gerais 3 São Paulo 3 Rio Grande do Sul 3 Rio de Janeiro 3 Mato Grosso 2 Tocantins 2 Santa Catarina 1 Piauí 1 Maranhão 1 Roraima 1 Bahia 1 Ceará 1 Espírito Santo 1 Peru 1 Cuba 1 Itália 1 Inglaterra 1 Índia
Cidade Anterior	--	--	33 Goiás 37 Distrito Federal 2 Tocantins 1 Mato Grosso 1 Minas Gerais 1 São Paulo 1 Rio Grande do Sul 1 Rio Grande do Norte
Residência em Pirenópolis	25 Centro Histórico 30 Região do Entorno 66 Novos Bairros 16 Zona Rural 4* não identificado	15 Centro Histórico 17 Região do Entorno 58 Novos Bairros 4 Zona Rural	--
TOTAL	137	94	79

Fonte: Delegacia de Polícia Civil de Pirenópolis